



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**

**Instituto de Ciências Humanas - ICH**

**Programa de Pós-Graduação em Antropologia – Doutorado**

**Tese de doutorado**

**“Não é pornografia, é produção de conteúdo!”: Entre paradoxos e reconfigurações do mercado sexual em ambientes digitais**

**Jessica Rodrigues Araujo Cunha**

**Pelotas, 2024.**

**Jessica Rodrigues Araujo Cunha**

**“Não é pornografia, é produção de conteúdo!”: Entre paradoxos e reconfigurações do mercado sexual em ambientes digitais**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Instituto de Ciências Humanas, como requisito à obtenção do título de Doutora em Antropologia sob orientação do Prof. Dr. Rafael da Silva Noleto.

**Pelotas, 2024.**

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação da Publicação

C972n Cunha, Jessica Rodrigues Araujo

“Não é pornografia, é produção de conteúdo!” [recurso eletrônico] :  
entre paradoxos e reconfigurações do mercado sexual em ambientes  
digitais / Jessica Rodrigues Araujo Cunha ; Rafael da Silva Noletto,  
orientador. — Pelotas, 2024.  
236 f.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia,  
Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

1. Pornografia. 2. Gênero. 3. Mulheres. 4. Trabalho. 5. Digital. I.  
Noletto, Rafael da Silva, orient. II. Título.

CDD 306.40688

Elaborada por Fabiano Domingues Malheiro CRB: 10/1955

Jessica Rodrigues Araujo Cunha

“Não é pornografia, é produção de conteúdo!”: Entre paradoxos e reconfigurações do mercado sexual em ambientes digitais

Tese aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas - ICH, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 20 de dezembro de 2024

Banca examinadora:

Prof. Dr. (Orientador): Rafael da Silva Noletto, Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>.: Karina Almeida de Sousa, Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>.: Claudia Turra Magni, Doutora em Antropologia Social e Etnologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>.: Daniele Borges Bezerra, Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas

## Dedicatória

Dedico este trabalho à todas as mulheres que não se contentam em saber da sua história e da história de suas irmãs pelas palavras dos homens.

## **Agradecimentos**

A conclusão desse trabalho só foi possível graças ao companheirismo, amizade e apoio de pessoas queridas que estiveram ao meu lado, independentemente do meu humor. Agradeço de forma especial:

A minha família, meus pais Jocelia Rodrigues Araujo Cunha e Elias Araujo Cunha, que sempre me apoiaram em todos os meus planos. Obrigada por serem compreensíveis e amáveis.

Ao meu incrível e insubstituível companheiro Julio Marinho Ferreira, meu maior parceiro desde 2013. Obrigada por estar comigo em todos os momentos sendo a pessoa que melhor me entende. Nunca terei palavras suficientes para agradecer tudo que fez por mim, amo você.

Agradeço também todos os gatos e cachorros com quem cruzei durante esta caminhada, só eu sei o quanto o contato com esses seres no meu dia-a-dia renovava as minhas energias e me dava forças para continuar escrevendo. Um abraço de agradecimento especial a Tita, melhor e mais engraçada dachshund deste mundo.

As minhas interlocutoras, que não apenas me ensinaram sobre um mundo que eu julgava conhecer, mas que também abriram a minha mente para enxergar como o mercado do sexo é muito mais subjetivo do que um dia eu pensei.

Ao campo das artes, que surgiu para mim como um espaço de terapia e de expressão.

Ao meu orientador, Rafael Noletto pela compreensão para comigo durante todo o processo da pesquisa.

A CAPES pelo financiamento da pesquisa.

*Tornei-me uma profissional, e agora esse é o único ganha-pão que conheço. Como dizem as putas, por que diabos eu deveria ser uma garçonete? Você sempre me disse que as mulheres devem se tornar pessoas completas graças a um trabalho significativo, e ficava me chateando para arrumar algum. Bem, este é o meu trabalho, e eu o acho significativo.*

Margaret Atwood – “Madame Oráculo”

## Resumo

Esta tese tem como objetivo analisar, de forma antropológica, uma nova forma de produzir pornografia nas interfaces digitais conhecida como produção de conteúdo +18, aspecto desenvolvido, atualmente, na figura de suas agentes e de seus consumidores múltiplos em uma rede global online. Frente a isso, são discutidas e analisadas a relação da mulher na sociedade moderna e a produção fílmica de material sexual, além disso, através de acompanhamentos e imersões online são apresentadas a produção pessoal de material considerado pornográfico e sexual de jovens mulheres em plataformas digitais como um tipo de trabalho emergente em uma sociedade em crise. Nesse sentido, a possibilidade de tornar o corpo feminino em um produto exposto no universo digital, tendo como base plataformas como Onlyfans, Privacy e Instagram surge como uma questão antropológica a ser trabalhada. E partindo de modelos neoliberais e mercantis os dispositivos digitais estudados (plataformas, mídias, redes sociais) nos mostram formas de uma produção pornográfica como um objetivo de um capitalismo de plataforma, ou seja, lucrar ao captar mais mulheres e consumidores em uma lógica de exposição, vigilância e controle. Desse modo, a produção de uma pornografia de plataforma, vista como produção de conteúdo +18, acaba atraindo muitas mulheres jovens a trabalhar com suas imagens de si representadas por corpos sexualizados e fetichizados, o que aponta para uma demanda de consumo que precisa ser entendida sob o prisma de uma pesquisa antropológica e crítica.

**Palavras-chave:** Pornografia; gênero; mulheres; digital; trabalho.

## Abstract

This thesis aims to analyze, in an anthropological view, a new form of producing pornography on digital interfaces known as +18 content production, an aspect currently developed in the figure of its agents and its multiple consumers in a global online network. In view of this, the relationship between women in modern society and the film production of sexual material are discussed and analyzed. Furthermore, through online monitoring and immersion, the personal production of material considered pornographic and sexual by young women on digital platforms is presented as a type of emerging work in a society in crisis. In this sense, the possibility of turning the female body into a product exposed in the digital universe, based on platforms such as Onlyfans, Privacy and Instagram, appears as an anthropological issue to be worked on. And starting from neoliberal and commercial models, the digital devices studied (platforms, media, social networks) show us types of pornographic production as an objective of platform capitalism, that is, to profit by capturing more women and consumers in a logic of exposure, surveillance and control. In this way, the production of platform pornography, seen as the production of +18 content, ends up attracting many young women to work with their images of themselves represented by sexualized and fetishized bodies, which points to a consumer demand that needs to be understood from the perspective of anthropological and critical research.

**Keywords:** Pornography; gender; women; digital; labour.

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	10
<b>Metodologia</b> .....	18
<b>Capítulo 1 – A pornografia é pop?</b> .....	20
1.1 Não sou eu quem encontra o campo, é o campo quem me encontra ....	22
1.2 Liberdade sexual ou sexualização .....	34
1.3 Sexo como produto .....	37
1.4 Música não é apenas entretenimento, música é pedagogia .....	48
1.5 Existe liberdade sexual para as mulheres .....	64
<b>Capítulo 2 - Pornografia ou pornografias?: uma descrição sobre a categoria</b> .....	70
2.1 Packs e pandemia: primeiras impressões e inserção no campo.....	74
2.2 Apresentando minhas interlocutoras .....	88
2.2.1 P. – grande, brava e sem papas na língua .....	88
2.2.2 N. – poemas, música e opiniões políticas .....	90
2.2.3 B. – faz porque gosta (e também precisa do dinheiro) .....	93
2.2.4 J. – voz, rosto e jeito de criança .....	95
2.2.5 D. – “garota comum” .....	96
2.2.6 S. e S. - Perfil de casal e fantasia de casal .....	98
2.3 Pontos de semelhança entre pornografia clássica e pornografia de plataforma.....	99
2.4 Uma breve história sobre o surgimento da pornografia fílmica.....	103

2.5 O surgimento, estabelecimento e transformação da pornografia alternativa.....	108
<b>Capítulo 3 – A pornografia no digital: entre usos e linguagens .....</b>	<b>112</b>
3.1 As plataformas de compra e venda .....	114
3.2 Pornografia no digital .....	120
3.3 Pornografia ou conteúdo +18? .....	121
3.4 “Trabalha na empresa algoritmo” .....	127
3.5 Amadorismo, a última peça da nova pornografia .....	139
3.6 Mulheres e o mercado informal .....	145
<b>Capítulo 4 – Plataformização do trabalho sexual ou plataformização do proxenetismo? .....</b>	<b>149</b>
4.1 Lógica do vencedor.....	163
4.2 Vencedora ou perdedora? Como estão as produtoras de conteúdo dois anos depois.....	167
4.2.1 P. - Aquela que deixou o mercado sexual.....	168
4.2.2 N. - Prejudicada pelo algoritmo .....	170
4.2.3 B. - O estigma da trabalhadora sexual .....	174
4.2.3.1 O estigma da prostituição e a generalização sobre o mercado sexual.....	181
4.2.4 J - Afastamento, retorno e <i>exposes</i> .....	194
4.2.5 D. – Criação de mercado paralelo a produção de conteúdo.....	204
4.2.6 S. e S. – primeiro a esposa, depois o marido.....	208
4.3 O problema que atinge à todas.....	214
<b>Considerações finais.....</b>	<b>226</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>232</b>

## Introdução

A pornografia se institui não apenas como parte de uma mídia de entretenimento, mas também como parte da produção e reprodução do social, desta forma ela se constitui como uma importante ferramenta de análise para entender sobre a sociedade em que estamos inseridos. Nos últimos anos a pornografia tem passado por uma reconfiguração que trouxe mudanças não apenas na sua produção, mas também na forma que passou a ser consumida. O que antes era conhecido como pornografia, no digital, recebeu uma nova identidade, onde a sua ligação com a indústria pornográfica e o mercado sexual foi apagada com o objetivo de criar uma nova imagem ao que agora é chamado de conteúdo adulto/explicito. Essa nova identidade trouxe junto de si um discurso de liberdade e de independência financeira que tem atraído um grande número de mulheres, na sua grande maioria jovens, para esta nova forma de produzir imagens explícitas de caráter. As chamadas *alt models* ou modelo +18 são as mulheres (geralmente jovens) que produzem e vendem essas imagens através de plataformas como *Onlyfans* e *Privacy*, por mídias sociais ou aplicativos de trocas de mensagens.

Buscando me afastar das pré-noções que envolvem esse tema, esta tese tem como objetivo entender como essa reconfiguração vem transformando não apenas o mercado de produção e consumo de sexo, mas também as relações de trabalho e o entendimento da exploração do corpo da mulher.

A pornografia, assim como qualquer outra produção humana, possui como uma de suas características principais a possibilidade de se transformar de acordo com o contexto político-cultural ao qual pertence. Então entender a pornografia e sua relação com as mulheres requer não apenas um olhar cuidadoso sobre as pessoas envolvidas, mas também sobre a própria pornografia.

Como afirma Maria Elvira Diaz-Benitez (2009), a pornografia é um fenômeno social que está em constante transformação e essa habilidade mutável da pornografia é o que a transforma em um campo complexo, principalmente quando analisadas as mudanças relacionadas a sua forma de produzir e consumir que nos últimos anos alcançou um novo patamar. Esse novo degrau alcançado

pela pornografia não foi uma simples causalidade do tempo, mas teve no digital o seu principal aliado para transformar um velho produto desgastado em uma nova forma de consumo mais palatável para as novas gerações, com as formas de interação e trabalho reconfiguradas pelo digital.

Desta forma entender a reconfiguração pela qual a pornografia passou e está passando requer também um entendimento sobre o digital. O espaço digital é entendido aqui como um conjunto heterogêneo e bastante amplo de objetos, ações e relações sócio técnicas mediadas pela rede mundial de computadores que se tornaram parte de nossa experiência cotidiana, modulada por marcadores sociais de classe, gênero, idade, raça, sexualidade, dentre outros (LINS, PARREIRAS e FREITAS, 2020). Ou seja, é um espaço que atravessa não apenas as nossas relações no ambiente online, isto é, dentro do digital, mas as suas práticas possuem impacto no nosso dia-a-dia que está para além deste espaço.

Com o digital se transformando e se consolidando como espaço de criação, a pornografia encontrou um local propício a desenvolver novas formas de consumo. Assim, temos uma nova maneira de produzir e vender conteúdo explícito, onde não mais é necessário um estúdio, uma produtora, um *casting* de atores e atrizes, uma distribuidora e todas as questões técnicas e profissionais que estavam presentes na pornografia *mainstream*. Todas as funções antes mencionadas são delegadas a própria pessoa que expõe o seu corpo via imagens e vídeos; além disso o amadorismo – no sentido de se fazer algo com/por amor – substitui o caráter profissional, pois este evocaria a ideia de trabalho, que se contrapõe ao fazer com/por prazer.

Para entender a pornografia produzida atualmente não basta olhar apenas o espaço onde ela é produzida e consumida, como se fosse livre de subjetividades, mas sim olhar para esse lugar a partir de uma perspectiva que compreenda seus impactos para além do espaço que envolve a transação de compra e venda, sem ignorar a agência por parte indivíduos presentes neste universo.

Sendo assim, seria possível pensar nessa nova pornografia como um espaço de liberdade para as mulheres que produzem esse tipo de conteúdo,

diferente do que se tinha na pornografia fílmica *mainstream*, ou essa reconfiguração é apenas uma forma do mercado sexual reciclar uma categoria que nos últimos anos passou a receber diversas denúncias sobre abusos e violências<sup>1</sup>.

A pornografia, principalmente quando atrelada às mulheres sempre desperta uma série de questionamentos e discussões que quase sempre caem em maniqueísmos, transformando o que deveria ser um debate cuidadoso, na simples opção entre duas possibilidades, ser contra ou a favor da produção e consumo de pornografia. Isto é, uma discussão complexa se torna um assunto banal. Pensar em esboçar uma crítica sobre as dinâmicas envolvidas na pornografia e no mercado sexual também envolve um árduo trabalho para não cair em juízos de valor que apenas empobreceriam a discussão, sendo assim é importante dialogar sobre as duas possíveis armadilhas em que se pode cair ao tratar do tema.

Sendo assim, quando se pensa em pesquisar sobre pornografia dois discursos logo se destacam, e essas duas perspectivas possuem o digital como seu espaço de difusão, são elas o *RadFem* e o *LibFem* (Feminismo Radical<sup>2</sup> e Feminismo Liberal), os dois possuem particularidades, que segundo Fabiana Jordão Martinez (2021) são características de um feminismo da quarta onda, que

---

<sup>1</sup> Nos últimos anos a indústria pornográfica passou a receber diversas denúncias de estupros, violência físicas e psicológicas sofrida por atrizes neste ambiente de trabalho. Juntas, essas atrizes estão se mobilizando em prol de um ambiente de trabalho digno, porém grande parte dessas denúncias feitas acabam não chegando a lugar algum, em grande parte pelo estigma que o trabalho sexual carrega, mas também por uma questão de poder, onde essas mulheres representam o lado mais fraco. Os acontecimentos e relatos apresentados nas matérias e reportagens a seguir, mostra parte da rotina de grande parte das atrizes pornô.

“Atriz pornô denuncia estupro: “Fiquei ainda pior quando ouvi que eu mereci aquilo”. Por Beatriz Dragues Ramos. 29/04/2021. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2021/04/atriz-porno-denuncia-estupro-pior-ouvi-mereci.html>> Acesso em 23/08/2023.

“Assédio e estupro: atrizes pornôs acusam diretor brasileiro premiado.” Por Gabriel Nambu. 30/07/2022. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/07/30/assedio-e-estupro-atrizes-pornos-acusam-diretor-brasileiro-premiado.htm>> Acesso em 23/08/2023.

“Suicídio de atriz pornô foi motivado por cena violenta, diz jornalista.” Por Universa. 02/01/2019. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/01/02/suicidio-de-atriz-porno-foi-motivado-por-uma-cena-violenta-diz-jornalista.htm>> Acesso em 23/08/2023.

“As mortes consecutivas de 5 atrizes pornô que lançam alerta sobre indústria de filmes adultos”. Por Redação BBC Mundo. 27/04/2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-43559847>> Acesso em 23/08/2023.

<sup>2</sup> Segundo Fabiana Jordão Martinez (2021), no feminismo radical o corpo feminino é o ponto de partida material a partir do qual os fatos são criados. O corpo é onde se impõem a dominação e a opressão, nesta perspectiva, mulher é uma categoria ontológica e não identitária.

tem as mídias sociais digitais como o aspecto que define as experiências e os discursos dessas duas perspectivas.

A perspectiva antipornografia ligada ao *RadFem*, tem como base o movimento *Women Against Pornography*<sup>3</sup>, que afirma que todo e qualquer tipo de material pornográfico se trata de um material elaborado performaticamente como um ato de poder, em particular, como forma de subordinação das mulheres pela construção da sua imagem como objeto sexual (Maria Filomena GREGORI, 2016). Essa visão simplifica as questões relacionadas ao sexo, sexualidade e prazer, além de reduzir toda problemática a uma teoria de dominação e subordinação dos homens sobre as mulheres.

Por outro lado, temos o *LibFem* que tem o digital como o seu principal campo de atuação, que possui uma visão que vai em direção oposta à vertente citada anteriormente. Essa corrente tem como principal mantra o empoderamento a partir do corpo, essa vertente conhecida como *LibFem*, está associado a um feminismo *mainstream*, largamente utilizado pela indústria do consumo, que se utiliza do vocabulário e pautas como parte de um marketing (MARTINEZ, 2021). Este por estar atrelado a uma lógica de mercado age de forma banal, esvaziando discussões e pautas complexas, pois tem como objetivo criar consumidores.

Desta forma, ao adentrar a discussão sobre pornografia é preciso estar ciente que não é possível se guiar por apenas uma perspectiva, pois a complexidade envolvida nessa nova forma de produzir pornografia não se limita a apenas um olhar.

A pornografia nunca foi uma categoria possível de se explicar ou analisar a partir de uma perspectiva rígida, seja ela qual for. Essa nova pornografia reconfigurada pelo digital, mais conhecida como conteúdo adulto/explicito, tornou o tema ainda mais complexo, não apenas no que diz respeito aos atores

---

<sup>3</sup> *Women Against Pornography* foi um movimento antipornografia que surgiu no final da década de 70, mais especificamente no ano de 1979, e se estabeleceu no campo político durante a década de 80. Academicamente, foi defendido por adeptas do feminismo radical. O grupo tinha como principais representantes a jurista Catherine MacKinnon (1996), responsável por elaborar as bases teóricas contra pornografia, juntamente com Andrea Dworkin, outra representante do movimento.

sociais envolvidos, mas também sobre todo uma lógica presente no digital. Por se tratar de um fenômeno social, a pornografia e os indivíduos envolvidos na sua dinâmica não podem ser tratados de maneira rígida ou a partir de fatores pré-estabelecidos como fatos, ou seja, não se pode simplesmente assumir que existe um padrão que consiga definir este campo.

A produção de imagem explícita (pornografia), ocupa um patamar diferente do que foi a pornografia no seu início, ou seja, na clandestinidade. Porém, mesmo fazendo parte de um ambiente menos hostil, o seu reconhecimento ainda se encontra envolto de uma série de questões que acabam por anular o principal, o reconhecimento das mulheres que exercem esse trabalho, e juntamente desenvolve uma banalização sobre esse universo, que contribui para que exista uma exploração dos corpos dessas mulheres, disfarçado de liberdade e empoderamento.

Sendo assim, o trabalho busca compreender como essa reconfiguração presente na pornografia e no mercado do sexo se utiliza de uma lógica nativa do digital (Giselle Beiguelman chama de lógica algorítmica)<sup>4</sup> para criar não apenas um mercado consumidor, mas também criar novas representações sobre os corpos das mulheres, suas identidades e também sobre o entendimento de trabalho.

Início então a pesquisa, com uma apresentação do meu tema a partir de uma perspectiva corporificada, baseada na discussão apresentada por Silvana de Souza Nascimento (2019), onde ela discute o quanto o corpo da antropóloga afeta e produz no processo etnográfico. Com isto, faço uma discussão das minhas primeiras impressões em campo, principalmente no que diz respeito em como a minha presença foi percebida não apenas pelas interlocutoras, mas também por quem consome esse material. Apresento ainda uma discussão sobre a cultura da pornificação, conceito apresentado por Gail Dines (2010) que analisa como a pornografia e as imagens explícitas foram se tornando parte da cultura pop e conseqüentemente do nosso dia-a-dia, o que significou numa mudança sobre como hoje é vista a pornografia e a objetificação do corpo da

---

<sup>4</sup> Ver: BEILGUELMAN, Giselle. Políticas da Imagem: Vigilância e resistência na dadosfera. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

mulher. Após, apresento também um olhar sobre a liberdade sexual feminina, a partir da perspectiva de Rafia Zakaria (2021).

Seguindo, no segundo capítulo apresento um panorama sobre o que o trabalho está se referindo ao tratar da categoria pornografia, usando como principal base para a discussão o trabalho de três pesquisadoras, Maria Filomena Gregori (2016), Maria Elvira Diaz-Benitez (2009) e Carolina Parreiras (2012).

Para Maria Elvira Diaz-Benitez (2009), a pornografia deve sempre ser determinada a partir do contexto em que se é produzido, e olhar a partir desta perspectiva se torna importante para não se deixar cair em juízo de valores que apenas empobreceria a discussão.

O capítulo ainda apresenta uma breve introdução sobre o surgimento da pornografia fílmica, passando pelo seu início na clandestinidade, onde o amadorismo era a chave principal da sua existência, seguindo para a mudança de imagem que a pornografia passou quando foi absorvida pela cultura pop, principalmente nos Estados Unidos com a entrada desses filmes no circuito de filmes comerciais.

Após essa contextualização mais geral sobre a pornografia, trago Parreiras (2012) para falar sobre o início da produção da pornografia no digital, através da pornografia alternativa. A autora descreve como essa modalidade teve o digital como o principal vetor de produção e distribuição, que em certa medida possui similaridades com a forma de produção de conteúdo explícito atual.

Descrevo ainda neste capítulo a minha entrada em campo e como construí meu contato com as produtoras de conteúdo explícito. O texto segue com uma apresentação das interlocutoras, onde é feita uma descrição de cada uma delas, como forma de situar e contextualizar as discussões feitas no decorrer dos capítulos, porém já levantando algumas questões que serão melhores trabalhadas no decorrer da pesquisa.

Dentro da discussão sobre o digital e a sua lógica, busco identificar no capítulo três como a produção de imagens explícitas se transformou para

acompanhar a velocidade em que o digital muda, sendo assim, pretendo entender quais as dinâmicas desenvolvidas por essas mulheres produtoras para acompanhar a mutabilidade do digital. Uma outra mudança apresentada pelo mercado sexual no digital se dá através da linguagem empregada na sua comunicação com as pessoas que produzem e com as que consome. Desta forma, busco compreender ainda no capítulo três, como o uso de uma linguagem repleta de eufemismos, que substitui categorias e termos por outras mais *clean* seria parte de uma estratégia de mudar a forma como a indústria pornográfica e o mercado do sexo são vistos e entendidos.

O capítulo apresenta então uma descrição sobre o digital e a forma como ele opera, a partir do que é chamado de lógica algorítmica. Essa lógica é responsável por direcionar o comportamento dos usuários nas plataformas e mídias sociais, se tornando assim a base da dinâmica por trás da produção de conteúdo explícito no digital.

Desta forma, apresento a discussão de Andrew Keen (2009) a respeito de como a internet passa por um desenvolvimento, que tem início com a web 2.0, e o uso doméstico da internet, chegando até o que temos hoje em termos de digital. Além disso, também me apoio na análise de Giselle Beiguelman (2021) que apresenta uma descrição densa sobre como a lógica algorítmica age sobre os indivíduos no digital.

Após uma apresentação sobre o funcionamento deste ambiente digital, passo a discutir como a produção de pornografia (imagens explícitas), juntamente com o digital tem se utilizado da linguagem como um instrumento para reconfigurar o mercado sexual. Isso ocorre principalmente pelo que Carol J. Adams (2018) vai chamar de referente ausente. A ausência na linguagem na verdade é uma prática usada para esvaziar de sentidos e assim invisibilizar as reais questões envolvidas nessas práticas. O mercado sexual e a pornografia vêm nos últimos anos criando uma estratégia para desvincular a sua imagem de uma indústria pornográfica, que devido há várias denúncias de abuso e violência, passou a ser vista com desconfiança, não apenas por quem produz, mas também por quem a consome. Sendo assim, este capítulo se ocupa em discutir

a respeito de como essa reconfiguração vem sendo gestada a favor de um mercado sexual.

No capítulo quatro, discuto a faceta da plataformização, baseada na discussão apresentada por Ricardo Antunes (2020) no mundo do trabalho. Busco compreender como ao mesmo tempo em que existe um movimento – por parte dos próprios sites e plataformas – de reconhecimento da produção de conteúdo como um trabalho, existe ainda um discurso que leva ao não reconhecimento dessas mulheres como trabalhadoras, pelo contrário, existe uma anulação sobre elas enquanto profissionais, onde elas estão sendo sempre empurradas ao campo do amadorismo e da informalidade. Ao afirmar que a produção de imagem explícita é feita fora de uma lógica da indústria pornográfica, se teria a ideia de que quem a faz, a faz porque gosta e sente prazer, e não por ser uma fonte de renda. Nesse sentido, se excluiria a necessidade de direitos, pois não se trataria de um trabalho, mas sim de um *hobby*.

Em continuidade ao descrito acima, é possível encontrar outras dificuldades geradas por esse não reconhecimento, como a instabilidade (financeira e profissional), falta de segurança e o estigma que trabalhar com o mercado sexual traz para a vidas dessas mulheres. Neste último capítulo faço ainda uma retomada sobre as interlocutoras que apresentei no capítulo dois, mostrando como elas estão agora, se seguem no mercado sexual, e quais os desdobramentos que esse trabalho trouxe na vida profissional (e pessoal) das produtoras.

## **Metodologia**

A seguinte pesquisa antropológica apresenta um caráter qualitativo e exploratório a partir de dados coletados no ambiente digital. Por se tratar de um trabalho feito quase integralmente por meios digitais, o olhar etnográfico utilizado aqui dialoga com o que vem sendo apresentado nas discussões sobre etnografia no digital, apoiando essa perspectiva nos fazeres mais tradicionais da antropologia, como o olhar etnográfico (OLIVEIRA, 1996) e o estranhamento (PEIRANO, 2014).

Inicialmente é necessário delimitar que mesmo a pesquisa tratando primordialmente de um contexto digital, ela não trata este universo de forma isolada, como se não houvesse implicações do fazer on-line no ambiente off-line, ao contrário, é preciso dialogar com as múltiplas relações que esses dois ambientes criam e interagem (MILLER e SLATER, 2004). Isto é ainda mais necessário de se delinear, por se tratar de uma pesquisa que dialoga com as problemáticas ligadas a categoria de gênero, que como explica Teresa de Lauretis (2019) é uma representação, porém não é por se tratar de uma representação que esta não possua implicações reais e concretas, sejam elas sociais ou subjetivas na vida material dos sujeitos. Sendo assim, a pesquisa também se preocupa como a dinâmica presente no digital se comporta para fora dele, sempre buscando entender esses desdobramentos a partir do contato direto com as mulheres que produzem esse tipo de conteúdo.

Entender o digital, metodologicamente, não é suficiente para entender quais são as suas implicações nas dinâmicas entre usuários deste espaço. Se tratando de buscar entender como as mulheres que produzem imagens explícitas (pornografia) se comportam na posição de vendedoras do seu próprio produto, é preciso estar ciente de como as mídias sociais, plataformas e aplicativos tecnicamente funcionam.

Tendo então um entendimento teórico de que o digital não é um campo linear, a noção de um fazer artesanal (LINS, PARREIRAS e FREITAS, 2020) se torna essencial para alcançar os resultados desejados em termo de coleta de dados. Este mesmo fazer artesanal permite uma adaptação de acordo com o

tempo em que se está em campo fazendo contato e interagindo com as interlocutoras.

A pesquisa inicia com uma revisão bibliográfica sobre o tema pornografia com o objetivo de entender a trajetória desse fenômeno social que tomou uma outra forma no digital, além de trabalhos que tinham o digital como o seu campo de pesquisa, formando assim a base teórico-metodológica da pesquisa.

Primeiramente foi realizada um contato prévio com as produtoras de conteúdo via Instagram, após passei a interagir com as produtoras via *story* (Instagram) e mensagens enviadas diretamente para elas, também pelo Instagram. Após foi realizado um acompanhamento das mídias sociais dessas produtoras a partir de uma observação participante. Foram coletadas inúmeras imagens, áudios e vídeos através do que essas mulheres compartilharam em suas mídias, como forma de criar um banco de informações que capture não apenas o que elas produzem no âmbito do trabalho, mas também sobre aquilo que elas falam e que não estariam diretamente relacionadas a produção de conteúdo, como por exemplo o compartilhamento de assuntos como política, sonhos, desejos e insatisfações pessoais.

Ainda dentro do aspecto metodológico, a pesquisa desenvolveu um olhar a partir da corporeidade (NASCIMENTO, 2019) da própria pesquisadora, onde eu pude perceber o quanto o meu corpo de mulher moldou não apenas a minha percepção do campo, mas também a percepção do campo sobre mim.

## 1. Capítulo 1 – A pornografia é pop?

Falar sobre pornografia e mercado sexual nunca será uma tarefa simples. Para além do preconceito presente no social, existe também um pré-julgamento dentro da própria academia, não apenas sobre o tema, mas também para com a pesquisadora que se dedica ao assunto.

Acho importante antes de iniciar de fato a discussão que a pesquisa se propõe, ou seja, discutir sobre as implicações do mercado sexual na vida das mulheres, introduzir a leitora e o leitor a uma espécie de apresentação sobre como é realizar uma pesquisa no digital sobre um tema tão delicado, além de apresentar algumas discussões pertinentes que estão diretamente ligadas a esse fazer antropológico e sobre a sexualidade das mulheres. Chamo esse tema de delicado, pois durante o meu fazer me senti constantemente pisando em ovos. Senti em determinados momentos que não era capaz de apontar a crítica que de fato precisava fazer, pois estava tomada desse sentimento de insegurança, já que me sentia numa linha tênue, onde dependendo do que eu apontasse como discussão, seria colocada como moralista ou uma libertina. E eu não queria ser nenhuma das duas, pois a visão maniqueísta não me agrada, ela apenas simplifica uma discussão que é extremamente complexa, ainda mais se tratando de um assunto tomado de subjetividade. Existe muito mais que duas visões em qualquer assunto e neste não seria diferente.

Ser mulher e ser pesquisadora por si só já é visto como um motivo para ser questionada, e quando o tema escolhido está diretamente relacionado ao sexo, isso se torna ainda mais latente. Não apenas porque o assunto tem como um dos motes a objetificação do corpo da mulher, mas porque para muitos se mistura pesquisadora com objeto de pesquisa, isto é, o que o meu corpo de mulher comunica e como ele é entendido em campo.

O que quero dizer com isso é que passei a ser vista de forma diferente, pois por mais que no caso eu esteja trabalhando também sobre violência contra mulheres (afinal, exploração no trabalho também é uma violência), as pessoas de uma forma geral enxergam apenas o “sexo”, e não todas as implicações relacionadas a isso e ao contexto. O que demonstra o quanto nós ainda não

avançamos na pretensa igualdade prometida a nós há tanto tempo, principalmente no que diz respeito ao sexo e sexualidade da mulher.

Antes de problematizar um pouco mais essa questão da confusão entre pesquisadora e objeto, é necessário introduzir a leitora e o leitor a minha trajetória pessoal no campo de pesquisa. Acho importante apresentar a minha perspectiva de como foi trabalhar com um tema tão rico de informações, análises e possibilidades, mas que ao mesmo tempo carrega alguns estigmas e como esses estigmas acabaram me afetando no processo da pesquisa.

O estigma da mulher se dá primeiramente por ser mulher, e o que quero dizer com isso vai no sentido da discussão apresentada por Erving Goffman em seu livro “Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada”. O autor define estigma como uma situação na qual o indivíduo está inabilitado para a aceitação social plena (GOFFMAN, 2004) e essa se dá como uma boa definição para entender o papel e o lugar da mulher perante a sociedade, isso porque não importa o quanto a mulher negocie seu espaço, ela sempre será vista como alguém que não deveria estar onde está, ou mesmo quando está em um local que é tido para ela como “natural”, como no espaço doméstico, ela ainda vai ser vista e julgada como errante independentemente do que faça e de como se comporte. Isto porque a mulher não é vista como um indivíduo ou como uma pessoa com direitos iguais ao dos homens, ela é definida como um ser que está abaixo dos homens.

O estigma carrega uma carga moral, que está muito além da questão apenas física, por mais que essa também seja uma questão importante para que haja essa definição, Goffman (2004) diz que o estigma é definido pelo social e que ele é quem vai ditar o que é ou não “natural” e infelizmente a mulher é definida como um ser que não pertence ao social, o que faz com que ela nunca seja vista como igual perante os outros, independentemente da posição que ela ocupe. E isto pode ser observado tanto nas falas e descrição do trabalho das minhas interlocutoras, como também em mim enquanto pesquisadora. Sempre haverá um pré-julgamento em relação as mulheres, onde elas são colocadas em uma posição subalterna em relação aos homens, que socialmente são os

detentores do poder. Este poder não está apenas no campo simbólico, mas também no material.

Goffman (2004) ainda diz que esse pré-julgamento é parte de uma série de suposições que são responsáveis por fazer com que deixemos de enxergar o outro como indivíduo e assim o reduzimos a uma pessoa estragada e diminuída perante o restante da sociedade e que por fim o torna um ser estigmatizado. Ou seja, o estigma da mulher se dá já no seu nascimento, quando se constata a sua condição de fêmea humana, pois a materialidade do seu corpo automaticamente a reduz a um nível diferente de existência, já que a partir disto ela passará a sofrer com uma série de implicações, normas e comportamentos, que são tidos como os ideais e “naturais” para uma mulher. O estigma é então social e também um aspecto material e isto fica evidente para as mulheres durante toda a sua vida.

E são as implicações do estigma de ser mulher que vejo como uma problemática recorrente e que pretendo apresentar de forma crítica durante toda a minha pesquisa, pois para além das questões teóricas, metodológicas, relacionais e científicas, eu puder sentir no decorrer do meu processo o quanto o fato de ser mulher implica negativamente a sua experiência em sociedade, independente da sua posição, mesmo que se tente anular esse fator, o social estará o tempo todo apontando para este fato lembrando do estigma que a mulher carrega.

### **1.1. Não sou eu quem encontro o campo, é o campo quem me encontra**

Quando comecei a pensar em trabalhar com pornografia de plataforma, eu tinha em mente que algumas dificuldades seriam encontradas, como a questão de manter contato com as interlocutoras, além de acompanhar as constantes mudanças que o digital apresenta todos os dias, porém no decorrer do tempo eu pude perceber o quanto as implicações estavam muito mais relacionadas as questões que tangem a vivência das mulheres do que simplesmente a dificuldade em termos metodológicos.

Em um determinado momento comentei com a professora Cláudia Turra Magni durante um intervalo de aula, que durante toda primeira fase da pesquisa, fase essa em que estive em contato diário com meu campo, o quanto eu me sentia incomodada em estar consumindo aquele tipo de material todo dia, era como uma dieta forçada em que eu me via obrigada a deglutir todas aquelas imagens explícitas, onde em muitos dias literalmente tirava o meu apetite. Isso porque a pornografia não fazia parte do meu cotidiano, e no momento em que entrei em campo a minha rotina mudou e eu me vi cercada de plataformas e grupos de Telegram que não paravam de me enviar conteúdo explícito de todos os tipos que se possa imaginar, e quando falo em todo tipo, isso envolve também material ilegal e criminoso, como pedofilia e zoofilia. Aquelas imagens além de repetitivas, eram gráficas e violentas.

Violentas não apenas porque parte delas incitavam a violência para com as mulheres, mas também porque a linguagem utilizada era agressiva e perturbadora, mulheres sendo açotadas, penduradas em cordas pelos seios, imobilizadas. A linguagem imagética desses conteúdos causava incomodo, ao mesmo tempo que criava em mim um sentimento de impotência, já que muitos conteúdos não eram consentidos, o que me trazia a sensação de certa forma estar sendo conivente com a violência, pois eu também estava consumindo aquele conteúdo, mesmo que de forma científica, isto é voltada para fins de pesquisa. Esse talvez tenha sido um dos momentos mais críticos para minha presença enquanto pesquisadora nesses espaços, isto porque além da própria pornografia ser um tema sensível, o meu contato com alguns desses materiais ilegais fizeram questionar o quanto a não regulação do digital coloca em risco a imagem e a vida de diversas mulheres e crianças que nem imaginam que essas imagens circulam o mundo e de forma extremamente rápida.

Ouvindo o comentário acima, ela me sugeriu escrever sobre como eu me senti durante todo o fazer da pesquisa e principalmente sobre a minha relação com esse complexo objeto de pesquisa. Eu achei a ideia interessante, pois naquele momento pensei que essa poderia ser uma forma de terapia sobre o meu campo antropológico, porém no decorrer das anotações e estranhamentos, no meu diário de campo pessoal, percebi o potencial de discussão sobre aquelas impressões que eu estava levantando, isto é, não seria apenas uma forma de

descrição sobre a minha experiência e angústias, mas também uma forma de levantar questionamentos necessários para se entender a respeito da sexualidade da mulher e como essa sexualidade foi sequestrada por uma estrutura sexista, que pretendo expor melhor nas páginas seguintes.

Esse caminho todo pelo qual passei durante o fazer antropológico de pesquisadora, me fez questionar algo que seguiu durante todos os questionamentos e inquietações que tive ao escrever essa tese. A pergunta que ficava na minha cabeça era: *“Será que um homem pesquisando pornografia sentiria o incomodo que eu estou sentindo?”*. Essa é uma pergunta que ainda não posso responder com cem por cento de certeza, inclusive não sei se essa pergunta possui uma só resposta, pois o tema é algo que carrega muita subjetividade, mas, ao mesmo tempo, vejo este questionamento como uma forma de impulsionar as minhas inquietações e além disso, de guiar o meu trabalho.

Sei que o acesso a pornografia não é algo restrito aos homens, como afirmo em alguns momentos do meu texto, toda pessoa já teve contato com material pornográfico, seja ele qual for, porém mesmo tendo conhecimento do que seria pesquisar sobre isso, por várias vezes senti uma espécie de raiva ao abrir o Instagram pela manhã e dar de cara com pessoas seminuas dançando e se exibindo. Grande parte das produtoras de conteúdo que tive contato ou acompanhei eram mulheres, mas dentro desse grupo também havia homens, porém tive a sensação de que o conteúdo feito pelas mulheres era de certa forma mais apelativo. Explico o que quero dizer com apelativo, não estou dizendo que as mulheres fazem conteúdos nesses moldes por livre e espontânea vontade, mas sim porque é isso que o mercado pede e o que elas estão ofertando é um produto, no caso o corpo sexualizado. Vejo que o próprio histórico de objetificação do corpo feminino faz com que eu mesma tenha como entendimento de apelativo o corpo da mulher, mas não o do homem. Talvez um homem fazendo conteúdo como ou com uma mulher não me afete tanto, pois não é o corpo dele que é historicamente objetificado e hipersexualizado, mas sim o da mulher, fazendo com que “automaticamente” crie essa associação entre corpo objetificado e conteúdo apelativo.

Quando iniciei a pesquisa eu acreditava que não seria tão estranho ter contato com esse tipo de material, pois se trata do corpo humano. Porém a questão envolvida aqui é que não se trata apenas do corpo humano como algo comum a todos, mas sim da forma como esse corpo humano é usado e neste caso, muito para além do sexo, o que temos aqui é um corpo sequestrado por uma estrutura sexista, misógina e capitalista, que como resultado nos entrega uma ideia de corpo e sexo completamente distorcida da realidade.

Tracei estratégias de como me inserir em campo, estratégias essas que falo de forma mais descritiva no capítulo seguinte, porém aqui o mais importante é falar sobre quais foram os momentos em que eu tive um maior estranhamento dentro do campo. Se tratando do assunto, pode-se imaginar que não é difícil se “chocar” com algumas coisas, porém alguns episódios me marcaram e me refizeram repensar não apenas a pesquisa, mas também pensar para uma questão mais íntima, talvez pela empatia que senti com algumas das mulheres, as quais muitas vezes costumo me referir como meninas, pois a sua maioria tem em torno de 19-25 anos e algumas delas possuem uma imagem bastante infantilizada.

A infantilização inclusive é uma prática muito comum dentro do universo pornográfico, porém ela não é colocada como um problema, mas sim como um fetiche. Maria Filomena Gregori (2016) diz que no sexo e nas práticas sexuais o prazer e o perigo se constituem através de uma linha tênue, porém neste caso não existe a possibilidade de se colocar uma discussão sobre prazer, pois estamos falando de uma prática que evoca um crime, no caso a exploração sexual infantil (pedofilia). Ao tratar a infantilização dos corpos das mulheres como uma fantasia, se apaga a problemática em torno do abuso sexual de menores. Essa infantilização é promovida por grande parte das meninas, que desenvolvem uma linguagem e inclusive uma voz que lembra de crianças. Muitas vezes durante minhas observações e apoiada no que Gregori (2016) fala, me peguei pensando o quanto o problema não é de fato a pornografia, pois sim, todo nós possuímos desejos sexuais, mas o problema está nos moldes no qual a pornografia se desenvolveu e o quanto ela passou a definir para as pessoas qual é o tipo de sexo que se deve ser consumido.

Por mais que eu já soubesse da grande facilidade em encontrar material pornográfico na internet, eu tive um pequeno choque quando percebi que isso é muito mais que uma facilidade, mas também é parte de um projeto. Você não precisa mais ir até lugares/sites específicos para encontrar material explícito, ele está o tempo todo na palma da sua mão no seu aplicativo favorito de mensagem, como no caso do Telegram. Não é difícil você cruzar com alguém consumindo esse tipo de imagem em locais reais (fora do digital) de maneira natural. O transporte público como metrô e trem são os locais onde consegui me deparar com esse tipo de comportamento por muitas vezes. Passei alguns meses em São Paulo e durante esse tempo tive que usar muito o metrô e o trem, e não de forma intencional esse também se tornou um campo de pesquisa para mim, mas aqui ao invés de olhar para quem produz, eu tinha a possibilidade de ver quem consumia o que as meninas que eu acompanhava estavam produzindo. Passei a observar o que as pessoas consumiam em seus celulares durante os trajetos, entre as pessoas que assistiam séries, filmes, novelas, desenhos e outros vários tipos de conteúdo, confesso que fiquei chocada em ver homens consumindo vídeos pornográficos em pleno transporte público, sem nenhum tipo de constrangimento. Esses indivíduos eram na sua maioria homens de meia idade, assistindo vídeos de *soft-porn*, grande parte das vezes no TikTok, como se estivessem em um local reservado. Isso me acendeu um alerta do quanto a pornografia deixou de estar na esfera do pessoal, e o quanto isto foi e está sendo impulsionado pelo uso do digital e mais especificamente do digital no smartphone.

A pornografia aqui se tornou uma forma de entretenimento entre o trabalho e o caminho de casa, para alguns ele ocupou o espaço que o jornal físico tinha há décadas atrás. Agora ao invés de termos pessoas consumindo notícias durante o percurso entre casa e trabalho, temos pessoas consumindo vídeos curtos de conteúdo explícito.

Uma cena que me marcou muito em uma das vezes que estava no metrô a caminho de casa, foi de um senhor que aparentava ter entre 65 e 70 anos, e este estava assistindo a um vídeo no celular de uma moça provavelmente

coreana, digo que talvez seja coreana pela ascensão que o K-pop<sup>5</sup> teve nos últimos anos no ocidente e com ele veio também um padrão de beleza muito marcante<sup>6</sup>, e este senhor se aproximou de onde eu estava perto da porta e começou a assistir ao vídeo onde essa jovem mulher estava no vagão do metrô com um top e uma saia curta e começava a se insinuar para os passageiros, mostrando suas roupas íntimas ao mesmo tempo em que fazia gestos provocativos. O que me chamou atenção nesta cena é o quanto este homem parecia ter procurado um tipo de conteúdo específico para “combinar” com o local em que ele estava, ou seja, criando talvez um tipo de “fantasia mais real”. Aquilo me causou incomodo, porque eu senti que a aproximação dele não foi dada ao acaso, mas senti que ele fazia questão que eu visse o que ele estava assistindo, talvez porque nessa “fantasia” dele, alguma mulher poderia achar aquilo de alguma forma excitante e corresponder de alguma forma a algum tipo de expectativa que ele havia criado. Com poucos segundos da sua aproximação, pude perceber que toda vez que o metrô se movia ele tentava de alguma forma se aproximar de mim. Acabei me deslocando para outro vagão, pois me senti invadida naquele espaço, onde além dele tentar uma aproximação casual (esbarrando um braço ou a perna), sentia que o olhar dele fazia o caminho entre a tela do celular e o meu rosto, porém apesar de conseguir sair dessa situação, não pude deixar de pensar nessa cena. Este tipo de contato com os consumidores de pornografia para além do digital aconteceu de uma forma que eu não esperava e se tornou um dado importante para a minha análise.

Juntamente a isso, eu também pude observar uma outra prática, essa no caso ilegal, a de homens tirando foto de mulheres no transporte público sem o seu consentimento, esse tipo de conteúdo inclusive é um dos mais consumidos em sites pornográficos, os chamados “flagras” ou “caiu na net” e o quanto nós mulheres estamos à mercê de uma estrutura que diz que os nossos corpos estão disponíveis ao prazer masculino independentemente do nosso consentimento.

---

<sup>5</sup> K-Pop (Korean Pop) é um gênero musical surgido na Coreia do Sul, o movimento K-Pop é considerado fundamental para reerguer a economia sul-coreana, que até então recuperava-se da colonização japonesa, seguida da Guerra Civil e a divisão do país entre os lados norte e sul, e por fim, da crise econômica no fim dos anos 1990 (DIAS, MONTEIRO e DINIZ, 2024).

<sup>6</sup> O padrão de mulheres coreanas no qual me refiro é aquele de jovens de 18-25 anos, pele extremamente clara, corpo esguio e pequeno, rosto com traços delicados, e uma aparência infantilizada.

Infelizmente em um desses episódios percebi um homem tirando fotos de uma menina adolescente que estava ao lado dele. O comportamento desses homens geralmente é muito parecido, a forma como eles se aproximam, a maneira como seguram os celulares, tudo de uma forma desconfiada. Neste momento eu estava encostada na divisória do vagão que dá acesso a cabine do maquinista, quando percebi que ele estava tendo uma atitude estranha, resolvi desencostar daquele lugar e passei a me mover em direção a jovem para alertá-la, porém no momento em que ele percebeu que eu estava caminhando na direção dela, ele rapidamente se levantou de onde estava e seguiu em direção contrária a minha, momento em que o metrô parou na próxima estação e ele pode simplesmente desaparecer em meio a tanta gente. O sentimento de impotência foi algo que esteve presente comigo todo o tempo e acredito que nunca deixará de me acompanhar, isto porque não importa o que você tente fazer, você sempre se sente acuada e coagida, com medo de ser desacreditada e chamada de louca.

Com o passar do tempo, esses incômodos passaram a ser menos presentes na minha rotina de pesquisa, porque realmente o contato diário com esse tipo de conteúdo de certa forma anestesiou o meu cérebro no que diz respeito ao incomodo que sentia no início, e aquelas imagens se tornaram apenas imagens, o choque inicial de ser bombardeada por aquelas imagens agora já não me afetava mais, isto inclusive traz uma outra questão problemática, o quanto o consumo excessivo de pornografia faz com que se naturalize não apenas o acesso a imagens explícitas, mas também de certa forma naturaliza comportamentos problemáticos, como os que me deparei no transporte público.

Com o passar do tempo e com as experiências que tive no âmbito mais pessoal me fizeram perceber que muito do incomodo que me acompanhava estava diretamente relacionado ao fato de me enxergar em várias daquelas mulheres. A identificação aqui fica a cargo, não apenas por eu me identificar com a condição vulnerável da mulher no campo social e cultural, e não apenas no espaço real, mas também no digital, mas também pelo que o meu corpo comunica ao social e como o social lê este meu corpo. Esta situação no qual me vi vai de encontro com a discussão apresentada por Silva de Souza Nascimento (2019), quando ela discute sobre os desafios que a pesquisadora encontra em campo dada a sua corporeidade:

Na pesquisa etnográfica, estar em campo e escrever a partir dele, é deparar-se com a evidência do seu próprio corpo e lidar com sua visibilidade material e simbólica, colocando-o em questão. Sua presença material, que ocupa um determinado espaço, que se move de uma certa maneira, que possui uma certa linguagem, que expressa marcas de gênero, sexualidade, geração, raça/etnia, região, nacionalidade, etc., provoca efeitos nos lugares e situações onde se realizam as interações entre as antropólogas<sup>1</sup> e seus(uas) interlocutores(as). (NASCIMENTO, 2019, p. 460).

Essa característica esteve presente em diversos momentos do meu fazer etnográfico, não apenas quando estive observando as produtoras de conteúdo, mas também quando me desloquei para ambientes que se revelaram também um campo para mim, como no caso do transporte público e é a partir dessa experiência corporificada que pude ter uma experiência em campo que me permitiu enxergar para além do senso comum que ronda o tema da pornografia e do mercado sexual.

Após a qualificação eu me senti mais segura para falar sobre a minha pesquisa com as pessoas, não apenas com os meus pares, mas também com pessoas de fora do circuito acadêmico com quem eu me relaciono seja de forma mais constante ou casual. Porém essa segurança foi se desfazendo com o decorrer do tempo.

Num primeiro momento e a minha insegurança estava muito mais relacionada ao receio de falar algo de forma equivocada sobre o tema e acabar distorcendo ou banalizando uma temática que é extremamente complexa, a pesquisa estava em fase inicial, eu ainda tinha muitas dúvidas em termos conceituais, que me deixavam insegura em falar sobre pornografia e do mercado sexual, era o medo de ser questionada sobre o assunto e não conseguir se fazer clara, ainda mais por se tratar de um tema que muitas pessoas olham com certa desconfiança.

Porém depois essa insegurança se apresentou muito mais na forma como as pessoas me olhavam ao saber que eu trabalhava com uma temática que tem o sexo como um dos fatores principais. E aqui se destacam dois pontos que podem ser considerados como fatores essenciais para essa minha insegurança.

Primeiramente existe uma espécie de imaginário em que a única sexualidade no qual a mulher pode falar ou expressar é aquela ligada ao prazer

do homem, exatamente no sentido que Adriane Rich (1993; 2015) apresenta sobre a heterossexualidade compulsória, onde essa visão reforça a ideia da mulher como objeto sexual do homem, sendo assim, existe uma visão que acredita que a mulher não possui autonomia para falar sobre sexo ou prazer. O outro ponto evoca novamente a questão da corporeidade, pois como cita Nascimento (2019), estar em campo e escrever a partir dele, significa também ter que lidar com o que o meu corpo significa naquele dado contexto, e nos momentos iniciais da pesquisa, a minha corporeidade e a forma como eu era lida não apenas pelas minhas interlocutoras.

A pergunta que ficava na minha cabeça era, “como será que elas me enxergam?”, o que o meu corpo, a minha imagem comunica para essas mulheres? Enquanto eu me preocupava apenas com as minhas interlocutoras, não prestei atenção que no campo em que estava inserida, não apenas as produtoras me podiam me ver, mas aqueles que consumiam seus conteúdos também, afinal, eu estava interagindo com elas em suas páginas, comentando em suas fotos e vídeos. E foi aqui que eu começo a me dar conta de que meu corpo se comunicava não apenas com as mulheres com quem estava em contato, mas várias pessoas que seguem essas páginas diariamente, e que grande parte é constituída por homens.

No capítulo seguinte eu exploro uma situação onde fui abordada em campo por um possível consumidor de conteúdo adulto, que me despertou o entendimento de como a corporeidade está presente no meu fazer etnográfico independentemente da minha vontade:

E, por meio do meu próprio corpo, permito-me torná-lo visível e questionado no momento em que mergulho no processo da experiência de campo. Esta visibilidade não necessariamente comunica minha própria trajetória subjetiva e pode ser lida segundo outras perspectivas. Esse lugar está na fronteira, entre vários mundos e várias vozes, e deve lidar, ao mesmo tempo, com muitas linhas e caminhos de vida (NASCIMENTO, 2019, p. 463).

A corporeidade é a relação entre o nosso corpo e o mundo, ela é forma da nossa existência material e visual, aquilo que nos permite ser visto e reconhecido, por isso é impossível que eu enquanto pesquisadora consiga me

desligar daquilo que sou, ou como diz Nascimento (2019) é impossível que a pesquisadora abandone seu próprio corpo. Dessa forma, independentemente da minha vontade as pessoas irão ler e interpretar algo de mim através dos demarcadores que identificam o meu corpo, como no meu caso, sou uma mulher, branca, jovem, com uma aparência que por muitos é lido como alternativa (braços e pernas tatuadas, além de *piercings* pelo rosto e orelhas), entre outros marcadores que comunicam algo para as pessoas, algo que eu não tenho a capacidade de prever.

Foram esses marcadores que me fizeram visível no meu campo, e que me permitiu muitas vezes me aproximar dessas mulheres. Enquanto estava finalizando minha pesquisa, eu também estive ministrando algumas aulas na disciplina de pesquisa etnográfica sob a supervisão da professora Claudia Turra e em uma dessas aulas enquanto apresentava uma discussão sobre etnografia digital, usei a minha pesquisa como exemplo e enquanto eu comentava que além de ser um tema delicado, existia também a dificuldade em se estabelecer contato com elas por conta de que na época em que iniciei o meu campo várias produtoras reclamavam da falta de estabilidade que as contas de Instagram tinham, já que a qualquer momento a conta poderia ser desativada por conta de questões das diretrizes de segurança da rede social digital das denúncias que as contas, e durante essa minha fala uma aluna me questionou se para além dessa dificuldade, se eu também tinha sentido que de alguma forma o fato de eu ser uma mulher pesquisando pornografia teria de alguma forma atrapalhado ou dificultado o meu campo ou o meu contato com as minhas interlocutoras.

E aqui, novamente, eu vejo como a corporeidade é definitiva durante o processo da pesquisadora, pois eu credito muito das oportunidades de contato e interação que tive com as produtoras pelo fato das minhas interlocutoras de certa forma se identificarem comigo pelo fato de eu ser uma mulher. Talvez um homem tivesse mais dificuldade de ter acesso as conversas que tive com elas, pelo fato delas não se identificarem com eles, além de que provavelmente haveria uma desconfiança maior por parte delas com um homem pesquisando sobre pornografia e fazendo perguntas que são de cunho pessoal para elas.

A corporeidade passou a estar então presente na minha pesquisa para além da minha relação com o campo e isto passou a aparecer ainda mais para mim quando em determinados momentos onde eu comentava sobre o tema que trabalhava com pessoas que estavam ou não relacionadas ao mundo acadêmico e essas pessoas passavam a tomar um certo tipo de direcionamento na conversa, como se eu fosse parte do meu próprio objeto de pesquisa (o que de certa forma não deixa de ser verdade).

De forma resumida, por eu trabalhar com a temática sexual, as pessoas automaticamente me sexualizavam, isto é, elas de certa forma criavam o pré-julgamento de que eu concordava com as práticas referentes ao mercado sexual, as pessoas passaram a tirar conclusões sobre a minha vida, sobre o meu comportamento, baseado no fato em que eu pesquisava sobre mercado sexual. Isso se dava de maneira ainda mais forte pois a minha fala sempre esteve preocupada em trazer a subjetividade das mulheres que trabalham com isso, sem deixar me levar por um julgamento raso sobre elas, ou seja, eu não busco atacar as trabalhadoras do mercado sexual, pois o real problema está na estrutura que sustenta, e eu digo não apenas no sentido da exploração como temos hoje, mas penso que a estrutura sexista e misógina é o que faz com que exista um mercado sexual na forma como temos hoje.

O que venho buscando mostrar com isso, é que não podemos tratar o assunto a partir de uma ótica moralista, mas isto também não significa que devemos tratar essa questão de forma rasa e acreditar que o mercado do sexo não seja extremamente danoso as mulheres, pois ele é. Porém ao mesmo tempo não é possível ignorar o fato de que por mais que se tenha críticas a respeito disso, seja essa crítica branda ou mais contundente, como no caso das teóricas feministas que apoiam a abolição desse mercado, o mercado sexual não irá deixar de existir, e isso se torna ainda mais impossível tendo em vista a sociedade desigual que temos, principalmente em termos econômicos, sendo assim, opto por fazer uma crítica mais direta a estrutura que sustenta esse mercado, mas isto não significa que as mulheres que estão nesse mercado são completamente vulneráveis e “inocentes”, muitas delas conseguem sim reconhecer a problemática em torno disto, porém elas negociam a sua existência e o seu êxito neste meio a partir de um jogo de relações, onde elas “aceitam” as

regras, mas sempre visando um objetivo, que neste caso é o sucesso econômico.

Sei que nem tudo que coletei de minhas interlocutoras são verdades absolutas, pois sei da necessidade de se criar uma personagem para estar nesse ambiente, porém por mais que eu deixasse claro a minha crítica em torno do trabalho sexual, por eu estar imersa nesse universo, a leitura sobre a minha pessoa continuava a ser de que eu também partilhava dos gostos das pessoas que consomem e produzem esse tipo de conteúdo e o choque acontecia quando eu me mostrava como uma pessoa que acredita no sexo como algo íntimo e reservado. Todavia, aqui existe uma leitura equivocada por parte das pessoas, que automaticamente interpretam o meu “reservado” como puritanismo. Desse modo, o meu reservado tem a ver com o fato de não me sentir confortável em expor alguns tipos de fotos, ou discordar da ideia de liberdade sexual da mulher como uma justificativa para a sexualização da mesma, contudo o entendimento de grande parte das pessoas sobre isso está preso em uma espécie de jogo de “8 ou 80”, ou você se expõe sem pudor, ou você é puritana, pois para o social a mulher não tem direito a autonomia de pensamento, ela deve se enquadrar em um padrão construído onde não existe subjetividade, mas apenas estereótipos.

As pessoas passaram a confundir a minha persona como pesquisadora de pornografia de plataforma, com uma possível modelo alternativa de conteúdo adulto, onde em certas ocasiões depois de falar sobre o meu tema de pesquisa, passei a receber fotos explícitas não solicitadas, os chamados *nudes*. Porém não vejo isso como uma confusão, estou muito mais inclinada a acreditar que esse tipo de comportamento se dá pela estrutura sexista e misógina no qual estamos que define a mulher como esse objeto disponível ao prazer masculino.

Por mais que tenhamos avançado em algumas questões importantes no que diz respeito ao direito das mulheres, a objetificação e hipersexualização do corpo da mulher parece continuar no mesmo patamar de sempre, isto é, ela continua a ser vista e definida como um objeto de prazer disponível para os homens, e aqui é importante sempre destacar e pensar o caráter normativo que a mulher tem perante o social. Essa identificação fica latente nos discursos que as minhas interlocutoras e algumas outras mulheres que observo tiveram comigo

durante algumas conversas e através do próprio conteúdo postado por elas, onde foi possível identificar na subjetividade da fala o quanto o fato delas serem mulheres acabaram a colocando naquele ambiente, onde por mais que haja um esforço em se manter uma personagem de mulher sexualmente ativa, “empoderada” e livre, foi possível perceber a vulnerabilidade na condição delas. Essa vulnerabilidade será melhor explorada quando eu apresentar cada uma delas no texto, porém aqui a vulnerabilidade que mais se destaca nesse meu contato, é a vulnerabilidade do corpo da mulher no social.

Um corpo que é marcado, estigmatizado, apesar de que alguns marcadores sociais irão sim influenciar de forma ainda mais cruel nesse estigma, acima de tudo isso existe o estigma maior que é ter o corpo de uma fêmea, corpo esse que é subjugado e dominado desde o nascimento, através de uma feminilidade imposta violentamente sobre crianças. Por isso se torna tão difícil se livrar da objetificação, pois ela é presente desde o momento em que se tem conhecimento que a criança será uma menina. São diversas formas de criar um ambiente fértil para que a objetificação se torne algo natural para essas meninas que logo se tornam mulheres.

## **1.2. Liberdade sexual ou sexualização?**

As impressões sobre o campo que descrevo neste momento, por mais que se assemelhem ao que falo no capítulo dois, tem como principal diferença o fato de que neste momento eu não tenho como preocupação descrever o campo de forma minuciosa, explicando cada parte dele de forma metódica, mas sim apresenta-lo da forma como ele foi se concretizando durante a minha experiência, por isso muitas vezes a própria linguagem usada aqui é um pouco menos rígida, por conta da forma como eu sinto que essa experiência precisa ser passada e sentida pela leitora e leitor.

A pornografia não é algo estranho ao nosso dia-a-dia, afinal, todo mundo em algum momento da vida já consumiu algum material pornográfico. Propagandas, filmes, séries, música, muito do entretenimento está diretamente

relacionado ao sexo e a pornografia. A série *Euphoria*<sup>7</sup> da HBO pode ser usada como exemplo de como o sexo e a pornografia, não estão tão distantes do público nos dias atuais, como um “moralismo aceito sobre o tema” costuma colocar em pauta (exemplos desse moralismo abundam sejam no âmbito político quanto cultural).

A série em questão tem como foco a vida de um grupo de adolescentes que estudam no mesmo colégio e estão lidando por questões relacionadas a drogas, sexo, problemas familiares, questões de ordem mental e saúde (como aborto). A série em si traz importantes pontos de discussão sobre essa fase da vida do jovem, onde as incertezas e inseguranças fazem muitas vezes com que se tome decisões equivocadas. Porém em muitos momentos podemos perceber o quanto o sexo rouba o protagonismo de outros debates, porém o problema não é o sexo ocupar um espaço de destaque na discussão, mas como essa questão é apresentada na série.

O sexo se torna um protagonista esvaziado, onde no lugar de ricas discussões, temos uma glamourização das performances, o que faz o debate se tornar esvaziado. E isto não se trata de uma coincidência, a produção da série soube explorar essa questão como uma forma de alavancar ainda mais a procura pela produção. Uma estratégia interessante é o fato da ex-atriz pornográfica Chloe Cherry<sup>8</sup> fazer parte do elenco da produção, essa foi uma informação veiculada a exaustão, principalmente nas mídias sociais digitais onde os jovens mais estão presentes, como TikTok e X (antigo Twitter). Isso aumentou o interesse não apenas na série, mas também na antiga carreira da atriz, levando muitos jovens a procurar e compartilhar esses trabalhos antigos. A série que conta com uma narrativa interessante, acabou se tornando viral não pelo seu conteúdo narrativo, mas sim pelas performances dos atores em cenas de sexo.

---

<sup>7</sup> É uma série do canal estadunidense HBO que estreou no ano de 2019 e é baseada na série israelense de mesmo nome, que foi ao ar em 2012. A série se define como um drama adolescente, porém a sua classificação indicativa é para maiores de 18 anos, isto porque a série conta com diversas cenas de sexo, violência, abuso de drogas e outras cenas sensíveis a um público jovem. Porém paradoxalmente, a série é classificada como adolescente, retrata um universo adolescente e a grande maioria de seu público é composto por adolescentes.

<sup>8</sup> É uma atriz, modelo e ex-atriz pornográfica estadunidense. Participou de mais de 200 filmes durante sua carreira como atriz de conteúdo adulto. Fez sua estreia como atriz no seriado *Euphoria* (Sam Levinson, 2019 – atual).

Entretanto esse não é o único exemplo de como a pornografia está presente no entretenimento, podemos observar a quantidade massiva de músicas com essa temática presente em diversos espaços e muitas vezes o problema está exatamente onde essas músicas são reproduzidas. Pois pensemos no caso da série citada anteriormente, por mais que o sexo ali seja de certa forma banalizado, existe uma classificação etária, que indica ao público para quem aquilo se direciona, ou seja, existe um limite de idade para consumir aquilo. Se isso é respeitado, ou não, é uma outra questão, porém legalmente está sendo colocado que não é para um consumo livre. Porém se tratando de música, essa classificação se torna muito mais dúbia, o que faz com que o público que tenha acesso a ela seja completamente irrestrito, e aqui está o problema, pois com isso temos crianças, que não deveriam ter acesso a esse tipo de linguagem e conteúdo, consumindo, reproduzindo e performando danças sexualizadas. Eu pude ver durante as minhas observações em aplicativos a quantidade de crianças postando vídeos dançando músicas extremamente sexualizadas, com um teor que pode definir-se como pornográfico, como se fosse algo normal. Aqui é importante destacar, que a maior parte desses vídeos apresentavam meninas entre oito e quatorze anos, dançando com roupas curtas e justas músicas que tinham como letra versos com “senta na vara”, “senta na Glock”, “coloca de ladinho”.

Por mais que se possa argumentar que a criança de fato não se dê conta do que aquele conteúdo significa, não podemos simplesmente descartar que quem consome esse tipo de conteúdo não são apenas outras crianças, mas sim adultos que possuem plena consciência do teor de cada uma dessas palavras, e que se assistem é porque possui inclinação ao consumo de material de exploração infantil. Inclusive este é um outro ponto, este tipo de conteúdo não deveria ser de certa forma controlado pelas mídias como sendo algo impróprio? Nesse sentido, abrimos para mais uma questão, como crianças conseguem acesso a redes sociais que em sua maioria possui uma idade limite para acesso?

Claro que a questão da família também é um ponto a se pensar aqui, e por mais que a vulnerabilidade social e familiar seja um ponto importante, estes exemplos que estou trazendo não se restringe a pessoas de baixa renda, a sexualização de crianças, por exemplo no TikTok, não reconhece classe

econômica, por mais que a vulnerabilidade social desempenhe um papel importante em como essa sexualização se dará.

Em muitos dos casos em que observei das meninas que dançam músicas de teor sexual, uma parte considerável delas usava os vídeos como forma de ganhar dinheiro. Isso poderia ser colocado como um caso de exploração sexual infantil, pois como sabemos, crianças dependem de algum adulto, não importa se existe grau de parentesco ou não, mas uma criança de dez anos não possui autonomia para comprar um aparelho celular e contratar um plano de internet, ou seja, existe um adulto fazendo a intermediação para que ela tenha acesso a internet. Sendo assim, a criança não possui acesso direto que lhe daria possibilidade de produzir e vender esse tipo de conteúdo, dessa forma o que temos aqui pode sim ser visto como uma forma de exploração sexual infantil. Além de que não é possível saber se de fato é uma criança que posta os vídeos, pois também existe a possibilidade de ser um adulto se passando por uma menina para comercializar pornografia infantil.

A sexualização infantil passou a atingir novos patamares dentro do digital, essas novas formas de sexualização, hipersexualização e exploração sexual infantil se torna ainda mais difícil de ser rastreado, pois o digital ainda se constitui como um espaço de difícil regulação, e o que mais torna ainda mais preocupante essa situação é porque o Brasil não tem avançado nessa discussão no campo da educação, pode-se dizer que o país é atrasado no que diz respeito a educação sexual e isto afeta principalmente essas meninas de baixa renda.

### **1.3. Sexo como produto**

Ter o sexo como uma das principais formas de entretenimento, não significa dizer que socialmente o debate sobre sexo, sexualidade e liberdade sexual tenha avançado tanto assim. O Brasil nos últimos anos tem visto uma onda conservadora ascender no campo social, cultural e político. Porém esse conservadorismo não possui um padrão como estamos acostumados a pensar, ou seja, o conservador muitas vezes tem um estilo de vida e uma identificação que num primeiro olhar qualquer pessoa diria se tratar de uma pessoa

progressista. O que busco dizer com isso é que devemos deixar de pensar na pessoa conservadora como aquele velho padrão que estávamos acostumados, isto é, um homem ou mulher mais velho, geralmente acima dos 50 anos, que se veste de forma sóbria e discreta, que possui um discurso e uma imagem que estávamos acostumados a associar a pessoas religiosas. O padrão estético do cidadão conservador foi desfeito, atualmente é mais provável você se deparar com uma pessoa jovem proferindo preconceito e intolerância, enquanto uma pessoa mais velha se mostra muito mais tolerante. A imagem do conservadorismo hoje também sofreu uma mudança, uma pessoa com um visual lido como “descolado” também pode ser uma conservadora, de forma resumida, podemos dizer que o moralismo não possui uma só face, mas ele se apresenta como multifacetado – pode surgir e existir de diversas maneiras, com diferentes embalagens.

Um exemplo de como falar sobre sexo necessariamente não significa um avanço na pauta da liberdade sexual e de como o conservadorismo não possui mais um padrão estético, temos o caso da cantora Mc Pipokinha<sup>9</sup>. A artista em questão tem como principal tema de suas canções o sexo e a sexualidade da

---

<sup>9</sup> Doroth Helena de Sousa Alves, é uma cantora, influenciadora digital, compositora e dançarina. Conhecida como “Rainha da Putaria” se tornou famosa por suas músicas e apresentações sexualmente explícitas. A artista de 25 anos coleciona polêmicas, entre as mais conhecidas está o caso da música “índio”, que juntamente com o clipe musical reproduz diversos estereótipos racistas a respeito dos indígenas brasileiros, como a perpetuação da ideia de que indígenas falam errado, usando “mim quer” e “mim vai tomar”. Além disso a própria caracterização da artista no vídeo também é problemática, pois além de sexualizar a figura da mulher indígena, as vestimentas usadas para evocar essa “personagem” é completamente equivocada, pois a artista se utiliza de vestes e pinturas corporais que não são referentes aos povos originários do Brasil, mas sim de uma espécie de Pocahontas, uma espécie de filme da Disney para maiores, o que mostra ainda mais a visão estereotipada da artista a respeito desses povos, e como último ponto, mas não menos importante temos aqui um caso de ‘redface’ , isto é, pessoas brancas “fantasiadas” de indígenas reproduzindo estereótipos racistas e sexistas sobre esses povos. Fonte: XAVANTE, Mara Barreto Sinhosewawe. “Funk ‘índio’ é tirado do ar após crítica de rapper indígena: ‘racista’”. 2021. Disponível em: < <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/11/27/funk-indio-e-tirado-do-ar-apos-critica-de-rapper-indigena-racista.htm>> Acesso em: 10 de fevereiro de 2024.

Além dessa controvérsia, a artista também se envolveu em uma discussão a respeito dos professores onde na ocasião um fã em uma mensagem via caixa de pergunta no *Instagram*, relata ter discutido com uma professora por conta da artista, onde a Mc como resposta ridiculariza e desmerece a profissão, afirmando que professores são desocupados, além de desmerecer o salário desta classe. MIATO, Bruna. “Equipe de MC Pipokinha se pronuncia após cancelamentos de shows: 'se expressou de maneira dúbia’”. 2023. Disponível em:< <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2023/03/11/equipe-de-mc-pipokinha-se-pronuncia-apos-cancelamentos-de-shows-se-expressou-de-maneira-dubia.ghtml>> Acesso em: 14 de fevereiro de 2024.

mulher, suas letras são explícitas, como na que podemos ver a seguir na música  
“Tira as crianças da sala”:

Hyperanhas mais piranhas do que nunca  
Original  
Elas quer o Caio Passos  
Mc Thammy  
É a Pipokinha 'tá? Rainha da putaria  
Hoje minha nave foi passear comigo (Lamborghini e BMW)  
Pelas redondezas só furando os inimigo (Kawasaki)  
Prazer, sou Pipokinha, seu desejo, seu perigo  
Madame do poder, 'to passando e dando tiro  
Caraca, princesa na rua, na cama eu sou uma puta  
Me chama pelo vulgo que hoje eu vou ser sua  
Rebolo gostoso, dá tapa na minha bunda  
Puxa meu cabelo, aproveita que eu já 'to nua (só sua 'tá)  
Então vai, soca essa piroca com força na minha xota (com  
força)  
Goza na minha boca, me xinga cachorra louca (cachorra)  
Na arte do prazer minha buceta te dá aula  
Já 'tá de pica dura, eu vou sentar na tua vara  
Ra-tá-tá-tá, com a buceta eu vou sentar (sentei)  
Ra-tá-tá-tá, chupa meu grelo até eu gozar, então vai (chupou?  
Chupou?)  
Ra-tá-tá-tá, com a buceta eu vou sentar (sentei)  
Ra-tá-tá-tá, chupa meu grelo até eu gozar, então vai  
Ele é novinho mas já tem um pirocão  
Do jeito que ele me bota já ganhou meu coração  
Hoje eu 'to com as piranhas, vamo' ensinar a lição  
Primeiro tu lubrifica depois bota com pressão  
Cansada desses playba que só sabe meter fofo  
Só gosto de bandido porque eles fazem gostoso (aham)  
Rebolo a noite todo, ele fica todo bobo  
Cavalgando por cima ele sempre fica louco  
Rebolo gostoso tu sabe como é que é  
Flexiono bem, bebê, eu já fiz ballet  
Sento uma vez ele já fica no meu pé  
Hypada e gostosa, me diz quem é que não quer?  
Eu sei muito bem dar pra ele o que ele gosta  
Meu remedio é pica o dele é meu chá de xota  
Minha xereca de mel vicia muito mais que droga  
Ganhei o troféu buceta mais criminosa  
Puxa, puxa meu cabelo, bota a mão na minha nuca  
Tu nunca vai esquecer da coelhinha na minha bunda  
Meu vulgo é safada, eu vou sentando a noite toda  
O fetiche da coelhinha hoje é tua cenoura  
Aqui é Hyperanhas agindo na pura calma  
Fale bem ou fale mal eu sigo faturando alto (alto)  
Quis provar da minha xota agora aguenta  
Me faz gozar com a língua, bate forte, representa  
Incomoda mesmo quando as gostosas passam  
Fecha camarote, toma vodka, licor e bala  
Para de ser recalcada, dá uma segurada  
Essas linhas te ensina como ser piranha cara  
Aqui é Nath Fischer agindo na pura calma  
Professora no blow job, nessa matéria eu dou aula (dou aula)  
Quer fuder comigo, bota bota na mais braba  
Vem raspadinho e limpinho pra entrar na minha casa  
Lê as regras, 'tá?

Aqui não tem bagunça, não, aqui tem diretoria  
 Dispensa apresentação, geral já me conhece  
 Rainha dos faixa preta e rainha do mete-mete  
 Hoje é seu dia de sorte, nem é sempre que acontece  
 Eles já sabem da bandida que as piranha te fornece  
 Vem com a vara, eu vou com a xota, na minha cara você goza  
 Nunca para, toma-toma, pedindo mais (pedindo mais)  
 MD vem na minha língua, minha língua na xota dela  
 Mal amada até aceito, mal comida jamais  
 Sem tempo pra aqueles que não faz tudo que eu mandar  
 Chovendo macho por aí, 'to doidinha pra me molhar  
 Já separei minha roupa pra você vir aqui tirar  
 Primeiro vem por cima, depois troca de lugar  
 Assim, tu faz o que quiser de mim  
 Na cama me chama piranha, cachorra, safada  
 Minha bunda ele enche de tapa  
 Assim, tu faz o que quiser de mim  
 Na cama me chama piranha, cachorra, safada  
 Minha bunda ele enche de tapa  
 Então vai, soca essa piroca com força na minha xota (com  
 força)  
 Goza na minha boca, me xinga cachorra louca (cachorra)  
 Na arte do prazer minha buceta te dá aula  
 Já 'tá de pica dura, eu vou sentar na tua vara  
 Ra-tá-tá-tá, com a buceta eu vou sentar (sentei)  
 Ra-tá-tá-tá, chupa meu grelo até eu gozar, então vai (chupou?  
 Chupou?)  
 Ra-tá-tá-tá, com a buceta eu vou sentar (sentei)  
 Ra-tá-tá-tá, chupa meu grelo até eu gozar, então vai  
 Elas quer o Caio Passos  
 Caio Passos, what are you working on? (TIRA AS CRIANÇAS  
 DA SALA, 2022)

Apesar da artista em questão apresentar o que poderia ser entendido como a perspectiva da mulher no sexo, falando sobre o prazer dela enquanto mulher, as declarações da artista mostram que esse progressismo é útil apenas para vender um produto, neste caso, sua música e a sua própria imagem. Isso porque a artista possui em sua trajetória polêmicas envolvendo declarações sexistas, conservadoras e intolerantes. Em uma entrevista a um *podcast*, a Mc é questionada a respeito de um episódio de assédio sofrido por ela em um de seus shows. Existem diversas filmagens dos shows em mídias digitais sociais, como TikTok (uma das plataformas digitais mais populares entre crianças e adolescentes), que mostram essas performances. Parte delas envolve pessoas sem roupa no palco e até mesmo um episódio onde a artista recebe sexo oral de uma fã<sup>10</sup>. Nada disso poderia ser tão problemático, caso fosse realizado para um

<sup>10</sup> LIMA, Gabriel. "Vídeo: mulher fica nua no palco e faz sexo oral em MC Pipokinha em show". 2023. Disponível em: < <https://www.metropoles.com/celebridades/mulher-fica-nua-no-palco-e-faz-sexo-oral-em-mc-pipokinha-em-show> > Acesso em: 14 de fevereiro de 2024.

público restrito, ou seja, com restrição de idade. Porém parte dos seus fãs são formados por crianças e adolescentes e inclusive existem imagens de crianças presentes nesses shows<sup>11</sup>, o que fez com que o Ministério Público fosse acionado para apurar o caso.

Dada a performance e temática usada pela artista, somos levados a imaginar que a mesma possui uma visão progressista sobre o assunto, porém o que temos aqui é o contrário, se trata de uma pessoa que costuma dar declarações que vão contra o que a própria artista canta. Isto porque a Mc em questão não trata do sexo de forma sadia ou com o propósito de levantar discussões a respeito do prazer feminino, ou então discutir sobre tabus que afetam o conhecimento da mulher sobre o seu próprio corpo, mas o que temos aqui é a banalização do sexo, um esvaziamento de uma pauta importante, que é transformada em um produto barato que tem como objetivo apenas a capitalização e o lucro.

A própria cantora endossa um coro que afirma que a mulher é a responsável pelo assédio que sofre. Isto fica evidente quando a artista faz uma declaração após sofrer um episódio de assédio em um de seus shows. Pipokinha desce para a plateia e tem parte de seu figurino arrancado pelo público, ao mesmo tempo em que é apalpada sem consentimento por parte dele, tendo seus seios e partes íntimas tocadas por diversas pessoas. Mas ao invés de problematizar o ocorrido, ela dá a seguinte declaração:

"Assédio todo mundo sofre. Isso é a coisa mais normal que existe. Agora vai saber de você se defender. [...] Se você não sabe se defender, evita, não use roupa curta. Se não sabe lidar com o assédio, se você não tem boca e não tem peito para bater de frente com o cara e falar 'não é não', se vai ficar com medo quando ele mexer com você, não use roupa curta." (PIPOKINHA, 2023).

---

<sup>11</sup> FERRARI, Leon. "MC Pipokinha: MP investiga presença de crianças e adolescentes em shows da cantora". 2023. Disponível em:< <https://www.estadao.com.br/sao-paulo/mc-pipokinha-mp-investiga-presenca-de-criancas-e-adolescentes-em-shows-da-cantora-nprm/>> Acesso em: 14 de fevereiro de 2024.

A declaração da artista sobre o episódio possui algumas camadas interessantes para exemplificar o quanto simplesmente falar sobre sexo, não torna o indivíduo ou o social, em torno, menos ou mais moralista.

O primeiro ponto e talvez o mais preocupante está no fato da artista, que trabalha com o corpo, afirmar que o assédio seria culpa da vítima, argumento esse que é ainda reforçado com a alegação de que a roupa escolhida seria um convite ao assédio. Com isto a artista naturaliza o fato de os homens assediarem as mulheres por causa da roupa, algo que já está mais do que claro que não se passa apenas de uma justificativa rasa para o assédio, pois é mais do que sabido que além do assédio ser culpa única e exclusivamente do assediador, temos inúmeros exemplos de mulheres que passaram por episódios de violências sexuais sem estarem vestidas de forma “provocativa”. Por mais que nem seja necessário trazer exemplos de que a vestimenta nada tem a ver com o assédio, podemos falar de casos de mulheres que são assediadas dentro de igrejas e também em locais de trabalho, como foi o caso da deputada do estado de São Paulo, Isa Pena (PSOL), que foi assediada durante uma sessão da ALESP<sup>12</sup>, local esse em que existe um decoro acerca da vestimenta, mas que nem por isso inibiu a ação do deputado Fernando Cury (Cidadania) que a assediou na frente de todos, onde inclusive a violência foi registrada por câmeras e talvez essa tenha sido essa a “sorte” da deputada, pois mesmo com as imagens mostrando claramente o momento em que há o toque sem consentimento, muitas pessoas ainda assim defenderam o deputado e alegaram que Isa Penna estaria “criando caso”, por causa de um abraço fraternal.

Voltando a entrevista e a fala de Pipokinha, ela ainda diz que a mulher além de ser responsável pelo assédio, também deve saber se defender e que caso não saiba, que evite ser provocativa. Mesmo podendo soar repetitiva em meu texto, acho importante destacar o quanto a artista o tempo inteiro está apontando que a única culpada pela violência sofrida é a própria mulher. Em nenhum momento ela cobra que os homens sejam punidos, ou que a sociedade

---

<sup>12</sup> Disponível em:< <https://www.cartacapital.com.br/politica/isa-penna-e-assediada-pelo-deputado-fernando-cury-na-alesp-veja-o-video/>> Acesso em 16 de abril de 2024.

busque rever os valores sociais e culturais que permite e inclusive incentiva a violência contra as mulheres.

A supracitada sucessão de falas misóginas proferidas pela jovem artista servem para exemplificar o quanto a pauta do sexo e da sexualidade é vista apenas como um produto, pois quando esse assunto é abordado em suas músicas, na sua estética e performance é encarado não como uma questão social, mas sim como um produto, desta forma o único objetivo é capitalizar e não criar nenhum tipo de debate ou questionamento. Não existe preocupação social.

A crítica aqui não está relacionada ao fato dela falar sobre sexo nas suas músicas, pois esse sempre foi um tema presente em diversas composições de diferentes artistas, mas sim por ela reproduzir a sexualidade de forma normativa e sem responsabilidade, que faz com que o debate se torne vazio e o mais problemático, incite a violência contra as mulheres. Temos exemplos de artistas mulheres que falam sobre sexo e sexualidade em suas músicas, buscando dar uma abordagem que rompa com essas normas, sem a reprodução de estereótipos e moralismos.

Temos exemplos de outras mulheres que cantam funk, falam de sexo, porém possuem uma abordagem diferente da MC citada anteriormente. Aqui o sexo é colocado em diálogo com a sexualidade da mulher, buscando romper com certos padrões, principalmente aquele em que coloca o homem como protagonista da relação sexual. Cito aqui MC Carol que tem como marca nas suas músicas a acidez e o bom humor como forma de criticar padrões, violências e o machismo presente não apenas na sociedade, mas também dentro do próprio movimento do funk. Suas músicas possuem um tom irreverente que critica de forma humorada e escrachada os papéis sociais designados as mulheres e os homens, como em sua música “Meu namorado é mó otário”:

Meu namorado é mó otário  
Ele lava minhas calcinha  
Se ele fica cheio de marra  
Eu mando ele pra cozinha

Se tu não tá gostando  
Então dorme no portão  
Porque eu vou pro baile  
Vou pra minha cortiçã  
(...)  
Aca-aca-aca-aca-acaba com essa  
Vai!  
Vai!  
Vai!  
Aca-aca-aca-aca-acaba com essa  
Vai!  
Vai!  
Vai!

(MEU NAMORADO É MÓ OTÁRIO, 2012).

Nesta música é possível perceber a crítica da cantora aos papéis de gênero comumente atribuídos ao homem e a mulher. Na canção ela subverte a lógica do casal heteronormativo, onde se tem a mulher fazendo o trabalho doméstico e o homem como aquele tem o poder dentro da relação. MC Carol subverte essa ordem cantando em tom humorístico um relacionamento onde a mulher é quem tem poder dentro da relação. Carolina de Oliveira Lourenço, conhecida também como MC Carol de Niterói, ou apenas MC Carol, é uma rapper, compositora, cantora e ativista brasileira. Carolina é uma mulher negra, jovem, gorda e periférica. A artista canta em suas músicas a realidade da mulher da periferia, porém subvertendo a lógica comumente colocado a respeito das mulheres, onde existe a submissão é a característica marcante, mas aqui MC Carol mostra uma mulher independente, que escolhe quando quer ou não estar com alguém, além disso, quando essa mulher está numa relação, ela é quem toma as rédeas. O tom jocoso é uma característica das letras da MC.

Mas aqui não se trata apenas da letra, se trata também de performance. MC Carol não canta da perspectiva de uma mulher frágil e delicada, a sua imagem não corresponde a isso, a sua voz ainda menos. A sua performance

envolve poder e força, que torna a canção ainda mais potente e menos sexualizada, mesmo quando falando sobre sexo, pois a perspectiva adotada pela artista não é de objeto, de algo inato, mas sim de alguém que detém agência.

MC Carol possui ainda uma música em colaboração com outra artista negra, Carol Conká<sup>13</sup>, chamada “100% feminista”:

Presenciei tudo isso, dentro da minha família  
Mulher com o olho roxo, espancada todo dia  
Eu tinha uns 5 anos mas já entendia  
Que mulher apanha, se não fizer comida  
Mulher oprimida, sem voz, obediente  
Quando eu crescer, eu vou ser diferente  
Eu cresci, prazer Carol bandida  
Represento as mulheres, 100% feminista  
Eu cresci, prazer Carol bandida  
Represento as mulheres, 100% feminista  
Represento Aqualtune, represento Carolina  
Represento Dandara e Xica da Silva  
Sou mulher, sou negra, meu cabelo é duro  
Forte, autoritária e as vezes frágil, eu assumo  
Minha fragilidade não diminui minha força  
Eu que mando nessa porra, eu não vou lavar a louça  
Sou mulher independente não aceito opressão  
Abaixa sua voz, abaixa sua mão  
Mais respeito  
Sou mulher destemida minha marra vem do gueto  
Se tavam querendo peso então toma esse dueto  
Desde pequenas aprendemos que silencio não soluciona  
Que a revolta vem à tona pois a justiça não funciona  
Me ensinaram que éramos insuficiente  
Discordei, pra ser ouvida o grito tem que ser potente  
Eu cresci, prazer Karol bandida  
Represento as mulheres, 100% feminista  
Eu cresci, prazer Karol bandida  
Represento as mulheres, 100% feminista  
Represento Nina, Elza, Dona Celestina  
Represento Zeferina, Frida, Dona Brasilina  
Tentam nos confundir, distorcem tudo que eu sei  
Século XXI e ainda querem nos limitar com novas leis  
A falta de informação enfraquece a mente  
Tô numa crescente porque eu faço diferente  
Eu cresci, prazer Carol bandida  
Represento as mulheres, 100% feminista  
Eu cresci, prazer Carol bandida  
Represento as mulheres, 100% feminista  
Eu cresci, prazer Carol bandida  
Represento as mulheres, 100% feminista  
Eu cresci, prazer Carol bandida  
Represento as mulheres, 100% feminista

---

<sup>13</sup> Karoline dos Santos de Oliveira, conhecida pelo nome artístico de Karol Conká, é uma rapper, cantora, compositora e produtora nascida em Curitiba em primeiro de janeiro de 1986. Suas músicas exaltam a força da mulher negra, além de trazer discussões sociais e políticas. A artista é sempre muito aberta quanto as suas opiniões políticas e leva fama de polêmica por ser uma mulher de opiniões fortes.

100% feminista  
100% feminista  
100% feminista  
100%  
(100% FEMINISTA, 2016).

A canção já abre com uma denúncia a respeito da violência doméstica contra a mulher no Brasil, algo que não atinge apenas quem sofre a violência física, como no caso de várias mães que não tem apenas o corpo marcado pela agressão física, mas também o psicológico, dela e das filhas e filhos, como é expressado nos versos iniciais da canção por MC Carol. É a exposição de uma realidade brasileira que apesar de um cenário mais aberto a discussões que envolvem crimes de ódio contra as mulheres, ainda reproduz uma estrutura masculinista e moralista. Além disso, as duas artistas usam a música como um palco para contar uma história que é renegada, a história de tantas figuras femininas negras que foram invisibilizadas não apenas por serem mulheres, mas também por serem negras. Sendo assim, a música aqui se torna um importante canal de conhecimento para outras mulheres.

Essas mulheres não limitam sua produção artística e criativa para falar de sexo/sexualidade (o que não quer dizer que não seja importante), elas também produzem músicas que tem como propósito apresentar a realidade da mulher para além de um objeto sexual que apenas “senta” na maioria dos funks. Essas MCs usam o funk como um palco para abordar questões sobre a realidade não apenas da mulher, mas da mulher periférica, da mulher negra, da mãe solo, e outras tantas subjetividades que constituem essas mulheres que tantas vezes são ignoradas.

Seguindo essa perspectiva, outras artistas surgem na cena com o objetivo de mostrar que a mulher no funk vai muito além da imagem sexualizada. Mc Cacau

Porém o movimento musical do funk não se trata apenas de músicas que possuem teor sexual, existe diversos subgêneros dentro do próprio funk, e dentro dessa variedade se encontra também um funk que possui uma letra mais de protesto, como no caso da música “Bonde das mina livre” de Mc Cacau:

É o Bonde das Mina Livre  
Que gosta de sucessagem  
É o Bonde das Mina Livre  
Que gosta de sucessagem  
Sem corrente no meu dedo  
Me casei com a liberdade  
Sem corrente no meu dedo  
Me casei com a liberdade

Aqui o lema é liberdade  
E amor próprio pra progredir  
Pra nós se fortalecer  
Não precisamos competir  
Gostosa e poderosa toda mulher pode ser  
Olha na frente do espelho  
A força que tem em você  
Se livra daquele otário  
Que só atrasa o seu lado  
Quer mandar na sua vida  
Só porque é seu namorado  
Responda tem que arcar  
Mas aí o Mané abusa  
Mexe no seu celular  
Controla a roupa que cê usa  
Miga para com isso  
Cê precisa disso não  
Isso não é compromisso  
É tipo uma prisão  
Quer mandar nas suas escolha  
E no role que ce quer dar  
Depois diz que é pro seu bem  
Que tem que se valorizar  
Será que isso amor?...  
Presta atenção mulher!  
Mina que se dá valor...  
Faz o que ela quiser  
Tá ligado o proceder  
É embaçado  
Julgamento toda hora  
Dos zépovinho atrasa lado  
Que quer nos culpar por tudo  
Bostejando pela boca  
Sem saber nossa caminhada  
Sai na rua sem camisa  
E fala da minha roupa apertada  
Gente pra falar mal  
Pra agredir  
Que loucura!  
É osso!  
Tem de monte  
Mas se a gente se unir...  
Ninguém segura nosso bonde!!

É o Bonde das Mina Livre  
Que gosta de sucessagem  
É o Bonde das Mina Livre  
Que gosta de sucessagem  
Sem corrente no meu dedo  
Me casei com a liberdade

Sem corrente no meu dedo  
Me casei com a liberdade!  
(BONDE DAS MINA LIVRE, 2017).

Cacau além de cantar funk, participa também de *slams* e batalhas de rap, de acordo com a sua biografia no Soundcloud<sup>14</sup> a artista se define como “educadora, feminista, MC [funk e rap], poeta marginal, *slammer*, aprendiz de dançarina, amante da vida, casada com a liberdade e sonhadora teimosa”<sup>15</sup>. A artista tem na sua produção artística um instrumento para falar sobre questões das mulheres, para além do corpo e da objetificação, o que se tem aqui é uma letra de protesto. O protagonismo da sua música é totalmente da mulher, quando o homem aparece é apenas em tom de crítica.

Dentro de uma visão generalizante e preconceituosa, grande parte das pessoas julgam o movimento, o estilo e a música funk como algo de menor valor, sabe-se que esse preconceito se dá pela origem desse estilo que possui raízes negras e periféricas. Existem diversos artistas da cena do funk que se apropriam desse estereótipo sexualizado que o estilo carrega, porém o movimento funk não se trata apenas de “músicas de putaria”, dentro dele existem outras variações, que fogem do estigma sexual. Porém é importante lembrar que o problema aqui não é falar de sexo ou de sexualidade, mas sim como esse tema tão complexo é tratado.

#### **1.4. Música não é apenas entretenimento, música é pedagogia**

A vontade de falar sobre sexo e sexualidade a partir de uma perspectiva que rompesse com a visão hegemônica masculinista está presente no cenário pop do Brasil desde a década de 70 e uma mulher foi responsável por trazer questões relacionadas a sexualidade num contexto de ditadura militar. Essa artista é a cantora Rita Lee<sup>16</sup>. A artista faleceu em maio de 2023, mas continua

---

<sup>14</sup> *SoundCloud* é uma plataforma para compartilhar e ouvir música.

<sup>15</sup> Trecho retirado da página do SoundCloud da artista MC Cacau da Rocha. Disponível em:< <https://soundcloud.com/mc-cacau-rocha>> Acesso em 20/08/24.

<sup>16</sup> Rita Lee Jones nasceu em São Paulo no dia 31 de dezembro de 1947, filha de Romilda Padula e Charles Fenley Jones, caçula entre três irmãs de sangue e de duas de coração, cresceu em uma casa rodeada de influências femininas. Rita se tornou conhecida já na década de 60 quando junto de Arnaldo Batista e Sérgio Dias formaram a banda “Os Mutantes”. Após ser expulsa da

inspirando não apenas mulheres, mas todos que veem a arte como um espaço de comunicação e conhecimento e não apenas como um produto em uma prateleira.

Rita Lee dedicou a sua carreira em não apenas cantar sobre ser mulher, mas também para dar espaço e reconhecimento a outras figuras femininas, porém uma característica marcante de sua musicografia é a importância que a artista dava a assuntos relacionados a sexualidade da mulher.

Trago aqui uma canção da artista para ilustrar como a música pode ser um instrumento muito útil para falar sobre sexo e sexualidade da mulher, sem que seja de uma forma esvaziada e pelo contrário, buscando instigar, questionar e inclusive dar uma aula didática sobre o tema:

Vestida para matar em pleno climatério  
A velha senhora só vai ficar mocinha no cemitério  
Chega de derramamento de sangue  
Cinquentona adolescente  
Quem disse que útero é mangue  
Progesterona urgente  
Menopower pra quem foge às regras  
Menomale, quando roça e esfrega  
Menopower pra quem nunca se entrega  
Melancólicas, vocês são piegas  
Haja fogacho pra queimar essa bruxa em idade média  
Em mulher não se pode confiar com menos de mil anos de enciclopédia  
O "chico" é tão incoerente  
Ah, me deixa tiririca ao chegar  
O "chico" quando vem é absorvente  
E quando falta só rezando pra baixar  
Menopower!  
Pra quem foge às regras  
Menomale quando roça e ah, ah, ah, ah  
Menopower!  
Pra quem nunca se entrega  
Melancólicas, você são piegas  
Tampax, tabelinha, ora pílulas, ora DIU  
Diafragma, camisinha, vão pra mãe que não pariu  
Chega do creme de aveia da véia perereca da vizinha  
Chega do bom caldo e da "sustância" da galinha  
Yeah, yeah yeah, yeah  
Yeah, yeah, yeah  
Menopower!  
Pra quem foge às regras

---

banda, Rita lança carreira solo e passa a dar uma abordagem muito mais feminina a suas letras, explorando assuntos considerados tabu para mulheres. Construiu uma carreira musical sólida, acompanhada de um forte posicionamento fora dos palcos a favor das mulheres, causa animal, racismo, ambiental e tantas outras. A artista que faleceu no ano de 2023 deixou um legado não apenas para as mulheres que fazem algum tipo de arte, mas para toda a sociedade, principalmente para todas as mulheres que se identificam e tem a mesma como um ícone feminino, que não se escondia diante dos assuntos mais espinhosos.

Menomale, quando roça e esfrega  
Menopower!  
Pra quem nunca se entrega  
Melancólicas, vocês são piegas  
(MENOPOWER, 1993).

A música serve para mostrar como a discussão sobre sexualidade não se resume a falar apenas sobre sexo, mas sobre conhecer sobre o seu corpo e as transformações, ainda mais se tratando das mulheres que tem esse direito negado desde cedo. Onde a falta de acesso à informação e conhecimento sobre o próprio corpo é parte de um projeto da estrutura sexista e misógina, que ganha com essa falta de conhecimento. Isto pois quando se nega acesso as meninas e mulheres sobre os seus corpos, temos pessoas mais vulneráveis, que não sabem por como reconhecer um episódio de assédio.

Voltando a música, a artista cita diversos pontos sobre a sexualidade e as transformações que o corpo das mulheres passa durante o envelhecimento, e que muitas vezes não é conhecido, começando pelo tema da música, a menopausa.

A menopausa é um assunto tratado como tabu pela sociedade, e por isso ele é envolto de tanto “mistério”, sendo que na verdade ele se trata de mais uma fase na vida da mulher, como a puberdade, a primeira menstruação, a virgindade entre outras. Porém é interessante pensar que todas essas fases usadas como exemplo, também são tratadas com desconfiança pelo social, isso porque como foi dito anteriormente, o conhecimento da mulher sobre o seu próprio corpo é um conhecimento negado por décadas, não apenas no âmbito familiar, mas também no social de forma geral, e aqui mais especificamente no campo da educação. Retornando a menopausa, ela é tratada socialmente como uma espécie de “fim da vida” para as mulheres e isso não se trata apenas do fim da sua sexualidade, mas da mulher como um ser, pois aqui temos junto a questão o envelhecimento, que é colocado para as mulheres como um mal, independente do envelhecimento ser um processo natural a todos aqueles que podem gozar desse processo.

Trench e Santos (2005) apontam que isso se deve primeiro a essas fases de mudanças da vida das mulheres serem marcos visíveis tanto no corpo físico

quanto na cultura, e além disso, a menopausa está socialmente associada a desvalorização da mulher, dada a questão do envelhecimento. Isto porque a mulher seria teoricamente valorizada durante a sua juventude, que para além das questões sociais e culturais, carrega também a fertilidade, enquanto que a menopausa representa o fim da juventude e o início da fase não reprodutiva.

Seguindo a letra, logo no início temos uma outra informação sobre essa nova fase da mulher, o climatério. A palavra que tem origem no grego *Klimacter* que significa período crítico:

Até finais da década de setenta utilizava-se a palavra climatério para designar o período que antecedia o fim da vida reprodutiva e menopausa para nomear o cessar definitivo do mênstruo, porém em 1980, um grupo científico de investigação da menopausa da OMS propõe uma padronização da terminologia e sugere que o termo climatério seja abandonado e substituído por peri-menopausa. (Trench e Santos, 2005, p.92).

Aqui cabe um dado importante sobre o conceito menopausa, segundo Trench e Santos (2005) essa fase da vida da mulher por muito tempo foi associada a uma forma de doença, onde além dos estigmas sociais, existiam também os estigmas médicos e em partes essa visão está diretamente relacionada em como o social enxerga essa nova fase da mulher como um demérito, desta forma a comunidade médica por muito tempo a tratou como uma enfermidade, onde o seu tratamento está diretamente relacionada a reposição hormonal, que a artista também cita em sua letra quando fala em “progesterona urgente”. Progesterona se trata de um hormônio esteroide feminino produzido no ovário a partir da puberdade e está diretamente relacionado a reprodução feminina, na entrada da menopausa esse hormônio tem uma queda drástica e além de causar baixa na fertilidade, traz junto algumas modificações no corpo da mulher, como mudanças de humor, ganho de peso, dores de cabeça e enxaquecas<sup>17</sup>.

Ainda na composição da artista, além do tema menopausa, ela faz uma apresentação sobre métodos contraceptivos, desde aqueles citados por avós e bisavós, como tabelinha – vale ressaltar aqui que este método não é recomendado, já que possui uma alta taxa de falha, além de não proteger a

---

<sup>17</sup> Disponível em:< <https://diariodamenopausa.com.br/efeitos-da-progesterona-baixa/> > Acesso em 02 de abril de 2024.

mulher e o homem de doenças sexualmente transmissíveis – DIU, diafragma, camisinha e pílula anticoncepcional. Essa música não se trata de uma exceção na carreira da artista, pois em diversas outras composições Rita Lee faz questão de apresentar e discutir, na maioria das vezes de forma irônica, sobre os dilemas das mulheres, sejam eles relativos ao sexo ou não<sup>18</sup>.

Cabe aqui também pensar no contexto em que essa música foi composta, isto é, no ano de 1994. Durante a década de 90 a sexualização das mulheres era massiva nas mídias populares, como nos programas de TV, principalmente nos dominicais, onde não existia restrição de idade sobre o conteúdo veiculado. Dessa forma tínhamos mulheres seminuas em banheiras, sendo assistida por famílias em suas salas em domingos na hora do almoço como algo costumeiro. E realmente era, mas não pelos motivos que seriam interessantes para o debate da sexualidade, mas sim porque o sexo e a sexualidade feminina como produto são extremamente rentáveis. A objetificação da mulher na sociedade cristã ocidental vem ocorrendo há séculos, porém é inegável que o avanço das mídias de massa contribuiu de forma catalisadora, principalmente com o avanço da mídia impressa, cinema, TV e nos últimos anos ela se alastrou ainda mais com o crescimento e acesso à internet. Tendo como base a década de 1990, período em que a música da artista Rita Lee foi lançada e o início dos anos 2000 temos um aumento ainda mais latente disso, principalmente na televisão e com as revistas masculinas de nudez feminina, e atualmente com o digital (o *sanitizing agent* atual) e suas novas formas de relação e interação, temos essa objetificação elevada a novos patamares.

Porque se pensarmos na forma como o sexo é apresentado pelas mídias, seria possível imaginar que a nossa sociedade não se constitui a partir de moralismos, porém o que temos no dia-a-dia nos mostra o contrário, e não apenas na década de 90, mas também na atualidade, isto porque nos últimos

---

<sup>18</sup> Essa irreverência pode ser vista em canções como, “Todas as Mulheres do Mundo”, “Pagu”, “Cor de Rosa Choque”, “Elvira Pagã”, entre várias outras composições que não apenas tratam da sexualidade da mulher, mas da mulher de uma forma mais geral. A música como forma de conhecimento e reconhecimento possibilita, principalmente neste universo da música e do rock, uma possibilidade real de mudança. Rita Lee usufrui do espaço conquistado, como forma de criar um lugar de identificação para outras mulheres, e as formas subversivas que encontrou para isto, vão desde as palavras, expressões, temas cantados, até mesmo a forma como se comportava no palco e para além dele. (CUNHA, 2021).

anos o Brasil teve uma ascensão do moralismo, principalmente de cunho religioso, que visa condenar qualquer forma de sexualidade que foge do padrão normativo e para além disso, é um movimento que ataca a liberdade e os direitos das mulheres, ainda mais porque esses mesmos direitos acabam vistos como uma pauta feminista (o que é verdade). E para esse grupo de indivíduos (moralistas e fundamentalistas religiosos) a busca por igualdade significa uma desordem do que seria visto como natural e sagrado (dogmas etc.). Isso nos permite retornar a ideia de que a mulher não alcançou liberdade sexual, pois ela não tem o direito de falar por si, pelo contrário ela continua a ser um objeto a ser vendido e consumido pelas mesmas pessoas que demonizam a sua busca por ser livre.

Esse é o ponto que podemos usar para mostrar o quanto o social continua atrasado no que se diz respeito a sexualidade da mulher, pois sempre quando se fala da sexualidade feminina se atrela a ideia de relações sexuais heteronormativas, como se isso constituísse todo um assunto complexo. Quando na verdade a sexualidade abrange não apenas as relações sexuais, mas também o conhecimento sobre o próprio corpo, como por exemplo saber sobre o ciclo menstrual, sobre período fértil, gravidez, métodos contraceptivos, reconhecer os órgãos genitais, prevenção de ISTs, entre outros. Ou seja, a sexualidade atualmente foi “simplificada” a mera ideia de relação sexual.

Ainda sobre a música “Menopower”, uma outra questão importante é que o debate apresentado pela artista abrange um assunto que é pouco falado, que é sobre a sexualidade das mulheres mais velhas, o que denota uma questão do etarismo, isto porque a normatividade não está apenas atrelada a heterossexualidade, mas também a idade, onde as mulheres mais velhas são colocadas como sem sexualidade, como se a vida delas encerasse após os trinta anos.

Além da análise da música da artista, é importante se atentar para o seu comportamento e postura fora dos palcos, sendo conhecida por sempre se posicionar politicamente e não ter medo de falar sobre inúmeros assuntos considerados polêmicos, por exemplo a questão do aborto na sociedade

brasileira. Rita Lee em sua biografia relata um episódio marcante em teve que realizar um aborto:

Já em casa, continuamos “fazendo amor no-chão-no-mar-na-lua-na-melodia-por-telapatia” várias vezes ao dia e, claro, em pouquíssimo tempo embarriguei novamente. Gravidez extrauterina, disse o médico, a se pensar numa curetagem levando em conta a recente cesariana complicada ainda em fase de cicatrização. O que me fez decidir mesmo por interromper foi a hemorragia que aconteceu dias depois e pirei de vez. Mesmo já tendo abandonado a religião, entrei em mea culpa catolicista e me autocondenei ao mármore do inferno. Até hoje me chicoteio pensando que talvez aquele baby poderia ter vingado, que foi um ato precipitado, que daquele momento em diante eu estaria condenado a lamentar a decisão para o resto da vida. (...) Nenhuma mulher faz aborto sorrindo. Cabe a elas, e somente a elas, a decisão de interromper uma gravidez, assim como o de segurar sozinhas as consequências moral, espiritual e oskimbau. Me refiro ao “sagrado feminino”, de nós meninas que temos um buraco a mais no corpo para administrar, do nosso universo complexo demais para machos, religiosos e políticos meterem o bico, esses para os quais prevalecem mais o direito do feto que ainda nem nasceu ao da mãe que não deseja pari-lo por motivos que não nos cabe julgar, psicológicos, econômicos, neurológicos, até mesmo espirituais. Aborto não é uma mutilação no corpo da mulher. Há em suas entranhas um ser indesejado advindo de estupro, acefalia e de tantas deformações irreversíveis já detectadas nas primeiras semanas de gestação. Parir e abandonar o bebezinho numa lata de lixo é criminoso. (LEE, 2016, p.165).

Sabendo que no Brasil a questão da gravidez indesejada e da gravidez na adolescência ainda ser um problema, que engloba marcadores sociais como raça, classe social e desigualdade de gênero e também religião, é de extrema importância falas como esta, que defendem a autonomia da mulher e do seu corpo.

A própria artista revela o quanto essa moralidade religiosa cristã também a afetou e isso é novamente apontada por ela, quando Rita diz que sofreu por tal decisão e reafirma o quanto o aborto não se trata de um assunto banal, como quem o criminaliza coloca. O seja, o aborto não é feito de maneira irracional pelas mulheres que precisam, pelo contrário envolve diversas questões que vão desde a saúde da mãe e do bebê, e econômica, entre tantas outras. Isto é, o aborto é uma questão complexa, onde a decisão cabe somente a mulher, assim como a artista afirmou de forma muito responsável.

A arte (e a/o artista) não serve apenas para entreter e ser bela, a arte deve ser questionadora, ela deve instigar e criticar, papel que a artista desempenha de forma inteligente e bem humorada durante toda a sua carreira. E apesar de sua postura ser louvável e muito necessária, este fato não exclui a necessidade dessas questões serem discutidas no ambiente educacional desde cedo. Todas as informações que foram exploradas em suas letras deveriam também ser parte de um programa de educação sexual nas escolas. Todas as meninas e os meninos deveriam ter acesso a essas informações desde cedo, o que poderia evitar problemas como gravidez indesejada, abusos, doenças etc.

Durante o governo do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (2018-2022) tivemos diversos ataques a essa questão, como por exemplo o debate sobre educação sexual, que foi colocada como parte de uma chamada “ideologia de gênero”. A ideologia de gênero foi uma espécie de *fake news* criada por setores conservadores da sociedade brasileira para desmoralizar e deslegitimar uma discussão complexa sobre educação. O Plano Nacional de Educação (PNE) foi o alvo desse grupo. Ignorando propositalmente e completamente o fato dessa diretriz buscar alcançar uma maior igualdade e uma maior tolerância dentro da educação, esse grupo formado pela extrema direita, pela bancada evangélica e católicos é o que Howard Becker (2008) vai nomear como empreendedores morais, que são aqueles responsáveis por produzir e impor regras a partir de uma perspectiva normativa e excludente.

Toda essa discussão foi forjada com a intenção de criar um pânico moral em torno de questões relacionadas ao campo do gênero, sexualidade e diversidade dentro da educação, sob a justificativa de estar se criando uma cartilha negacionista da ciência e da crença, pois grande parte desse ataque estava diretamente relacionada ao entendimento do humano a partir da ótica cristã.

O pretense ataque aqui tinha como objetivo desmoralizar o debate sobre educação sexual nas escolas, colocando o projeto como uma espécie de “erotização infantil” ou “sexualização infantil”, dois termos que não condizem em nada com o objetivo educacional do debate. Este foi um momento que sucedeu a ascensão de Jair Bolsonaro como uma figura política de grande alcance, a

desinformação e o pânico gerado por essa falácia, tendo sido uma das formas que o ex-presidente da república se utilizou para alcançar popularidade. Infelizmente com a sua vitória nas eleições de 2018, o Brasil entrou em uma fase de retrocesso no que diz respeito a diversidade e a inclusão, levando o debate necessário sobre a educação sexual nas escolas se tornar um tabu, algo que ainda hoje no governo do atual presidente Luís Inácio Lula de Silva (2022-atual) está sendo retomado de forma gradativa. Por fim, o acesso à educação sexual continua a ser motivo de debates fervorosos entre setores políticos que para além da questão da politicagem, veem nesse debate uma possibilidade de manter velhas estruturas que favorecem os homens e a uma estrutura religiosa que fortalece o poder misógino.

Para além de toda a desinformação gerada nos últimos anos, é importante destacar o real objetivo da educação sexual, que se constitui como uma forma de ensinar crianças sobre seus próprios corpos, de ensinar crianças e jovens a terem autonomia sobre o próprio corpo, ensinando e explicando sobre os processos e fases da sua vida, como a puberdade, adquirindo assim consciência sobre as diferenças entre carinho e abuso, a educação sexual nas escolas é uma forma de educar e proteger as crianças. Porém tendo em vista o moralismo presente na nossa sociedade, o direito a esse tipo de conhecimento é negado sob a justificativa de que isso estaria sexualizando as crianças e indo contra preceitos religiosos (mesmo que o estado brasileiro seja laico), entretanto não vemos essa mesma crítica quando se trata de entretenimento sexualizado que é de fácil acesso e gera (muito) lucro e atinge várias crianças e adolescentes.

Não se pretende a partir disso tratar o sexo de forma banal, pelo contrário, quando se cria uma geração com plena consciência sobre o sexo e os seus limites, temos adultos que conseguem lidar com o sexo de forma madura e responsável, que conseguem reconhecer e identificar a sua própria sexualidade de forma saudável. A principal confusão que se faz neste ponto é confundir o tratamento sobre sexo e sexualidade como algo natural, com a banalização, e este é o ponto onde a discussão se perde. A banalização não faz com que o assunto se torne menos tabu do que ele já é, pois não se está indo a raiz da discussão, pelo contrário, se cria diversos dispositivos para afastar o debate

racional e científico da temática, substituindo por crenças, moralismos, preconceitos e terrorismos, onde esses tabus são ainda mais reforçados.

E isso me faz retornar a questão central deste capítulo, repensar a sexualidade e a liberdade sexual das mulheres. Quando pensamos em liberdade sexual, automaticamente associamos a ideia que Zakaria (2021) problematiza em seu texto, a pretensa ideia de que ser livre sexualmente é ser sexualizada, porém essa na verdade é uma forma de banalização sobre a sexualidade da mulher, essa mediocrização funciona como um instrumento de controle, pois o seu padrão é ainda ditado por aqueles que as oprimem. Isto porque segundo bell hooks:

A liberdade sexual só pode existir quando os indivíduos não são mais oprimidos por uma sexualidade socialmente construída que tem por base definições biologicamente determinadas da sexualidade: repressão, culpa, vergonha, dominação, conquista e exploração. (...) No entanto, um aspecto das normas sexuais que muita gente considera opressivo é o de que “é preciso” fazer sexo. Esse “é preciso” é a expressão de uma coerção social. (...) As normas sexuais tais como construídas socialmente nos dias de hoje privilegiam a expressão da sexualidade ativa e não o desejo sexual. Ser sexualmente ativo é considerado normal e natural; não ser ativo sexualmente é visto como não natural e anormal. Esse tipo de comportamento corresponde a padrões sexistas. (hooks, 2019, pp. 218-219).

Infelizmente não temos uma mudança na estrutura de dominação, o que faz com que não haja mudança e conseqüentemente não exista liberdade sexual, mas sim o reforço das práticas opressivas, além de criar a falsa ideia de que a liberdade sexual da mulher está sendo alcançada, quando na verdade o que temos é a reprodução e reforço de padrões opressores.

As mulheres são então as mais prejudicadas com isso, e novamente, isto não se trata de uma coincidência, mas de um projeto, que visa manter o controle não apenas sobre seus corpos, mas também mentes, levando assim a formarmos mulheres que não conseguem entender o conceito de escolha e liberdade, e o que é ainda mais prejudicial, acreditando que o controle é a sua liberdade.

Para encerrar essa parte da discussão, retorno à Rita Lee, quando a artista fala em sua música “Menopower” sobre a menstruação, assunto que ainda

é tratado como tabu pela sociedade. Não se pode negar que tivemos avanço nessa questão nos últimos anos, principalmente com o programa de Dignidade Menstrual<sup>19</sup> implementado pelo governo Lula (2022 – atual) que prevê por lei o acesso a absorventes a mulheres com idade entre 10 e 49 anos inscritas no CadÚnico<sup>20</sup>, com renda mensal de até 218 reais, ou estudantes de baixa renda da rede pública, ou mulheres em situação de rua. A importância da implantação desse programa está diretamente relacionado aos diversos direitos básicos que as mulheres devem ter. Muitas pessoas não compreendem o peso que a vulnerabilidade tem para mulheres e meninas que não tem acesso a um item básico como um absorvente. Como exemplo podemos recorrer a matérias publicadas que contam o drama de meninas que deixam de frequentar a escola por questão da menstruação.

Segundo uma pesquisa da UNICEF, mais de 60% de jovens e adolescentes já deixaram de ir à escola ou a outro lugar que gostam por causa da menstruação<sup>21</sup>, a pesquisa é referente a um quadro global, mas no Brasil a situação não é diferente, segundo os dados da Pesquisa Nacional de Saúde de 2013<sup>22</sup> que apontam dois principais motivos que contribuem com essa questão: o primeiro está relacionado com a falta de conhecimento por parte dessas meninas da importância da higiene menstrual, isto faz com que se retorne a questão da necessidade da educação sexual nas escolas, pois é por meio dela que será possível reverter um quadro de desconhecimento sobre o próprio corpo. O segundo ponto está na dependência que essas garotas tem para poder ter acesso a absorventes, isto porque elas precisam que os seus responsáveis sejam aqueles que tenham acesso a esse item básico, porém grande parte desses adultos não consideram a menstruação como uma prioridade, o que faz

---

<sup>19</sup> Disponível em: < <https://www.gov.br/saude/pt-br/campanhas-da-saude/2024/dignidade-menstrual>> Acesso em 11 de abril de 2024.

<sup>20</sup> O cadastro único se constitui como um conjunto de informações sobre as famílias brasileiras em situação de pobreza e extrema pobreza. É um sistema criado pelo governo federal, porém operacionalizado pelas prefeituras. Disponível em:< <https://www.gov.br/pt-br/servicos/inscrever-se-no-cadastro-unico-para-programas-sociais-do-governo-federal>> Acesso em: 11 de abril de 2024.

<sup>21</sup> Disponível em:< <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/mais-de-60-por-cento-de-adolescentes-e-jovens-que-menstruam-ja-deixaram-de-ir-a-escola-ou-a-outro-lugar-por-causa-da-menstruacao>> Acesso em: 11 de abril de 2024.

<sup>22</sup> Disponível em :< <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/07/o-que-e-pobreza-menstrual-e-por-que-ela-afasta-estudantes-das-escolas>> Acesso em 11 de abril de 2024.

com que elas fiquem à mercê de outras pessoas e acabem sendo negligenciadas.

O questionamento que estou tentando levantar aqui é o quanto a sexualidade que vemos no dia-a-dia, na verdade não tem a ver com liberdade sexual das mulheres, mas sim com sexualização, ou seja, ter a sexualidade da mulher objetificada, isto porque se nós de fato estivéssemos vivendo em uma sociedade sexualmente mais liberal, questões como a apresentada anteriormente não seriam vistas como um problema, ou melhor, como uma vulnerabilidade, a educação sexual não seria uma pauta a ser atacada por setores sociais que acusam o conhecimento como sexualização, mas pelo contrário, questões como essa seriam vistas como assuntos necessários e não causariam nenhum tipo de estranheza, pois ao contrário do que os grupos conservadores dizem sobre a educação sexual, ela não tem como objetivo pornificar as crianças e as escolas, mas sim esclarecer e debater sobre o corpo e sobre o consentimento. Porém a desinformação é algo proposital.

Isto acontece pois o corpo da mulher sempre foi envolto em uma espécie de misticismo, e como disse anteriormente, isto é parte de um projeto dentro de uma estrutura sexista e misógina que vivemos, que tem como objetivo manter as mulheres com a menor possibilidade de acesso a conhecimento possível, para dessa forma poder continuar a exercer um poder de controle e opressão, para assim constituir um grupo de mulheres submissas e não apenas no que diz respeito a sua própria sexualidade, mas na vida como um todo, pois é também através da sexualidade que se atinge outros aspectos da vida social, pois não podemos entender o social a partir de campos isolados, mas devemos olhar para de forma relacional, ou seja, as questões sociais se cruzam. Não irei me aprofundar nessa discussão, mas basta pensar o quanto o conhecimento de forma geral sempre foi negado as mulheres, e isto cria uma espécie de efeito dominó, onde a falta de conhecimento te leva a uma situação de vulnerabilidade e subordinação em diversas esferas da vida social, como no campo do trabalho.

Porém enquanto temos Rita Lee defendendo o direito das mulheres e para além disso, levantando toda a complexidade que essa decisão envolve, temos novamente Mc Pipokinha, que é conhecida como “Rainha da Putaria”, dando

uma declaração polêmica, onde afirma que mulheres que possuem um filho de cada pai deveriam ser consideradas “piranhas”:

Então quer dizer que a sua mãe, que teve três filhos, cada filho de três homens diferentes, é guerreira. E eu sou a piranha? Aí a sua mãe tem três filhos, com três homens diferentes, ela é guerreira? E eu sou piranha? Ah tá bom, então...”, (PIPOKINHA, 2023).

A fala foi feita durante a sua participação em um outro *podcast*, que logo após ir ao ar foi recebida de forma muito negativa por muitas pessoas, inclusive por parte de seus fãs. Com isso a MC afirma ter sido mal interpretada, e que em nenhum momento quis ofender as mães solas. Porém é inegável o teor discriminatório e violento para com as mulheres que enfrentam esta situação. E isso é ainda mais problemático, pois como foi dito antes, o Brasil se trata de um país com um alto nível de vulnerabilidade social, que contribui com gravidez indesejada, principalmente em adolescentes e jovens.

Cabe aqui destacar a responsabilidade que artistas possuem, isto porque estes são figuras públicas que atingem e influenciam milhares de pessoas, e neste caso temos os jovens como principais alvos destes discursos, sendo assim, é importante responsabilizar e criticar este tipo de fala e atitude da Mc, ainda mais em um país carente de educação como o Brasil, onde o digital com seus *influencers* se tornaram mais relevantes que professores para os jovens.

Este é o ponto que estou buscando discutir sobre a banalização, apontar como o sexo é tratado como um produto aqui, ou seja, não existe debate mais aberto sobre o sexo e a sexualidade, mas sim uma banalização sobre o assunto, pois este é um produto, sendo assim, o que é visto nas mídias não está relacionado a sexualidade e ao autoconhecimento das mulheres sobre isso, mas ele é tratado apenas como um produto.

Quando você mistifica e cria tabus sobre a sexualidade, o produto se torna muito mais interessante, pois aqui não é a mulher que possui autonomia para decidir em quando e como a sexualidade será discutida ou mostrada, pois como produto ele é fruto de uma estrutura que visa apenas o lucro, e esse lucro é determinado a partir de uma perspectiva masculinista.

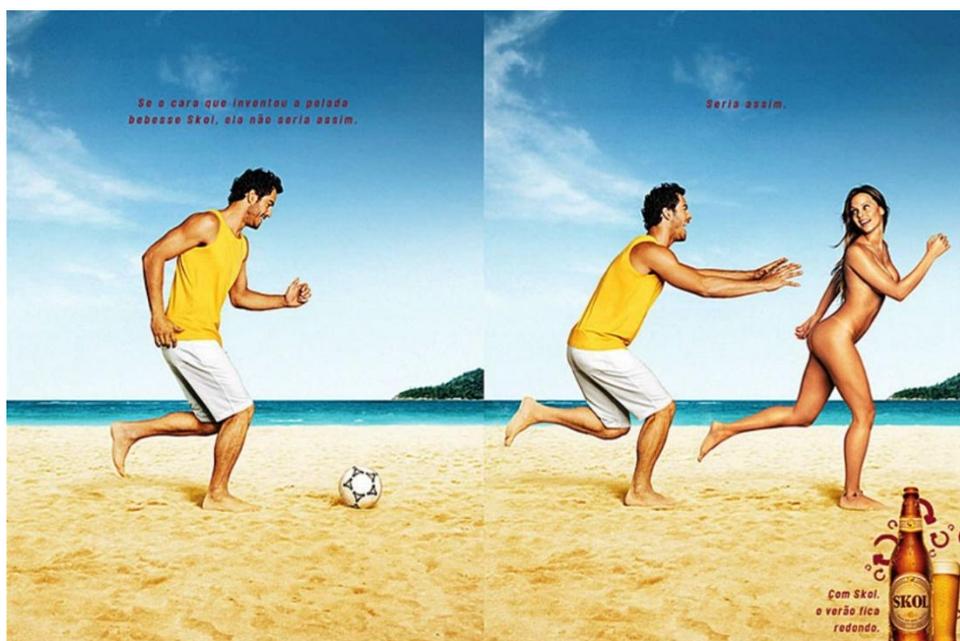
Os exemplos que trouxe da pornografia presente no nosso cotidiano é o que Gail Dines fala em seu livro *“Pornland: How Porn has Hijacked Our Sexuality”* de 2010, que em tradução livre seria algo como “Pornolândia: Como a pornografia sequestrou a nossa sexualidade”, onde ela discute sobre a cultura pornificada. O conceito de cultura pornificada apresentada pela autora vai de encontro com o que observei não apenas em campo, mas também sobre o social de forma geral. Cultura pornificada seria a forma como a pornografia usou para se tornar parte da cultura popular (DINES, 2010).

A cultura pornificada permite que a pornografia faça parte do dia-a-dia das pessoas, sem que as mesmas se deem conta deste processo. O que ela quer dizer com isso, é que diariamente nós estamos expostos a uma infinidade de imagens, produtos, músicas, que evocam a pornografia de uma maneira mais leve, desta forma ela passa a ser introduzida em aspectos e espectros da vida cotidiana sem necessariamente estar nomeada como pornografia.

Um exemplo que cabe nesta situação são as propagandas, e aqui neste caso, a sexualização do corpo da mulher independe do tipo de produto que está se vendendo, ou do público que se quer atingir, pois podemos ver que esse tipo de mensagem está presente para produtos que são destinados para homens, mulheres, classe alta, ou para um público mais popular.



Propaganda da grife de roupas Dolce Gabbana. Foto: Google. Acesso em agosto de 2024.



Propaganda da marca da cerveja Skol. Foto: Luciano Lincoln. Acesso em agosto de 2024.

Ambas as propagandas são exemplos de como as imagens sexualizadas (pornificadas) e o corpo das mulheres são utilizadas em propagandas para públicos diferentes. Na primeira imagem a propaganda remete a uma cena de *gang bang*. *Gang bang* é um termo usado dentro da pornografia para designar

um ato sexual em que uma pessoa mantém sexo com várias outras pessoas ao mesmo tempo, mas que também é usada para se referir a cenas onde uma mulher tem relação com inúmeros homens. Essa é uma categoria muito consumida dentro da pornografia *hardcore*, ou seja, aquela que possui cenas mais gráficas (imagens explícitas com cenas onde a genitália e a penetração são o foco o tempo inteiro) e também mais violentas. Além de lembrar uma cena de um filme pornográfico, algumas pessoas apontaram que a imagem da propaganda ainda evocava uma cena de estupro<sup>23</sup>. Aqui o público alvo não é exatamente generificado, já que a marca atende a um público diversificado no que diz respeito a gênero, o público consumidor aqui está atrelado a classe social, que erroneamente é entendida como detentora de alta cultura, sendo assim, o ensaio fotográfico objetifica a mulher através de uma tentativa pífia de ser conceitual, apoiando-se na legitimidade artística que a marca daria.

A segunda imagem em tom mais humorístico, faz uma “brincadeira” a respeito da “pelada” (jogo de futebol de final de semana), uma prática majoritariamente masculina, onde os homens se reúnem em campos de bairro ou alugam espaços para jogar bola, que se constitui como um espaço de socialização masculina amplamente popular no Brasil. O público alvo aqui é masculino e ponto. A propaganda claramente direciona isso, quando não apenas se utiliza do recurso visual, mas também do textual, claramente temos um homem falando com outro homem. Nas duas propagandas a mulher é um objeto sexual a ser dominado. A dominação da mulher além de ser sexualizada na propaganda, também passa pelo processo de ser tratado como algo natural e engraçado.

É a partir desses dispositivos que a pornografia opera no sentido de tornar a cultura pornificada, ela vai usando não apenas imagens, mas também narrativas, discursos, uma nova gramática a fim de criar uma nova imagem a respeito dela, tornando-a cada vez mais palatável e parte do cotidiano. Mas não

---

<sup>23</sup> “D&G volta a ser alvo de críticas com foto que incita estupro”. Fonte: Terra. Disponível em:< <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/autocuidado/moda/dg-volta-a-ser-alvo-de-criticas-com-foto-que-incita-estupro,d4e630da17e2c410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>> Acesso em 20/08/24.

é apenas através de propaganda que a imagem da mulher e a cultura vão passando pelo processo de pornificação, outros setores também são responsáveis por isso, o entretenimento de forma geral possui papel importante. Esses dispositivos são também personalizados em figuras que Dines (2010) chama de *sanitizing agents* (em tradução literal, agentes sanitários/higienizante) que agem como pessoas responsáveis por tornar a pornografia divertida.

No Brasil podemos identificar alguns desses *sanitizing agents* principalmente nas décadas de 1990 e 2000 na televisão aberta, como os programas familiares de finais de semana que promoviam cenas grotescas de competições em banheiras, onde mulheres eram colocadas com pequenos biquínis para serem agarradas por homens, ou programas com linguagem jovial que apresentava jovens de no máximo vinte anos usando fantasias e depilando homens com cera quente, além das competições de camiseta molhada promovida por programas dominicais. A mídia é uma das grandes responsáveis por mudar a imagem da pornografia e torna-la cada vez mais “natural” aos olhos do social.

A cultura pornificada é então a forma como a pornografia se entranhou ao nosso cotidiano e cultura de tal forma, onde já nem mais percebemos a sua presença. Ou seja, hoje a pornografia é consumida diariamente sem ser propriamente dita ou nomeada, ela foi banalizada enquanto termo e passou a ser vista sem esse rótulo e isso se torna um problema pois o acesso a um conteúdo restrito passa a ser irrestrito, onde crianças consomem esse tipo de conteúdo.

A música produzida por MC Pipokinha representa a cultura pornificada. Ela é o exemplo de como o conteúdo sexualmente explícito se tornou parte da cultura, pois não causa mais estranhamento.

### **1.5. Existe liberdade sexual para as mulheres?**

Esse tipo de leitura e de incômodo pelo qual passei e descrevi durante este capítulo - e que continuarei passando durante toda a minha vida, pois as mulheres são julgadas desde o momento do seu nascimento e nem mesmo a

morte consegue livra-las desse carma - me fez perceber o quanto a ideia de liberdade sexual é falha, e isto pegando de uma perspectiva mais pessoal. E foi nos textos de Rafia Zakaria que consegui entender melhor o sentimento que estava me perturbando a respeito da dita liberdade sexual. Zakaria é uma mulher paquistanesa, escritora, ativista dos direitos humanos, advogada que trabalha pelas vítimas de violência doméstica pelo mundo, e atualmente trabalha e vive nos Estados Unidos.

Ela apresenta uma discussão muito rica a respeito da liberdade sexual na qual eu me identifiquei. Ela começa apresentando a ideia de que o que temos hoje não se trata de um feminismo voltado para pautas coletivas, mas sim um feminismo individualista, para além disso, esse tipo de feminismo, que ela chama de pró-sexo, defende a ideia de que as mulheres não são livres se não forem livres sexualmente (ZAKARIA, 2021). O que em partes faz sentido e é válido, ainda mais quando pegamos a discussão apresentada anteriormente que discute a importância do autoconhecimento sobre o corpo e o sexo, porém este “feminismo” não tem como preocupação esse tipo de pauta numa perspectiva mais coletiva e social, mas sim a da sexualização das mulheres, que acaba por ser útil a estrutura misógina e sexista, além de alimentar de forma exemplar a indústria sexual.

A minha identificação com ela surge no relato em que ela dá sobre quando estava na universidade e passou a fazer parte de um seminário de pós-graduação que tinha como objetivo discutir sobre a liberdade sexual das mulheres. Porém o que ela mostra no decorrer das páginas é que o grupo pregava uma espécie de ideologia, onde todas as mulheres deveriam aceitar que o melhor para elas era ser extremamente aberta sexualmente, ter vários parceiros sexuais e tratar o assunto que para muitas – como para mim – era de cunho íntimo e pessoal, além de que a discussão tratada dessa forma, vai também de encontro com o que bell hooks (2019) diz no trecho citado anteriormente, não existe possibilidade de liberdade sexual a partir deste caminho colocado por esse feminismo sexual, se as estruturas opressoras não forem modificadas.

Tratar o sexo como algo íntimo e pessoal não tem a ver com falta de liberdade sexual, e sim com certas escolhas, por exemplo, a escolha sobre com quem você quer ou se sente confortável em tratar sobre, com quem você deseja compartilhar. Ser uma pessoa que fala abertamente sobre sexo, de forma despidorada, muitas vezes não reflete no que a pessoa quer realmente, ao mesmo tempo que também não significa ser livre, pois muitas vezes esse tipo de discurso na verdade colabora com a falta de escolha. Um exemplo disso são as artistas de música pop, que são hipersexualizadas desde a infância, pois são percebidas enquanto um produto midiático, porém muitas delas relatam o quanto aquele rótulo não tinha nada a ver com elas e elas muitas vezes nem enxergam o sexo desta forma.

Um outro exemplo disso foi uma recente declaração da cantora Luísa Sonza que afirmou que o sexo é “algo superestimado” e que ela nem gosta tanto assim de fazer sexo, porém ao mesmo tempo em que a cantora afirma isto a sua produção musical a define de forma diferente:

Malvadona, safada, quer crime, eu sou karma  
Metida, assanhada, só hasha do bom  
Luxúria né' praga, de Balenciaga  
De costas, me encara, ah  
Tua vizinha pelada, eu sou  
Na BMW borrando o batom  
Toda boa, boa, boa menina  
Solta esse beat, eu resolvo por cima  
Sonhei com campos de morango  
Tu provando da fruta enquanto eu 'tava me excitando  
Acordei, tu 'tava me chamando  
Eu 'tava de ladinho e tu ia colocando  
Sou uma vagabunda na tua cama  
Me bota e pode falar que me ama  
Eu gosto do jeitin' que tu me chama  
E 'tava certa sobre toda tua fama  
Segura mais um pouco que eu tô chegando lá  
Vai tomar do meu suco, é só lamber devagar  
Segura mais um pouco, eu tô chegando lá  
Vou tomar do teu suco, eu vou lamber devagar  
Malvadona, safada, quer crime, eu sou karma  
Metida, assanhada, só hasha do bom  
Luxúria né' praga, de Balenciaga  
De costas, me encara, ah  
Tua vizinha pelada, eu sou  
Na BMW borrando o batom  
Toda boa, boa, boa menina  
Solta esse beat, eu resolvo por cima  
Jogando um Nintendo, ouvindo Beatles  
Meu lindo, meu malvado favorito  
Sem bala, eu prefiro pirulito

Além disso a sua performance e a sua estética falam o contrário, já que é possível perceber durante a sua trajetória o quanto a artista teve que sexualizar a sua imagem para obter sucesso, pois historicamente no ocidente a mulher só possui “potencial” quando é vista como um objeto sexual. Não se trata apenas da sua música, pois sabemos que existe a chamada licença poética, mas o caso é que é possível ver como a sexualização é algo latente na construção da artista, seja na produção de suas músicas, performances, ou ainda em como suas relações pessoais são apresentadas através da mídia.

Para além da questão da sua objetificação como um processo normativo referente as mulheres na mesma posição que ela, a cantora pode também estar presa ao que Zakaria (2021) fala sobre a necessidade da mulher moderna não passar a imagem de ser reprimida e por isso a necessidade de performar a sua sexualidade de forma muitas vezes exagerada, que entra na discussão de sexualidade compulsória apresentada por Kristina Gupta (2010). Sexualidade compulsória se trata da pressão em torno da mulher para performar essa sexualidade exacerbada como forma de se afirmar como uma mulher independente e “empoderada”. Ela seria uma evolução da definição de “heterossexualidade compulsória” de Adrienne Rich (1993; 2015).

A heterossexualidade compulsória seria uma forma de instituição política que retira o poder das mulheres (RICH 1993; 2015), ela inibe e controla principalmente as questões que circulam a sexualidade das mulheres e seu poder de escolha a partir de uma série de sistemas e normas (ZAKARIA, 2021) forçando todas as mulheres a se encaixarem dentro da heterossexualidade. Rich (1993; 2015) tem como ponto principal debater a respeito do apagamento lésbico, no qual este poder compulsório seria o responsável por colocar a homoafetividade lésbica como um comportamento desviante, isto é, fora da norma, além disso é importante destacar alguns pontos que constituem a heterossexualidade compulsória e que estão diretamente ligadas ao que Rich chama de poder masculino:

1) *Ao negar a [própria] sexualidade das mulheres – [por meio da*

clitoridectomia e infibulação; de cintos de castidade; da punição, inclusive a morte, devido ao adultério; da punição, inclusive a morte, em razão da sexualidade lésbica; da negação psicanalítica do clitóris; de restrições contra a masturbação; da negação da sexualidade da mãe e da mulher pós-menopausa; de histerectomias desnecessárias; de imagens pseudolésbicas na mídia e na literatura; do fechamento de arquivos e da destruição de documentos relacionados com a existência lésbica];

2) *Ou forçá-las* [à sexualidade masculina] – [por meio de estupro (inclusive o estupro marital) e agressão da esposa; do incesto pai-filha, irmão-irmã; da socialização das mulheres para que elas sintam que a “pulsão” sexual masculina consiste em um direito; da idealização do romance heterossexual na arte, na literatura, na mídia, na propaganda etc.; do casamento infantil; do casamento arranjado; da prostituição; do harém; das doutrinas psicanalíticas da frigidez e do orgasmo vaginal; das descrições pornográficas das mulheres a responder com prazer à violência sexual e à humilhação (em que a mensagem subliminar seria que o sadismo heterossexual é mais “normal” do que a sexualidade das mulheres)];

3) *Ao comandar ou explorar o trabalho delas a fim de controlar sua produção* – [por meio das instituições de casamento e da maternidade como produção sem pagamento; da segregação horizontal das mulheres em trabalho assalariado; da criação de armadilhas para a mulher através de símbolos de ascensão social; do controle masculino do aborto, da contracepção, da esterilização e do parto; da cafetinagem; do infanticídio feminino que rouba as mães de suas filhas e contribui para a desvalorização generalizada das mulheres];

4) *Ao controlá-las ou roubá-las de suas crianças* – [por meio do direito paterno e do “sequestro legal”; da esterilização forçada; do infanticídio sistemático; da apreensão legal dos filhos de mães lésbicas pelos juizados; da má conduta profissional de homens obstetras; do uso da mãe com “mediadora-simbólica da tortura” na mutilação genital ou, então, ao amarrar os pés da filha (ou sua cabeça) para adequá-la mais perfeitamente ao casamento];

5) *Ao confiná-las fisicamente e privá-las de seus movimentos* – [por meio do estupro como terrorismo, excluindo-as das ruas; do uso de *pardah*; da correção dos pés, atrofiando as mulheres de suas capacidades atléticas; do uso de salto alto e de um código de vestuário “feminino” na moda; do uso de véu; do assédio sexual nas ruas; da segregação horizontal das mulheres no emprego; das prescrições de uma mãe atuar “todo o tempo” em casa; da dependência obrigatória forçada das esposas];

6) *Ao usá-las como objetos em transações masculinas* – [pelo uso das mulheres como “presentes”; pelo dote ou preço da noiva; pela cafetinagem; pelo casamento arranjado; pelo uso das mulheres como divertimento a fim de facilitar os negócios masculinos – em geral, a esposa como anfitriã ou a garçonete de coquetel vestida para titilação sexual masculina; garotas como acompanhantes e garotas de programa; como “coelhinhas”; gueixas; prostitutas Kisaeng; secretárias];

7) *Ao restringir sua criatividade* – [com a perseguição de bruxas e campanhas contra parteiras e curadoras e nos *pogroms* contra mulheres independentes “não assimiladas”; a definição das buscas e intenções masculinas como mais valiosas do que as femininas em qualquer cultura, o que faz com que os valores culturais se tornem a corporificação da subjetividade masculina;

a restrição da satisfação pessoal feminina apenas para o casamento e maternidade; a exploração sexual das mulheres por homens artistas e professores; a interrupção social e econômica das aspirações criativas das mulheres ; o apagamento das tradições femininas] ;

8) *Ao retirá-las de amplas áreas de conhecimento e de realizações culturais da sociedade* – [por meio da não educação das mulheres; do “Grande Silêncio” quanto às mulheres e, particularmente, da existência de lésbicas na história e cultura; do monitoramento por sexo como um fator para desviá-las da esfera das ciências, da tecnologia e de outras profissões “masculinas”; dos laços sociais e profissionais masculinos que excluem as mulheres; da discriminação das mulheres nas profissões]. (RICH, 1993; 2015, pp. 24-25).

Seguindo essa prerrogativa, Gupta diz que a sexualidade compulsória seria uma espécie de evolução deste conceito e destas “regras” apresentadas por Rich, onde as mulheres seriam pressionadas a atrelar a sua identidade a uma imagem hipersexualizada. Gupta ainda afirma que essa sexualidade compulsória é encontrada tanto em sociedades sexualmente repressivas quanto em sociedades tidas como abertas ou progressistas (RICH, 1993; 2015), onde esse aparato em ambos os casos age como um meio de disciplinar.

A discussão exposta sobre as autoras anteriores vai de encontro com o caso da artista, onde talvez essa supervalorização em torno do sexo para ela tenha a ver com essa forma de regulação e de controle que diz o que a mulher deve ou não gostar. Nada do que foi dito aqui se trata de um juízo de valor sobre a artista, mas sim uma constatação sobre os fatos apresentados a respeito dela enquanto artista e enquanto indivíduo, juntamente de uma discussão sobre os aparatos regulatórios de uma estrutura sexista e misógina que não permite a mulher ter autonomia.

Talvez o fato de Luísa dar essa declaração a respeito do sexo se constitua como uma tentativa de mostrar que ela é mais do que o objeto sexual que foi construído em torno da sua pessoa, talvez seja como um grito de liberdade dizer que para ela o sexo não é tão importante assim. Talvez essa seja a verdadeira liberdade sexual que as mulheres buscam, poder falar o que elas realmente pensam sobre o sexo, sem nenhum tipo de coerção social.

## Capítulo 2 - Pornografia ou pornografias?: uma descrição sobre a categoria

Pesquisar sobre pornografia não pode ser considerada uma tarefa simples, o próprio entendimento sobre o que é pornografia se torna o primeiro desafio para quem, assim como eu, procura entender as dinâmicas envolvidas nesse universo.

Desta forma, o primeiro passo é entender o que é a pornografia e esse se torna um momento repleto de questionamentos, pois de certa forma o entendimento sobre o que é ou não irá depender de uma série de fatores, que envolve desde o fator cultural, político, religioso, de classe, até mesmo questões ainda mais subjetivas, porém é inegável que sob a ótica capitalista é possível definir que pornografia é todo e qualquer material explícito, que tem como objetivo ser um produto de venda e consumo.

A palavra pornografia origina-se do grego *pornographos*, que literalmente significa “escritos sobre prostitutas”, que tem como referência os costumes das prostitutas e dos homens que pagavam por esses serviços sexuais, ou seja, fala diretamente de uma relação sexual mediada através de uma troca comercial. A prostituição como um ato imoral é um entendimento permeado por uma lógica cristã que definiu o entendimento ocidental que temos da atividade.

Já no dicionário Aurélio, o significado de pornografia é definido como:

Substantivo feminino

01. Tratado acerca da prostituição;
02. Figura(s), fotografia(s), filme(s), espetáculo(s), obra literária ou de arte, etc., relativos a, ou que tratam de coisas ou assuntos obscenos ou licenciosos, capazes de motivar ou explorar o lado sexual do indivíduo;
03. Devassidão, libidinagem. [Cf. *pornofonia*].

Maria Elvira Diaz-Benitez (2009) aponta como o senso comum tende a rotular a pornografia como sendo a parte “suja” do erotismo. O erotismo carrega a ideia de sensorialidade, de arte, de beleza, enquanto a pornografia representa e faz o trabalho que o erotismo não faz. Dentro desse entendimento o erotismo é aquele que demonstra e representa a beleza do corpo humano a partir de uma perspectiva subjetiva, adornada de emoções que envolvem a paixão e o amor.

Por outro lado, a pornografia seria tudo aquilo que é explícito, que não carece de uma interpretação, pois a sua mensagem não possuiria nenhum tipo de subjetividade, a imagem por si só bastaria para aquele que a consome.

Sendo assim, optei por seguir o exemplo da pesquisadora Diaz-Benitez (2009), que diz que para se determinar o que é ou não pornografia, faz-se necessário levar em conta não só o produto, ou seja a imagem que é vendida ou consumida, mas também o contexto em que se é produzido esse produto. Desta forma a simples imagem de uma mulher ou homem nu não pode ser rotulada de pornografia simplesmente por mostrar um corpo nu. Um exemplo disto pode ser pensado a partir das representações de corpos femininos que historicamente foram associados a fertilidade, a construção daquela representação tinha como contexto e objetivo um sentido que evocava uma adoração em um sentido cerimonial ou místico, tal qual como no caso da Vênus de Willendorf. Porém mesmo a estatueta foi censurada pelo Facebook no ano de 2018, sendo acusada de ser uma imagem pornográfica<sup>24</sup>.

Mas esse entendimento sobre essa ser uma imagem pornográfica está completamente associado a lógica algorítmica, ela é responsável por reconhecer as imagens através de um padrão já pré-estabelecido por um banco de dados, que associa aquela estatueta com um corpo fora do padrão, como algo que vai contra as diretrizes do site. O padrão do algoritmo é construído por uma base de dados e imagens, que reconhecem e associam um corpo fora da norma a uma violação. A lógica algorítmica é excludente, pois censura aquilo que está fora do padrão. Se esta mesma estatueta representasse um corpo dentro do padrão, isto é magro, talvez não fosse censurada.

Será então que a pornografia no digital só é considerada como tal se foge do padrão, tornando-se assim imoral? Ou ainda podemos pensar que a pornografia sob a perspectiva de Diaz-Benitez:

Em poucas palavras, o que faz com que certas manifestações sejam vistas como pornográficas são as acusações e os juízos valorativos que os grupos sociais criam para classificar seu entorno. Tais juízos mudam e se ajustam aos contextos, criando fronteiras dinâmicas,

---

<sup>24</sup> “Facebook se desculpa após censura de 'Vênus' do Paleolítico”. Por France Presse. 01/03/2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/facebook-se-desculpa-apos-censura-de-venus-do-paleolitico.ghtml> Acesso em 09/09/2023.

históricas, precárias e mutantes. A pornografia é em si, um fenômeno social e, como tal, permanece em constante transformação. (DIAZ-BENITEZ, 2009, p. 20).

Outro exemplo que reforça a afirmação da pesquisadora pode ser visto a partir do ocorrido com a artista visual pernambucana Juliana Notari, que foi a idealizadora da construção de uma vulva em proporções gigantescas talhada em um antigo canavial e pintada de vermelho, que segundo a artista deveria remeter ao mesmo tempo uma vulva e uma ferida, nomeada pela artista de Diva. Além da polêmica levantada pela escultura da artista, houve também uma grande confusão ao nomearem a obra como uma vagina, sendo que na verdade se trata de uma vulva, o que demonstra o desconhecimento sobre o corpo da mulher. O desconhecimento sobre o corpo da mulher é também uma forma de violência, porém para além desta questão – que não deixa de ser importante – saliento aqui o ataque que a artista sofreu, pois, sua arte foi considerada obscena por retratar uma parte anatômica do corpo feminino. Justamente devido à concepção artístico-política da instalação, sem alinhamento com uma lógica erótica ou pornográfica, a obra acabou por ser rotulada como imoral e obscena por aqueles grupos que detém o poder de classificação.



*Instalação da obra "Diva" da artista Juliana Notari. Foto: Juliana Notari. Acesso em: novembro de 2024.*

A própria artista diz que em 'Diva', utiliza a arte para dialogar com questões que remetem à problematização de gênero a partir de uma perspectiva feminina aliada a uma cosmovisão que questiona a relação entre natureza e cultura na nossa sociedade ocidental falocêntrica e antropocêntrica”<sup>25</sup>. Todos nós estamos presos a uma ordem simbólica, que nos determina (SILVA, 1988), isto porque esses símbolos não são neutros, mas carregam com si não apenas as significações do mundo, mas também valores morais e ideologias. Sendo assim a vulva aparece como um símbolo que afronta essa ordem, pois dentro dessa estrutura de símbolos que determina os lugares sociais, as mulheres são anuladas ao não possuir um significante específico, ao contrário dos homens que tem o falo como seu significante.

O falocentrismo é central nessa discussão, principalmente quando se faz uma breve reflexão a respeito das artes conseguimos enxergar o falocentrismo citado pela artista, um exemplo disto se dá através da arquitetura fálica. Ou seja, você pode preencher uma cidade com objetos e representações que remetem a uma sociedade falocêntrica – regida pela dominação masculina naturalizada –, enquanto isso, a imagem de uma vulva é vista como uma afronta a esse padrão falocêntrico. A grande quantidade de objetos fálicos são lembretes constantes para os homens do seu significante, que além de ser responsável por determinar o sistema simbólico, é também parte de um processo de reconhecimento, isto porque reconhecer algo significa encontrar referenciais que o confirmem (SILVA, 1988), ao mesmo passo a falta de um significante específico para as mulheres torna o processo de reconhecimento das mesmas muito mais complicado, pois elas passam por todas as significações e identificações que são construídas a partir do homem, ou seja, uma visão exterior.

A arte na sociedade ocidental como conhecemos, possui uma dicotomia, que primeiro coloca esse falocentrismo como o exemplo de grandeza, enquanto que as representações relacionadas ao corpo da mulher, quando vistas, só são aceitas a partir de uma perspectiva masculina, que carrega junto de si uma visão

---

<sup>25</sup> “ 'Diva', a escultura de Juliana Notari que retrata a natureza feminina". Por Redação Casa e Jardim. 07/01/2021. Disponível em:<<https://revistacasaejardim.globo.com/Casa-e-Jardim/Arte/noticia/2021/01/diva-escultura-de-juliana-notari-que-retrata-natureza-feminina.html>> Acesso em 02/10/2023.

sexualizada sobre esse corpo. Neste caso a moralidade foi colocada sobre a arte, apontando para o que seria errado, como se fosse possível a arte ser medida através de viés moralizantes e simplistas.

Sendo então a pornografia um fenômeno social, onde a sua classificação se torna subjetiva dependendo da perspectiva adotada, a minha preocupação aqui não é entender se as pessoas que consomem pornografia ou imagens explícitas entendem isso como pornografia, mas sim analisar e entender os desdobramentos de um mercado sexual, que é responsável, juntamente com o digital pelo desenvolvimento de novas formas de captar, produzir, vender e consumir imagens explícitas, que tem hoje na produção de conteúdo +18 sua principal fonte de lucro.

#### **1.6. *Packs* e pandemia: primeiras impressões e inserção no campo**

A pornografia se torna relacional, ela precisa estar inserida em um contexto que a torne pornografia, ela precisa ser validada como tal e isso só pode ser feito através da interação com o social, esta interação neste caso se dá através das plataformas de vendas e da atividade de relacionada a produção de conteúdo, ou seja, ela assume uma perspectiva de produto.

Após pensar sobre o meu objeto, foi preciso pensar em estabelecer o meu campo, e foi nele e na minha experiência em que pude perceber que uma das primeiras transformações e classificações manifestas neste ambiente está diretamente relacionada a forma como a pornografia de hoje não se encaixa mais neste termo. Esta questão que envolve a substituição da palavra pornografia, por produção de conteúdo +18, será melhor abordada nos capítulos seguintes, porém já neste capítulo vejo a necessidade de me referir a pornografia (presente no meu campo) como imagens explícitas, entendimento que, no decorrer do campo, vai agregando outros nomes e significados que já não mais se encaixam em pornografia.

Porém reforço novamente que no meu trabalho, a pornografia é todo material de cunho sexual explícito que é produzido com objetivo de tornar essas imagens um produto para venda e consumo massivo. Desta forma, quando me

refiro a pornografia, estou falando de qualquer material explícito que é produzido dentro de uma lógica capitalista e neoliberal que tem como objetivo final o lucro através da exploração, seja de corpos ou de mentes, então a pornografia aqui vai desde forma mais clássica, até as novas formas de produção de pornografia, como é o caso da pornografia de plataforma nas interfaces múltiplas do digital no século XXI.

Desse modo, o digital que nos referimos atualmente se mostra como um dos campos mais prósperos para grande parte das pesquisadoras e pesquisadores de questões relacionadas ao social e ao humano em sociedade, principalmente pelo aumento vertiginoso do uso de aplicativos, plataformas e mídias sociais durante o período da pandemia de COVID-19<sup>26</sup> e do isolamento social decorrente, o que acabou levando grande parte das ocupações de trabalho remunerado a migrarem, forçadamente, para esse universo remoto do digital, ao mesmo tempo, que houve também um crescimento de novas formas desses trabalhos ressignificados, ou seja, que tiveram no digital a sua essência e elemento de concretude laboral. Nesse sentido, cresceu também a possibilidade de interagir e de registrar essas novas formas de interação e dinâmica em tempo real.

---

<sup>26</sup> No dia 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou os diversos casos de COVID-19 que tiveram início na cidade de Wuhan na China, como uma pandemia. Desde o seu início, até o momento atual o vírus matou mais de 4,5 milhões de pessoas em todo o mundo, porém a pandemia não vitimou apenas aqueles que contraíram o vírus, a economia mundial sofreu um impacto negativo, o que levou o aumento da fome, a falta de acesso a direitos básicos, como educação e saúde.

Foi nesse mesmo momento que descrevo acima que me vi logo no meu primeiro ano de pesquisa, com o anúncio da OMS (Organização Mundial da Saúde) de que o vírus já se encontrava em uma escala global, logo as atividades da universidade foram paralisadas e com isto tive apenas uma semana de aula e logo em seguida entramos em um período de isolamento social. Durante esse início, onde tudo ainda estava envolto em incertezas a respeito de um vírus que ainda não se sabia muito, grande parte das pessoas passou a ter o digital como o único meio de interação com outras pessoas, foi nesse momento também que deixei meu projeto inicial de lado e passei a pensar em outros temas que tinham muito mais aproximação com uma curiosidade mais pessoal. Em um primeiro momento passei a me interessar pela chamada “pornografia feminista”, porém junto desse meu novo interesse, passei a observar o crescimento de termo que até então era desconhecido para mim, os *packs*. De forma resumida, os *packs* são pacotes de qualquer tipo de imagem, como fotos de pés, de pessoas comendo, ou qualquer outro tipo de particularidade/fetice, que são vendidas através de plataformas, mídias sociais e aplicativos de troca de mensagens. Esta palavra passou a aparecer nas minhas mídias sociais em *memes*<sup>27</sup>, sempre associada ao humor, como na imagem a seguir.

---

<sup>27</sup> Os memes se constituem como uma mensagem, uma informação ou ideia transmitida a partir de uma linguagem rápida, pois o seu objetivo é o de se espalhar de forma quase instantânea. Na sua maioria os memes se utilizam de uma linguagem irônica ou humorada para falar sobre algo. Grande parte dos memes são acompanhados de imagem, mas isso não é uma obrigatoriedade. A facilidade de se criar um meme o tornou ainda mais popular, e essa popularidade é tão grande, que muitas expressões usadas fora do digital foram popularizadas e criadas por memes.



Meme encontrado em uma página de humor no Instagram.

Diante do constante contato com *memes* desse tipo, eu passei a me interessar em saber sobre o que se tratava. Até este momento eu acreditava ser uma prática de venda que alcançava um nicho muito específico, que não havia tantas mulheres que trabalhavam com isso, entretanto os *packs* de pé eram apenas a ponta do *iceberg* que envolve esse mesmo mercado de venda de *packs* e conteúdos explícitos.

Com o passar do tempo, esse tema não estava presente apenas nas minhas mídias sociais acompanhadas de ironia, ela também estava presente em outras mídias. Sendo que essa presença noventa e nove por cento das vezes em que li estavam associadas a uma promessa de sucesso, independência e altas quantias de dinheiro, apenas uma única vez eu me deparei com uma notícia que falava da venda de imagens explícitas como um dado associado ao alto

desemprego na pandemia<sup>28</sup>. Junto desse cenário aparecia também um discurso sobre como essa nova modalidade de venda de imagem explícita beneficiaria as mulheres, pois a exposição consentida da imagem sexualizada do corpo seria uma forma de empoderamento feminino<sup>29</sup>. Foi diante desse cenário, impulsionado pelas mudanças enfrentadas durante a pandemia que me vi frente a um assunto que me instiga.

O digital se transforma em uma possibilidade de entender as dinâmicas presentes nesta nova forma de pornografia e não apenas sobre quem consome ou quem produz, pois, como dito anteriormente, essa dinâmica relacional é o que torna este trabalho um trabalho sexual. Lembrando o que diz Livia Mortelle (2020) qualquer tipo de serviço sexual por dinheiro se configura como um trabalho sexual, mesmo que as pessoas envolvidas neste trabalho não classifiquem aquele trabalho como parte de um mercado sexual.

Desta forma, apresentar o campo em que estou inserida não é uma tarefa simples, mas não porque existe uma dificuldade em entender o que ele é, ou que as leitoras e leitores tenham dificuldade em entender o que vai ser descrito, a dificuldade repousa no meu incômodo enquanto mulher pesquisando um universo onde a representação do que é ser mulher foi e continua sendo construído a partir de uma visão que objetifica esses corpos, o que me causa

---

<sup>28</sup> A reportagem do jornal El país, apresenta o cenário vivenciado pelas mulheres latino americanas em meio à crise no mercado de trabalho impulsionada pela pandemia de COVID-19. No texto a jornalista expõe a realidade deixada pela pandemia e a forma como essas mulheres, na sua grande maioria de baixa renda, procuram maneiras de sobreviver sem a perspectiva de melhora dessa situação. *Onlyfans* aproxima milhares de jovens da prostituição na América Latina. Georgina Zerega, México. 06/12/2020. Disponível em :< <https://brasil.elpais.com/sociedad/2020-12-06/only-fans-aproxima-milhares-de-jovens-da-prostituicao-na-america-latina.html> > Acesso em 12/04/2022.

<sup>29</sup> O termo empoderamento atualmente encontra-se distante do seu significado original. Segundo Rute Vivian Angelo Baquero (2012) empoderamento retoma a Reforma Protestante, liderada por Martin Lutero no século XVI, porém o crescente uso do termo vem dos movimentos por emancipatórios nos Estados Unidos na segunda metade do século XX. O *empowerment* estava relacionado a busca por direitos da população negra, mulheres, homossexuais e outros grupos socialmente marginalizados. O empoderamento pode ser visto ainda a partir de três níveis, o individual, o organizacional e o comunitário. O individual – que seria próximo ao que se usa hoje de forma banalizada – é aquele que diz respeito ao aumento da capacidade individual de se sentir influente nos processos que determinam suas vidas (BAQUERO, 2012). É dentro desse entendimento de empoderamento individual que o discurso pró exposição se apoia, reforçando a ideia de que ao se expor você afirma ter confiança, pois apenas uma pessoa que se sente poderosa poderia se mostrar sem medo de qualquer eventual julgamento.

desconforto, pois de certa forma aquela também se torna em parte uma representação minha.

Mas apesar do incômodo, este é um campo extremamente rico em dados, o que em muitos momentos me causou um certo pânico, por pensar que talvez estivesse indo além da minha proposta de pesquisa, mas ao mesmo tempo achando que tudo que eu via ali enriqueceria a discussão.

Muito desse meu desconforto se deu como consequência da grande quantidade de imagens e conversas explícitas às quais eu me expus no campo enquanto circulava pelos aplicativos de mensagens e plataformas. Apesar desta fase inicial ser marcada pelo desconforto, ela também se revelou minha entrada em um canal de comunicação com um mundo que eu acreditava conhecer apenas de longe, mas que ao longo da pesquisa, eu pude perceber o quanto de fato ele sempre esteve presente na minha vida. A presença da pornografia na minha vida ocorre a partir da representação das mulheres naquele contexto, além da própria pedagogia implícita na pornografia. Muitas mulheres enxergam na pornografia uma possibilidade de ter o primeiro contato com o sexo e a sexualidade, já que o espaço onde elas deveriam aprender sobre sexualidade e sobre o próprio corpo é algo negado enquanto educação, sendo assim há um processo de deslocamento na busca por entendimento sobre o sexo para o universo da pornografia. Sendo assim, a pornografia se torna uma espécie de espaço pedagógico, não apenas para as mulheres, mas também para os homens, que acabam por absorver uma representação genérica (e problemática) a respeito do sexo.

A pedagogia presente neste local é o que Rita Segato (2018) vai chamar de pedagogia da crueldade, ou seja, esta pedagogia não tem o objetivo de apresentar o sexo e a sexualidade a partir de uma perspectiva informativa, ou educacional, pelo contrário, essa pedagogia normatiza padrões de violência e abusos como sendo parte de um processo natural relacionado ao sexo. Desta forma, o que deveria ser visto como problemático no sexo passa a ser visto como algo normal.

Pensar em pesquisar sobre pornografia é pensar sobre um mundo, um universo de imagens, palavras, sons, cenários, fantasias, que é composto por

uma vastidão de categorias, o que causa uma certa dificuldade em direcionar o olhar. Porém por mais que exista essa imensidão de imagens e lugares, onde a pornografia pode ser observada, não pude deixar de notar nos últimos anos o crescimento de uma pornografia “caseira”. As plataformas e mídias sociais digitais, juntamente dos aplicativos de troca de mensagens vieram para renovar a pornografia que já se tinha no ambiente digital, por uma abordagem que acompanha as novas linguagens do digital.

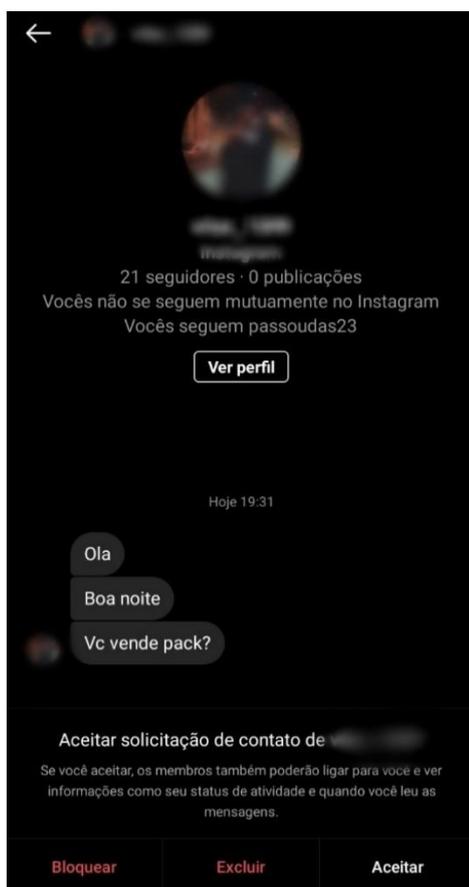
Sendo assim, início a apresentação dos lugares em que estive presente em busca de entender essa nova modalidade, que no decorrer do caminho não se mostrou tão nova assim. Dei início a minha pesquisa em campo com o que sabia sobre compra e venda de conteúdo +18, que naquele momento acreditava ser o suficiente para adentrar este universo, ou seja, acreditava que se tratava de uma forma de compra e venda, mas no decorrer da minha experiência pude perceber que existem inúmeras dinâmicas e códigos envolvidos nessa troca comercial. A minha visão simplista, visão essa que é algo comum socialmente falando, foi sendo transformada em um olhar mais atento para um ambiente tão complexo como é o do mercado sexual no digital.

Enquanto eu pensava ser uma estrangeira no campo, ou seja, acreditava que estava distante daquelas mulheres por estarmos em ambiente de trabalho e vivências diferentes, com o passar do tempo pude perceber o quanto estávamos próximas, principalmente porque tanto elas quanto eu, estamos posicionadas dentro de uma estrutura que tem o gênero e a divisão sexual como aqueles que determinam as normas que nos afetam, mesmo que de maneira desigual.

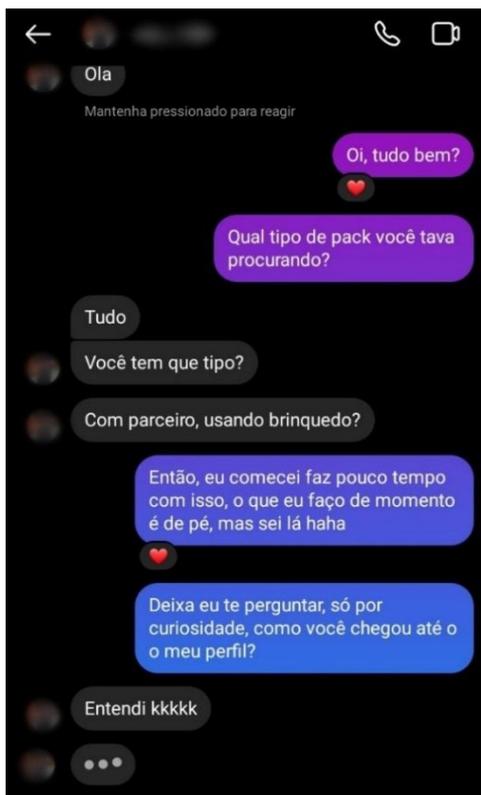
O primeiro momento em que pude perceber o quanto estávamos próximas se deu através de uma abordagem que recebi em um dos meus primeiros momentos em campo, onde fui abordada por um perfil no meu Instagram pessoal, perguntando se eu vendia *packs*. A partir daqui já é possível começar a explicar alguns termos que irão aparecer com frequência no texto e que pertencem a esse universo da venda de conteúdo +18. *Packs*, palavra inglesa que em tradução literal significa pacote, neste contexto se refere a pacotes de fotos que as mulheres produtoras de conteúdo disponibilizam nas plataformas de compra e venda, essas fotos podem ou não serem explícitas. Os consumidores buscam além das imagens pornográficas, fetiches específicos,

como fotos de pés (podolatria), vídeos de mulheres comendo algo (um hambúrguer, por exemplo) entre outras variáveis inimagináveis de fetiches.

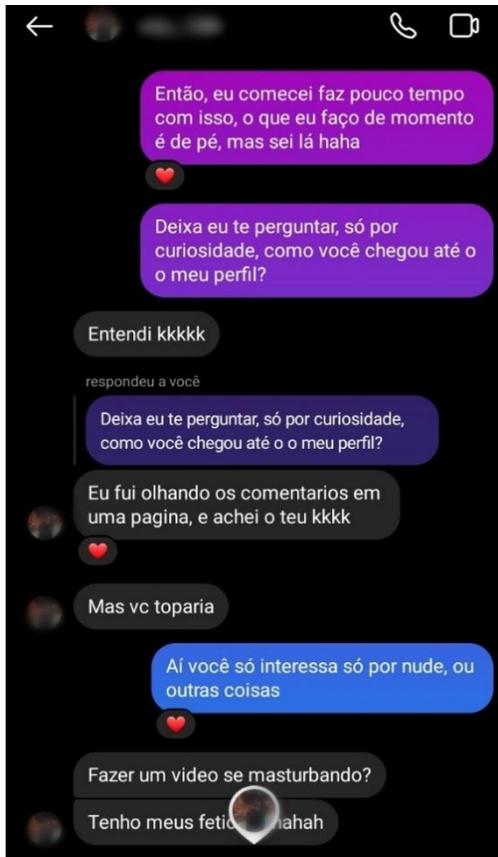
Neste primeiro momento em que fui abordada eu estava no início da minha pesquisa de campo e ainda conhecia muito pouco sobre a realidade de compra e venda de conteúdo, o que fez o choque de ser abordada ser maior, não sabendo muito bem como reagir perante aquela situação, porém ao mesmo tempo reconhecendo aquela situação como interessante para a pesquisa, resolvi arriscar e tentar buscar um diálogo com a pessoa que me abordou.



Troca de mensagens entre mim e um possível consumidor de conteúdo +18.



Troca de mensagens entre mim e um possível consumidor de conteúdo +18.



Troca de mensagens entre mim e um possível consumidor de conteúdo +18.



Troca de mensagens entre mim e um possível consumidor de conteúdo +18.

Neste diálogo, eu pude perceber o quanto a interação entre consumidor e produtora de conteúdo se dava de forma extremamente pragmático, o que me fez pensar num primeiro em ser algo um tanto quanto chocante. O meu choque se dá exatamente pelo estranhamento, naquele momento, em que eu me julgava completamente capaz de entender como se dava uma transação comercial no mercado sexual, a partir do momento em que fui abordada e de certa forma sai do meu roteiro, mesmo dando continuidade a conversa com o possível cliente, eu claramente não sabia o que estava falando, ou melhor, eu não sabia como agir. Como uma espécie de novata, nesse momento eu acreditei que o pragmatismo e franqueza nessa relação (puramente comercial) era chocante, isto porque até esse momento eu ainda estava presa ao entendimento de sexo voltada para a minha experiência pessoal, onde o sexo adquire um caráter pessoal. Porém o que eu estava tendo aqui não era uma relação casual, que envolve conversa despretensiosa e talvez uma relação sexual, aqui eu estava

sendo lida não como Jessica, pesquisadora, mas sim como uma produtora de conteúdo sendo solicitada para um serviço, mas eu só pude entender isso com mais clareza no decorrer da minha pesquisa, principalmente quando passei a ter um contato mais próximo com as mulheres que produzem conteúdo, foi apenas a partir da experiência compartilhada por elas que fui capaz de entender o quanto a objetividade nesse trabalho é importante.

Enfim, foi durante o meu contato com as minhas interlocutoras que me dei conta de que o que elas mais prezam é objetividade do cliente, elas estão apenas buscando vender fotos e vídeos explícitos e não em criar nenhum tipo de vínculo ou relacionamento, ou seja, se trata de uma troca comercial, não é necessário nenhum tipo de interação além daquela que envolva a troca das imagens por dinheiro. Porém essa maneira direta de ser não é tão simples quanto aparece aqui neste início e será possível perceber no decorrer do texto o quanto essas relações são muito mais complexas que uma simples transação comercial.

Talvez o que mais tenha me causado estranhamento foi a abordagem que recebi no meu perfil pessoal, isto porque minha página no Instagram é privada, ou seja, apenas quem eu aceito pode ver as minhas postagens, a minha foto do perfil naquele momento era uma imagem minha próxima a uma planta, com o rosto virado, onde nem era possível ver ele ao todo e mesmo assim eu recebi essa abordagem, que me fez pensar, por que um homem aborda uma mulher aleatória em uma mídia social perguntando se a mesma vende conteúdo explícito? No decorrer deste episódio pude refletir sobre quais seriam os motivos que levaram um homem desconhecido a me abordar de maneira tão direta. Algumas dessas informações, dados e experiências que tive durante a pesquisa, de certa forma me impactaram e também me fez refletir, uma reflexão que não durou apenas dias ou semanas, mas que vêm me acompanhando desde quando decidi investigar esse universo. O fato de ter sido “confundida” com uma produtora de conteúdo num primeiro momento me fez repensar sobre mim, eu fiquei tentando entender qual motivo teria levado uma pessoa aleatória me abordar de maneira tão segura e me perguntar sobre algo que ali naquele momento eu considerava algo de caráter íntimo. Me perguntava se tinha algo no meu estilo ou na minha foto que talvez pudesse comunicar que eu fizesse parte daquele ambiente.

Contudo esses questionamentos na verdade eram justificativas fajutas que eu buscava dar para a resposta que recusava a aceitar. Aquele homem me abordou de maneira tão natural para me perguntar se eu vendia packs simplesmente porque sou uma mulher. Ser “confundida” com uma produtora de conteúdo não tem a ver apenas com meu cabelo, com as minhas tatuagens ou com o que eu escuto, mas sim com o fato de eu ser uma mulher e o meu corpo comunicar para essas pessoas uma mensagem de que estou disponível. De certa forma eu compartilho muito mais do que imaginava com as minhas interlocutoras pelo fato de assim como elas eu também ser uma mulher vivendo dentro de uma estrutura que estereotipa e estigmatiza a nossa existência, e é aqui que eu começo a entender como a corporeidade (age sobre mim, e não apenas na forma como eu sou reconhecida ou vista em campo), mas também em como ela age diretamente no meu fazer etnográfico, principalmente no que diz respeito a forma como eu vou olhar para as interações que acontecem não apenas entre mim e as minhas interlocutoras, mas também na forma como o campo se movimenta.

Ao começar a direcionar o meu olhar para o campo que escolhi, ou seja, nas plataformas de compra e venda de imagens explícitas, entendi que não poderia me ocupar de observar apenas uma plataforma, ou apenas uma mídia social, mas eu deveria criar um olhar circular sobre os três principais espaços onde o desenvolvimento dessa nova forma de produzir pornografia, agora chamada de imagens explícitas ou +18, estaria acontecendo. Os locais onde essa produção e consumo se encontram mais presentes são as plataformas de compra e venda de imagens, os aplicativos de troca de mensagens e as mídias sociais visuais (aquelas onde as imagens se constituem como a principal forma de interatividade).

Neste momento já pude perceber que criar um vínculo com as mulheres com quem queria estabelecer interlocução seria difícil, as constantes perdas de contas do Instagram se tornaram um dos maiores empecilhos. Muitas vezes eu conversava por áudio via mensagem privada e quando menos percebia, toda a minha conversa havia sumido pois a conta da minha interlocutora havia sido derrubada. Uma conta de Instagram pode ser derrubada por diversos motivos e todos eles envolvem os padrões de segurança e privacidade estabelecidos pela

plataforma. Um dos motivos mais recorrentes para a perda de conta está na vinculação de imagens que contenham conteúdo sexual, que constitui o caso das minhas interlocutoras, este é inclusive um dos problemas mais relatados por elas e que será melhor explorado no capítulo seguinte.<sup>30</sup> A paciência se tornou companheira nesse processo, pois era uma situação que fugia tanto do meu controle, quanto do delas. Vale ressaltar que muitas vezes eu perdi contato logo no início, o que me impediu de estabelecer espaços para interação.

Sendo assim montei um perfil de pesquisa no Instagram, além de criar perfis nas plataformas de venda de conteúdo, e também criar uma conta no aplicativo de mensagens Telegram. Feito isso passei a tentar interagir com as meninas, inicialmente eu me apresentava com um breve texto contando que era uma pesquisadora que estava interessada em conhecer sobre o universo das criadoras de conteúdo e tinha encontrado o perfil delas e gostaria de saber se elas estariam interessadas em conversar comigo. Das mais de vinte mulheres que entrei em contato, cerca de sete me retornaram, porém, a maior parte delas me pedia para enviar uma entrevista via *GoogleForms*. Por estarem sem tempo, elas me disseram, responderiam o questionário quando tivessem oportunidade, assim nenhuma de nós desperdiçaria o tempo da outra. Por outro lado, houve aquelas que demonstraram uma abertura muito maior para a conversa, inclusive me perguntando se haveria problema conversar diretamente por áudio, o que para mim significou um grande avanço na pesquisa já que o áudio te possibilita outras interpretações, diferentes daquelas que a escrita apresenta. A ferramenta de áudio na pesquisa digital se torna um grande aliado, já que na mensagem falada a informação sai de forma mais espontânea que naquela que é escrita. Enquanto no áudio a pessoa apenas “sai falando”, na mensagem por escrito a pessoa tem a oportunidade de revisar e pensar duas vezes antes de enviar qualquer informação.

O maior problema das entrevistas semiestruturadas que utilizei, é que em alguns casos a impossibilidade de fazer uma réplica ou de se aprofundar a partir

---

<sup>30</sup> Os critérios para uma página ser derrubada são ambíguos, por vezes até imagens de objetos de museus, como no exemplo dado no início do capítulo sobre a Vênus de Willendorf, são retiradas do ar com a justificativa de serem consideradas obscenas. Porém, o mesmo *Instagram* permite que páginas que incitam ódio a minorias – páginas neonazi, misóginas, xenófobas, racistas, etc. –, continuem sendo acessadas por qualquer pessoa.

de uma resposta dada torna a interação truncada, sem fluidez. Esse modelo de entrevista funcionou melhor para captar dados mais gerais dessas mulheres, ou seja, dados preliminares que me deram condições de direcionar pontos que não havia pensado. Porém, ao mesmo tempo em que ele mostrou essas limitações, também permitiu estabelecer contato com algumas criadoras de conteúdo, contato que aprofundei e assim me aproximei delas.

No decorrer dessa minha interação via Instagram eu tive que procurar passar uma legitimidade como pesquisadora, sendo assim, optei por utilizar minha conta pessoal para assim criar uma interação direta, o que funcionou de forma satisfatória. Esta decisão veio após eu iniciar o campo utilizando um perfil exclusivamente para a pesquisa, porém pude perceber que muitas das produtoras não me retornavam por aquele ser um perfil muito genérico, sem fotos e sem amigos. Esta falta de respostas está ligada a falta de confiança que este perfil passava. E elas por trabalharem em um ambiente onde o assédio é constante, provavelmente não se sentiram à vontade em responder algo que não passasse legitimidade.

Inclusive a questão do assédio foi algo que me fez repensar o uso das identidades delas na pesquisa. Quando iniciava minha conversa com elas, eu sempre me apresentava, explicava que estava fazendo uma pesquisa acadêmica e perguntava sobre como eu deveria identifica-las na pesquisa. Todas com quem conversei estavam de acordo com a identificação delas na pesquisa, pois segundo algumas delas, elas eram figuras públicas. Apesar das interlocutoras não se incomodarem com o uso de seus nomes e imagens, eu preferi por ocultar esses dados na pesquisa, como uma forma de proteção para elas e também para mim como pesquisadora.

Grande parte das mulheres com quem interagi ou observei são jovens que estão entre os 18 e 25 anos, um momento ainda de muita transformação. Neste momento, onde a pornografia de plataforma está em crescimento, onde ser uma produtora de conteúdo de ponta é algo almejado por muitas meninas, não existe espaço para frustração ou arrependimento.

Falo isso baseada em movimentos semelhantes que já foi visto neste tipo de mercado, modelos que posaram para revistas masculinas que se arrependem

e não querem mais ser associadas a esse tipo de universo, ou ex-atrizes pornô que lutam para conseguir retirar conteúdos pornográficos de sites. Ou seja, tendo em vista o histórico da própria indústria pornográfica, onde existe uma possibilidade de arrependimento e negação do passado, vejo como minha responsabilidade não contribuir para que uma memória que quer ser esquecida permaneça viva. Desta forma decidi não usar o nome e nem a imagem de nenhuma das minhas interlocutoras, elas serão identificadas por uma letra e alguma característica que eu notei como a mais marcante nelas.

Pensando então em como me aproximar, sem de alguma forma ultrapassar algum limite, que eu vou através de tentativa e erro conseguindo criar diálogos com algumas produtoras de conteúdo. Pouco a pouco vou conseguindo um pouco mais de confiança por parte delas, agora algumas também me seguem, outras além de me seguirem interagem com as minhas publicações, o que significa um grande avanço, porque agora eu não sou apenas mais um provável cliente/assinante do conteúdo delas, eu sou alguém com quem elas interagem com assuntos que não necessariamente tenham a ver com o trabalho delas ou a minha pesquisa.

## **1.7. Apresentando minhas interlocutoras**

Aos poucos fui conseguindo abrir caminho dentro de campo, acredito que ter iniciado a minha trajetória nele sendo questionada e não questionando, me fez entender um pouco melhor qual deveria ser a minha postura dali em diante, já que agora eu havia experienciado um episódio onde eu não era uma pesquisadora, mas sim uma possível *alt model*.

### **1.7.1. P. – grande, brava e sem papas na língua**

Fui então devagar conseguindo criar uma confiança maior com algumas das mulheres que conversei, e especificamente com uma interlocutora pude entender melhor sobre o que se tratava a venda de conteúdo explícito, ao mesmo tempo em que fui me habituando àquele mundo de imagens que eram produzidas constantemente. P. é uma mulher branca, bissexual, cabelos com

um longo moicano de *dreads* loiros, olhos azuis, natural de Santa Catarina, por volta dos seus trinta anos (ela não quis me contar a idade, algo compreensível neste universo que tem a juventude como um atributo importante), faz o estilo “cavalona”, isto é, com seios e nádegas grandes, além de piercings e tatuagens espalhados pelo corpo. P. nunca me revelou a sua idade ou seu nome verdadeiro, apenas a conheci pelo nome usado enquanto *alt model* e assim foi até o nosso contato se encerrar.



Biografia de P. em sua página do Instagram. Imagem captada a partir da minha conta pessoal. Agosto de 2022.

Por vezes P. deixa de postar no Instagram, e conseqüentemente deixa também de interagir, mas ainda assim foi com ela que consegui manter um contato para além de assuntos que envolvessem o seu trabalho. Esta produtora de conteúdo possui um discurso mais crítico, no seu perfil não posta apenas conteúdo relacionado ao seu trabalho, mas também posta opiniões políticas. E várias das conversas que tivemos, ela sempre se mostrava infeliz com a falta de resultado que o trabalho de *alt model* a proporcionava. P. reclamava não apenas das vezes em que perdeu a sua conta, mas também a falta de paciência que ela tinha para atender alguns homens que a procuravam e ficavam tentando pechinchar o valor do seu trabalho. Ela se mostrava enquanto uma mulher objetiva, através de alguns *prints* que postava diariamente, era possível ver o quanto não dava espaço para quem aparecia apenas para gastar o seu tempo de trabalho digital.

O tempo para a produtora de conteúdo é algo muito valioso, então elas sempre deixam muito claro o quanto estão ali estritamente para trabalhar e não para tentar ter qualquer outro tipo de relacionamento que as façam perder esse tempo nas plataformas.

P. é comunicativa e gosta de falar por áudio, o que me alegra, pois assim consigo captar a expressividade na sua voz, e ali eu sinto que P. consegue falar de forma mais livre. A sua voz possui um tom impositivo, ela fala com muita segurança e sem polidez, não apenas sobre si mesma, mas sobre o universo onde trabalha. Além disso, P. me contou que gosta de produzir conteúdo adulto, que gosta da liberdade de poder produzir o seu próprio material sem a necessidade de um roteiro escrito por um terceiro, que muitas vezes vai lhe propor algo que não vai estar com vontade de fazer – diz gostar de estar no comando do seu conteúdo. Entretanto essa noção de comando é bastante questionável quando olhamos para a falta de autonomia que na verdade as produtoras de conteúdo +18 aparentam possuir, já que existe uma ordem algorítmica que disciplina o fator relativo à produção e o engajamento online das mesmas.

### **2.2.2. N. – poemas, música e opiniões políticas**

Outra interlocutora com quem mantive contato, que inclusive foi uma das primeiras que conheci e em seguida conversei, usa um nome que faz alusão a uma famosa rainha do antigo Egito e gosta muito de falar da sua vida para além do universo de produção de conteúdo. Trata-se de N., uma mulher negra de 27 anos, formada em Educação Física, mãe de um menino, com cabelo curtíssimo, próximo ao raspado, tatuagens com símbolos egípcios pelo seu corpo magro e com curvas e *piercing* no septo. Além de possuir um discurso ativo a respeito das questões raciais, N. também se identifica como bissexual.



Biografia de N. em sua página do *Instagram*. Imagem captada a partir da minha conta pessoal. Agosto de 2022.

N. é um caso interessante, meu primeiro contato com ela foi através do *Instagram* por meio de uma mensagem onde me apresentava e perguntava se ela queria conversar comigo. Ela então me respondeu de forma rápida, em questão de minutos, o que me deixou radiante naquele dia. Exponho que estava há dias tentando contato com várias mulheres e a grande maioria apenas visualizava e não retornava, então naquele momento pensei que estava entrando realmente em campo, porém a rapidez da primeira resposta foi sucedida por uma longa espera. Ela me disse preferir responder a uma entrevista pelo *Googleforms*, eu então enviei para ela, mas nunca obtive resposta.

Naquele momento pensei que poderia ter perdido um contato, porém busquei criar outro tipo de interação com ela, uma em que ela não se sentisse necessidade de parar o que estava fazendo para responder uma pesquisa acadêmica. Sendo assim, passei a interagir via *stories*<sup>31</sup> do *Instagram* e foi nesse momento que percebi que essa dinâmica seria de extrema importância para manter contato com todas elas. Isto porque no momento em que interajo com elas pelos *stories*, ao mesmo tempo crio engajamento para suas contas, o que

---

<sup>31</sup> O *story* (*stories*) é uma ferramenta do *Instagram* que permite os usuários compartilharem imagens, vídeos e textos por 24 horas, além de trazer a possibilidade de criar enquetes, abrir caixas de perguntas e promover interações através de *trends* (as *trends* seriam as brincadeiras e desafios que são gravadas e compartilhadas, se espalhando de forma rápida), promovendo assim uma maior interação entre os usuários. O usuário consegue saber quem assistiu a sua publicação, além disso você pode utilizar a ferramenta do *close friends*, que consiste em compartilhar o seu conteúdo com um grupo de pessoas específicas.

aumenta a visibilidade das mesmas dentro do Instagram, o que pode significar no aumento no número de seguidores e talvez de assinantes de seus conteúdos, sendo assim, ela me vê como uma seguidora que pode beneficiar a sua conta.

N. costuma postar muitas enquetes em seu Instagram, o que promove uma interação maior com o seu público, além disso ela posta sua rotina que está longe do que as produtoras de conteúdo costumam postar. Ela é uma *alt model*, que também é CLT<sup>32</sup>, e além disso também é mãe de um menino pequeno. N. então compartilha sua rotina de trabalho CLT, pegando ônibus cedo pela manhã, tomando café no intervalo do trabalho, e outras cenas que compõe o seu dia-a-dia. A produtora me disse que gosta de produzir conteúdo +18, mas que se sente muito desanimada em vários momentos, porém nunca se deixa abalar e desistir, pois como mãe solo (até aquele momento), ela precisa daquele dinheiro, ainda mais porque ela possui uma criança pequena que depende completamente dela.

Como N. fala muito sobre o seu cotidiano, ela como uma mulher negra não deixa também de se posicionar a respeito do racismo que faz parte da estrutura político-social brasileira. Ela não apenas comenta sobre casos de racismo que envolvem terceiros e notícias, mas também expõe casos aos quais ela passou por episódios de preconceito.

Vale dizer que postagens de cunho crítico, que envolvem um posicionamento político, raramente foram observadas por mim durante o tempo em que estive observando as produtoras. Durante os anos em que me dediquei a essa pesquisa, o Brasil passou por dois processos eleitorais, e como é de conhecimento público, desde a eleição de 2018 que culminou num processo de forte polarização política, as eleições no país se tornaram um momento onde as expressões políticas e ideológicas foram extremamente exploradas, porém dentro do mundo da pornografia isso não existe. Por mais que o ato sexual seja extremamente política e a pornografia também ser, a indústria pornográfica coloca o sexo apenas como um produto vazio. Porém esse vazio está

---

<sup>32</sup> A sigla CLT significa Consolidação para as Leis do Trabalho, ou seja, um conjunto de leis que garante direitos ao trabalhador brasileiro. É um trabalhador que possui vínculo empregatício reconhecido na carteira de trabalho. A sigla CLT se tornou popular nas mídias sociais em perfis e pessoas que valorizam e lutam por direitos trabalhistas.

impregnado de propaganda a favor de um sistema que tem como objetivo explorar o corpo e a imagem das mulheres.

Dentro dessas minhas observações, grande parte das mulheres com quem fiz contato ou que segui não tinha o costume de postar nada de cunho político crítico, pois no contexto político atual demonstrar apoio a uma causa (como exemplo a luta contra o racismo) é motivo para ser visto, como vulgarmente dito, de esquerda, o que significa diminuir o seu público de consumidores.

### 2.2.3 B. – faz porque gosta (e também precisa do dinheiro)

Minha terceira interlocutora é B., bissexual, natural de Goiás, a biografia de sua conta no Instagram afirma que ela mora em Goiás, mas em uma de suas interações via *stories*, quando questionada sobre a cidade que morava, disse que não informava por questões de segurança. Em outro momento ela relatou que infelizmente pessoas de sua cidade natal tinham encontrado sua página, levando a uma espécie de perseguição por parte de outras mulheres que se juntaram para difamar e julgar o seu trabalho. B. tem por volta dos 20 anos, branca, cabelos tingidos de laranja, casada com um homem, com corpo voluptuoso, ela ainda se descreve como uma mulher que gosta de dançar, de jogar (jogos on-line) e de naturalismo.



Biografia de B. em sua página do Instagram. Imagem captada a partir da minha conta pessoal. Agosto de 2022.

O meu contato com ela foi muito tranquilo. Assim que enviei uma mensagem me apresentando, ela logo respondeu com vários áudios, cada um contendo muitas informações. Na sua conversa ela sempre deixa claro o quanto está ainda aprendendo e o quanto existe gente muito melhor que ela fazendo conteúdo, existe uma narrativa na sua fala que tem muito a ver com o discurso propagado nesse meio, onde se você muito se esforçar e tiver muito foco no trabalho, chegará ao topo, discurso meritocrático na sua forma mais clássica, porém com uma nova roupagem. B. perdeu a conta em que conversava comigo e teve que criar uma nova, com isso acabei perdendo os registros em áudio de nossas conversas. Eu consegui encontrar novamente seu perfil porque também estava no seu grupo do aplicativo de trocas de mensagem Telegram. Como perder a conta é um risco que todas elas correm, grande parte dessas mulheres criam mais de uma, sendo uma principal e as outras reservas, ou seja, caso a principal seja excluída ou bloqueada, elas não perdem a totalidade dos seus seguidores.

B. é uma mulher com um corpo que é conhecido como violão, seios grandes, cintura fina e quadril largo. Ela desde o começo me evidenciou que sofre perseguição pelo seu trabalho, que as pessoas costumam julgá-la como prostituta pelo fato de vender conteúdo pornográfico na internet. Porém B. também é perspicaz e usa essas agressões como uma forma de criar uma personagem – a produtora construiu o seu perfil de trabalho baseada na figura da “vizinha gostosa”, ou seja, aquela mulher que no imaginário popular existe apenas para perturbar e tirar a paz dos felizes casais da vizinhança. Ela usa essas histórias e também os episódios de ataques que sofre, constantemente, para criar mais conteúdo junto de seu namorado, então os pequenos vídeos de prévias sempre mostram uma narrativa curta, e boba, que flerta com essa imagem construída por ela.

Durante uma de nossas conversas, B. diz que além de trabalhar produzindo conteúdo por sempre ter gostado de expor o seu corpo, esse tipo de trabalho também paga a sua faculdade. Ela então divide o seu tempo entre produzir conteúdo, estudar e cuidar de sua casa – uma rotina que no imaginário

popular é tido como uma vida fácil, mas que na verdade envolve muito foco e comprometimento.

#### 2.2.4. J. – voz, rosto e jeito de criança

J. é uma mulher de 19 anos, bissexual, branca, magra, com um corpo e rosto além de roupas, trejeitos e voz, que remetem a uma menina de 14 anos. Possui ainda uma tatuagem de flor que sobe pela sua coxa, é natural de Santa Catarina e grande parte dos seus conteúdos está relacionado ao conteúdo lésbico e ao universo *otaku*<sup>33</sup>, principalmente no que diz respeito a prática de *cosplays*<sup>34</sup>.



Biografia de J. em sua página do Instagram. Imagem captada a partir da minha conta pessoal. Agosto de 2022.

<sup>33</sup> Segundo os pesquisadores Yuji Gushiken e Tatiane Hirata (2014) no Brasil os *otakus* são um grupo social formado por indivíduos que em alguma medida possuem uma admiração, ou aproximação com a cultura pop japonesa, principalmente aqueles que se interessam por mangás, animes, jogos e cosplays. Os pesquisadores apontam ainda que enquanto no Brasil o termo carrega um significado positivo, onde é simplesmente associado aos fãs da cultura japonesa, no Japão a cultura *otaku* possui uma conotação negativa, isto porque o termo ganhou notoriedade na mídia japonesa por estar relacionado a crimes bárbaros, onde os autores faziam parte deste grupo social.

<sup>34</sup> De acordo com Leconte de Lisle Coelho Junior e Gabriela Maria Ramos Gonçalves (2011) os *cosplayers* (aqueles que praticam o *cosplay*) são pessoas que se vestem/fantasiam com roupas de personagens de mangás (revistas em quadrinhos de origem japonesa), animes (desenhos animados de origem nipônica) e games diversos.

Nesse sentido J. se mostra como uma moça jovem que aparenta ser mais jovem ainda do que é, usando essa característica como o artifício principal da sua persona de *alt model*. O seu nicho, que corresponde ao universo de *cosplay*, *anime* e *mangá* valoriza uma imagem, tida, como infantilizada que evoca uma “sensualidade pueril” que é exatamente o que J. valoriza em seu conteúdo e estética. Por isso é muito comum vermos em seus vídeos aspectos que valorizam o seu corpo e também a sua voz infantil. Essa produtora aparentemente se dedica exclusivamente a produção de conteúdo, até este momento, J. é a produtora que conta com o maior número de seguidores em suas mídias, talvez por isso ela tenha a produção de conteúdo como atividade única, já que quanto maior o número de seguidores, mais conteúdo a produtora deve produzir, para assim construir um processo contínuo de fidelização entre ela e seus seguidores/assinantes.

Até o momento, eu realizei contato com J. apenas via *story* do Instagram, local onde ela sempre é muito presente, ou seja, promovendo enquetes e respondendo perguntas daqueles que a seguem.

#### **2.2.5 D. – “garota comum”**

Conversei também com D. uma gaúcha de 22 anos. Ela possui sotaque carregado do interior do Rio Grande do Sul, o que neste contexto significa uma forma de se diferenciar, as suas características físicas são longos cabelos castanhos, pele clara, magra, sem tatuagens ou piercings, somadas ao seu ar de “garota comum”, podendo ser aquela que você normalmente encontra no supermercado ou andando pela rua realizando tarefas rotineiras. Todavia, ela não possui uma imagem construída num padrão que envolve a ideia de “mulherão”, já que a sua persona envolve um universo de fantasia mais “clássico”, ou seja, que é construído a partir de vídeos sensuais de faxina ou vídeos onde ela experimenta roupas novas, por exemplo, vídeos em que ela veste fantasias de enfermeira, policial ou freira. Enfim, isso tudo se mostra como um universo de fantasia mais tradicional, que não exige muita informação.



Biografia de D. em sua página do Instagram. Imagem captada a partir da minha conta pessoal. Agosto de 2022.

Além de produzir conteúdo, D. também faz graduação em enfermagem e segundo a mesma, o seu trabalho de *alt model* é algo passageiro que serve apenas para o momento, já que ela está buscando através do estudo trocar de trabalho, já que segundo ela o dinheiro que ganha produzindo conteúdo é o que possibilita o pagamento de sua faculdade. D. não é de falar tanto quanto as outras interlocutoras que conversei durante esta pesquisa, já que tudo envolvendo o seu trabalho é bem pragmático (acredito que dessa forma ela torna mais difícil que qualquer interação escape do campo profissional).

Diferentemente das outras mulheres que tem o Instagram como a principal forma de divulgar seu trabalho, D. opta pelo Youtube compartilhando vídeos de “faxina sexy”. Esses vídeos são facilmente encontrados no Youtube quando pesquisado de forma literal, a partir desse mecanismo de busca você acaba sendo levado a outros canais que produzem essa mesma categoria. Os vídeos consistem basicamente em uma mulher limpando algum cômodo de dentro ou fora da casa, de biquíni ou com uma roupa justa, curta, que de alguma forma deixe o corpo à mostra, contudo sem que apareça algo que não seja permitido, como a nudez. Grande parte dos seus vídeos, no Youtube, possui um enquadramento de baixo para cima, onde o ponto de vista parece ser sempre o de uma criança.

Ela interage um pouco menos com seus seguidores, por possuir um perfil mais discreto em contraste com outras produtoras de conteúdo +18. O que também pode ser uma estratégia, tendo em vista que pode se criar mais curiosidade pelo seu trabalho.

#### **2.2.6. S. e S. – Perfil de casal e fantasia de casal**

Por fim, também estabeleci contato com um casal conhecido por S. e S. sendo formado por uma mulher de 31 anos tendo como características físicas: longos cabelos lisos e ruivos, pele claríssima, magra, seios e nádegas pequenas, com sardas por todo corpo. Seu companheiro tem 25 anos, de pele morena, cabelo curto com alguns cachos mais soltos na parte da franja, estatura mediana e pouca barba. Estão noivos e inclusive já estão preparando o casamento, fato que pode ser acompanhado pelos seus *stories*.

O contato com S. e S. se deu primeiramente via questionário, onde obtive as primeiras informações sobre eles e o que me permitiu perceber que a sua condição econômica divergia do restante das mulheres que acompanhei. Os dois moravam em um belo apartamento, ele possuía formação superior e ela estava concluindo a sua graduação. Também pude conversar um pouco com o marido, ele era o responsável pelo perfil do casal, dessa forma, ele é quem mais aparecia e interagia com os seguidores.

O principal ponto de diferença entre o perfil desse casal e dos outros que observei, estava no “compromisso” de postar de forma menos regular. Enquanto as outras mulheres possuíam uma rotina mais rígida com postagens começando desde o começo da manhã e seguindo assim até o final da noite, o perfil do casal postava de forma esparsa, sem preocupação em criar engajamento e consequentemente aumentar o número de seguidores e também possíveis clientes.



Biografia de S. e S em sua página do *Instagram*. Imagem captada a partir da minha conta pessoal. Agosto de 2022.

Apesar de colocarem que um dos objetivos da dupla era o de compartilhar “momentos de paixão para desmistificar o casamento como algo frio e sem tesão”, os dois ainda não eram casados até aquele momento, mas estavam noivos.

### 2.3. Pontos de semelhança entre pornografia clássica e pornografia de plataforma

De todas as mulheres que abordei durante este período, apenas D. não se apresentou como bissexual. A bissexualidade parece ser uma *quase* (grifo nosso) regra na pornografia, o que remete ao que Diaz-Benitez (2009) nos apresenta a partir do seu campo. No contexto das produtoras de filmes pornográficos, no momento em que havia a entrevista com as atrizes, existiam algumas perguntas no qual os possíveis contratados deveriam sempre responder que não se importavam, pois caso houvesse uma negativa por parte do entrevistado, isso poderia significar a não contratação para o filme. Perguntas como: “Você se importa em gravar com mais de uma pessoa?” ou “Existe algum problema em ter cenas com close no rosto?” E perguntas como essas deveriam sempre ser respondidas demonstrando que o ator/atriz estava disposto a fazer de tudo, sem muitas exigências.

Nesse sentido, as pessoas que trabalham no mercado sexual entendem a necessidade da negociação dentro de um contexto onde se desenvolve a particularidade desse mesmo tipo de trabalho. Isto é, não significa que esses trabalhadores não tenham limites e estejam dispostos a fazer qualquer coisa, porém eles compreendem que eles estão na parte mais baixa da estrutura do mercado sexual, sendo assim, eles precisam borrar os próprios limites para terem uma possibilidade de ascensão na carreira.

No caso de as mulheres responderem de forma negativa, a heterossexualidade pode diminuir significativamente o seu número de assinantes, já que a pornografia lésbica é vista como um fetiche para grande parte dos homens. A forma como a bissexualidade é apresentada na pornografia de plataforma dialoga com a heteronormatividade: mesmo quando envolve relações sexuais entre mulheres, a representação sexual é voltada para um público masculino fetichista, que não enxerga aquela relação sexual como “normal”, pois como cita Gayle Rubin (2021) a homossexualidade é vista como horrores não modulados incapazes de envolver afeição, amor, escolha, gentileza. Com isto a “relação sexual lésbica” acaba por ser apenas um fetiche, onde essas mulheres são apenas objetos de satisfação masculina.

A bissexualidade é vista com aprovação quando entre mulheres, porém entre os homens esse ainda é um limite que perdura da pornografia de produtoras<sup>35</sup>, onde não havia tolerância para homens que faziam filmes de sexo heterossexual e gay (DIAZ-BENITEZ, 2009). Isto fica evidente no caso do casal S. e S. que se define como bissexual, contudo, enfatizo que não há nenhum tipo de conteúdo sexual entre homens em suas contas. Esse dado apresenta o quanto a sexualidade da mulher é vista como um objeto de consumo, prazer e poder voltado ao público masculino, enquanto a sexualidade masculina é controlada por valores de outra ordem. E pensando a partir de uma perspectiva de oportunidade de trabalho e de venda de conteúdo sexual, a bissexualidade

---

<sup>35</sup> Segundo o trabalho de Maria Elvira Diaz-Benitez (2009), as produtoras pornográficas alegavam que seu público não aceitaria ver um ator em um filme representando um homem hétero e em outro tendo relações com outro homem. A assimilação da imagem viril, necessária nesse contexto, com um homem bissexual não funcionaria neste contexto.

se mostra como uma qualidade, pois demonstra versatilidade potencial para exploração de um nicho de mercado.

As atrizes e modelos que trabalham no mercado sexual entendem a necessidade da negociação dentro desse contexto. Isto é, não significa que essas trabalhadoras não tenham limites e estejam dispostas a fazer qualquer coisa, porém elas compreendem que estão na parte mais baixa da estrutura do mercado sexual, sendo assim, elas precisam borrar os próprios limites para terem uma possibilidade de ascensão na carreira, tendo que muitas vezes que fingir ser, ou fingir gostar de determinadas coisas, apenas para não perder oportunidades de trabalho.

Buscando analisar a produção de conteúdo como uma atividade laboral, utilizo o trabalho de Maria Elvira Diaz-Benitez, que nos apresenta os bastidores das produtoras brasileiras de filmes pornográficos, com uma reflexão não apenas sobre os atores e atrizes pornô, mas também sobre os atores sociais envolvidos na dinâmica de uma indústria desconhecida por grande parte das pessoas.

O Instagram até o momento vem sendo o local onde melhor encontro dados e também possibilidades de entrar e manter contato com essas mulheres. Por elas terem esta mídia digital como o local de maior facilidade de expandir o seu trabalho, elas precisam se fazer presente todos os dias, o que me permitiu criar estratégias de aproximação, principalmente através dos *stories*. Além das interlocutoras que foram apresentadas de forma mais detalhada acima, acompanhei também outras mulheres, porém algumas delas acabei em algum momento perdendo o contato – principalmente pela questão de contas caírem – o que me levou a parar de acompanhá-las. Já as descritas anteriormente, são aquelas com quem estabeleci um contato mais direto, seja por chat privado, interação via *story* e também através de uma observação mais focada de suas rotinas diárias.

Em alguns primeiros contatos tive uma espécie de sorte, pois logo na primeira troca de mensagens elas se abriam, sem muito esforço de minha parte, para criar uma conversa, o que me fazia sentir que existia uma espécie de ânsia por parte delas em falar com alguém que se interessava pelo seu trabalho, pela

forma como era feito, quem elas eram, e não apenas nas imagens explícitas de seus corpos.

Num primeiro momento me deixei levar por uma falsa impressão de que o mercado sexual havia se descentralizado, um erro que na verdade é vendido como verdade para quem produz e consome conteúdo – fato que acabou de certa forma me afetando. Enfatizo que o mercado sexual continua centralizado, por mais que não existam mais tantas produtoras de filme e material pornográfico como nos anos 90 e 2000, é inegável que parte dessas produtoras migraram para o digital e outras surgiram especificamente para esse mercado. Os grandes sites e plataformas de pornografia continuam centralizados em países do Norte Global, principalmente Estados Unidos, Canadá (XVideos) e Reino Unido (OnlyFans). Essas grandes plataformas e sites, compram outros sites menores e também plataformas de conteúdo adulto para agregar ao seu grupo e assim se vai criando um grande monopólio do mercado sexual.

O que está descentralizado é a produção, pois essa é realizada por milhares de mulheres e homens em diversos lugares do mundo, porém o controle e distribuição desses materiais continua centralizada em grandes sites e plataformas.

Antes tinha-se mercados produtores hegemônicos de pornografia, como era o caso dos Estados Unidos e também do Brasil, onde não apenas existia uma centralidade relacionada ao país que produzia, mas também em quais locais dentro desse território essas produtoras se encontravam. Maria Elvira Diaz-Benitez (2009) descreve o quanto essas produtoras estavam em sua maioria estabelecidas nas capitais de São Paulo e Rio de Janeiro. Já Maria Filomena Gregori (2016) que explora o universo SM<sup>36</sup> e as *sex shops*, também aponta a cidade de São Paulo como um local de forte presença desse tipo de mercado. Porém hoje no digital essa produção foi diluída entre vários espaços,

---

<sup>36</sup> Segundo Maria Filomena Gregori (2016), “S/M ou simplesmente SM é a sigla, inventada nos anos 1940 pelo sexólogo Alfred Kinsey e por seus assistentes, que designa práticas no campo do erotismo contemporâneo associadas ao sadomasoquismo.” A pesquisadora ainda aponta que se deve ter cuidado ao tratar sobre SM, pois não é uma prática homogênea, já que é preciso entender que se trata de uma prática plural. Ainda segundo Gregori, todas as práticas SM articulam prazer, dor, risco, constrangimento e consentimento.

alguns que inclusive não deveriam ser usados como espaços para esse tipo de produção, como é o próprio caso do Instagram e Youtube.

#### **2.4. Uma breve história sobre o surgimento da pornografia fílmica**

O cinema surge em 1895, com a chegada de novas tecnologias que permitiram um avanço sobre o uso das imagens, de forma que os irmãos Louis e August Lumière acabaram por determinar uma forma específica a ser tomada por essa nova mídia. (BORDWELL e THOMPSON, 2013). A invenção e aprimoramento da câmera de cinema pelos irmãos Lumière, juntamente com as exibições desses filmes, tornaram essa uma indústria em plena ascensão e experimentação.

No início o cinema ainda se preocupava em filmar coisas da ordem do cotidiano, porém com o passar do tempo e a recepção interessada que essa nova mídia recebia, aqueles que produziam passaram a se preocupar em instigar ainda mais os seus espectadores. Neste primeiro momento o mercado mundial era dominado por filmes italianos, franceses e norte-americanos, assim esses filmes circulavam livremente entre países (BORDWELL e THOMPSON, 2013), porém após a Primeira Guerra Mundial a livre circulação foi interrompida e logo Hollywood surgiu como uma força industrial do cinema, criando também diversos padrões de narrativas, personagens e imagens.

Porém antes mesmo de Hollywood se tornar uma indústria cinematográfica avassaladora, filmes explícitos eram exibidos em locais pouco conhecidos para pessoas selecionadas, eram os chamados *stag film*, que pode ser considerado atualmente como um antepassado dos filmes pornô:

Os stags films ou dirty movies eram (são) filmes curtos, de cerca de sete minutos ou menos, mudos e em preto-e-branco. Caracterizavam por um espaço cênico, um traço típico dos filmes “primitivos”. Um master-shot – plano frontal de conjunto, contendo quase toda a ação – permitia a compreensão do cenário e das “ações”, e o corte para o interior do quadro cinematográfico era geralmente viabilizado pela estratégia utilizada então pelos voyeur films: para destacar algum personagem, ação ou objeto, fazia-se encontrar com o “olhar” de algum personagem com o do espectador. (ABREU, 2012. pp. 57-58).

Grande parte desses filmes foram produzidos nos Estados Unidos, mas como dito anteriormente havia uma livre circulação, que além de possibilitar um maior acesso, também serviam como uma espécie de modelo para que se fossem feitos outros.

O *stag* não possuía uma narrativa propriamente dita, porém ao mesmo tempo aderiu à pedagogia da crueldade, importante operadora do mandato da masculinidade. A masculinidade, segundo Rita Segato (2018) é definida a partir de seis tipos de potências: a sexual, a bélica, a política, a econômica, a intelectual e a moral e essas categorias se alimentam a partir da subordinação feminina, isto porque a masculinidade sempre se define a partir da feminilidade, eles são relacionais, a definição da identidade masculina se dá através do detrimento das mulheres (MOLINIER e WELZER-LANG, 2009).

E no contexto sexual, a pornografia se torna então uma espécie de “cartilha” de definição para os homens e sua identidade sexual que deve sempre estar ligada a características consideradas masculinas, como força e virilidade, em oposição à certas características atreladas à feminilidade, como passividade e submissão. A pornografia envolve também mensagens sutis sobre como um “homem masculino” deve tratar as mulheres, que ao mesmo tempo é parte de um mandato de masculinidade (SEGATO, 2018), que tem a falta de empatia e a violência como características essenciais na formação do “homem de verdade”.

Sendo assim essa pedagogia estava diretamente relacionada não apenas a uma construção a respeito da sexualidade da mulher e suas representações, mas também sobre a sexualidade normativa, tudo construído a partir da perspectiva masculina:

Através de close ups “split beavers” (pernas abertas, genitais visíveis) e de inserts do ato sexual, dirigidos ao olhar do espectador, o *stag* mostrava mais do corpo feminino (e menos do masculino) como objeto de prazer visual (e de conhecimento) para uma audiência de massa do que qualquer outra forma de representação (teatral ou fotográfica) antes conhecida. Tudo indica que a crueldade, a rústica realidade da forma – quase amadores -, possuía valor para o público, cujo interesse primário parecia ser instruído sobre os “escondidos mecanismos sexuais” ou “as maravilhas do mundo desconhecido”, observando a revelação dos papéis dos corpos e dos órgãos. (ABREU, 2012. p. 61).

Aqui surgem dois pontos interessantes para pensar nos *stags*, o amadorismo e a identidade do público consumidor. O *stag* filmava muito mais o corpo feminino do que o masculino, ou seja, mesmo afirmando ser uma espécie de “iniciação a masculinidade, um modo de dissipar as ansiedades da inexperiência dos homens” (ABREU, 2012. P.61), ou seja, de exemplificar sobre o ato sexual para aqueles que ainda não conheciam o próprio corpo. Caso fosse feito de forma educativa seria realmente válido enquanto educação sexual tanto para homens quanto mulheres, porém quando de fato se vê o produto (o que é possível fazer hoje mesmo se você tiver acesso a qualquer site ou plataforma de conteúdo explícito), percebe-se que a grande maioria dos filmes foca em mostrar a partir de uma perspectiva masculinista e heteronormativa.

Ao que tudo indica os *stags* agem como uma pedagogia no sentido de estabelecer uma espécie de norma, dizendo o que e como deve ser o sexo com uma mulher, ao mesmo tempo em que ele representa uma ação, ele a faz no real. Nesse sentido, os homens que lá assistiam aos filmes como forma de observar e entender como uma relação sexual funcionava, saíam da exibição imaginando que o sexo entre duas pessoas é exatamente como representado na película, por exemplo, uma penetração sexual através de movimentos “robóticos”, sem afeto e intimidade.

Os *stags* tem o como foco o corpo da mulher, tendo em vista que dialogam com o seu espectador através do chamado conceito de plateia (LAURETIS, 2019), no qual existe um diálogo construído de forma intencional por quem produz para aqueles que consomem. Em outras palavras, o filme é construído de acordo com o interesse do espectador que é atravessado pelo gênero assistido.

Desta forma, os *closes-up*, na grande maioria das vezes, envolvem o órgão sexual da mulher, enquanto que o órgão sexual do homem apenas é focalizado quando está penetrando a mulher, ou de alguma maneira sendo manuseado pela mulher – sendo que nos *stags* é possível observar que em várias produções apenas as mulheres acabam ficando nuas.

A qualidade técnica dos *stags* era propositalmente baixa, as sequências explícitas propriamente ditas (show genital) são marcadas por um alto grau de

descontinuidade temporal (ABREU, 2012), terminando por representar um ato sexual completamente confuso e abrupto. Enfatizando, novamente, que a pedagogia desses filmes inclui uma superexposição do corpo da mulher, onde o sexo se torna apenas uma sequência de movimentos sem continuidade, que reforça o entendimento do sexo apenas como penetração (sexo heteronormativo).

O amadorismo de hoje, uma das categorias mais consumidas na pornografia, nada tem a ver com o amadorismo apresentado pelos *stags*. Enquanto atualmente o amadorismo na pornografia – que será melhor explorado no decorrer do texto – está atrelado a práticas criminosas como *revenge porn*, estupro, filmagens não consentidas. Contudo, o amadorismo nos *stags* está relacionado à performance desajeitada das atrizes e atores, que foram precursores em um tipo de entretenimento que surgiu como marginal e se transformou em um negócio bilionário.

O ato sexual em si, e o que ele envolve no sentido de prazer, não parece ser o objetivo nestes filmes, mas sim a exposição do corpo em movimento, que faz completo sentido quando observado que estes filmes foram produzidos desde o início do cinema, ou seja, junto da inovação que foi a imagem em movimento. Poder assistir a uma encenação de fantasias, que antes era apenas possível em fotografias, mas agora em movimento, era por si só o evento principal. Desta forma, a representação do prazer não era uma preocupação aqui, e sim o consumo das imagens explícitas em movimento, o que de certa forma é possível perceber ainda hoje no consumo massivo de pornografia de plataforma.

Porém, mesmo com o advento de outras técnicas no cinema, os *stags* continuaram a utilizar o mesmo tipo de estrutura cênica e narrativa (ou falta dela), o que demonstra que estas antigas películas não possuíam nenhum tipo de ambição sendo apenas uma fonte de entretenimento barato ou um prazer visual para um momento social conturbado. O *stag* continuou a ser produzido até o final da década de 50, porém foi perdendo um pouco da sua força, muito provavelmente por sua pobreza técnica e narrativa, ainda mais quando colocado em comparação com o que Hollywood estava produzindo em termos de cinema,

mas principalmente no que diz respeito à imagem, às câmeras e as cores utilizadas nas produções daquela época.

Desta forma, o contexto inicial da pornografia evoca clandestinidade atrelada ao amadorismo, notada não apenas nos atores, mas também por aqueles que produzem o filme. O fim da clandestinidade da pornografia fílmica surge apenas na década de 1970 a partir do lançamento de três filmes pornográficos em cinemas comerciais, que incorporam o cinema *mainstream*, não apenas a sua estrutura visual, mas também textual, como uma espécie de morto-vivo (LEITE JUNIOR, 2014).

Em panorama, percebemos que o cinema, na sua totalidade, se constitui como uma tecnologia do gênero, e ele produz e reproduz construções do social que tendem a serem naturalizadas como algo genuíno, da mesma forma age a pornografia fílmica dentro de uma indústria de massa ou consumo massivo. Assim como Lauretis (2019) afirma, as tecnologias do gênero agem de maneiras diferentes em homens e mulheres.

O cinema *mainstream* ou convencional age como uma espécie de laboratório para a pornografia. O que é institucionalizado é de alguma maneira absorvido e reinterpretado por aquele que vive sob uma atmosfera de proibição. Exemplo disso é a forma como a pornografia fílmica incorporou as mulheres enquanto representações baseadas naquilo que o cinema convencional utilizava. Foi através do apoio do seu “irmão mais velho” que a pornografia fílmica conseguiu atravessar os limites da censura e passou a ser visto a partir de uma nova perspectiva na década de 1970 nos Estados Unidos, graças aos filmes “Garganta profunda” (*Deep Throat*, Gerard Damiano, 1972), “Atrás da porta verde” (*Behind the green door*, Artie e Jim Mitchel, 1972) e “O Diabo na carne de Miss Jones” (*The Devil in Miss Jones*, Gerard Damiano, 1973), a chamada santíssima trindade do pornô.

Esses filmes significaram uma mudança na linguagem da pornografia fílmica, a estrutura antes utilizada pelos *stags*, que ainda continuaram a ser produzidos até meados da década de 70, já não era mais suficiente. A falta de técnica, de narrativa e de estrutura foi algo que culminou na morte dos *stags*, o público já não estava mais interessado em ver apenas cenas de sexo

desconexas, que focassem apenas em exibição de genitálias, a obsessão pela imagem em movimento já havia sido ultrapassada, a pornografia fílmica precisava se renovar para acompanhar o público consumidor.

Foi então a partir dessa tríade nos anos de 1972-73, que houve uma mudança de caráter no cinema pornô, não apenas no material que foi produzido desde então, mas em como ele deixou de ser algo marginalizado para se tornar parte da cultura pop. As películas “Garganta profunda” (1972), “Atrás da porta verde” (1972) e “O Diabo na carne de Miss Jones” (1973) introduziram uma nova forma de pornografia, com narrativas, onde as mulheres eram as protagonistas, não eram apenas corpos nus como nos *stags*, mas personagens com histórias dentro de um contexto social, como os EUA na década de 1970. Além disso, também importava quem era a atriz que interpretava, o amadorismo e o anonimato perderam espaço nessa nova etapa da pornografia. Abre-se, assim, uma nova era da pornografia, surge aqui o embrião do que depois viriam a ser as *pornstars*.

Uma das maiores mudanças que se teve com esses três filmes foi apresentar a pornografia *hardcore* com uma narrativa, o que antes era visto apenas no *softcore*, onde havia história, nudez, mas não cenas de sexo explícitas, enquanto o *hardcore* é o seu oposto.

## **2.5 - O surgimento, estabelecimento e transformação da pornografia alternativa**

A pornografia como mídia audiovisual surge então de maneira clandestina com os *stags*, a partir desse contexto é possível afirmar que em certa medida essa mesma pornografia surge sobre uma aura alternativa, principalmente quando pensada que ela nasce logo após a criação do cinema no final do século XIX. O cinema age como uma espécie de “irmão mais velho” da pornografia, emprestando-lhe representações e também padrões – atuando como uma espécie de laboratório para a pornografia. O que é institucionalizado é de alguma maneira absorvido e reinterpretado por aquele que vive sob uma atmosfera de proibição. Isto porque como afirma Jorge Leite Junior (2014) a pornografia vive de devorar outros gêneros artísticos, além de produzir e reproduzir papéis de

gênero. Sendo assim, pensando na pornografia como uma paródia, que tem como objetivo provocar estranhamento no receptor (LEITE JUNIOR, 2014), é possível afirmar que o seu surgimento já assinala um caráter alternativo, neste caso ao cinema *mainstream*. Entretanto como muito bem apontado pelos teóricos Camila da Silva Alavarce (2009) e Leite Junior (2014), a paródia é paradoxal, ao mesmo tempo em que expõe alguns modelos, transgredindo-os, também os reforça, ou seja, acaba reafirmando aquilo que parodia.

A pornografia sempre esteve à margem, principalmente por se tratar de algo sexual, sendo assim, de alguma forma ela sempre foi alternativa, mas isso não significa que ser alternativo implica em transgredir uma norma, principalmente quando tratamos da pornografia *mainstream*. Porém, a palavra alternativa continua presente ainda hoje no fazer pornográfico, e nos últimos anos ela se tornou essencial para se referir a nova forma de produzir conteúdo explícito no digital – vide as chamadas *alt-models*. E foi durante o desenvolvimento da web 2.0 que de fato se criou uma categoria alternativa na pornografia, mas esse entendimento passou por transformações que fez com que novamente surgisse um paradoxo relacionado com o alternativo. Assim surge como um ponto de ruptura, contudo acabando por ser capturado pela lógica hegemônica do mercado do sexo e se tornando o estabelecido.

Todavia se tornou muito comum nas biografias de contas no Instagram o termo *alt model* (modelo alternativa) como parte da apresentação de produtoras de conteúdo. O termo é usado por várias mulheres que produzem conteúdo explícito, que, ao invés de se referirem a si mesmas como atriz pornô, optam por esse termo mais *clean*. Entretanto, tanto uma pessoa leiga, quanto uma que possui alguma proximidade com o universo da pornografia, podem equivocadamente associar a *alt model* com a pornografia alternativa. Por mais que em um primeiro momento não pareça que as duas sejam assim tão diferentes, ao se aprofundar é possível perceber que a noção de “alternativo” presente na pornografia, no digital se transformou e se afastou do seu pretense significado inicial.

Segundo Carolina Parreiras (2012), *altporn* (pornografia alternativa) é uma categoria de pornografia que tinha como objetivo romper com os padrões da pornografia *mainstream*. Ao mesmo tempo, a *altporn* também agia como

produtora de novas categorias e convenções, com grande crescimento durante o desenvolvimento da Web 2.0, apresentando então um avanço nas ferramentas não apenas no que diz respeito a criação, mas principalmente por tornar qualquer portador daquela tecnologia capaz de fazer uso da mesma.

De forma resumida, a pornografia alternativa pode ser entendida a partir dos seguintes pontos: é possível reconhecer neste início alguns traços que caracterizaram as produções como *altporn*: o padrão de corpos exibidos – de meninas tatuadas ou com algum outro tipo de *body modification* e que se identificariam com uma cena mais alternativa e independente (*nerd*, *indie* e associada, na cidade de São Paulo, ao chamado Baixo Augusta) em termos de músicas e estilos de vida – o uso de *sex toys* e a presença de algumas cenas fetichistas e de *BDSM*, como *podolatria*, amarrações. (PARREIRAS, 2012, p. 211).

Neste contexto, os consumidores da pornografia alternativa não apenas consomem as imagens produzidas, mas consomem também um estilo de vida específico, apresentado nessa pornografia, como por exemplo a cultura de modificação corporal. Ou seja, neste caso o consumo tem a ver com a identificação e não apenas com prazer ou consumo de uma imagem. O digital foi, então, um dos principais aliados da pornografia alternativa, principalmente por facilitar a possibilidade de interação entre esses grupos tão específicos, que antes da internet possuíam apenas os jornais e revistas para procurar seus pares, ou precisavam se deslocar a áreas ou ruas específicas (como a rua Augusta em São Paulo), em busca de parceiras/os sexuais. A pornografia alternativa surge nesse contexto não apenas como uma outra possibilidade à pornografia *mainstream*<sup>37</sup>, mas também próxima a uma ideia de comunidade, pois também implicava em consumir um estilo de vida ligado aquelas quebras de padrões outrora impostos por essa pornografia fílmica.

A possível confusão entre a categoria descrita logo acima e a produção de conteúdo das modelos alternativas se dá exatamente pelo uso do termo “alternativo”. Isto inclusive remete a uma confusão que fiz no começo da minha interação com P. Enquanto conversava com ela, perguntei como alguém fazia

---

<sup>37</sup> Segundo o pesquisador Jorge Leite Jr. (2014), a pornografia *mainstream* é caracterizada por aquela em que a prática sexual é apresentada e representada como um corpo de homem masculinizado e dominador (ativo), penetrando um corpo de mulher ou homem (o corpo aqui deve ser feminilizado, pois é aquele que é penetrado) visto como passivo, seja em produções heterossexuais ou homossexuais.

para se definir como *alt model*, se funcionava como no caso das *suicide girls*, as quais precisavam ter um padrão alternativo que envolvia tatuagens e modificações corporais. P. então me corrigiu dizendo que qualquer mulher que produz conteúdo pode ser chamada de modelo alternativa, isto porque o alternativo aqui está relacionado a *você ser um tipo de modelo que foge do convencional* (grifo nosso). Ou seja, não se trata de uma modelo de passarela ou mesmo fotográfica, mas sim uma modelo do mercado sexual que usa de certos artifícios estéticos.

Devemos notas que outra diferença entre essas duas categorias, ditas, alternativas está na questão dos padrões que precisam ser evocados e negociados no universo digital. Por mais que atualmente, muito em função do marketing em torno de um crescente mercado de consumo, exista uma maior representação de pessoas fora dos padrões estabelecidos – branca, magra, heterossexual – e se essa fosse uma pauta da pornografia alternativa, as modelos alternativas podem ser exatamente o padrão estabelecido, contudo a *alt model* não precisa fazer parte de uma subcultura ou estética alternativa para agenciar um tipo de mercado e consumidores. Além disso, não há nenhum tipo de transgressão a respeito da estrutura visual dos vídeos e imagens explícitas, elas são como na pornografia *mainstream*, possuem cenas de sexo – mesmo quando personalizadas – coreografadas, com posições sexuais específicas e no caso dos vídeos, com tempo padronizado (PARREIRAS, 2012).

Entretanto um fator que as duas formas de pornografia se assemelham está na forte presença do sexo lésbico e no uso dos *sex toys*<sup>38</sup>. Os *sex toys* estão presentes nos materiais de todas as produtoras que tive algum tipo de contato. Sua forte presença pode ser explicada neste momento de forma simples: grande parte das imagens na pornografia de plataforma é produzida unicamente pelas produtoras de conteúdo, principalmente no início quando elas ainda não possuem uma equipe e/ou rede de trabalho estabelecida, desta forma os objetos sexuais se tornam essenciais à produção de imagens.

---

<sup>38</sup> Os *toys*, ou simplesmente os brinquedos sexuais são objetos desenvolvidos para o prazer sexual, por exemplo, um simulacro peniano mas não apenas. Segundo Maria Filomena Gregori (2016), os *toys* não foram criados como o objetivo de ajudar ou solucionar problemas sexuais, mas sim para ser uma forma de diversão, por isso é chamado de brinquedo.

O *altporn* de certa forma perdeu espaço para o trabalho das *alt models*, que além de agregar os elementos específicos dessa categoria, também mudou o entendimento que se tinha por alternativo neste ambiente. O que de fato pode ser considerado alternativo nesta nova forma é a descentralização da produção, que deixou de estar localizada em produtoras e em grandes cidades e hoje pode ser feita em qualquer lugar, por qualquer pessoa, exigindo apenas um celular e uma internet.

Houve então uma transformação na produção de pornografia no digital, a pornografia alternativa apresentada por Carolina Parreiras (2012) já não corresponde à mesma das plataformas atuais, ou seja, não apenas houve uma transformação na produção e no consumo, como também apresentou uma mudança na própria difusão desse tipo de material explícito.

### **Capítulo 3 – A pornografia no digital: entre usos e linguagens**

Diferente do foi apontado no primeiro capítulo, onde as notícias sobre o aumento da entrada de mulheres na chamada pornografia de plataforma aparecem associadas ao crescimento de uma crise econômica, evidenciando uma questão de vulnerabilidade social e econômica, aqui as notícias que se referem a esse universo possuem uma perspectiva positiva a respeito da produção de conteúdo explícito. Aqui a entrada no mercado sexual não é apontada como uma falta de alternativa, pelo contrário, ele é apresentado como uma escolha rentável. Os altos valores recebidos por essas mulheres é algo que chama atenção de qualquer leitora ou leitor que passa por uma dessas matérias, as quais permite até mesmo questionar, será que é mesmo tão fácil assim ganhar dinheiro no digital?

---

**Rita Cadillac diz que vida  
financeira melhorou após  
OnlyFans: 'Tô viajando'**

Fonte: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/04/01/rita-cadillac-diz-que-vida-financeira-melhorou-apos-onlyfans-to-viajando.htm>. Acesso em maio de 2022.

---

**Ex-frentista diz que já faturou  
mais de R\$ 500 mil no  
OnlyFans**

Fonte: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/05/26/ex-frentista-natasha-steffens-fatura-mais-de-r-500-mil-no-onlyfans.htm>. Acesso em junho de 2022.

**Suzy Cortez, que fatura R\$ 2  
milhões no OnlyFans, dá dica  
para iniciantes**

Fonte: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/05/24/suzy-cortez-que-fatura-r-2-milhoes-no-onlyfans-da-dica-para-iniciantes.htm>. Acesso em: junho de 2022.

---

**Ex-atriz de pegadinhas na TV  
diz que ganha R\$ 60 mil por  
mês com OnlyFans**

Fonte: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/05/24/flavia-oliver.htm>. Acesso em agosto de 2022.

A exaltação desses valores é parte de um discurso que tem como objetivo construir uma outra imagem em torno da pornografia, que nos últimos três anos tomou ainda mais fôlego, acompanhando os desdobramentos da pandemia de COVID-19 (isolamento social, mortes, crise sanitária etc.), e do crescimento do digital frente às instituições sociais. Nos últimos anos a indústria pornográfica sofreu com uma avalanche de processos e exposições sobre as explorações e abusos dentro deste ambiente, o que levou a uma série de críticas, principalmente a respeito dos abusos sofridos pelas atrizes pornô. Muitas delas

acabaram por suicidar-se<sup>39</sup> como consequência das violências sofridas, que geraram traumas e problemas relacionados ao abuso de substâncias ilícitas.

Porém a lógica em torno das plataformas de compra e venda de imagens explícitas, que aparecem como uma alternativa/solução para a esse mercado sexual marcado por denúncias, na prática não se mostra de fato como um ambiente tão diferente do seu antecessor, sendo assim é preciso olhar de forma cuidadosa para esta nova forma de fazer pornografia, levando sempre em consideração que por mais que exista um discurso sedutor presente na sua imagem, como os altos valores que algumas mulheres afirmam receber, não se pode esquecer que isto continua fazendo parte do mesmo mercado sexual que a pornografia e a prostituição. E uma das possibilidades de analisar este campo é a partir do local onde estas atividades ocorrem, o digital, e mais especificamente nas plataformas, mídias sociais e aplicativos de troca de mensagens onde são realizadas essas trocas comerciais.

### **3.1. - As plataformas de compra e venda**

As plataformas de compra e venda mais conhecidas no Brasil são a britânica *Onlyfans* e a brasileira *Privacy*, mas também é possível vender esse tipo de conteúdo através do Telegram, Whatsapp, *Closefriends*, *Pacote*, *VIPS*, *Camera Prive*, entre outras.

Aqui vou falar sobre as plataformas mais utilizadas pelas mulheres com quem entrei em contato, desta forma começo falando sobre o precursor desse serviço, o *Onlyfans*. A plataforma nasceu no Reino Unido em 2016, mas teve o seu ápice no final de 2019 e início de 2020 com o estabelecimento da pandemia de COVID-19 no mundo. No período de quarentena, a pornografia viu o seu consumo se elevar a níveis nunca antes alcançados, isto somado a uma crise econômica que se tornou o cenário ideal para a expansão o comércio sexual.

---

<sup>39</sup> Em 2018 a morte de cinco famosas atrizes pornô nos Estados Unidos trouxe uma discussão a respeito da saúde mental, integridade física e abusos de álcool, drogas ilícitas e medicamentos que fazem parte da rotina exaustiva dessas profissionais. Além disso, as condições em torno do fazer pornográfico foram também questionadas, como por exemplo a falta de obrigatoriedade do uso de preservativo nas cenas de sexo. Disponível em:< <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43559847>> Acesso em 04/03/2024.

A premissa do *Onlyfans* se baseia na ideia de uma rede social onde você paga para ter acesso exclusivo ao conteúdo do seu artista, *influencer*, criador de conteúdo que você admira. Em nenhum momento a plataforma fala de forma clara que se trata de um local onde a maior parte da sua existência se deva a venda de conteúdo explícito (pornografia), por mais que a todo tempo venda-se a ideia de um lugar onde você paga para ter conteúdos únicos de quem mais gosta. Porém o primeiro indicativo de que esta plataforma vai além de uma simples mídia social digital, é que para conseguir realizar um cadastro (seja como produtora ou assinante) é necessário ser maior de dezoito anos. A plataforma diz possuir uma análise rígida sobre cada assinante, segundo o site, é preciso comprovar a sua maioridade através de documentos de identificação, como RG, além de que a pessoa precisa possuir uma conta no banco em seu nome.

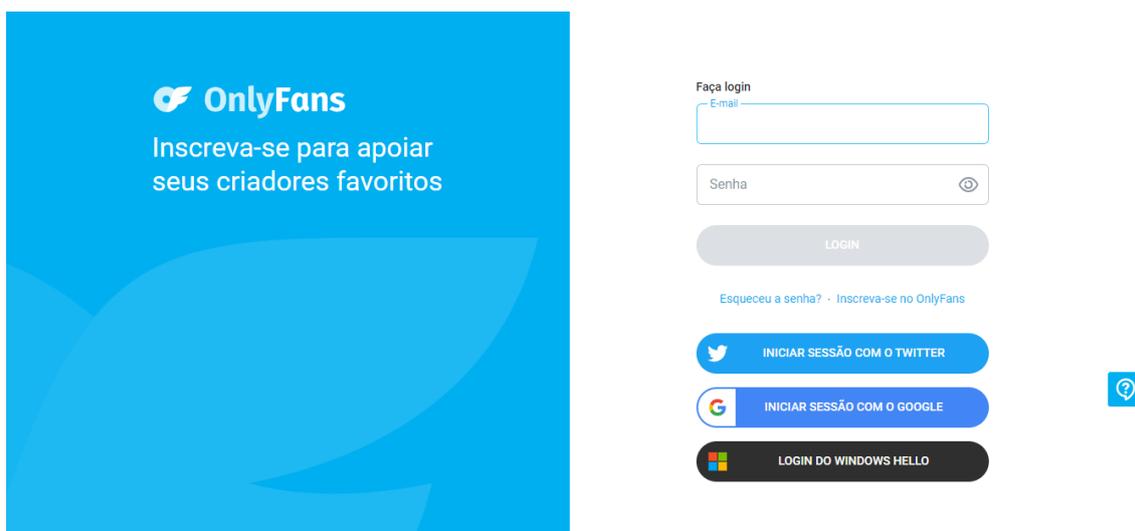
Entretanto, basta gastar alguns minutos dentro da plataforma que é possível perceber que nada disso de fato acontece, há diversos casos de meninas menores de idade que vendem fotos e vídeos no site, pois existem formas de burlar esse sistema a partir do uso de documentos falsos ou de terceiros. Quando tomou conhecimento sobre o assunto, a plataforma se manifestou dizendo que irá tomar conhecimento dos casos<sup>40</sup>, porém, desde então, os casos de menores de idade utilizando a plataforma continuam acontecendo, algo que a plataforma considera como problemático, visto a repercussão negativa, mas ainda assim a mesma não toma as medidas necessárias, já que isto implicaria em perda de lucro, pois tornando a identificação mais rígida a plataforma perde produtoras e consumidores.

No *Onlyfans* todos os valores e pagamentos são feitos em dólar e para poder comprar qualquer conteúdo você precisa possuir um cartão internacional, sendo assim, dentro desta plataforma as produtoras de conteúdo brasileiras precisam criar uma base de assinantes estrangeiros, ou como elas chamam, *gringos*. Isto porque muito dos assinantes brasileiros não possuem cartão de

---

<sup>40</sup> *OnlyFans*: adolescentes vendem vídeos íntimos em rede que permite comércio de 'nudes'. Por BBC. Disponível em:<  
<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/05/29/onlyfans-adolescentes-vendem-videos-intimos-em-rede-que-permite-comercio-de-nudes.ghtml>> Acesso em 05/04/2024.

crédito internacional, além de que o valor do dólar<sup>41</sup> quando convertido para o real alcança um valor muito alto. Mas como para quase tudo na internet existe um jeitinho, caso a pessoa não possua cartão de crédito, é possível assinar através de aplicativos de transferência monetária, como Mercado Pago<sup>42</sup>, e inclusive existem diversos vídeos de produtoras de conteúdo ensinando a como ter acesso a plataforma sem o uso do cartão de crédito.



Página inicial da plataforma.

O *Privacy*, podemos notar, é uma “versão” nacional do *Onlyfans*, que surge como uma alternativa para o público brasileiro que não quer pagar em dólar para receber esses conteúdos. Ele funciona de forma muito parecida com a plataforma anterior, porém aqui é possível pagamento por boleto, além de que todos os valores são cotados em real, o que favorece o público brasileiro.

As duas plataformas possuem sistemas de venda muito parecidos, elas se baseiam em assinaturas, que podem ser semanais, quinzenais ou mensais, tudo vai depender de como quem vende o conteúdo vai estabelecer a venda. Tanto *Onlyfans*, quanto *Privacy* repassam 80% do valor gerado pela venda para as produtoras e 20% seria a taxa fixa que fica com o aplicativo.

---

<sup>41</sup> No dia 31 de maio de 2022 o dólar estava cotado a 4,75 real brasileiro (dados referentes ao período da coleta de dados desta tese).

<sup>42</sup> Mercado Pago é um aplicativo criado pelo Mercado Livre e funciona como uma carteira digital, onde é possível criar um cartão digital. Ele age como um intermediário entre vendedor e comprador, onde tudo é controlado via aplicativo.

Lendo pela primeira vez sobre o funcionamento das plataformas, me pareceu ser muito simples e fácil ganhar dinheiro, porém no decorrer do seu uso essas facilidades vão se mostrando muito mais como uma forma de aliciamento do que como uma oportunidade. Na verdade, o trabalho nessas plataformas passa a se mostrar como um longo caminho tortuoso e repleto de obstáculos que vão desde o tempo gasto nas plataformas, a busca por bater metas de venda, a busca por engajamento e visibilidade, a interação muitas vezes problemática com os assinantes e até mesmo o surgimento de uma rivalidade entre as próprias produtoras de conteúdo.

Existem diversos cursos, grupos de orientação, que ensinam as mulheres que pretendem entrar nesse meio a gerar engajamento, ganhar seguidores, ensinando o que postar, elementos mais técnicos que envolvem um entendimento do funcionamento, não apenas da plataforma de venda, mas também das mídias digitais sociais, como Instagram, X/Twitter, TikTok, Telegram, que agem como um sistema circular que retroalimenta todo esse sistema de compra e venda.

Tal qual numa mina de ouro, conseguir gerar riqueza na internet não é tão simples quanto as notícias que tem presença marcada em sites e portais de notícias costumam contar. Além das implicações que este trabalho gera na vida dessas mulheres, elas ainda precisam lidar com o aparato digital que determina um funcionamento prévio dos dados e informações expostos no digital. Desta forma um questionamento surge, é possível de fato ser mais livre no digital? Ou especificamente falando, o trabalho digital realmente possibilita uma maior liberdade em comparação com aquele fora deste universo?

Para existir nas plataformas de venda, a produtora de conteúdo precisa ainda estar presente nessas outras mídias digitais e aplicativos de troca de mensagens, o que de fato vai impulsionar a sua página de vendas. Diferente da lógica do Instagram, nessas duas plataformas o que importa ou garante algo não é de fato a quantidade de seguidores que você tem, mas sim o quanto os assinantes que interagem com você estão dispostos a pagar por suas fotos e vídeos, ou seja, é muito mais vantajoso a produtora criar uma base fixa de assinantes (fidelização de clientes), do que buscar alcançar um número grande de seguidores. Por isso a criação de uma base de assinantes forte é tão

importante neste caso, o que acaba por alimentar uma relação particular entre criadora e consumidor, levando essas mulheres a ultrapassarem muitas vezes alguns limites que elas mesmas tinham imposto, desta forma, o esperado pragmatismo na relação de compra e venda não é tão real assim. Isto porque no decorrer da minha interação com as produtoras pude perceber as estratégias que elas se utilizam para fazer com que exista apenas uma relação de compra e venda, que exclua qualquer possibilidade de vínculo para além do comercial, porém mesmo com a postura profissional por parte delas, que busca impedir qualquer tipo de relação que ultrapasse o estabelecido no ato de compra e venda, por diversas vezes elas se queixam dos clientes homens que ultrapassam os limites, o que acaba por se transformar em um problema não apenas porque rompe com o profissional, mas porque como em alguns casos que observei, algumas mulheres acabam sofrendo perseguições, como no caso de uma produtora que relata estar sendo ameaçada por um homem.



Captura de tela de uma mensagem postada por uma produtora de conteúdo que estava sendo ameaçada por um homem.

O estabelecimento dessas plataformas, por mais que sejam recentes, não se deu ao acaso, elas se criaram e se promoveram juntamente do

desenvolvimento da internet doméstica que teve início, principalmente, com o modelo de Web 2.0 nos anos 2000. A exposição e principalmente a auto exposição foi gestada durante anos, até chegarmos ao que temos hoje em parâmetros de exposição.

Assim como o teórico de mídias Andrew Keen explica no seu livro “O culto do amador” de 2007, essa revolução digital, na qual a internet que hoje temos acesso está inserida, não teve impacto apenas do seu próprio universo, mas na cultura, valores e economia de uma forma geral, e que escapa ao digital. E foi neste momento em que a imagem passou a ocupar um espaço muito mais importante que a escrita, ela se sobrepõe de tal forma que hoje os nossos olhos não conseguem dar atenção a um texto em um *feed* de notícias, caso ele não seja acompanhado de uma imagem.

A web 2.0 surge com a ideia de democratização de uma mídia, onde todos teriam espaço para promover as suas ideias e opiniões, onde o consumidor seria o próprio criador de conteúdo, e essas ideias foram sendo preparadas a partir das primeiras mídias (redes) sociais que tinham como principal objetivo a interação social, porém segundo Keen (2007), essa não era a real intenção, o real propósito sempre esteve apoiado em uma auto exposição como uma forma de propaganda e de venda. Essa lógica substitui a ideia de interação social promovida inicialmente, para no final se tornar um expositor, onde quem consome também vende.

Desta forma é possível ainda recuperar a discussão sobre como as tecnologias de gênero agem sobre os corpos, aqui se tem um discurso da exposição sendo aplicado, porém a forma como ele age é diferente em homens e mulheres, o que é possível perceber quando se olha qualquer agência *alt model* (produtoras de conteúdo +18), onde o *casting* é composto em sua maioria esmagadora por mulheres, enquanto por outro lado a imensa maioria dos consumidores que interagem com essas mulheres são homens.

### **3.2 - Pornografia no digital**

A forma como as mídias digitais foram promovidas e desenvolvidas, culminou em um caminho onde a exposição do corpo é um caminho quase inevitável e, além disso, não existe nenhum tipo de problematização a esse respeito, pois como foi citado no início do tópico, a nossa cultura e costumes foram remodelados a favor desse novo espaço, existe um mercado de consumo camuflado na democratização que esse mundo digital prega.

É ainda na Web 2.0 que a pornografia amadora se expande, isto porque a democratização do digital tem como premissa o suposto anonimato. A explosão de sites pornôns como XVIDEOS e Pornhub são dois grandes exemplos de como o anonimato serve aos fins da indústria pornográfica massiva. Ambos os sites são conhecidos globalmente no que diz respeito a pornografia gratuita, isto porque os dois funcionam como sites de hospedagem de vídeos e imagens que podem ser feitas por qualquer pessoa, ou seja, de forma anônima. A possibilidade de não se identificar, ou seja, de se manter anônimo foi o que mudou de forma drástica a pornografia que é consumida.

Nos referidos sites adultos qualquer pessoa está apta a criar uma conta e postar seus vídeos. Não existe nenhum tipo de verificação sobre a identidade, ou se os dados ali preenchidos são verdadeiros ou não. Diante destas facilidades, qualquer pessoa pode postar qualquer vídeo, ou seja, postar um vídeo que não é seu por direito, por exemplo um vídeo de *revenge porn*<sup>43</sup>. Com isto, são inúmeros os casos de mulheres que tem as suas imagens íntimas compartilhadas em sites como esses, em muitos casos, sem nem ao menos saber que um dia foram gravadas.

---

<sup>43</sup> *Revenge porn*, em tradução para o português significa “Pornô de vingança”. Hoje considerado um crime, ainda é muito compartilhado em aplicativos de mensagens e sites pornográficos na categoria “amador”. A pornografia de vingança se constitui quando depois do término de um relacionamento, um dos pares divulga imagens íntimas e sexuais da ex-parceira ou ex-parceiro, sem o seu consentimento, como uma forma de se vingar pelo término do relacionamento. Apesar de poder acontecer tanto com homens, quanto mulheres, o número de mulheres adolescentes vítimas desse crime é maior. Segundo Beatriz Accioly Lins (2016) essa modalidade de violência visa “danificar a imagem e a moral da pessoa exposta, em especial mulheres. O filme Ferrugem (2018) do diretor Aly Muritiba discute sobre o tema a partir da história de Tati (Tiffany Dopke) que tem um vídeo íntimo vazado no grupo de *whatsapp* da sua turma de colégio e precisa lidar com as consequências dessa vingança. Até o ano de 2018 a pornografia de vingança não era considerada crime no Brasil, mas a partir de 2018 de acordo com o artigo 218-C do Código Penal o compartilhamento não consentido de vídeos íntimos pode levar a uma pena de um a cinco anos de prisão, além da indenização por danos morais a vítima.

O anonimato aparece no digital disfarçado como arte independente e serve perfeitamente para a indústria pornográfica se expandir. Essa ‘arte’ independente pode ser vista de forma ainda mais latente na internet atual, onde a divulgação e venda de imagens explícitas passou a receber outros nomes, nomes esses que se afastam cada vez mais do que a palavra “pornografia” carrega.

### **3.3 - Pornografia ou conteúdo +18?**

Hoje, essa pornografia se desenvolveu para um outro nível, onde já não é mais chamada de pornografia, isto é, a indústria pornográfica e do sexo, juntamente com o digital transformou e banalizou o que se entendia como pornografia, atualizando através da linguagem o universo pornográfico em um novo mercado sexual, porém sem ter qualquer tipo de conotação sexual no seu nome. Agora a pornografia passou a ter uma gama de nomes, como conteúdo explícito, conteúdo +18, conteúdo adulto, entre outros nomes que surgem e se transformam na mesma rapidez que o digital se atualiza e esta mudança tem como objetivo se afastar da imagem estigmatizada da pornografia.

Os exemplos de como isto ocorre podem ser vistos na própria forma em como essas mulheres que produzem conteúdo se categorizam, isto é, como *Alt models* (modelo alternativa). O que em um primeiro momento eu acreditava se tratar de um nicho, uma categoria pornô que envolvia um estilo alternativo de mulheres com tatuagens e piercings, era na verdade a forma como essas trabalhadoras sexuais se nomeavam, isto é, neste universo encontramos atrizes pornôs ou trabalhadoras sexuais, porém não mais com esses nomes.

Esta questão leva a outro ponto muito importante, relacionada ao reconhecimento das trabalhadoras sexuais, e o quanto a linguagem possui um poder que não pode ser negligenciado. Entender a importância da linguagem é reconhecer o quanto a categoria trabalhadora sexual significou uma vitória para as mulheres em situação de prostituição. Esta categoria foi essencial para direcionar a crítica que as feministas vinham fazendo desde a década de 70 a respeito dessa forma de trabalho. Isto porque as trabalhadoras sexuais não são o “inimigo” a serem apontados pela crítica feminista, mas pelo contrário, é

preciso reconhecer a existência dessas trabalhadoras, para que desta forma tenham direitos e sejam protegidas. O objetivo principal ao se discutir sobre o mercado sexual é apontar de forma crítica a existência de uma indústria que explora as mulheres, ao mesmo passo em que se reconhece a existência dessas mulheres, buscando criar um diálogo, escutando e construindo junto a elas uma nova perspectiva.

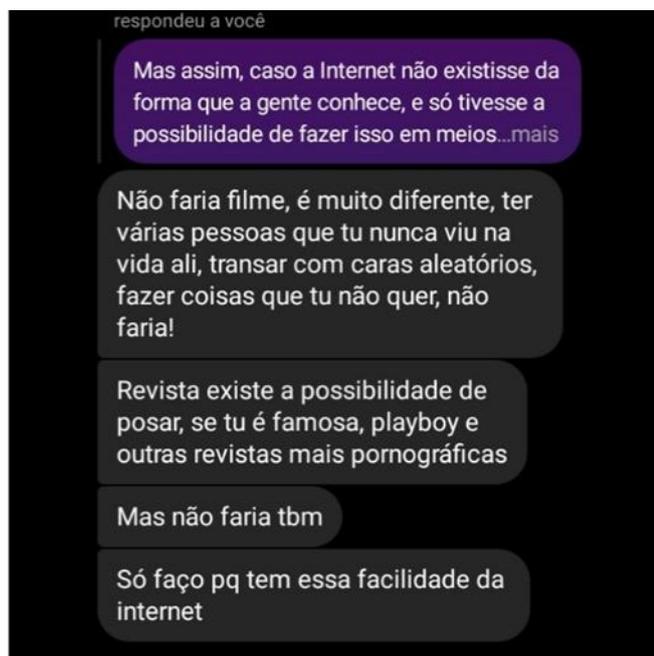
Segundo Livia Mortelle (2020), a criação e aplicação desta categoria reconhece a existência dessas mulheres e além disso, lhes garante a possibilidade de reivindicar direitos, pois é a partir disto que a atividade que elas exercem passa a ser reconhecida como trabalho:

A categoria trabalhadora sexual foi utilizada a primeira vez pela trabalhadora sexual, feminista e artista Carol Leigh (1997) em defesa dos direitos das trabalhadoras do sexo, pela reivindicação por melhoras de duas condições de trabalho e sua auto-organização, em defesa de seus interesses como trabalhadoras. (MORTELLE, 2020, p. 155).

Porém na contramão dessa busca por reconhecimento, as trabalhadoras sexuais das plataformas digitais não reivindicam para si essa identificação, mas na verdade se afastam. Muitas delas fazem questão de delimitar na descrição do perfil que apenas vendem imagens explícitas, como se isso também não configurasse um serviço sexual, porém como é sabido, qualquer tipo de intercâmbio de serviços sexuais por dinheiro, se configura como um trabalho sexual (MORTELLE, 2020).

Um ponto que contribui para a crença de que produção de conteúdo não se caracteriza como trabalho sexual se dá pelo fato de que elas acreditam não possuir clientes, mas sim assinantes, desvinculando o caráter de trabalho e adicionando uma ideia de admiração a uma atividade feita com amor, ou seja, quem assina seu conteúdo o faz pela pessoa que produz, por reconhecer nessa sua atividade uma espécie de arte, além disso, soma-se o fato delas produzirem o conteúdo na sua grande maioria, dentro de casa, ou seja, uma espécie de pornografia caseira ou amadora. Não estar em um ambiente em que elas consideram “tóxico” contribui para a ideia de que não existe uma exploração. Uma das produtoras com qual mantenho mais contato, P., afirma o quanto um dos motivos pelo qual ela vende conteúdo por essas plataformas se dá pela

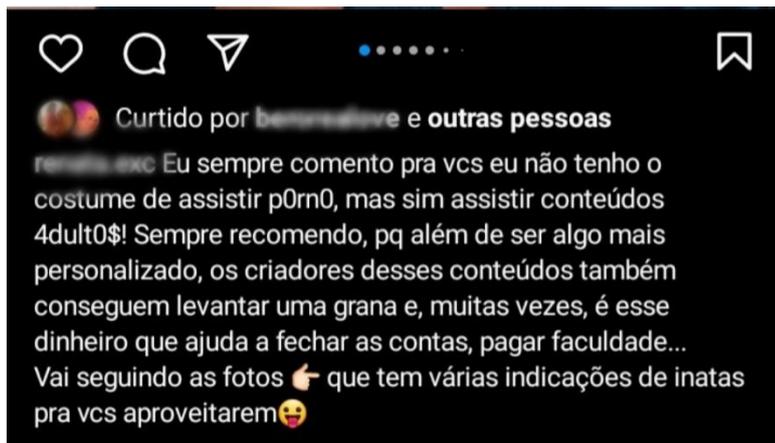
possibilidade que ela tem de fazer isso sozinha, pois para ela não existiria intermediários nessa relação comercial.



Trecho de conversa com P.

Existe um entendimento de liberdade por quem realiza este trabalho, que também é parte dessa linguagem que anula, produzida no digital. Existe essa pretensa liberdade pois elas não são meras trabalhadoras assalariadas que devem satisfações a um patrão, elas se consideram empreendedoras, criadoras de conteúdo, que dependem apenas da própria vontade para prosperar naquilo que é vendido como uma mina de ouro, onde aqueles que se aventurarem terão riqueza.

Essa desvinculação, que as próprias produtoras de conteúdo fazem, é o que Carol J. Adams (2018) chama de referente ausente, onde a linguagem contribui com a ausência do real significado. Esta ausência é desenvolvida de forma a servir todo o aparelho pornográfico, basta pensar em como a pornografia hoje já não se chama mais pornografia, ela se tornou “conteúdo adulto”, “conteúdo +18” ou *packs*. E um dos espaços que melhor legitima esse discurso são as mídias sociais digitais, como no caso do Instagram, e que é possível ver na imagem a seguir.



Postagem de uma *Sexual Influencer* no Instagram.

No caso mostrado na imagem é possível perceber como a substituição da palavra pornografia por conteúdo adulto age de tal forma, que faz o indivíduo acreditar que conteúdo e pornografia são categorias distintas, porém é sabido que tanto um quanto outro se valem do mesmo, ou seja, do uso de imagens sexuais explícitas.

Assim como cita Dines (2010), a pornografia se tornou parte integral da cultura globalizada, e isso aconteceu graças as mídias, mas não apenas através das representações que as mulheres assumem nestes espaços, mas também a partir de uma estratégia de gênero, apoiada principalmente em uma linguagem associada a propaganda, onde a pornografia perdeu o seu status de suja e imoral, para se tornar uma atividade divertida, descolada e empoderada. Mas a pornografia que reside nessas plataformas se utilizou da linguagem para se tornar ainda mais *hypada*, ela mudou o seu nome. A pornografia como aquela que conhecemos de filmes pornográficos habita um espaço diferente daquele produzido pelas mulheres dentro dos conteúdos 18+, ou seja, a questão em torno de uma pornografia fílmica continua ocupando o espaço associado à indústria pornográfica, por exemplo os sites pornôs, um espaço, esse, que a produção de conteúdo explícito vem buscando se desvincular ao longo dos últimos anos.

Isto porque a pornografia na sociedade ocidental moderna se desenvolveu em um contexto de clandestinidade e também de repressão, o que a faz automaticamente ser associada a algo negativo ou marginal, além disso, a pornografia também está atrelada a uma ideia de cafetinagem, privação de

liberdade e exploração, o oposto do discurso que essa nova pornografia promove, onde usando palavras como empreendedorismo, liberdade e empoderamento acabou criando para a pornografia digital um novo significado, que se desvincula da sua antiga faceta.

O nome das plataformas e seus slogans revelam como a linguagem é um dos pontos centrais para entender como essa nova pornografia adquiriu uma nova perspectiva no digital e no social. A plataforma *Onlyfans* na sua página oficial do *Instagram* se apresenta com a seguinte frase “*OnlyFans* é uma plataforma social de assinatura que revoluciona as conexões de criadores e fãs”<sup>44</sup>. Já a *Privacy* se apresenta como, “A maior rede social para venda de conteúdos exclusivos do Brasil”. Nada remete a um conteúdo explícito, pelo contrário, eles enfatizam o caráter interacional das plataformas, remetendo a ideia de que neste ambiente o foco é a interação social, porém em nenhum momento é citado a partir de qual tipo de interação que as plataformas se baseiam.

A linguagem utilizada nos sites “clássicos” de pornografia, como XVIDEOS (Free Porn Videos/ Vídeos pornôs gratuitos) e Pornhub (Vídeos pornô e filmes de sexo grátis), é bem diferente da apresentada nas plataformas, aqui a própria apresentação deixa claro do que o site trata, não existe espaço para ambiguidade ou dubiedade, é tudo sobre pornografia.

Alguns pontos interessantes podem ser levantados a partir dessa nova roupagem que a pornografia assume. Não que eu esteja aqui excluindo todos os problemas possíveis que esses sites pornográficos trazem, como o próprio XVIDEOS que possui em seu catálogo diversos vídeos de sexo não consentido, porém a sua falta de sutileza ao anunciar material pornográfico age por uma via de mão dupla, pois como comunica com clareza do que se trata, se torna muito mais fácil reconhecer tanto para consumo, quanto para rejeição. Um exemplo para esta situação pode ser dado a partir do controle do que as crianças consomem na internet, principalmente com o uso massivo do celular em crianças cada vez menores. O adulto responsável por uma criança terá muito mais facilidade em bloquear o acesso a sites pornográficos, quando estes deixam

---

<sup>44</sup> “*OnlyFans is a subscription social platform revolutionising creator and fan connections.*”

explícitos os seus conteúdos, porém esses mesmos responsáveis terão muito mais dificuldade de aplicar o filtro em sites e plataformas que não indicam em suas apresentações sobre o que seu conteúdo se trata.

As plataformas de compra e venda de conteúdo +18 não se apresentam em nenhum momento relacionadas ao sexo ou a pornografia, elas apenas falam em interação, colocando toda a responsabilidade de uso sobre o usuário, pois é ele quem vai decidir como interagir com seu público, mesmo essa plataforma sabendo que o alto número de acesso se deva a venda desse tipo de conteúdo, ou seja, não é simplesmente uma falta de atenção, mas sim uma estratégia. Essa falta de clareza sobre o real conteúdo, nos leva de volta a discussão no final do parágrafo anterior, onde temos um aumento na possibilidade de crianças tendo acesso a conteúdo impróprio de forma acidental<sup>45</sup>.

Como vem sendo dito no texto, a linguagem adquire neste contexto um instrumento essencial no que diz respeito a banalizar a pornografia, como sendo parte da cultura pop, sem carregar nenhum tipo de constrangimento, reforçando o que Adams (2018) fala sobre o referente ausente agir a favor de um sistema que tem como objetivo esvaziar discussões sérias.

O referente ausente não surge neste contexto, “apenas” como aquele que banaliza, e esvazia de significados, ele se tornou ainda mais indispensável no digital no que diz respeito as diretrizes de segurança e privacidade das plataformas, principalmente naquelas onde elas mais utilizam para divulgação, como no caso do Instagram. Essa mídia que tem como premissa o compartilhamento de fotos, possui uma série de diretrizes que em tese zelariam por um local seguro e livre de discurso de ódio, pornografia e violência. Porém o estabelecimento dessas diretrizes não garante um espaço livre de nada do que foi dito anteriormente, pois os usuários sabem como burlar essas regras, seja

---

<sup>45</sup> O UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) emitiu um relatório em abril de 2021 reforçando o quanto o acesso facilitado a pornografia na internet tem se mostrado prejudicial as crianças. Neste mesmo texto a Unicef cita diversos estudos que analisaram como o consumo de pornografia pode gerar problemas de saúde mental, sexismo e objetificação. Ainda nesse mesmo texto é discutida como a pornografia afeta meninos e meninas de formas diferentes e quais as consequências desse contato tão precoce. O relatório completo pode ser acessado no link:< <http://c-fam.org/wp-content/uploads/Digital-Age-Assurance-Tools-and-Childrens-Rights-Online-across-the-Globe.pdf>> Acesso em 12/10/2023.

recorrendo a uso de um referente ausente, seja “enganando” o sistema a partir não apenas pela troca de palavras, mas também enganando o digital.

### **3.4 - “Trabalha na empresa algoritmo”**

Produzir no digital se constitui como uma experiência completamente diferente daquela vivenciada no real. As dinâmicas mudaram, o espaço não é o mesmo, as regras e os comportamentos não podem ser os mesmo que no real, o digital ele se configura de forma diferente do que estamos acostumados. Mais especificamente no caso da produção de conteúdo +18, grande parte desse produto é realizado de forma caseira e solitária, já não mais temos estúdios como em outros tempos em que a indústria de cinema pornográfico gozava de grande prestígio. Hoje este trabalho é realizado de forma autônoma, porém essa autonomia não significa liberdade, pelo contrário, de certa forma ela se mostra ainda mais exploratória do que o modelo tradicional.

A exploração, o controle da trabalhadora e do seu tempo já não ocorre mais através de um patrão, que está sempre na sua frente te falando o que você tem que fazer ou como você tem que fazer, no lugar dessa figura humana, geralmente representada por um homem branco. Em seu lugar temos o algoritmo, palavra que há alguns era desconhecida por grande parte das pessoas, mas hoje é pronunciada de forma quase mecânica por várias categorias dessas produtoras de conteúdo explícito que acompanho.

Giselle Beiguelman (2021) afirma que algoritmo se configura como um aparato disciplinar de nossa época, o que significa que é ele quem regula as relações no digital. E atualmente pensar e entender o digital é pensar em imagens, isto porque todas as nossas interações neste espaço se dão a partir delas:

As imagens digitais são, sobretudo, mapas informacionais que contêm uma série de camadas, o que permite que sejam relacionadas entre si e com outras mídias, a partir de atributos matemáticos. São esses atributos que vão, por exemplo relacionar determinada coordenada de uma imagem a um texto ou um comportamento (como um movimento ou ativação de escurecimento, por exemplo). (BEIGUELMAN, 2021, p.18).

Beiguelman (2021) está falando dos algoritmos, que são o que ela está chamando de camadas de dados, captadas através de pesquisas que fazemos, de páginas que visitamos, de produtos que consumimos, de artigos que lemos, que quando cruzados geram um direcionamento, como uma sugestão de amizade no Facebook, uma roupa que gostaria de comprar, ou o tipo de mulher que se deseja consumir:

Nas redes sociais, as imagens aparecem atreladas ao lugar e à hora em que são produzidas, e são contextualizadas pelos seus algoritmos, em relação de determinado grupo e segundo os padrões internos dos arquivos digitais. É nesse ponto que a cultura do compartilhamento se cruza com a cultura da vigilância. Somos nossas reações a conteúdos políticos, artísticos e fatos cotidianos. É isso que o mercado chama de “profilagem”, uma forma de acumular dados sobre as pessoas com base em seus gostos e hábitos, que permitirão prever os comportamentos, além de melhorar o direcionamento de seus produtos e propagandas. (BEIGUELMAN, 2021, p.49).

Mas o algoritmo não se aplica apenas para quem o consome nas interfaces múltiplas do digital, essa ferramenta também está em pleno funcionamento para quem produz conteúdo, e neste caso, para as mulheres que produzem os materiais analisados nesta pesquisa antropológica. Desse modo, o algoritmo, enquanto um tipo de agente, se constitui como aquele que te faz existir nas mídias digitais e plataformas online:

Contudo são suas prerrogativas de ordenamento, sempre a partir de um processo de ranking (que tem critérios difusos, indo do número de seguidores ao número de comentários), que determinam quem terá visibilidade nas redes sociais. (BEIGUELMAN, 2021, p.40).

Desta forma, as produtoras precisam se submeter a uma rotina dentro do digital em busca de engajamento, ou seja, elas precisam buscar e criar visibilidade a partir da interação que elas exercem no digital, e para isso elas precisam passar muitas horas por dia conectadas à internet. Surge então nesse contexto as agências voltadas para assessorar a *alt model*, é um serviço que auxilia as produtoras a organizarem sua rotina de trabalho.

Elas se constituem como uma parte essencial para a produtora de conteúdo +18 e isso se deve principalmente pelo grande número de mulheres vendendo esse tipo de conteúdo, desta forma existe um aumento na dificuldade

de alcançar um engajamento, ou de forma simples, de ter um público consumidor. Essas agências funcionam como uma agência de modelos convencional, existe um *casting* de modelos disponíveis, além disso elas fazem um trabalho de categorizar essas produtoras em nichos, próximo a um modelo de categoria pornô, indispensável na pornografia *mainstream*.

Contudo não basta apenas querer fazer parte de uma agência, isto porque muitas destas possuem vagas limitadas, isto porque agenciar uma modelo significa investimento em estratégias de engajamento, o que depende de tempo. Mas as vagas limitadas não se constituem como a única fase de seleção, as produtoras ainda precisam desembolsar uma quantia em dinheiro<sup>46</sup> para aí sim ser um *alt model* oficial de determinada agência. E estar associada a uma agência eleva o nível que essa modelo possui dentro do mercado sexual.

As agências responsáveis por agrupar essas produtoras em nichos possuem cartilhas que ensinam as mulheres que estão pensando em começar a vender conteúdo, a forma correta de criar esse engajamento.

O primeiro passo para todas essas mulheres é o de criar uma rotina de postagens que não as deixem desaparecer do *feed* de seus seguidores por mais de algumas horas. Ou seja, o tempo em que elas devem dedicar as plataformas e mídias sociais é um fator primordial, pois é a partir do tempo em que elas estão disponíveis e interagindo nas redes é que vai permitir a possibilidade de ascensão na carreira delas nesse universo competitivo.

---

<sup>46</sup> No decorrer do campo me deparei com essas agências, sem entender muito bem como funcionava, ou qual o trabalho que de fato elas realizavam. Fiz então um cadastro em uma dessas agências com o intuito de assistir algum tipo de material relacionado a produção de conteúdo +18, porém grande parte dos e-mails enviados quase que diariamente, eu me deparei com o valor que uma produtora deve pagar para estar associada, no caso desta agência, o valor é de 997,00 reais, podendo parcelar este valor.



Postagem de uma agência de *alt models*.

O tempo que é cobrado aqui, faz parte de uma cultura da vigilância, que tem a exposição e o compartilhamento de imagens como base. E este é o ponto mais curioso dessa vigilância, ela não é imposta sobre o indivíduo, mas pelo contrário, ela se dá através da relação entre eles (BEIGUELMAN, 2021). Desta forma você tira o caráter de exploração, que alimenta essa lógica, e a substitui por uma liberdade, pois ela só ocorre se o indivíduo aceitar participar dessa rede:

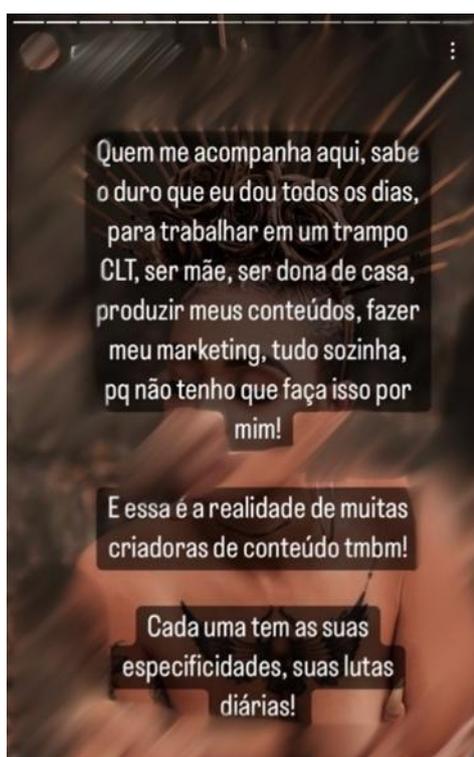
Mas esse estado de “vigilanciamento” ou “compartilhância”, em tradução livre, nutre-se mais e mais das imagens que produzimos e consumimos nas redes sociais. Nunca estivemos tão próximos e tão distantes do pensador francês Guy Debord (1931-94), quando afirmava que o “espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação mediatizada por imagens”. Próximos porque tudo depende de processos de sociabilidade e autoexposição via imagens (ou seja, da relação mediatizada). Distantes porque a relação mediatizada já não mais se efetiva pela alienação do sujeito, em favor de uma exterioridade que o representa, conforme Debord pressupunha. Ao contrário, ela é mobilizada pela ação do próprio sujeito na sua performatividade nas redes. Em uma frase: “Nossa sociedade é menos a dos espetáculos do que da vigilância”, haja vista que a vigilância resulta do espetáculo e vice-versa. (BEIGUELMAN, 2021, pp. 50-51).

Mas o sujeito no digital já não enxerga essa relação mediatizada como algo relacional, isto porque ele acredita que a sua atuação neste espaço é livre, pois ele foi quem escolheu estar lá. Ser um espaço mediatizado por imagens

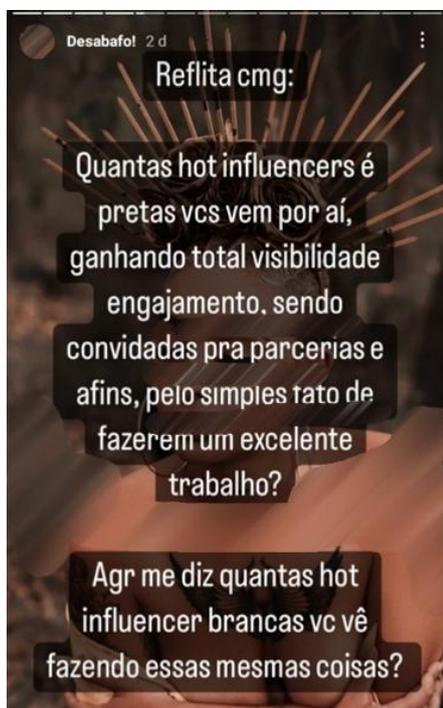
significa também que existe uma construção prévia de quais imagens temos associadas e a que. Segundo Beiguelman (2021) o algoritmo que “organiza” essas imagens e significados não é algo natural, ele é definido a partir de uma perspectiva humana e isso significa que seu universo de dados reflete a sociedade e a cultura as quais pertence.

Os sistemas classificatórios presentes no digital estão repletos de moralidade, racismo e sexismo. Desta forma, uma mulher negra, fora do padrão estético (magra, branca, alta, com traços “finos”) que produz conteúdo terá muito mais dificuldade em criar engajamento do que uma mulher loira, magra e dentro do padrão. Isto porque na lógica do algoritmo – que Beiguelman vai chamar de eugenia algorítmica –, o “mais forte” sempre vence, pois quem possuir uma melhor compatibilidade com esses sistemas classificatórios, em outras palavras, aquele que detém a linguagem mais compatível com o algoritmo, será aquele que alcançará relevância no digital. E neste caso, o mais forte é aquele que corresponde ao padrão dominante da nossa sociedade.

Produtoras negras possuem desta forma uma maior probabilidade de ter o seu trabalho prejudicado, primeiro porque sua página não consegue ter um grande alcance de público, pois a lógica algorítmica, que é alimentada por uma base de dados excludente, contribui com o invisibilização dessas mulheres.



Story compartilhado por N. em seu *Instagram*.



Story compartilhado por N. em seu *Instagram*.

Além disso, este tipo de trabalho realizado no digital depende de uma constante troca de parcerias entre as produtoras, porém esta busca por parceria também possui um perfil padrão, onde novamente a mulher negra é excluída. Nas imagens acima é possível ver parte do desabafo feito por N. na sua página no *Instagram*, onde ela relata as dificuldades em criar e ser convidada para parcerias por ser uma mulher negra, e assim, fora do padrão.

A insatisfação sinalizada por N. está diretamente relacionada ao que Safiya Umoja Noble (2021) fala sobre as formas e decisões digitais que são responsáveis por reforçar e implementar novas maneiras de perfilação racial, que a autora chamou de demarcação tecnológica:

No original, "*technological redlining*". "Redlining", literalmente, "aplicação de linha vermelha", é um termo utilizado nos Estados Unidos para se referir à prática de demarcar áreas urbanas, de acordo com critérios raciais e de classe, para limitar o acesso de moradores das regiões demarcadas a empréstimos financeiros e imobiliários. Tornando visíveis os meios como capital, raça e gênero são fatores na criação de condições desiguais, iluminando várias formas de segregação tecnológica que estão em ascensão. (NOBLE, 2021, p.17).

Ou seja, as mídias e plataformas são regidas por esse sistema algorítmico que é estruturado a partir de discursos e padrões excludentes, porque ainda segundo Noble (2021) a discriminação está embutida nos códigos de programação e nas tecnologias de inteligência artificial, o que resulta em uma produtora como N., que por mais que invista na sua carreira de *alt model*, seguindo as dicas para ter engajamento e criando parcerias, o aparato tecnológico a segrega, pois essas plataformas e mídias são operadas não por uma simples lógica algorítmica, mas sim por uma opressão algorítmica (NOBLE, 2021) que marginaliza ainda mais quem já era visto a margem no mundo fora do digital, como no caso das mulheres negras.

Porém, mesmo aquelas que são compatíveis com o padrão não possuem a garantia de um espaço seguro de trabalho. A segurança aqui ainda não está relacionada à integridade física e mental delas, mas sim à estabilidade. Essas mulheres podem seguir de forma exata a cartilha da boa produtora de conteúdo, postando o tipo certo de conteúdo, criando parcerias, trabalhando uma identidade para sua imagem de modelo e mesmo assim ter a página de divulgação no Instagram excluída por não respeitar as diretrizes e normas do aplicativo, como no caso de algumas produtoras que perderam suas páginas após postar alguma imagem, que segundo as diretrizes do site não é permitido. No digital não são as regras e as leis que regulam esse espaço, mas sim uma espécie de censura que define, algoritmicamente, o direito do que podemos ou não ver:

Como se sabe, computadores não enxergam. Os conteúdos visuais são mapeados pelas palavras que os descrevem e pelo reconhecimento de alguns padrões, como linhas, densidades e formas. Esses padrões designam por exemplo, o que supostamente são seios, nádegas e pênis nas fotos que postamos na internet. Podem, por isso, funcionar como um primeiro operador da censura das imagens nas redes sociais, fato que vem se tornando cada vez mais corriqueiro. (BEIGUELMAN, 2021, p. 119).

O Instagram se constitui como o principal canal de divulgação dessas mulheres, é por meio dele que elas conseguem captar grande parte do público consumidor, porém para existir, no sentido de estar presente, sendo vista por outras pessoas acaba sendo preciso responder a um padrão algorítmico que dá

visibilidade a essas mesmas produtoras. Apenas as imagens não são suficientes para criar esse engajamento, desta forma é preciso que essas imagens estejam acompanhadas de palavras que potencializem o alcance do algoritmo, porém se tratando da produção de conteúdo explícito, não é qualquer palavra que pode acompanhar essas imagens.

Nesse sentido, palavras como: pornografia, excitar, sexo, sexual, nude e os nomes das plataformas de compra e venda de conteúdo, são terminologias quando reconhecidas pelo sistema de diretrizes e algoritmos do Instagram acabam por derrubar a publicação ou até mesmo a página/conta/perfil que a compartilhou.



Story postado por B.

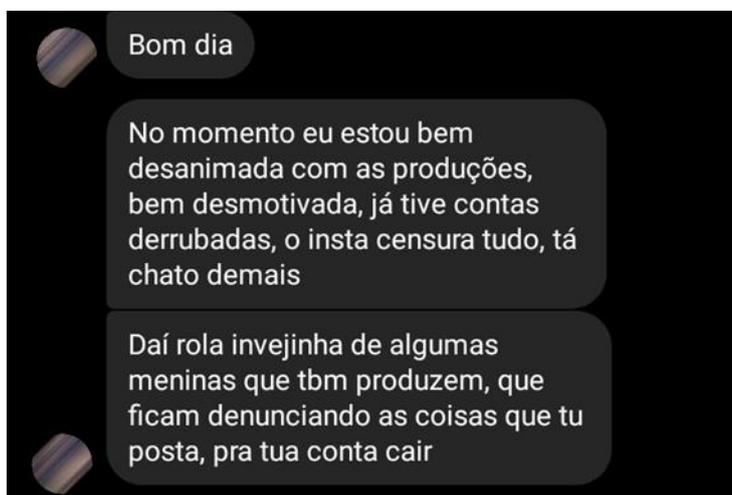
Por mais que elas precisem se encaixar em um padrão disciplinar digital, que se constitui como aquele que vai gerar aumento na visualização e no engajamento, elas também desenvolvem estratégias que possam ser usadas sem ferir esse padrão disciplinar, como no caso da imagem anterior, onde a produtora se utiliza de uma troca de caracteres para burlar as diretrizes do site, porém sem afetar o seu espaço de divulgação, que como pode ser visto, se torna essencial para trabalhar. Buscar formas de burlar as diretrizes das plataformas é algo comum ao dia-a-dia de quem produz conteúdo explícito.

Conseguir um grande número de seguidores é uma tarefa que vem se tornando cada dia mais difícil, sendo assim, ter uma página derrubada<sup>47</sup> significa

---

<sup>47</sup> A expressão “derrubada” refere-se a ter sua página no Instagram excluída pela própria plataforma. As denúncias feitas por outros usuários (mas que também podem ser feitas por robôs ou *bots*) para a plataforma são as responsáveis pela queda das páginas.

um grande prejuízo não apenas referente ao dinheiro, mas também ao tempo, visto que a pessoa que perde a página terá que realizar todo um trabalho para conseguir alcançar o engajamento que ela tinha na página antiga. Com isto muitas delas criam contas reservas no Instagram, pois caso a conta principal seja denunciada, elas possuem uma outra com os mesmos seguidores.



Trecho de conversa com P.

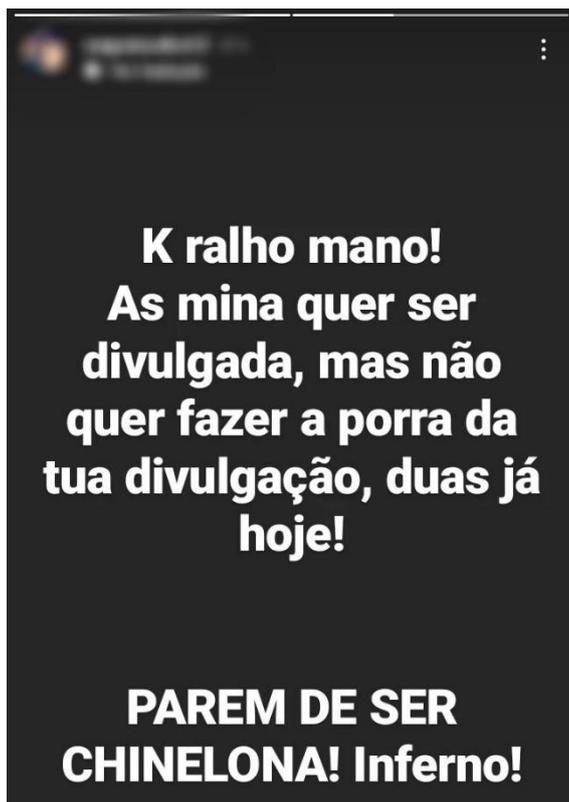
Na conversa P. me conta sobre como a constante possibilidade de ser denunciada para a plataforma a desmotiva a continuar trabalhando, isto porque existe todo um trabalho, que não depende apenas dela, para conseguir alcançar um bom número de seguidores, além de poder criar parcerias com outras produtoras. Porém ao perder uma página, seja por infringir uma das diretrizes do Instagram, ou pelas denúncias motivadas por uma competição, que P. chama na conversa de “invejinha”.

Mesmo com este contexto competitivo, pude perceber enquanto observava mais efetivamente o campo, uma frequente troca de divulgação entre as produtoras. De forma resumida, a troca de divulgação é combinada entre as produtoras, onde cada uma posta em um horário previamente combinado a página da colega de trabalho no seu perfil, desta forma as produtoras conseguem alcançar um maior número de pessoas, além de atingir outros nichos de consumidores, desta forma o seu alcance dentro das plataformas cresce.



Story de P. convidando outras produtoras para troca de divulgação.

Porém por mais que exista esse acordo de trabalho entre as produtoras, eu também pude observar que nem sempre há uma reciprocidade na troca de divulgação. Quando passei a conversar e estar ainda mais presente nesses espaços, pude perceber que existe uma rivalidade muito grande entre algumas produtoras.



Story de P. em resposta a imagem anterior.

Na imagem acima, P. relata de forma irritada o quanto a falta de coletividade está presente entre parte das produtoras. Neste caso, a sua insatisfação se dá por essa falta de reciprocidade na troca de divulgação realizada entre elas.

Dependendo da plataforma onde você perde sua página, você pode nunca mais conseguir recuperar ou criar uma nova. As mulheres que usam o Youtube como canal de divulgação, relatam que essa plataforma possui uma política muito mais severa que, por exemplo, o Instagram. O Youtube possui uma tecnologia de reconhecimento facial<sup>48</sup>, que a partir do momento em que a pessoa tem o seu rosto reconhecido, ela não consegue mais criar uma nova conta. Mas isso não quer dizer que essas mulheres não busquem uma forma de burlar essa

---

<sup>48</sup> O reconhecimento facial é uma tecnologia baseada em *machine learning* (aprendizado da máquina), um dos pilares da inteligência artificial. Funciona a partir de duas operações complementares: rastreamento e extração. O rastreamento é a tradução geométrica de características que são comuns a maior parte dos rostos. Nessa etapa são detectados pontos nodais, como a distância entre olhos, o comprimento do nariz e o tamanho do queixo. Esses pontos, que aparecem com frequência na iconografia relacionado ao reconhecimento facial, são registrados, e o resultado dessas equações é a leitura da face. No processo de extração, as características individuais que particularizam um rosto e o diferenciam de outros são calculadas, por meio de comparações com outras imagens previamente coletadas da pessoa. (BEIGUELMAN, 2021, p. 52).

norma, como por exemplo usar máscaras (como as de carnaval) para não ter o rosto reconhecido. Mesmo sendo uma tecnologia muito eficaz, ela possui falhas, e são nessas falhas que essas mulheres se apoiam para criar novas contas e assim continuar a promover conteúdo.

A competição no digital não se baseia em buscar oferecer um serviço ou produto melhor que o da concorrente, ou então apenas criar um clube de fidelidade que ao final de um tempo estipulado te garante um brinde. A competição aqui tem um caráter mais voraz, que assim como a interlocutora relata na imagem, age como um fator desestimulante. Essa rivalidade constante repousa no que Deleuze (2020) fala a respeito das relações de trabalho na sociedade de controle e a questão envolvendo a produção monetária através de certas formas e modulações.

Na sociedade de controle a empresa introduz o tempo todo uma rivalidade contínua, como uma forma de motivação, que contrapõe os indivíduos entre si (DELEUZE, 2020). As plataformas de compra e venda de conteúdo possuem um discurso que defende o mérito como aquele que define o seu sucesso, de forma didática “tudo depende apenas de você” seria o mantra ensinado pelas empresas para essas mulheres.



Publicação no *Instagram* de uma agência de *alt models*.

A imagem acima é referente a uma postagem de uma dessas agências de *alt models*, intitulada “3 atitudes de uma modelo alternativa foda”. A imagem faz parte de uma postagem que contém quatro “dicas” para as mulheres que estão iniciando a carreira neste trabalho. O texto contido na imagem resume o discurso meritocrático que permeia esses locais de interação. É feita uma transferência de responsabilidade para quem produz, eximindo a plataforma de toda e qualquer responsabilidade para com aquelas que ali trabalham ou busquem se estabelecer enquanto trabalhadoras digitais.

Como exemplo é possível pensar em uma situação onde a produtora de conteúdo +18 não consegue alcançar a sua meta do mês por estar doente, ou por que a competitividade é muito grande, principalmente se tratando de valores baixos. Neste caso a plataforma vai usar da justificativa que a produtora não se esforçou o bastante para contornar essas situações, utilizando um discurso meritocrático, onde aquele que se esforça, independente das adversidades, consegue alcançar um objetivo.

O digital cria um ambiente onde a falta de empatia, se torna muito normal, onde esse tipo de distanciamento acaba sendo impulsionado pela competição entre iguais, com isso, fortalecendo um processo de individualismo, fato que acaba por resultar em indivíduos que não compreendem o que uma coletividade significa para as relações de trabalho em uma sociedade desigual – de forma que este processo é de interesse das empresas, pois elas se beneficiam do lucro causado pela rivalidade.

### **3.5 - Amadorismo, a última peça da nova pornografia**

Até agora estive explorando os principais pontos que são responsáveis pelo desenvolvimento dessa nova forma de produzir pornografia, todas elas de certa forma se encontram e resultam nesse novo modelo. Aqui chegamos ao ponto principal na redefinição da indústria pornográfica – o amadorismo.

Enfatizando que o amadorismo que surgiu, atualmente, nas plataformas de venda de conteúdo não é aquele dos sites pornográficos citados anteriormente, há uma outra lógica envolvida. Na pornografia tradicional, como

nos *stags*, o amadorismo envolvia a falta de saberes técnicos daqueles que produziam e atuavam nos filmes, já na pornografia “clássica” da internet – XVIDEOS e Pornhub – o amadorismo está muito mais relacionado à uma prática, às vezes, criminosa do que uma categoria propriamente dita. Como foi explicado anteriormente no texto, sites como esses tem como objetivo a hospedagem de vídeos, não importando a procedência deles. Mas o que isto significa? Significa que nesses sites, as categorias amadoras estão repletas de vídeos que são compartilhados de forma não consentida, como no caso do *revenge porn* e não apenas.

O “amadorismo” presente nas produções de conteúdo +18 está muito mais ligado ao que Andrew Keen chamou de “culto do amador” (KEEN, 2007), que borrou os limites entre amador e profissional, onde já não se pode mais diferenciar uma atriz pornô de uma criadora de conteúdo, desta forma, qualquer mulher pode ser uma potencial *alt model*. Isto me faz retornar a abordagem que recebi no início do meu campo, onde fui questionada sobre vender fotos e vídeos explícitos, naquele momento não conseguia compreender por qual motivo alguém aborda uma mulher que não conhece e que não se identifica como uma produtora de conteúdo, perguntando se a mesma vende *packs*.

O amadorismo transmite a ideia de realidade, de mulheres reais, o consumidor consegue criar com maior facilidade uma fantasia que envolva essa “mulher real”, pois como cita Dines (2010) esse amadorismo sugere que todas as mulheres no seu dia-a-dia são sexualmente disponíveis para os homens, além disso, é possível traçar também uma relação com a própria pedagogia em torno da masculinidade, que naturaliza a visão do corpo da mulher como um objeto a ser consumido. Porém esse mesmo “amadorismo” deve ser visto aqui entre aspas, porque as grandes produtoras (ou subcelebridades) dessas plataformas não produzem seus conteúdos de forma realmente amadora, isto porque parte delas contratam agências de marketing para cuidar da divulgação de sua marca (que são seus corpos), fotógrafos e editores profissionais, tornando esta

atividade um trabalho profissional como qualquer outro que fosse feito pela Fever Films<sup>49</sup>.

O amadorismo aproxima a fantasia ainda mais do mundo real, tornando esse produto ainda mais irresistível. Uma das facetas do amador, que pode ser chamado aqui de pornografia caseira, é o conteúdo personalizado. Ele nada mais é do que um serviço no qual o consumidor contrata a produtora de conteúdo para realizar uma filmagem ou uma série de fotos, onde a *alt model* irá realizar uma fantasia específica do comprador. Nesta categoria de pornografia, aparece o que Carol J. Adams (2018) chama de “mulher total”, isto é, as produtoras de conteúdo estão para a “mulher total” assim como para o “hambúrguer”: como algo que é objetificado, sem atividade, que precisa ser preparado, remodelado, aculturado, para ser consumível no mundo patriarcal.

E este processo não é específico as mulheres que produzem conteúdo, muito pelo contrário, ele está presente na socialização das mulheres, que aprendem desde muito nova a como se preparar para os homens, através não apenas da imagem, mas também do seu próprio comportamento. Isto porque os homens criam padrões irreais para as mulheres corresponderem a suas fantasias.

As fantasias inclusive constituem uma parte importante da discussão a respeito dos impactos que esses vídeos possuem na vida das mulheres – e não apenas das que produzem esses materiais – pois como cita Andrea Dworkin (1976), não existe fantasia no mundo real, tudo o que se tem sobre o rótulo de fantasia, principalmente na pornografia, implica em situações reais e concretas para os indivíduos. Isto porque, como parte de uma tecnologia de gênero (LAURETIS, 2019), essas fantasias produzem e reproduzem discursos que atravessam os corpos de homens e mulheres de maneiras muito diferentes, ou seja, essas fantasias permeiam a mente dos homens, não tem a ver apenas com o sexo, ou ainda como cita Beauvoir (2016), não é apenas um prazer subjetivo e efêmero, que o homem busca no ato sexual, ele quer conquistar, pegar,

---

<sup>49</sup> Produtora de filmes pornográficos brasileira, atualmente conta com os principais nomes da pornografia brasileira. Grande parte de suas produções possui uma temática alternativa, se destaca por possuir mulheres tanto na atuação quanto na produção de seus filmes.

possuir, ter uma mulher é vencê-la, conquista-la, assim como ele conquista e se domina a natureza.

Entre os homens, o entendimento dessas fantasias entra no campo do poder não apenas simbólico, mas também no físico, onde eles passam primeiro a entender que possuem direito de ter qualquer tipo de fantasia realizada, e que segundo, por possuírem esse direito, as mulheres devem ter a obrigação de satisfazer esses desejos.

A sexualidade das mulheres não existe de forma autônoma, porque dentro da visão ocidental, a mulher (branca) é exclusivamente definida em relação ao homem (BEAUVOIR, 2016), desta forma controlar a sexualidade das mulheres se torna muito mais fácil para os homens, pois nós mesmas não conseguimos desvincular a nossa sexualidade dessa normatividade, que tem na verdade soa muito mais como um maniqueísmo, onde a mulher ocupa o espaço do mal.

Desta forma, a real fantasia que se tem aqui é a da liberdade da mulher, pois por mais que essas mulheres afirmem realizar um trabalho cem por cento livre de qualquer tipo de coerção, elas não são capazes de subverter a representação construída pelos homens através de diversos discursos a respeito das mulheres, seus corpos e sexualidade, pois elas estão o tempo todo produzindo e reproduzindo essas representações, que encarceram a sexualidade das mulheres.

Além disso, o culto do amador se mostra como uma faca de dois gumes para quem produz pornografia no digital, primeiro no momento em que não se reconhece essa atividade como um trabalho, mas sim como uma atividade feita por amor<sup>50</sup>, assim como o significado da palavra. Depois você também retira dessas mulheres os direitos que se tem quando se é reconhecida como uma trabalhadora, essa informalidade pode parecer benéfica num primeiro momento, isto é, quando surge como uma possibilidade emprego para uma mão de obra não qualificada ou excedente para um mercado de trabalho em crise. A

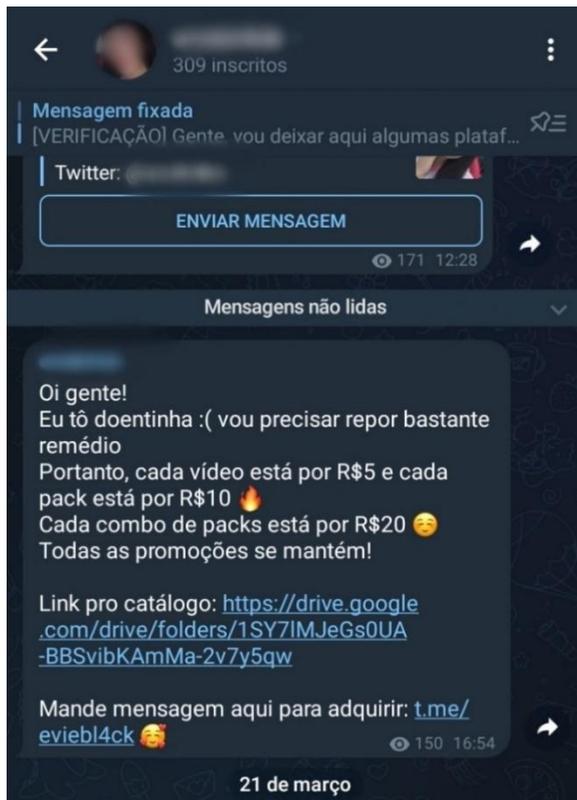
---

<sup>50</sup> Aqui se traz o significado original da palavra amador, que segundo o dicionário Oxford se refere aquele que ou o que ama; que ou o que tem amor a alguma pessoa; amante. Aquele que gosta muito de alguma coisa; amante, apreciador, entusiasta.

informalidade pressupõe a falta de direitos e de reconhecimento, que as torna ainda mais vulneráveis a situações de assédio, pressão, além de não possuírem nenhum tipo de estabilidade.



Grupo do Telegram de prévias das produtoras.



Grupo do Telegram de prévias das produtoras.

Ao mesmo tempo esse amadorismo não é apresentado para quem vende conteúdo informalmente, mas sim como uma forma de empreendedorismo. Esse discurso é utilizado de maneira exaustiva em vários trabalhos no digital e neste não deixa de ser diferente, essas mulheres são captadas por uma ideologia meritocrática que defende a que qualquer um é capaz de conseguir qualquer coisa a partir do esforço próprio, porém sabe-se que esse é um discurso mentiroso, que serve apenas como uma justificativa para exploração, como no caso dessas jovens mulheres.

Se a produtora não está conseguindo engajamento foi porque ela não soube organizar o seu tempo e dedicar parte do seu dia para criar alcance. Se não consegue bater as metas de venda, isto também é culpa delas, pois elas não seguiram a cartilha que diz que elas precisam doar parte do seu dia buscando interação com os clientes. A liberdade que é defendida como um dos principais benefícios deste trabalho, na verdade se mostra como solidão, pois de fato essa é a situação que essas mulheres se encontram.

O amadorismo aqui representa uma possibilidade de exploração, isto porque ele é informal, não assegura nenhum direito a essas mulheres. Ou seja,

voltamos ao início do trabalho sexual, onde as trabalhadoras não eram reconhecidas como tais, porém diferente da década de 80 (período em que o trabalho sexual passou a ser reconhecido como trabalho), onde as trabalhadoras sexuais se reconheciam e se entendiam como uma classe, no digital não existe o sentimento de grupo, como dito, é um trabalho solitário, que é potencializado por uma falsa meritocracia.

### **3.6 - Mulheres e o mercado informal**

Todas as pessoas que acompanho na pesquisa possuem uma similaridade, todas iniciaram o seu trabalho durante a pandemia e isto se constitui como um dado importante para pensar o campo a através da constante associação entre mulheres e informalidade.

A informalidade como problema de gênero pode ser exemplificada na fala da jornalista e ativista pelo direito das mulheres, Ruchira Gupta (2010):

Eles recusam-se a olhar ou reexaminar o fato de que as políticas econômicas e sociais tornam indisponíveis para mulheres outros empregos lucrativos e que a discriminação de gênero e a segregação ocupacional direcionam as mulheres para determinados empregos. (GUPTA, 2010, p. 02).

Porém, mesmo Ruchira Gupta (2010) reconhecendo a informalidade como um problema para as mulheres, a ativista possui uma argumentação abolicionista, que afirma que o sexo não pode ser visto como forma um trabalho, o que elimina a discussão sobre o reconhecimento dessa categoria de mulheres como uma classe trabalhadora.

Apesar de discordar da sua perspectiva abolicionista, concordo com a forma como a autora explica os fatores que expõem as mulheres ao mercado sexual, principalmente a partir dos marcadores sociais (e aqui é preciso se atentar o quanto os marcadores sociais como, raça, etnia, idade, escolaridade e outros agem como catalisadores neste contexto).

A pandemia de COVID-19, não deixou saldos negativos apenas no que diz respeito ao número de mortes provocados pela doença (no Brasil e no mundo), mas também foi responsável (juntamente a outros fatores) pelo

aprofundamento de uma crise econômica (e sanitária) que por sua vez foi responsável pelo aumento da informalidade<sup>51</sup>. O aumento na informalidade não foi um fator presente apenas no Brasil, mas também em outros países da América Latina, como no caso apresentado na reportagem do jornal *El país* intitulada: “*OnlyFans* aproxima milhares de jovens da prostituição na América Latina”<sup>52</sup>.

A frase que abre a reportagem evidencia a realidade enfrentada por grande parte dessas mulheres, que dentro de um contexto de crise, enxerga na informalidade a sua única alternativa: “Letícia tentou trabalhar na pandemia sem ter que expor seu corpo.”. A entrevistada buscou uma alternativa de trabalho que não envolvesse o uso do seu corpo, mas assim como diversas pesquisadoras indicam, a construção de uma diferenciação no campo do trabalho através das “qualidades naturais” das mulheres, foi responsável por tonar o corpo das mulheres em seus instrumentos de trabalho (KERGOAT, PICOT e LADA, 2009).

A declaração de Letícia, 19 anos, evidencia o quanto o gênero se torna um dos principais fatores no que diz respeito a ocupação informal. A dificuldade de Letícia de entrar no mercado de trabalho está diretamente relacionada com a fala anterior de Ruchira Gupta (2010), isto é, existe uma estrutura política, social e cultural que posiciona a mulher na informalidade.

Ainda na reportagem, a pesquisadora Livia Mortelle do Centro de Pesquisas e Estudos de Gênero da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), aponta que o motivo econômico, ou seja, a falta de dinheiro, a dificuldade inserção no mercado de trabalho, constitui 90% do motivo da entrada das mulheres no mercado do sexo e o contexto de crise econômica foi um fator catalisador neste sentido.

---

<sup>51</sup> A informalidade alcançou o patamar dos 41,6% da população no ano de 2020. Ainda é possível ver o quanto a informalidade está ligada a gênero, raça e classe. “Trabalho, renda e moradia: desigualdades entre brancos e pretos ou pardos persistem no país.” Adriana Saraiva, Brasil. 12/11/2020. Disponível em:< <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29433-trabalho-renda-e-moradia-desigualdades-entre-brancos-e-pretos-ou-pardos-persistem-no-pais>> Acesso em 12/04/2022.

<sup>52</sup> “Onlyfans aproxima milhares de jovens da prostituição na américa latina.” Georgina Zerega, México. 06/12/2020. Disponível em:< <https://brasil.elpais.com/sociedad/2020-12-06/only-fans-aproxima-milhares-de-jovens-da-prostituicao-na-america-latina.html> > Acesso em:12/04/2022 .

A divisão sexual do trabalho possui um grande peso quando falamos sobre informalidade e pensamos neste caso citado na reportagem, principalmente porque a divisão sexual foi o que estabeleceu o lugar das mulheres no social e no mundo do trabalho (FEDERICI, 2017), sendo que essa diferença entre homens e mulheres é ainda atravessado aos marcadores sociais que agem para aumentar a desigualdade.

A divisão sexual é vista aqui a partir da perspectiva apresentada por Helena Hirata:

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.). (HIRATA, 2007, p. 599).

A autora ainda complementa:

Essa forma particular da divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher). Esses princípios são válidos para todas as sociedades conhecidas, no tempo e no espaço. (...) Esta rebaixa o gênero ao sexo biológico, reduz as práticas sociais a “papéis sociais” sexuados que remetem ao destino natural da espécie (HIRATA, 2007, p. 599).

Ou seja, a divisão sexual do trabalho não apenas cria diferenças, como também as torna naturais. O que se tem agora é a tarefa de pensar a divisão sexual em um mundo globalizado, que ao mesmo tempo em que trouxe avanços para as mulheres no campo do trabalho, ela ainda continua a reforçar e naturalizar as diferenças, o que Helena Hirata (2007) chama de paradoxo do tudo muda, mas nada muda.

Este paradoxo pode ser encontrado no mercado sexual, primeiro quando pensamos que grande parte dos proprietários de produtoras de filmes são homens – por mais que nos últimos anos tenha aumentado o número de mulheres produzindo, dirigindo filmes e materiais explícitos, grande parte das pessoas que trabalham como atrizes, ou no caso da pesquisa, como produtora de conteúdo, são mulheres. Ou seja, existe uma demarcação da mulher como

aquela que vende o corpo para o sexo, enquanto os homens seriam aqueles que estão em uma posição superior, agindo em grande parte do tempo como o intermediário ou atravessador dessas atividades.

Como foi dito, hoje o número de mulheres produzindo filmes ou os próprios conteúdos aumentou, o que significa uma mudança e um avanço para as trabalhadoras sexuais, porém como relatado na reportagem e afirmado por Ruchira Gupta (2010), grande parte das mulheres acaba sendo levada a essa fatia do mercado, não por uma simples escolha, mas por uma estrutura que há coloca muitas vezes em uma situação onde não há de fato uma escolha, mas uma consequência. Desta forma, o que Helena Hirata (2007) apresenta como um paradoxo do tudo muda, mas nada muda é entendido sobre a forma que a estrutura sempre age afim de sempre manter a diferença e a distância entre homens e mulheres através da divisão sexual do trabalho.

Ou seja, por mais que mudanças estejam sendo feitas em prol de uma maior inserção das mulheres no mercado de trabalho, e de fato as condições tenham mudado em algumas profissões, como no caso das produtoras de conteúdo e uma pretensa autonomia, ainda assim é possível perceber que existe uma diferença quando se pensa em trabalho feminino e masculino, isto porque a divisão sexual do trabalho possui uma plasticidade (HIRATA, 2007), que impede o avanço em direção a uma igualdade.

## Capítulo 4 – Plataformização do trabalho sexual ou plataformização do proxenetismo?

Uma questão muito recorrente na minha pesquisa durante a inserção no campo, foi o tipo de discurso envolvido na propaganda da pornografia de plataforma dentro das esferas digitais, em contraste com a narrativa positiva que minhas interlocutoras apresentaram, desse modo, acabei sentindo que nunca estava fora de qualquer tipo de conversa esse discurso positivo, não apenas nas relações criadas entre elas e eu, mas também com o seu público.

Aqui cabe pensar, além, de qual o tipo de público que consome esse tipo de conteúdo, não apenas como consumidores, e mirando as produtoras, grande parte desse grupo corresponde a jovens mulheres, ou seja, esse trabalho também é uma espécie de propaganda para a indústria do sexo ao ter em jovens a sua forma de exposição.

Muitas meninas seguem esses perfis como modelos de vida a serem seguidas e uma das seguidoras mais famosas que acompanho é K., que aqui eu vou me referir apenas como K., a modelo de 21 anos, natural de Minas Gerais, vem há cinco anos construindo uma carreira de sucesso entre as grandes produtoras de conteúdo, sabendo usar uma estratégia muito importante para essa atividade, saber segmentar o seu público.

Como já disse em capítulos anteriores, mais do que ter seguidores e clientes, é preciso saber encontrar um nicho para ocupar, dessa forma você captura um público que possui um tipo de interesse/fantasia mais específico e assim consegue manter a sua base de clientes ativos melhores, já que isto cria uma maior afinidade entre produtora e consumidor, o que faz com que ela saiba entregar de forma mais estratégica e efetiva o tipo de conteúdo que eles esperam.

K. criou o seu nicho a partir do universo *cosplay*, ela, uma jovem mulher com traços levemente infantis, traços esses que são muito valorizados dentro dos animes e mangas e conseqüentemente na prática do *cosplay*. A produtora de conteúdo investe muito na sua imagem para ser o mais fiel possível a personagem que ela criou. Pois para além das fantasias usadas para se transformar em personagens, K. também é uma personagem, ela já apareceu

em vários portais de notícia com matérias falando sobre o seu sucesso econômico e midiático, sobre o seu faturamento e pedidos inusitados que recebe, como um pedido de casamento acompanhada de uma oferta em dinheiro.

Outra forma desenvolvida por ela para captar e fidelizar seguidores e clientes se deu a partir da sua comunicação. K. fala como uma adolescente doce, chamando todos os seus seguidores de “xuxu”, como uma espécie de apelido carinhoso, que cria uma maior aproximação entre esses dois polos, ou seja, quem produz e quem compra. A linguagem usada é muito importante no que diz respeito a construção da personagem da *alt model*. Nem todas irão investir na mesma forma que K., pois como foi dito anteriormente, você precisa conhecer o seu público e que tipo de fantasia ele busca.

Consegui obter uma boa observação sobre isso, pois mesmo não sendo uma estratégia no início, as interlocutoras que acompanhei pertencem a nichos diferentes, tendo apenas uma que se assemelha ao estilo de K. As outras entram em estilos diferentes, que serão melhores explorados quando eu voltar a falar individualmente de cada interlocutora.

A personagem de K. recebe grande investimento, a modelo investe em musculação regular, possui dentes caninos afiados, fruto de um procedimento para deixar o seu sorriso parecido com a dos personagens de animes e mangás. A partir da sua carreira de modelo alternativa, ela também passou a investir em outros campos, como a venda de brinquedos eróticos personalizados, entre eles um corpo de silicone que imita os seus seios, além de velas com aroma da sua vagina. K. também investiu na carreira musical se tornando também uma cantora de músicas que misturam pop e funk, suas apresentações musicais são focadas na sua performance no palco, que envolve danças sensuais, porém sempre evocando uma energia pueril, que dialoga com a imagem infantil que é vendida juntamente de seu conteúdo +18.

K. se tornou um ícone dentro deste universo, ela ostenta carros, casas, viagens, eletrônicos de última geração, um mundo completamente inacessível para a imensa maioria das pessoas, e todos esses luxos foram obtidos segundo a mesma a partir de seu trabalho como modelo alternativa.

A *alt model* lançou também uma consultoria para meninas que querem trabalhar com a pornografia de plataforma, onde ela promete ensinar passo-a-passo em como se transformar em uma grande produtora, assim como ela. Esse curso seria uma forma intensiva de aprender em pequenos passos como se inserir no mercado da pornografia de plataforma de forma mais autônoma, sem a necessidade de ser assessorada por uma agência.

O programa se chama, “*Alt Model* de Sucesso”, e em um dos vídeos de propaganda desse seu empreendimento, K. diz que essa pode ser a chave do sucesso para quem quer trabalhar como uma produtora +18. Assim como vários outros cursos que dizem ensinar a fórmula do sucesso na internet, a empreendedora aqui começa disponibilizando uma *live* gratuita. Nessa *live* de lançamento ela promete tirar dúvidas e contar sobre a mentoria. Essa é uma estratégia largamente usada para se vender curso na internet, primeiro é oferecido uma oportunidade de participar de um grupo de forma gratuita, porém dentro dele você tem que pagar diversas aulas e materiais para poder ir tendo acesso às informações, e aqui temos a repetição dessa prática, pois logo após a *live* gratuita disponibilizada, K. posta um *story* falando de um curso especial que faz parte da “jornada da *alt model* de sucesso”, onde ela vai explicar ainda melhor como alavancar a carreira.



**QUEM VAI TE ENSINAR**

É artista, digital influencer, criadora de conteúdo +18, performer cosplayer, empresária e investidora e já faturou mais de 4 Milhões de reais antes dos 22 anos com conteúdo adulto.

Atualmente com mais de 3 milhões de seguidores no tiktok, mais de 800 mil no instagram, mais de 400 mil inscritos no Youtube e mais de 1 Milhão de ouvintes mensais no Spotify, vem se expandindo cada vez mais em vários nichos e mercados.

Site do curso de K. Acesso em julho de 2024.

Já no vídeo oficial de lançamento, K. aparece com roupas que são lidas como de “mulheres de negócios”, vestindo um casaquinho, saia social curta, maquiagem social mais sóbria, sentada de pernas cruzadas em um *take* que pega a sua imagem levemente angulada para cima. Aqui não existe a personagem K. infantilizada, com trejeitos fofos e dóceis que lembram a sua inspiração nos desenhos japoneses. Aqui K. que se apresenta como influenciadora digital, cantora, compositora, criadora de conteúdo em várias plataformas, empresária, investidora, tudo falado exatamente nessa ordem. Ela encerra a sua apresentação afirmando que além de todas essas funções que se dedica, ela alcançou o seu primeiro milhão aos vinte anos de idade e ela pretende contar um pouco sobre a sua trajetória até a cifra milionária para seus seguidores, para assim ajudar aquelas e aqueles que buscam o mesmo objetivo que ela.

Como grande parte desse tipo de curso, o mentor, no caso aqui a mentora, inicia dizendo que a sua motivação está em ensinar a todas e todos a terem sucesso assim como ela. Esse discurso é visto frequentemente no digital, onde a cada clique você se vê quase que seduzido a propagandas que prometem fazer com que você alcance o sucesso de forma fácil, onde você apenas precisa seguir todos os passos que será passado no curso. Cabe dizer que o sucesso aqui está diretamente relacionado ao dinheiro, algo que não é difícil de se constatar tendo como base a sociedade que vivemos. Porém é importante se atentar o quanto o dinheiro é o catalizador dessa lógica, ainda mais quando ele vem com a promessa de ser fácil.



*Cabeçalho presente no site do curso de K. Acesso em julho de 2024.*

**APRENDA O PASSO A PASSO DO  
ZERO TOTALMENTE NA PRÁTICA  
COM UMA DAS PIONEIRAS NO  
MERCADO DE CONTEÚDO ADULTO  
QUE ATUALMENTE FATURA MAIS  
DE 6 DÍGITOS POR MÊS.**

Descubra os maiores segredos dos influenciadores  
e se torne uma ALT MODEL de sucesso.

Quero ter acesso

*Propaganda do curso de K. Acesso em julho de 2024.*

A propaganda do curso de K. contém diversas palavras e frases que fazem parte do que Ricardo Antunes (2020) chama de nova gramática do capital. Essa gramática tem como propósito substituir termos e conceitos relacionados ao trabalho, afastando cada vez mais o trabalhador dos seus direitos e reconhecimentos enquanto trabalhador, e facilitando ainda mais a exploração por parte das grandes empresas. K. não apenas dá dicas sobre como gravar conteúdo e se aproximar dos seus seguidores, mas grande parte dessa pedagogia do sucesso envolve um discurso que desvaloriza a categoria “trabalhador” e valoriza o “empreendedorismo”. O problema desse discurso empreendedor é que ele vende a ideia de que a categoria “trabalhadora/trabalhador” é ultrapassada e que na verdade apenas atrapalha o processo de quem busca por uma progressão econômica.

O site anuncia o valor do curso originalmente como 497,00, porém agora ele está num valor especial para as vinte primeiras que assinarem, custando agora o valor de 97 reais se o pagamento for realizado à vista, já parcelado o preço sobe para 118,09 reais. Quando você é direcionado para a página de pagamento e contratação do programa, a página abre com um *banner* informando que as vinte primeiras que contratarem o curso também irão receber uma pulseira exclusiva. Acima dessa imagem ainda é mostrado um cronômetro que conta os minutos para que o “valor promocional” acabe e você perca essa

grande oportunidade. Porém você pode abrir quantas vezes quiser, em qualquer dia, que tanto relógio, quanto brinde estarão esperando pelo próximo assinante.



Propaganda de K. Acesso em julho de 2024.

“Seja uma das 20 primeiras que acessar e receba uma pulseira exclusiva da K.”. É interessante perceber aqui o quanto o direcionamento da linguagem é todo voltado para o gênero feminino, reforçando o quanto esse tipo de atividade é associada às mulheres, ou seja, a ideia de trabalhar com sexo pressupõe a mulher como seu alvo maior. Mas por quê? Quando falo das agências de *alt model* nos capítulos anteriores, lá também é possível ver esse mesmo direcionamento.

“Descubra como ganhar 10k por mês já nos próximos 30 dias criando conteúdo adulto digital, apenas com o seu celular”. Esta é a frase que se encontra no topo do site do curso vendido por K. O seu projeto promete um grande retorno financeiro, pois ter uma renda de 10 mil reais atualmente no Brasil é algo distante da maioria da população, ainda mais quando levamos em conta o impacto da pandemia no mundo do trabalho.

Esta frase apresenta uma importante questão que pode ser considerada uma das chaves para entender o mundo do trabalho atualmente, a dependência do celular e conseqüentemente da internet para se trabalhar. Este é um ponto que Ricardo Antunes (2020) apresenta sobre as novas relações de trabalho, onde o celular se tornou o instrumento central para qualquer tipo de trabalho e o quanto isso, apesar de num primeiro momento parecer ser algo que traria maior

acesso e liberdade para os trabalhadores, se mostrou na verdade o contrário, isto porque o trabalho através do digital, e especificamente com o celular se mostra como uma forma de controle ainda mais agressivo que o controle que se tem no trabalho presencial. Isto se dá, pois apesar de uma ideia de “fábrica” trazer a perspectiva do lugar fechado e controlado.

Enquanto que o trabalho pelo celular vende a ideia de pretensa liberdade, pois em tese você possui autonomia para realiza-lo do lugar que deseja ou prefere, onde você mesmo faz o seu horário e todas essas ditas vantagens que são reproduzidas e repetidas à exaustão, são na verdade uma máscara para esconder o quanto o trabalho digital aprisiona a trabalhadora e a torna completamente dependente dele.

Essa seria uma das características do trabalho na indústria 4.0, onde segundo Antunes (2020) a logística empresarial será toda controlada digitalmente, e a partir das observações que foram feitas durante a pesquisa, foi possível ver o quanto este controle está se desenvolvendo de forma rápida. Segundo Marco Gonsales (2020), a indústria 4.0 se constitui como um conjunto de tecnologias inovadoras, como a nanotecnologia, plataformas, IA, robótica e representam um salto de qualidade na capacidade de organizar e de controlar o trabalho.

Para Ricardo Antunes (2020) as tecnologias de informação e comunicação configuram-se como um elemento central entre os distintos mecanismos de acumulação criados pelo capitalismo financeiro do nosso tempo, ou seja, o digital e o celular se tornam os elementos protagonistas da economia de trabalho atual, e além de afetar as relações de trabalho, também afetam o próprio entendimento de trabalho pelos próprios trabalhadores, pois como se deixa de pensar no trabalho ou no ambiente de trabalho como uma estrutura, isto porque se tem a pretensa ideia de que não existe uma hierarquia e que o trabalhador é livre para se organizar, porém essa lógica é apenas fantasiosa, pois como foi possível observar durante a pesquisa, as pessoas estão cada vez mais alienadas ao trabalho no digital, chegando a um limite onde não se sabe onde termina o trabalho e começa a vida privada do trabalhador.

Basta retornar ao capítulo um ou dois, onde descrevo o dia de algumas de minhas interlocutoras, apesar delas sempre bradarem o quanto se sentem livres por poder produzir o seu conteúdo da forma que quiserem, elas precisam estar o tempo todo presentes no digital, pois elas são responsáveis por tudo que diz respeito ao trabalho delas, e elas sabem que para existirem nesse ambiente, elas precisam estar sempre conectadas, criando relações com seus seguidores, além de ter que postar conteúdo todos os dias, não existe feriado, final de semana ou férias. Inclusive, quando essas produtoras postam que estão de férias, elas estão ao mesmo tempo usando os locais onde estão para produzir novos conteúdos em lugares diferentes, ou seja, estão sempre buscando por novas formas de inovar o seu conteúdo.

Com base no acompanhamento que fiz durante o meu campo, as únicas vezes que as produtoras de conteúdo que observei deixaram de postar (ou seja, trabalhar), foi durante algum tipo de crise causada pelo trabalho, por uma espécie de esgotamento físico e mental, e não por uma pausa feita como forma de descanso ou férias, direito que todo trabalhador deve ter. Isto porque o digital age como um instrumento de controle, supervisão e comando na vida dos trabalhadores, onde a expansão desse tipo de trabalho digital vem destruindo a separação entre trabalho e tempo de vida (ANTUNES, 2020).

Outro discurso importante dentro dessa lógica dessa nova forma de trabalho está relacionado a linearidade, tudo é visto como etapas bem definidas de como agir, de como trabalhar, de como buscar interações e conexões com outras pessoas. Porém o discurso se mostra uma falácia quando olhamos o próprio funcionamento do digital, isto porque o digital possui mecanismos de funcionamento que estão para além do esforço humano. O que quero dizer com isso, é que a lógica algorítmica não respeita os passos ou processos que o sujeito estabelece para si ou seu trabalho. Como foi explicado em capítulos anteriores, o algoritmo possui um funcionamento que se dá através de uma espécie de banco de dados que é alimentado por alguma pessoa. E como em qualquer processo que envolva o humano, existe subjetividade, e a subjetividade dentro da lógica algorítmica está em quais dados e informações são escolhidas pelo indivíduo, ou melhor, pelas empresas que a dominam.

As empresas que dominam esses meios, ou como cita Safiya Noble (2021) esses monopólios de informação, como o Google - Alphabet e META (Facebook, Instagram e WhatsApp), que são os detentores dos meios que criam e distribuem os resultados de buscas para promover os seus próprios interesses, desta forma, o pragmatismo colocado na venda de cursos como de K. podem ser vistos como uma falácia, já que mesmo que você entenda um pouco sobre algoritmo e engajamento, isso não irá significar que você irá conseguir promover o seu conteúdo, pois o que vai ou não receber alcance, é aquilo que os monopólios de informação delimitam como o que serve ou não para ser um conteúdo para um determinado público.

Apesar do que foi dito anteriormente, dentro do digital se vende ainda ideia de que o caminho para o sucesso envolve puramente uma lógica pragmática, e esse também é outro ponto importante a se destacar. É comum nesses projetos, ou nas próprias agências de *alt models*, o entendimento de que tudo que envolve esta atividade se dá a partir de etapas bem definidas. Vai se normalizando e naturalizando a ideia de que a vida é construída por etapas, tal qual nós víamos as sociedades e culturas sendo explicadas no início da antropologia como disciplina. Por exemplo: *“Perdendo a timidez e a vergonha em 7 dias”*, é um dos passos dentro do projeto para se tornar uma *alt model* de sucesso, se em sete dias você não consegue perder a timidez, isso mostra que você é falha e fraca, pois alguém que alcançou o sucesso está te passando uma, possível, fórmula que utilizou, e se nela deu certo, por qual motivo não daria certo em você?



Lições e passos do curso de K. Acesso em julho de 2024.



Lições e passos do curso de K. Acesso em julho de 2024.

Dentro do que podemos chamar de “plano de aula”, K. apresenta os passos para se tornar uma modelo alternativa de sucesso. O primeiro módulo é uma espécie de “resumão” sobre todos os pontos mais importantes para se entender sobre o mundo da pornografia de plataforma. Para além das críticas que possam ser tecidas a respeito das falsas promessas que o curso garante, como a garantia de que uma modelo possa ganhar 10 mil reais no primeiro mês

de aplicação das aulas, o primeiro passo apresentado por K. é de grande valia para as meninas que estão começando nesse universo.

As explicações sobre a plataforma que K. oferece em suas aulas, foi o que levei semanas para aprender com as minhas interlocutoras em 2021, e é preciso levar em consideração que eu estava buscando aprender a partir da visão de pesquisadora e não da de trabalhadora, como é no caso de quem compra esse projeto.

O primeiro passo para essa jornada se tornar completa se dá através do conhecimento prévio sobre o mundo da pornografia de plataforma, entendendo o básico para assim a produtora poder pensar nos próximos passos, ou seja, se ela pretende trabalhar visando um público geral ou se ela vai escolher se associar ou criar um nicho. Pensando em termos de engajamento, se associar a um nicho se torna muito mais interessante no que diz respeito a conseguir fidelizar seus clientes. Pois quando se tem clientes que sabem o que procuram, fica mais fácil de você corresponder a expectativa do seu público. Trabalhar para um público geral pode significar maior alcance, pois a produtora não fica restrita a um tema e um só público, porém a fidelização se torna mais difícil, pois são pessoas que não estão em busca de um tipo de conteúdo específico, sendo assim essas pessoas flutuam mais entre perfis, o que não se torna vantajoso para a produtora de conteúdo.

O segundo passo seria uma espécie *handmade social media*. Basicamente é o momento onde a produtora deve aprender a planejar, organizar todo o seu conteúdo e suas contas nas mídias sociais digitais. É importante destacar aqui que as plataformas só entram em cena após todo um trabalho de organização de outras mídias, seria a ideia de você construir uma espécie de “fama” pelas redes sociais, e após isso migrar para as plataformas de compra e venda.

E logisticamente falando esse caminho se torna o mais interessante, pois para você poder ter clientes/assinantes, você precisa criar interesse nas pessoas através de algum meio, e este meio são o Instagram e TikTok. Você precisa alimentar seu perfil e instigar esses seguidores a quererem mais da sua imagem e assim migrarem para as plataformas de venda de conteúdo adulto e passar de

seguidor para assinante. Aqui você deve começar a colocar em prática os ensinamentos da primeira aula, já aplicando qual direcionamento você pretende dar enquanto produtora e buscando sempre maneiras de se destacar e ganhar mais seguidores.

Após a produtora organizar suas páginas, definir sua imagem, chega a hora dela começar a criar conexão com o seu público, e é no terceiro módulo que K. ensina como você deve se portar nas suas redes como forma de criar uma base sólida de seguidores, que neste caso podem ser categorizados como fãs. Essa relação pode ser considerada como de fãs, pois durante a pesquisa me deparei com algumas situações onde brigas entre produtoras foram expostas através de *prints* e vídeos e durante a publicação desses materiais, as postagens eram inundadas de pessoas defendendo um lado ou o outro, como uma *fanbase*<sup>53</sup> que enxerga seu ídolo para além dos defeitos humanos.

Para criar esse vínculo de ídolo e fã, as *alt models* devem estar sempre presentes nas redes sociais, elas devem interagir através de *lives*, enquetes, *storys*, sorteios e qualquer outra forma de interação que esteja em alta no determinado momento. Aqui entra a dificuldade de existir barreira entre trabalho e vida pessoal no digital (ANTUNES, 2020), pois para a interação existir, a *alt model* precisa estar todo o tempo conectada, acompanhando quais são as *trends* para assim poder estar sempre nas buscas e sugestões.

Aqui também é importante você criar uma espécie de linguagem para si. Por mais que no digital prevaleça a ideia da imagem como a sua força motor, a linguagem se mostra como uma forma poderosa de cativar e criar conexão com as pessoas, isto porque a linguagem não se resume a palavras, mas também a gestos, uma linguagem corporal. K., por exemplo, tem uma forma de chamar os seus seguidores, todos são chamados de “xuxu”, uma espécie de apelido carinhoso que torna a relação entre ela e o público mais próximo. A linguagem talvez seja uma das formas mais eficazes da *alt model* se conectar e criar vínculo com seu público.

O quarto módulo trata de questões mais técnicas sobre o trabalho no digital. É neste momento em que a *alt model* passa a entender sobre

---

<sup>53</sup> Termo usado para se referir a uma comunidade ou grupo de fãs.

engajamento, algoritmos, dados. Esse ensinamento não é dado a partir de uma lógica científica, mas sim prática. Aqui se aprende como crescer através de parcerias entre produtoras de conteúdo, além disso se aprende como atrair especificamente assinantes para seu conteúdo.

No quinto módulo K. inicia a apresentação do que podemos considerar o mais básico para começar na carreira de *alt model*, decidir qual plataforma de compra e venda você vai usar. Esse é um passo importante para as produtoras, para assim cometer menos “erros” que possam prejudicar a busca pelo sucesso.

Então após a futura *alt model* de sucesso aprender os passos necessários para se dizer uma modelo, chega o momento em que ela de fato vai começar a vender o seu conteúdo, por isso é necessário saber onde você pode vender esse conteúdo e para isso é necessária uma plataforma específica e é aqui que K. vai explicar em sua aula sobre a diferença de ganho nas diferentes plataformas, como por exemplo, a modelo prefere ganhar em dólar ou real? Se ela prefere em dólar, ela precisa pensar em uma estratégia para captar clientes e assinantes que possam pagar em dólar e dessa forma ela deve focar sua atenção a plataforma *Onlyfans*, mas se essa mesma produtora pensar melhor e analisar que talvez o seu público prefira pagar em real, já que o pagamento em real você não precisa ter um cartão de crédito, você pode pagar por boleto, ela deve optar pelo *Privacy*. Nenhum passo pode ser dado sem um planejamento prévio, pois cada escolha aqui é uma forma de você conseguir mais ou menos engajamento e conseqüentemente ficar mais ou menos distante do seu objetivo final que é se tornar uma *alt model* de sucesso.

O sexto passo tem como objetivo discutir a segurança no mercado sexual, mais especificamente em como se proteger de ter suas fotos vazadas para sites e grupos, fazendo com que a modelo perca seu trabalho e conseqüentemente dinheiro e clientes. Além disso esse módulo também promete auxiliar essas mulheres a lidarem com a pressão social que este tipo de atividade sofre e que afeta o psicológico delas, já que moralmente quem trabalha no mercado sexual é estigmatizada como uma mulher que não merece direitos ou respeito, e se tratando do digital esse tipo de crítica e julgamento é ainda maior. Primeiramente porque o alcance do seu trabalho é muito maior que ao de uma atriz pornô brasileira, principalmente porque esse conteúdo chega a pessoas conhecidas e

isso pode se tornar algo incomodo. Além disso, é inegável a forma como o trabalho sexual tomou proporções que não estávamos habituados, a própria questão do trabalho, em tese, partir completamente da própria modelo já demarca a diferença do digital para o tradicional. Aqui a modelo deve construir a sua carreira a partir da sua imagem pessoal, por mais que elas criem personagens como no caso de K., o que ela compartilha é sua vida, ou seja, mais uma vez a barreira entre trabalho e vida privada sofre um apagamento.

A garantia de existir alguma espécie de segurança nesse trabalho não passa de uma fábula. Começando pela dita possibilidade de proteger o conteúdo vendido de vazamento, essa é uma afirmação feita por várias meninas que se mostra completamente fantasiosa. O conteúdo, neste caso as fotos e vídeos pornográficos, são vendidos através das plataformas através de pastas, que são alimentadas pelas produtoras com essas mídias. A partir do momento em que o assinante tem acesso ao conteúdo, ele pode usar o próprio celular para gravar, ou realizar capturas de tela e ter essa mídia pronta para ser compartilhada sem permissão.

A única possibilidade de se manter segura a respeito disso é adicionando marca d'água nas suas fotos, porém essa solução nada mais é que esconder o sol com a peneira, pois ela não impede que essas fotos sejam vazadas. Inclusive esse é um problema recorrente entre as produtoras, sejam elas famosas ou não. Quase todas as produtoras podem ter o seu material roubado e usado por terceiros, inclusive existem casos onde quem comete esse roubo age como um golpista, montando um perfil como se fosse uma produtora de conteúdo, ou seja, se passando pelas modelos +18 das fotos para vender esse conteúdo como se fossem elas. Ou seja, por mais que você faça tudo "certo", tome todas as precauções que envolvem este trabalho, você não possui garantia de segurança nenhuma, isto porque as plataformas não dão nenhum tipo de auxílio para as mulheres que tem o seu conteúdo roubado.

O adoecimento pelo trabalho não é algo restrito a uma profissão e é um tema que vem sendo discutido há tempos nas Ciências Sociais, especialmente na Sociologia.

Os acidentes de trabalho e as manifestações de adoecimento com nexos laborais não são fenômenos novos, mas processos tão

antigos quanto a submissão do trabalho às diferentes formas de exploração. Sob o capitalismo, Engels (2010), baseado na observação direta e em outros estudos sobre as condições de trabalho no século XIX, descreveria, em 1845, como as condições de vida e trabalho do operariado de algumas cidades industriais inglesas encontravam-se na raiz de um conjunto de enfermidades que, não raramente, desdobravam-se na morte desses trabalhadores. Ao longo do século XX, com a produção em massa e ampliação de controle e intensificação do trabalho, proporcionado pela expansão do taylorismo-fordismo, novas formas de acidentes e adoecimentos com nexo laboral passaram a fazer parte do cotidiano do trabalho. O que mudou então? Por um lado, a incorporação, ao cotidiano do mundo do trabalho, de novas enfermidades, típicas de recentes formas de organização do trabalho e produção. Por outro, fruto da nova divisão internacional do trabalho, a disseminação de práticas que articulam os pressupostos da liofilização organizacional (Antunes, 2010), da empresa enxuta (lean production) a condições de baixa (ou nenhuma) proteção do trabalho (PRAUN e ANTUNES, 2015, pp. 411-412).

Porém com as mudanças nas relações de trabalho temos também transformações no que diz respeito ao adoecimento do trabalhador, principalmente com o aumento do trabalho remoto e digital e o apagamento do limite entre vida privada e trabalho.

Neste caso das produtoras de conteúdo o adoecimento se dá na maior parte do tempo pela dificuldade em se delimitar a sua atividade de sua vida pessoal, além do julgamento social e moral que se dá pelo fato delas trabalharem no mercado sexual e o último ponto mas não menos importante, o fato delas serem em sua grande maioria mulheres – e as mulheres historicamente sofrem um tipo de opressão e exploração no trabalho diferente dos homens.

#### **4.1. Lógica do vencedor**

Na verdade, todos esses passos são de fato a forma como a indústria 4.0 se utiliza de um discurso e uma gramática, a fim de potencializar os seus lucros e cada vez mais destituir os trabalhadores de seus direitos. Porém a mística deste discurso está exatamente no fato de se conseguir fazer a trabalhadora e o trabalhador não mais se reconhecer como trabalhador, mas sim como um empreendedor de si mesmo, o que conseqüentemente o faz abrir mão dos seus direitos básicos.

As plataformas não são espaços de trabalho como uma fábrica, onde existe um modelo de trabalho baseado em uma hierarquia entre operários, supervisores e patrão facilmente reconhecíveis, já no modelo de plataforma a hierarquia não está clara, você não trabalha para a plataforma, mas você na verdade contrata o serviço que a plataforma oferece para assim poder ofertar o seu trabalho. Isto torna a *alt model* cliente da plataforma e não trabalhadora. A plataforma age aqui como uma espécie de proxeneta<sup>54</sup>, ou seja, ela age como uma intermediária entre a produtora de conteúdo e seus assinantes, e como foi dito no capítulo dois, a plataforma fica com 20% do serviço prestado pelas produtoras, ou seja, claramente existe um modelo de trabalho já conhecido aqui, porém com um outro nome, o que remete a ideia de referente ausente de Carol J. Adams (2018) já citado no texto.

O que temos aqui é a transformação do trabalhador em “empreendedor”, e este “empreendedor” se imagina como proprietário de si, mas se converte na verdade em um proprietário de si, que se auto explora (ANTUNES, 2020), como no caso das *alt models* onde se tem essa exploração potencializada, já que tem o mercado sexual lhes explorando, a partir da objetificação e da sexualização do corpo da mulher e além disso ela mesmo se explora ao introjetar esse discurso neoliberal. Ou seja, o trabalhador não se transforma de fato em um empreendedor, ele apenas acredita na ideia graças a um discurso que é repetido à exaustão.

E aqui engana-se quem imagina que o mínimo que se deve saber para vender conteúdo adulto seja tirar fotos sem roupas. Esse inclusive é um mito fantasioso que serve apenas para desmoralizar as pessoas e principalmente as mulheres que trabalham na indústria do sexo. Trabalhar com o seu corpo, o expondo, é uma tarefa que envolve muito mais do que apenas ficar sem roupas.

---

<sup>54</sup> Segundo o Capítulo V do Título VI do Código Penal (art. 227) a prática de proxenetismo seria a mediação para servir a lascívia de outrem. Ainda no art. 228 esse ato é descrito como uma forma de favorecimento a prostituição ou outra forma de exploração sexual. Sendo assim, uso esse termo no texto como uma analogia a lógica empregada pelas plataformas, que agem exatamente no caráter apresentado pelo Código Penal, já que essas plataformas promovem uma captação de mulheres por meio de um discurso positivo em favorecimento ao mercado do sexo, mercado esse que tem como principal objetivo capitalizar através do corpo dessas mulheres.

Aqui se coloca a ideia de que a vida é linear, que tal qual o início da disciplina de antropologia ditava, a vida se daria por etapas. O discurso neoliberal presente nesse meio apresenta essa mesma ideia, a ideia de que existe um ponto de partida e etapas a serem cumpridas para se chegar a um objetivo, que neste caso é o êxito financeiro/econômico, em outras palavras, o dinheiro. Se exclui a ideia de que a vida e as relações sociais não são lineares, o que torna esse discurso uma falácia, pois ele exclui o social dessas relações. Porém este discurso não é construído apenas para atrair, mas também para fidelizar essas pessoas, isto porque o mais importante aqui é difundir a lógica de que tudo depende inteiramente de você para assim a exploração ser maior. O que quero dizer com isso, é que quando as pessoas internalizam essa lógica elas passam a ignorar o fato de que a política e o social influenciam diretamente em qualquer relação e o único responsável pelo seu sucesso é você mesmo, independente do contexto e da subjetividade da pessoa, ou seja, você é o único responsável por tudo.

Essa lógica rasteira vendida em todas as partes da internet faz com que as pessoas acreditem que existe uma forma fácil e simples de ganhar dinheiro, sempre atrelado ao discurso que tudo depende de você e sua disciplina e esse tipo de propaganda e discurso é tão presente no digital, que ela passa a agir de forma onde você começa a se questionar se realmente é tão fácil assim ser bem sucedido, e se é tão simples por que não tentar ganhar dinheiro dessa forma? Você realmente se sente seduzido pelo discurso, e isso é potencializado quando você se vê em uma situação vulnerável, que é o caso de grande parte das minhas interlocutoras, que acabaram entrando nesse universo pela falta de possibilidades que o mercado de trabalho proporciona atualmente.

K. também mostra bastante dedicação relacionada ao seu trabalho, principalmente ao que diz respeito ao seu instrumento de trabalho, o seu corpo. Ela compartilha com seus seguidores a sua rotina na academia, além de mostrar a “evolução” do seu corpo. Ela compartilha fotos do começo da sua carreira como *alt model*, onde ela era considerada fora do padrão de beleza, e magreza. A trajetória do seu corpo, onde ela deixa de estar fora do padrão para “evoluir” para um padrão, também tem relação com a ideia de sucesso dentro dessa lógica. Um corpo gordo, ou como ele geralmente é associado a um corpo “relaxado”,

não pode fazer parte de uma pessoa vencedora. Existe um discurso que valoriza e enaltece o corpo padrão em detrimento ao corpo diferente desse.

Com isso, ela também está utilizando um discurso que afirma que o sucesso também está relacionado a um padrão estético. Por mais que a própria criadora de conteúdo tenha dentro de seu discurso a ideia de auto aceitação, onde todos os corpos devem ser vistos e aceitos para além do padrão, ela enquanto empreendedora do seu próprio corpo e tendo mais experiência, entende que essa pode ser uma narrativa válida para ganhar seguidores, porém ao mesmo tempo ela entende que dentro da lógica do “vencedor” existe um corpo ideal que ela deve seguir se quiser ser uma pessoa bem sucedida. A imagem é algo extremamente importante dentro do digital, é a imagem que faz com que as pessoas se interessem por você, é ela que faz com que alguém pare o *feed* para entrar num perfil e assim alcançar mais pessoas.

É possível então perceber que para ser uma *alt model* de sucesso não basta apenas ter perseverança, essas mulheres também precisam estar dentro de um padrão, investir em uma aparência que seja a aparência do sucesso e para isso é preciso investir dinheiro, o que muitas vezes se torna uma bola de neve, isto porque você precisa construir essa imagem perfeita para vender e cabe dizer aqui que estar dentro de um padrão não significa que todas devem/querem ser loiras, magras e dos olhos claros, isto porque na pornografia existem vários padrões, e a partir do momento em que você escolhe ou se identifica com um desses, você deverá tentar alcançar o máximo da perfeição dentro desse padrão. K. escolheu alcançar esse padrão dentro do seu nicho que envolve o *cosplay*, neste universo, as mulheres devem ter o rosto delicado e infantil, cabelos longos e lisos, seios grandes, cintura fina, quadril levemente largo e bunda grande, uma espécie de corpo violão, porém infantilizado. Temos outros modelos de sucesso que fazem parte de outros padrões e nichos, e neste caso, K., construiu a sua carreira dentro deste universo.

K. afirma ganhar uma média de 250 mil reais apenas com criação e venda de conteúdo +18, média essa que todas as criadoras de conteúdo famosas afirmam receber, assim como foi mostrado (vide capítulo 3) sobre a quantidade de notícias relacionadas a esse faturamento em grandes portais de notícia. A *alt model* afirma que recebe esse dinheiro apenas com uma de suas atividades,

sem contar os seus negócios paralelos que estão todos relacionados de forma direta, ou indiretamente, à sua carreira na pornografia de plataforma.

#### **4.2 Vencedora ou perdedora? Como estão as produtoras de conteúdo dois anos depois**

A produtora K., assim como alguns outros grandes nomes da produção de conteúdo +18, claramente é um caso excepcional dentro da pornografia de plataforma no que diz respeito a ganhos, isto porque por mais que seja impossível saber de fato o faturamento de cada uma delas, é possível ter uma noção desses ganhos através do número de seguidores e da própria fama que elas adquirem, desta forma, existem sim mulheres que conseguem obter grandes êxitos econômicos, porém essa não é a realidade da imensa maioria das mulheres que se trabalham nessa indústria, se trata apenas de uma exceção.

Para conseguir enxergar melhor a discrepância entre discurso e realidade apresento agora como estão as produtoras que venho acompanhando desde o começo da pesquisa, para ver se de fato o discurso neoliberal de sucesso financeiro a partir da lógica do empreendedorismo realmente funciona para todos aqueles que seguirem à risca.

Como já foi dito em outro momento do texto, muitas das mulheres que entram nesse mercado digital de venda de imagem e vídeos, acabam, em pouco tempo, parando de produzir, um efeito que acaba sendo recorrente. E foi exatamente o que aconteceu durante esses quatro anos de pesquisa, muitas das mulheres as quais conversei e também acompanhei diariamente simplesmente desapareceram das plataformas sem deixar nenhum rastro. Todavia, algumas dessas mulheres saem, mas acabam voltando, outras realmente abandonam a prática, mas o que pode ser entendido disto: é que a estabilidade em nenhum momento é uma certeza para elas, seja no que diz respeito ao faturamento, seja a ideia de continuar no ramo. Afinal, é um trabalho que consome muito delas, enquanto criadoras de conteúdo, e na maioria dos casos o retorno não compensa o investimento (trabalho).

#### 4.2.1. P. - Aquela que deixou o mercado sexual

Começo então falando sobre a interlocutora que na primeira parte da minha pesquisa foi uma das que tive uma maior aproximação, no caso, a que nomeei de P, enfatizo que ela foi uma espécie de guia para mim nesse universo um tanto conturbado para a produção de pesquisas.

Foi P. quem me ajudou a entender os termos mais básicos deste universo, me explicando o que era uma *alt model*, me apresentando aos nichos e além disso foi uma das únicas a tecer críticas sobre mercado sexual, as plataformas de venda de conteúdo e sobre as outras modelos. Durante as nossas trocas de mensagens pelo Instagram, P. sempre expressava o quanto estava insatisfeita com a instabilidade nas vendas e na censura que sofria ao postar seu conteúdo publicitário na mesma plataforma do grupo Meta, além do quanto já ter perdido uma conta em um dos maiores espaços publicitários do digital a desanimava. A sua antiga conta no Instagram tinha a marca de cinco mil seguidores, o que é um número pequeno quando pensamos em grandes *alt models*. Contudo para uma *alt model* que não pertence a esse grupo seletivo, se trata de um número alto. A importância de se ter muitos seguidores não se dá apenas pela possível quantidade de clientes que você pode conseguir, mas também porque assim se torna mais fácil fechar parcerias e assim aumentar ainda mais seu público.

Desde o primeiro momento em que entrei em contato com P., ela sempre me deixou claro o quanto ela achava extremamente penosa a falta de segurança que o seu trabalho tinha, além de me trazer reclamações sobre ser um ambiente onde a competição entre as próprias mulheres serem um dos motivos que mais a desmotivava, já que isto criava uma atmosfera de “caça às bruxas”, onde colegas de trabalho denunciavam a página da outra no Instagram, na intenção de diminuir a concorrência.

Em 2020, no início de nossas conversas, P. havia me confessado que já havia se desligado da pornografia de plataforma algumas vezes, visto as dificuldades de se manter neste trabalho. O principal motivo apresentado por ela era a dificuldade em ganhar dinheiro e a instabilidade. Ela dizia ser muito difícil não conseguir ter um retorno financeiro quando se investia tanto. P. tinha como marca de seu trabalho o investimento em ensaios fotográficos feito por

profissionais, com temáticas especiais, o que custava para ela não apenas o ensaio, mas também a locação do local (muitas delas pagam diárias em hotéis para gravar seus conteúdos), figurino, maquiagem e o deslocamento. Por mais que exista a facilidade colocada do celular ser o seu instrumento de trabalho, pois você precisa dele para ter acesso ao digital, porém a produção do conteúdo não depende apenas desse aparelho, existe um investimento grande por parte dessas mulheres para produzir um material de qualidade e de “bom gosto”.

P. foi uma das produtoras que acompanhei que deixou o mundo da pornografia de plataforma frente as dificuldades de se estabelecer. P. possuía um nicho específico, assim como K. ensina em seu curso, ela também tinha estratégias para se sentir mais segura na hora de compartilhar seu trabalho (o que de fato não garante segurança), porém um dia sem nenhum tipo de aviso a sua foto sumiu de seu perfil do Instagram. Procurei por outros perfis, já que é uma prática comum entre as produtoras possuir um perfil reserva, caso o seu perfil principal seja denunciado, porém a minha busca foi em vão, ela desapareceu do Instagram e é sabido que essa plataforma é uma das principais ferramentas de propaganda que essas mulheres tem no digital, sendo assim, se ela não estava mais lá, significava que a mesma tinha abandonado a carreira de *alt model*, pelo menos até agora.

Na época em que conversávamos, a sua conta estava com mil cento e noventa e sete seguidores, e seguiu em um número próximo a esse até o momento em que P. desativou seu perfil. Tentei por vezes procurar por ela no Instagram, indo até mesmo ao perfil de outras modelos, que eu tinha conhecimento que trabalharam com ela em algum momento, mas ainda assim não foi possível localizá-la.

Como não tive mais nenhum contato com ela, e ela não me deu nenhum contato além de sua página no Instagram, e essa já não mais existia mais, baseado nisso e nas conversas em que tivemos, onde ela sempre apresentava o seu descontentamento, acredito que ela tenha deixado a pornografia de plataforma.

Um dos prováveis motivos para esse desligamento da *alt model* do mercado sexual pode ter se dado pela falta de segurança que este trabalho

proporciona. A pretensa ideia de liberdade que as plataformas costumam vincular a sua imagem, vem com a intenção de não estabelecer nenhum tipo de responsabilidade ou deveres com quem contrata o serviço da plataforma, no caso as produtoras. Sendo assim a liberdade na verdade se torna um controle (FILGUEIRAS e ANTUNES, 2020), pois como não existe nenhum tipo de vínculo formal, tudo depende do trabalhador, e neste caso essa pretensa liberdade na verdade se torna ausência de salário e garantias. Os autores ainda afirmam que essa liberdade na verdade se trata de um espaço de trabalho sem relações estabelecidas a respeito de limite de jornada, renda, saúde ou segurança, que colabora com a falta de estabilidade, que em grande parte pode se tornar o motivo principal para se deixar esse mercado de trabalho. Além disso, a produtora de conteúdo se torna dependente de algo que não apenas não a assegura nenhum direito, mas que também a pressiona por meio da “liberdade” a produzir a exaustão, sem nenhum tipo de garantia.

Essa falta de segurança talvez seja um dos principais motivos pelo qual P. tenha deixado as plataformas de venda de conteúdo, já que demonstrou seu descontentamento a respeito da falta de garantias em algumas de nossas conversas, e a mesma já havia me relatado que se manter no mercado sexual através da venda de conteúdo era algo que requeria paciência por parte da produtora, pois a falta de estabilidade deste trabalho era um constante ponto de desmotivação.

#### **4.2.2 N. – Prejudicada pelo algoritmo**



Perfil de N. no Instagram.

N. foi outra *alt model* com quem consegui me conectar de forma mais longa e próxima. Ela além de produtora de conteúdo +18 também trabalhava fora do online, fato que sempre deixou marcada em sua fala, ou seja, o quanto ela levava a sério esse seu trabalho no digital, pois ela sendo uma mãe (até aquele momento uma mãe solo) possuía responsabilidades para além de sua vida.

Há mais ou menos dois anos atrás quando entrei em contato com ela pela primeira vez, que me relatou de forma sincera o quanto a carreira de *alt model* para uma mulher negra era mais difícil do que a de uma mulher branca. Naquele momento N. me explicou o quanto por mais que ela tentasse criar engajamento, a sua conta não conseguia alcançar um grande número de pessoas, ou seja, N, seguia um dos passos que K, vende em seu curso, e ainda assim não conseguia aumentar o seu número de seguidores de forma tão grande quanto as outras modelos.

Esta discrepância de crescimento no número de seguidores ficou muito evidente quando passei a observar o crescimento das outras mulheres que eu acompanhava, enquanto em dois anos N. teve um aumento de apenas mil seguidores, as outras *alt models* que observei tiveram um crescimento extremamente maior, saltando da casa dos mil seguidores, para vinte mil.

Esse crescimento desproporcional para algumas e não para outras, pode ter algumas explicações, como a possibilidade de alguma dessas meninas

comprarem seguidores<sup>55</sup>, pode também ser um mérito delas a partir de estratégias criadas para ganhar engajamento, como a troca de divulgação, ou até mesmo as parcerias feitas na produção de conteúdo. Porém no caso de N., um dado não pode ser ignorado quando fazemos essa análise, a sua cor de pele. Esse demarcador social não está presente apenas no real, pois assim como cita Safiya Noble (2021) os algoritmos agem a favor de reforçar as relações sociais opressivas, e além disso, implementam novas maneiras de perfilação racial, que ela chama de demarcação tecnológica. Esse conceito é baseado em um termo utilizado nos Estados Unidos para se referir à prática de demarcar áreas urbanas, de acordo com critérios raciais, limitando assim o acesso de determinados grupos a determinados espaços. E no digital não é diferente, a lógica que delimita e condiciona o que nós consumimos online desempenha um papel excludente.

Em tempos de debate sobre Inteligência artificial, a discussão sobre o problema da discriminação deve ser levada também para o campo tecnológico, pois este desempenha papel fundamental nas nossas vidas, não apenas pelas relações sociais que desenvolvemos nesse meio, mas por se tratar atualmente de um espaço de trabalho.

A discriminação está embutida nos códigos de programação (NOBLE, 2021), o que leva a pessoas com determinados perfis – como no caso de N., uma mulher negra -sejam vítimas de uma espécie de apagamento no digital, o que resulta no que pude observar nesses anos em que acompanhei o trabalho dessas mulheres, enquanto algumas tem os seus conteúdos muito mais distribuídos, as mulheres negras possuem uma dificuldade muito maior de ter o seu trabalho visto, independente da estratégia que adotem.

A estratégia vendida como caminho certo para o sucesso, como no curso de K, se mostra ainda mais falsa para esse grupo de mulheres, pois o sistema que rege o digital é alimentado pela visão hegemônica do social, pois como cita Noble (2021), a opressão algorítmica é formulada a partir de decisões humanas,

---

<sup>55</sup> Prática comum entre usuários de *Instagram* que tem como objetivo aumentar o engajamento e a fama na mídia social digital. Existem diversos sites que ofertam essa possibilidade, a pessoa interessada em adquirir seguidores de forma rápida precisa estar disposta a pagar um valor por isso, porém essa prática se tornou tão comum e procurada, que quem oferece esse serviço, também oferece condições especiais de pagamento.

e sabemos que essa visão é excludente, principalmente para as mulheres negras, que além de sofrerem com essa invisibilidade, são também associadas a estereótipos. Grande parte desse estigma foi construído através do marketing e publicidade que moldaram a forma como pessoas marginalizadas são representadas em registros digitais.

Noble apresenta no primeiro capítulo do seu livro um exemplo de como essa estrutura marginaliza e estigmatiza as pessoas negras, levando a reforçar a reprodução de uma associação racista. Segundo a autora, o algoritmo do Google marcava afro-americanos como “macacos” e “animais”. Porém enganar-se quem entende isso como parte de um erro, pelo contrário, esse exemplo demonstra como o racismo (e também o sexismo) são parte da arquitetura e linguagem da tecnologia (NOBLE, 2021). Essa arquitetura age afim de reproduzir e manter uma estrutura racista e sexista que já está estabelecida no off-line e assim, você não apenas cria um espelho do real no digital, mas também é capaz de criar novas formas de exclusão, como no caso que está sendo analisado sobre a lógica algorítmica:

(...) novas situações de racismo e sexismo continuam a aparecer na mídia e nas redes sociais, e assim o uso vários desses casos para apontar que a opressão algorítmica não é apenas um erro no sistema, mas, na realidade, é fundamental para o sistema operacional da internet. Tem um impacto direto sobre os usuários e nossas vidas além do uso dos aplicativos da internet. (NOBLE, 2021, pp. 31-32).

Além disso, a autora ainda reforça o quanto essa exclusão não pode ser ignorada, ou tratada de forma isolada:

Disparidades sociais on-line não podem ser ignoradas porque são parte de um contexto em que as tecnologias da informação e comunicação se proliferam, e ai internet tanto reproduz relações sociais quanto cria novas formas de relações baseadas em nosso envolvimento com ela. Tecnologias e seus designs não ditam ideologias raciais; em vez disso, refletem o clima corrente. Conforme usuários interagem com tecnologias como mecanismos de busca, eles dinamicamente co-constroem conteúdo e a própria tecnologia. (NOBLE, 2021, pp. 262-263).

Essa discussão que a autora traz é ainda mais importante quando pensamos nas novas gerações, que cresceram e estão crescendo com o digital desde a infância como algo rotineiro, para esses jovens e crianças, o digital se

tornou o espaço principal de trocas e vivências, sendo assim, eles estão aprendendo questões sociais através de uma lógica que deturpa o indivíduo e o categoriza de forma estereotipada e preconceituosa. O mais problemático dessa vivência do digital é que a lógica algorítmica se mostra como algo natural e não construído pelo humano, e com isso, esses jovens e crianças (não apenas eles, mas também pessoas de todas as idades, porém enfatizo os jovens e crianças, pois estes provém de uma interação com o digital diferente de quem teve acesso a internet apenas após a vida adulta) acabam por não reconhecer nenhum tipo de problema na forma como o conteúdo é distribuído e categorizado, o que colabora para que continuemos a ter um social marcado pelo preconceito e a opressão.

Dessa forma, valores sociais como raça e gênero são diretamente refletidos no design tecnológico (NOBLE, 2021), o que leva a modelos negras como N. a serem invisibilizadas ao tentar distribuir o seu conteúdo, levando conseqüentemente a um menor alcance em comparação com outras modelos brancas, o que prejudica a possibilidade de crescimento dela dentro do mercado sexual, pois independente da estratégia que ela se utilize, como criar nichos, ou desenvolver diferentes tipos de interação com seu público, seu esforço parece se tornar em vão, pois existe uma lógica que irá repetidamente colocar o seu perfil cada vez mais distante dos olhos de outros usuários.

Por fim, N. continua a desenvolver o seu trabalho, continua a postar de forma religiosa o seu conteúdo, investe em parcerias e ensaios fotográficos, tudo para tornar o seu trabalho cada dia mais profissional, porém sem a certeza de que terá algum tipo de reconhecimento ou retorno, visto que a cor da sua pele é a principal causa do seu não crescimento, o que mostra o quanto o digital não é o ambiente inclusivo e diverso que o discurso hegemônico insiste em afirmar.

#### **4.2.3 B. – o estigma da trabalhadora sexual**



Perfil Instagram de B.

B. foi uma outra *alt model* que seguiu durante esses anos de pesquisa. Em agosto de 2022 o seu número de seguidores era modesto, girando em torno de três mil seguidores, agora em 2024, esse número teve um crescimento muito grande, chegando à marca de vinte e cinco mil seguidores, um número grande para um modelo de conteúdo adulto que não possui tanta mídia quanto K.

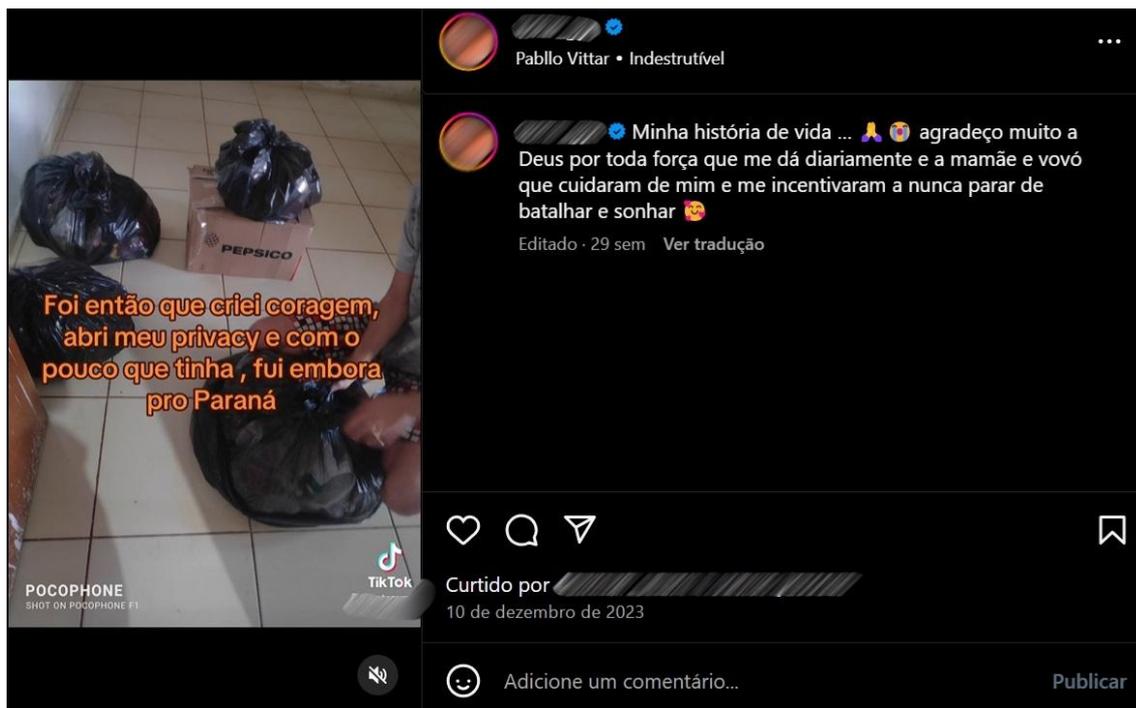
Apesar de o seu número de seguidores ter crescido de forma exponencial, B. é o exemplo do quanto trabalhar no mercado sexual é estigmatizante, para além da questão econômica. Isto porque a *alt model* sempre faz questão de mostrar em seus posts o quanto teve sua vida econômica afeta de forma positiva desde que entrou para o mundo do mercado sexual, ela posta vídeos mostrando o que conseguiu conquistar em um ano trabalhando na plataforma *Privacy*.



Relato de B. sobre sua expulsão.



Relato de B. sobre sua expulsão.



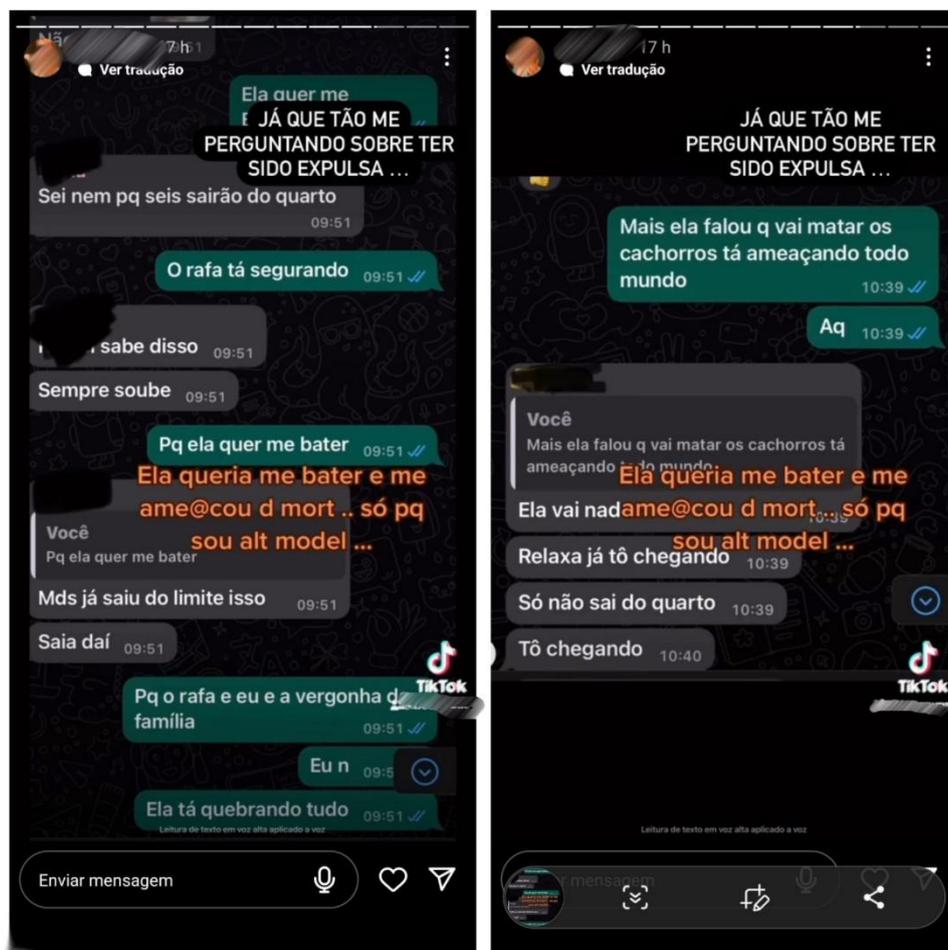
*Relato de B. sobre sua expulsão.*

Porém, mesmo alcançando esse objetivo, ela não foi capaz de se proteger dos ataques pessoais e também dos roubos de fotos e vídeos que ela posta. Durante o tempo em que a acompanhei não foram poucas as vezes em que ela relatou a perseguição que sofria por conta do seu trabalho como modelo de plataformas adultas. Segundo a modelo, essa hostilidade começou quando ela morava na casa da sogra com seu namorado.



*Relato de B. sobre sua expulsão.*

Apesar da mesma afirmar que sempre foi respeitosa e também soube criar uma separação muito clara do que era o seu trabalho do que era a sua vida pessoal, foi dentro dessa casa que ela começou a sofrer com inúmeras ofensas por parte de sua sogra que não aceitava o fato dela ser uma modelo pornográfica e produzir conteúdo para o digital dentro de casa.

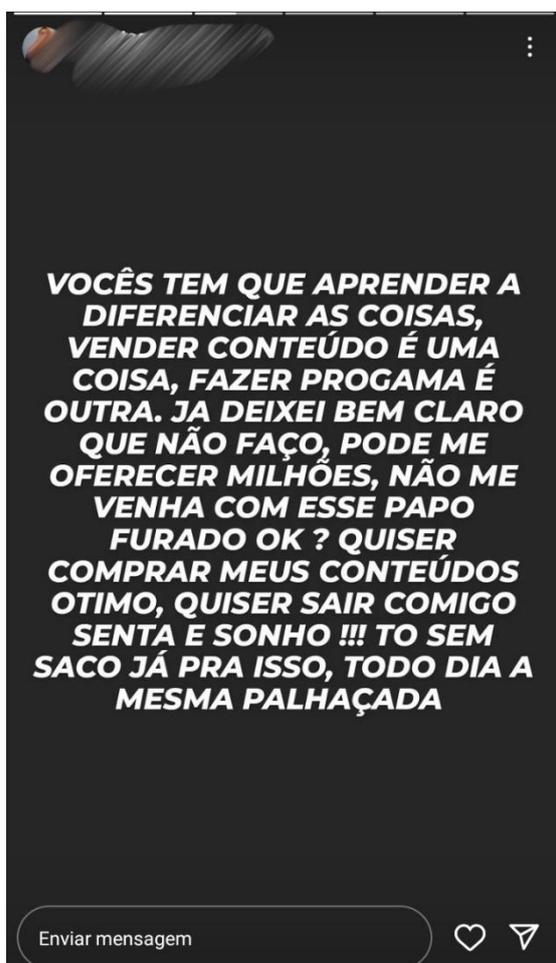


Capturas de tela de conversas entre Beta e um amigo sobre a expulsão – 2024.

B. chega inclusive a narrar o episódio de quando foi expulsa dessa casa, apenas pelo fato de sua sogra não aceitar que ela trabalhasse no mercado sexual, segundo a *alt model*, o relacionamento era respeitoso até o momento em que sua sogra descobrir a sua atividade enquanto uma modelo +18, o que reforça quanto o estigma é responsável por segregar as pessoas que trabalham no mercado sexual. Nas capturas de tela acima, é possível ver B. conversando e pedindo ajuda a um/a amigo/a, enquanto conta que a sogra não aceita seu trabalho, chegando a ameaças físicas, além de novamente trazer o estigma do mercado sexual como algo inaceitável, pois nos conta que a sogra chamou B. e ao seu namorado, neste caso filho de quem a agride, de “vergonha da família”, por causa do trabalho como *alt model*.

Se faz importante colocar aqui o quanto primeiramente existe uma confusão a respeito do mercado sexual. O social possui uma visão muito rasa e

reducionista sobre o que seria esse tipo de mercado chamado de sexual, ou seja, de forma generalizada se entende que qualquer pessoa que trabalhe nesse meio seja uma prostituta, porém assim como cita Adriana Piscitelli (2015), o mercado sexual engloba diversas atividades, que vai desde a prostituição, passando pela pornografia, seguindo para a venda de *sextoys*, e entrando também na mídia de massa.



Captura de tela de *altmodel* falando sobre “confusão” entre prostituição e venda de conteúdo.

Sendo assim, muito do estigma colocado sobre as *alt models* está diretamente relacionado a visão reducionista de que trabalhar com sexo é se prostituir. É importante salientar aqui, que a prostituição também deve passar por um processo de quebra de estereótipos, principalmente aqueles relacionados a uma visão romantizada de que todas as pessoas que se prostituem são vítimas, claro que não se pode negar o quanto a prostituição

explora mulheres e crianças, porém seria uma visão inocente afirmar que todas os indivíduos que estão nesse mercado são seres vulneráveis.

Porém esse estereótipo está muito mais ligado a discussões de cunho feministas, que enxergam a prostituição como algo que deva ser abolido, junto com todo o mercado sexual, porém, para além dessa visão teórica abolicionista, existe um estereótipo muito mais cruel e que gera muito mais problemas para as mulheres que se prostituem, o estigma de ser uma mulher que “não vale nada”, ou que “vale menos” que uma que não esteja envolvida com o mercado sexual.

Cabe aqui fazer uma breve discussão sobre a história da prostituição, para que se faça mais claro o entendimento sobre os estigmas que circulam essas mulheres e que afetaram e afetam a minha interlocutora.

#### **4.2.3.1 O estigma da prostituição e a generalização sobre o mercado sexual**

É importante frisar que não é possível definir o início da prostituição de forma exata, ou seja, como ela foi estabelecida, como essas mulheres realmente estavam situadas em termos sociais, pois o registro feito a respeito das mulheres sempre está atrelada a uma perspectiva masculina, além disso, podemos perceber que vivemos sob a égide do ocidente judaico-cristão, o que de certa forma nos afasta de entender outras sociedades e grupos, que podem ter pensado a prostituição de uma maneira que não envolva um moralismo. Porém aqui eu parto da discussão apresentada por Gerda Lerner para tentar entender um pouco melhor de onde vem o estigma que ronda a prostituição.

Gerda Lerner em seu livro, “A Criação do Patriarcado”, lançado originalmente em 1986, afirma que as mulheres possuem um passado, e uma história que lhes foi negada, isto porque a História, enquanto conhecimento e disciplina, foi construída majoritariamente a partir de uma referência masculina e ocidental, que assumia quem de fato seria relevante para um registro e em como seria registrado. Desta forma, entender as mulheres e suas representações na sociedade ocidental é entender que desde o início é negada a elas uma possibilidade de auto representação.

E o que isto significa? Significa que o registro e representação das mulheres não foi algo feito por mulheres, mas pelos homens, que não por acaso construíram, reproduziram e reduziram as mulheres a cidadãs de segunda classe, que não possuíam o direito de contar sua própria história, além disso, esse conhecimento construído pelos homens tende a ser limitado, pois segundo Jon Scott (2019), elas tendem a incluir generalizações redutoras ou simples demais que minam o sentido da complexidade da figura da mulher na história. Tendo conhecimento de que qualquer registro histórico não possui neutralidade e se constrói a partir de um viés, Gerda Lerner (2019) evidencia duas perspectivas a respeito da origem da prostituição:

“A prostituição, não raro chamada de a profissão mais antiga do mundo, pode ser observada ao longo de toda a história registrada”. Assim defendem alguns especialistas e o senso comum, fazendo a prostituição parecer um subproduto “natural” da formação social humana, que dispensa explicação. Outros especialistas discordam. A “prostituição”, como diz a *New Encyclopedia Britannica*: “até onde se sabe, não é uma cultura universal. Em sociedades em que há tolerância sexual, ela costuma ser rara, porque é desnecessária, enquanto em outras sociedades foi bastante suprimida. (...) A prostituição aparece entre povos primitivos onde quer que as relações sexuais livres tenham sido restritas ou limitadas” (LERNER, 2019, p. 163).

O segundo entendimento de prostituição apontado pela autora, no trecho acima, seria aquele que mais se encaixa na discussão que será apresentada no decorrer da pesquisa, isto porque ela não parte de uma visão universalista e generalizante, em outras palavras, seria impossível afirmar que a prostituição surgiu e se desenvolveu da mesma maneira, ou mesmo que ela exista, em todas as sociedades humanas.

Lerner (2019) aponta duas teorias a respeito do desenvolvimento da prostituição comercial, uma se teria se dado a partir da escravização de mulheres, e a segunda estaria relacionada a formação e consolidação de classes. No momento em que a escravização se tornou uma instituição, os donos de escravos passaram a alugar as mulheres que estavam nessa situação como prostitutas, e vendo o potencial econômico nessa atividade, eles criaram bordéis. Essa escravização se dava também em dois contextos: o primeiro era enquanto prisioneiras de guerras e conflitos e a segunda por dívida. A pobreza é algo que atinge as mulheres de forma mais contundente, pois elas eram usadas como

uma espécie de “seguro”, ou seja, elas eram a garantia no caso de se assumir uma dívida.

Essa trajetória a respeito do desenvolvimento da prostituição é uma análise a partir da sociedade da Antiga Babilônia no terceiro milênio a.C., porém como foi dito anteriormente, não é possível afirmar que a prostituição tenha se desenvolvido da mesma forma em outras sociedades, porém o interessante da análise da autora é que a mesma consegue traçar a partir da prostituição nessa sociedade, como a mulher era definida a partir do seu comportamento sexual. Pois dentro deste contexto do desenvolvimento da prostituição é que também se desenvolve o que se entende por mulheres respeitáveis e não respeitáveis (LERNER, 2019, p. 175), já que as mulheres respeitáveis eram aquelas que gozavam de uma proteção masculina, que respectivamente é aquele que controla a sua sexualidade, já aquelas que não possuíam essa proteção/controla, eram vistas como não respeitáveis.

O valor e o *status* das mulheres eram então medidos de forma diferente que a dos homens. Sendo assim, uma mulher poderia em um certo momento de sua vida decair dentro desta estrutura social e se tornar uma prostituta, mas uma prostituta jamais poderia ascender a um *status* mais elevado, a prostituta não possui direitos de uma pessoa; nela se resumem ao mesmo tempo, todas as figuras da escravidão feminina (BEAUVOIR, 2016), pois o seu comportamento sexual é como uma chaga que a acompanha pelo restante da vida.

Apesar da discussão de Lerner ser de grande importância no que diz a prostituição enquanto desenvolvimento histórico, é preciso reconhecer os limites que a dominação sexual possui nesta discussão. É preciso situar o tempo em que seus estudos se referem, Lerner está tratando do mundo antigo, em termos históricos é de grande validade para poder traçar um ponto de partida para a temática, porém quando a discussão entra na modernidade, a sua teoria já se limita nos termos de diferença social. Concordo com Scott (2019), quando ela diz: “*as teorias do patriarcado não explicam o que a desigualdade de gênero tem a ver com as outras desigualdades*”. A modernidade trouxe mudanças que impactaram o social principalmente no que diz respeito ao uso da imagem de si e a sua relação com a produção de afetos e trabalho.

A imagem e a mídia possuem papel central na forma como o estigma da prostituta foi construído e reproduzido no social. A prostituição se constitui como uma parte essencial do entendimento da pornografia, não apenas pela etimologia da palavra, mas também porque o surgimento de uma mídia que tem o sexo como o seu objeto principal está diretamente ligada a prostituição. De acordo com Faramerz Dabhoiwala (2013), no seu livro “As origens do sexo”, a revolução midiática do Iluminismo foi um dos principais fatores de mudança na forma como o sexo foi absorvido e experimentado pelo social. Segundo o autor, a partir do final do século XVII e em todo o século XVIII a publicidade e a privacidade passaram para novos patamares no que diz respeito a formação de opinião pública e conseqüentemente as questões que envolviam sexualidade estavam presentes nesse universo.

A mídia tem papel central na forma como a prostituição e respectivamente as prostitutas foram colocadas construídas culturalmente na modernidade. No início do século XVIII, o interesse a respeito da vida das prostitutas se tornou ainda mais latente, e o pintor William Hogarth se tornou um nome conhecido pelas suas séries de pinturas e gravuras que tinham como protagonistas pessoas do dia-a-dia, entre pinturas que retratavam a trajetória dentro do casamento<sup>56</sup>, da vida de um libertino em Londres<sup>57</sup> e sobre a vida de um trabalhador<sup>58</sup>, nenhuma fez tanto sucesso quanto a série que retratava a trajetória de vida de uma prostituta, intitulada *A Harlot's Progress*, que em tradução literal seria “A trajetória de uma prostituta”, de 1732. Ela se tornou uma das gravuras mais populares daquele momento, rendendo mais de mil cópias vendidas dessa gravura ao pintor.

Mesmo com ausência de texto, é possível interpretar os acontecimentos estampados nas ilustrações. As imagens retratam o início, o meio e o fim da vida de uma prostituta de Londres. A primeira imagem mostra Moll Hackabout, uma jovem recém-chegada a cidade, com vestes simples, rosto limpo de pinturas, com uma postura corporal que indica uma espécie de inocência, com mãos juntas ao corpo, olhar retraído. Um homem observa a cena, o provável dono do

---

<sup>56</sup> Marriage à la Mode (1745).

<sup>57</sup> A Rake's Progress (1735).

<sup>58</sup> Industry and Idleness (1747).

bordel para onde a jovem moça seria levada e teria sua vida explorada. Ela é recepcionada por uma mulher que parece ser a cafetina do bordel, no seu rosto é possível perceber algumas marcas que supostamente seriam de sífilis, doença essa que no século XVIII acometia um a cada cinco londrinos até os 35 anos.<sup>59</sup>, Entre os séculos XVI e XVIII a sífilis era uma doença associada às prostitutas e às mulheres, isto porque elas seriam os agentes causadores de desordem social. O entendimento da mulher como agente da desordem dialoga com a perspectiva cristã de pecado, onde a mulher no mito do criacionismo se constitui como aquela responsável pela decadência da humanidade. Fundada neste pensamento, a mulher ocidental seguidamente se torna a culpada das mazelas sociais, como neste caso de uma epidemia de IST.

As gravuras seguintes mostram Moll em sua nova vida. A segunda ilustração mostra a jovem distraído um homem, para que seu amante possa fugir sorrateiramente sem ser percebido. Na terceira ilustração, ela toma chá enquanto oficiais de justiça revistam o seu alojamento, como em uma batida policial, no quadro seguinte Moll está na prisão. As duas últimas ilustrações são referentes a sua doença, muito provavelmente causada pela própria prostituição, pois como foi citado anteriormente, a sífilis era uma doença que muitas prostitutas contraíam, e por último temos Moll em seu caixão.

---

<sup>59</sup> “1 a cada 5 londrinos contraía sífilis até os 35 anos no século 18”. Redação Revista Galileu. 06/07/2020. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2020/07/1-cada-5-londrinos-contraiam-sifilis-ate-os-35-anos-no-seculo-18.html> Acesso em 10/10/2023.



William Hogarth (British, London 1697-1764), A Harlot's Progress, Plate 1, 1732.



William Hogarth (British, London 1697-1764), A Harlot's Progress, 1732.

Apesar da série de imagens não mostrar nada explícito, afinal, as pinturas representam a trajetória de vida de uma jovem mulher, temos início,

meio e fim, nada de diferente da estrutura de outras histórias, mas por que essa série de imagens despertou tanto interesse nas pessoas?

Quem produz a imagem a faz também pensando em que a irá consumir, e neste caso existe uma relação, primeiro de curiosidade a respeito dessa vida erradica, fora da norma. Quem consome essas imagens quer ver o diferente, o seu oposto, neste caso uma interpretação sobre a vida de uma prostituta a partir de uma perspectiva masculina, para um público masculino. Desta forma o que se tem aqui não é a vida de um homem. Os homens não querem consumir a eles próprios, eles querem consumir o diferente, o seu oposto, aquilo que foi dado a eles como o seu objeto de consumo, pois assim como pensava Rousseau (1762), contemporâneo de William Hogarth, a mulher deve se tornar um objeto de desejo sedutor, deve estar sempre disponível ao homem, quando este quiser relaxar, em outras palavras a mulher se constitui para esses homens como um objeto de prazer e entretenimento.

A descrição da vida feita a partir dessas imagens não trata sobre qualquer mulher, não é sobre uma mulher casada que vive sob a tutela do marido, a história contada aqui é de uma mulher que não está dentro do seu espaço “natural” de pertença, é sobre aquela que vive de maneira marginal, *outsider* (BECKER, 2008). São os empreendedores morais (homens) os responsáveis por rotular os indivíduos como *outsiders*, como aqueles que infringem as normas. Porém afirmar que estas mulheres vivem fora da norma, não significa dizer que elas não estejam diretamente relacionadas com aqueles que ditam as normas, pelo contrário, existe neste contexto uma relação completamente relacional entre empreendedores e *outsiders*. Essa interação se constitui através de uma perspectiva binária, que obrigatoriamente precisa do oposto para existir. As prostitutas se constituem como um ente necessário para existência de uma construção social que envolve a vida sexual dos homens, a família e o casamento, ela é vista como um mal necessário ao social (DABHOIWALA, 2013). Desta forma, o interesse na vida da prostituta está diretamente relacionado a construção e constituição de padrões sociais.

O início da pornografia como pode ser visto está completamente ligado ao significado da própria palavra *pornographos* que foi citado no início do texto. Trata sobre a descrição das prostitutas. O fascínio do social com a vida daquelas

que não fazem parte da norma está também diretamente relacionada a construção de duas categorias: as mulheres respeitáveis e não respeitáveis. Essas duas categorias se retroalimentam, pois são relacionais, além de serem responsáveis por estabelecer padrões de comportamento. Ao mesmo tempo em que existe a necessidade de existir mulheres que satisfaçam a necessidade social e moral dos homens, provendo uma família, cuidando da casa, também se faz necessário uma categoria de mulheres que seja oposta a esse ideal, criando assim mais um antagonismo entre as mulheres.

Simone de Beauvoir, no seu livro “O Segundo Sexo: Vol.2” de 1945 cita uma frase de uma das obras do filósofo Bernard Mandeville em que ele diz: “é evidente que existe uma necessidade de sacrificar uma parte das mulheres para conservar a outra e evitar uma sujeira de natureza mais repugnante”, que resume a necessidade da existência de categorias antagônicas entre as mulheres. A mulher respeitável é contratada pela vida toda por um homem, já a não respeitável tem vários clientes que pagam a ela pelos seus serviços (BEAUVOIR, 2016). Desta forma, dentro de uma sociedade ocidental, a figura da prostituta, se fez necessária para o estabelecimento de categorias sociais, que auxiliam na construção e consolidação de uma norma e estrutura.

Porém para além disso, as mulheres sempre estão ligadas a categorias, que envolvem a sexualidade e o sexo. E as categorias de mulheres não respeitáveis e respeitáveis estão totalmente ligadas a essa definição. Para as duas o sexo se constitui como fonte de existência. As mulheres respeitáveis são definidas através da forma como protegem, asseguram e guardam os seus corpos, o futuro dessas mulheres depende da preservação da honra. Enquanto que para as mulheres não respeitáveis, o sexo define a sua existência, mas através da via contrária à da respeitável. O comportamento sexual (LERNER, 2019) é o que negocia a existência das mulheres na sociedade.

Na representação da vida curta e trágica de Moll, sua trajetória possui três pontos principais: sua introdução no ofício, sua doença e conseqüentemente a sua morte, muito provavelmente relacionada a epidemia da sífilis. A sífilis não foi apenas uma doença sexualmente transmissível que teve seu auge de contágio durante o século XVIII, mas o discurso médico em torno dela também foi responsável pela criação de um estigma que está diretamente relacionado não

apenas as prostitutas, mas com todas as mulheres. Durante o momento mais crítico da doença na Europa, foi largamente difundido pela medicina, juntamente com a mídia, que as mulheres seriam as responsáveis pela disseminação e contágio da doença. Esta postura remete a tecnologia sexual apresentada por Foucault:

Não imaginemos a burguesia se castrando, simbolicamente, para melhor recusar aos outros o direito de ter um sexo e usá-lo a seu bel-prazer. Deve-se ao contrário, vê-la, a partir da metade do século XVIII, empenhada em se atribuir uma sexualidade e construir para si, a partir dela, um corpo específico, um corpo “de classe” com uma saúde, uma higiene, uma descendência, uma raça: autossexualização do seu próprio corpo, encarnação do sexo em seu corpo próprio. Havia, sem dúvida, diversas razões para isso. (FOUCAULT, 2020, p.134).

A sobrevivência e a asseguaração hegemonia da classe burguesa, seriam umas das diversas razões pelo qual se tem uma tecnologia sexual, como neste caso, onde os homens, os reais principais disseminadores da sífilis constroem para si e para o outro, corpos específicos. O que se tem então é a mulher como aquela que possui a sujeira, a doença, enquanto os homens são limpos. Quando você define esses corpos desta forma, você dá um rosto a uma doença, enquanto assegura o seu domínio. As técnicas para categorizar e definir esses corpos envolviam a elaboração de discursos, sobre quatro figuras ou objetos do conhecimento:

A sexualização das crianças e do corpo feminino, o controle a procriação, e a psiquiatrização do comportamento sexual anômalo como perversão. Esses discursos implementados pela pedagogia, medicina, demografia e economia, ancoraram-se ou se apoiaram nas instituições do Estado e se consolidaram especialmente na família.

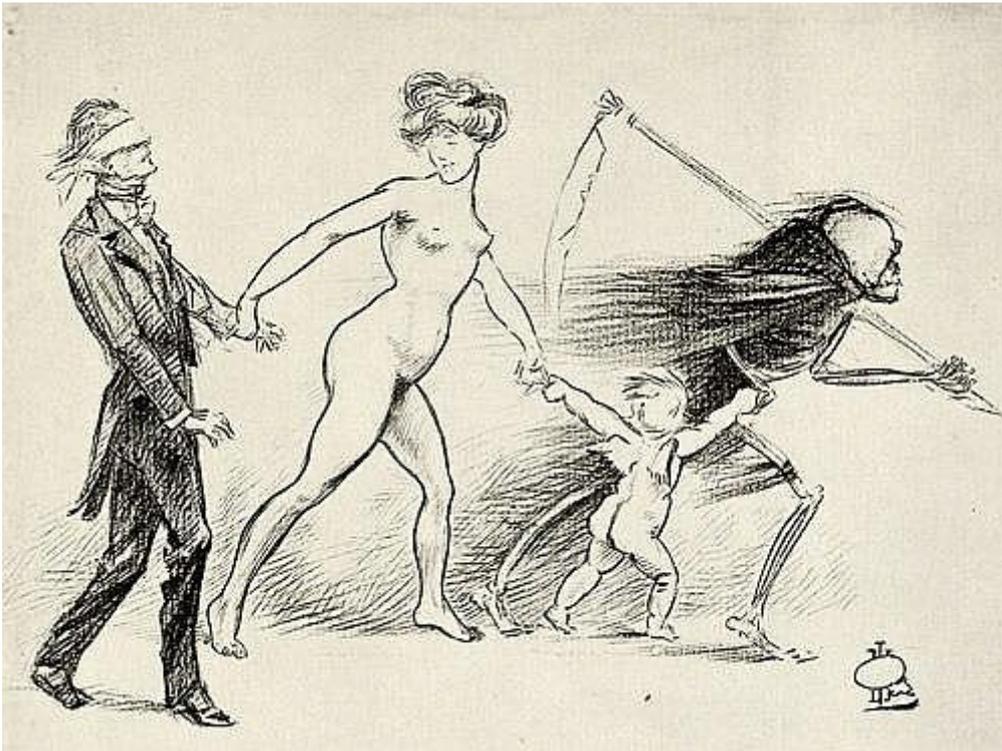
(...) A sexualização do corpo feminino tem sido, com efeito, uma das figuras ou objetos de conhecimento favoritos nos discursos da ciência médica, da religião, arte, literatura, cultura popular e assim por diante. (LAURETIS, 1993; 2019, pp. 134-135).

A tecnologia sexual é relacional, ou seja, ela produz e reproduz a partir da sua relação com aquele que detém o poder e com quem é dominado. Porém Teresa de Lauretis (1993; 2019) quer demonstrar a partir das tecnologias de gênero, que a forma como o dominado sente o efeito dessa tecnologia vai depender se o sujeito é mulher ou homem.

A arte pode ser uma tecnologia de gênero, e é possível perceber os padrões discursivos em algumas ilustrações e pinturas do século XVIII, que retratavam a sífilis sempre associada a imagem das mulheres.



Imagem da capa de A. M. Barthélemy's Syphilis: Poe'me en Quatre Chants, 1851.



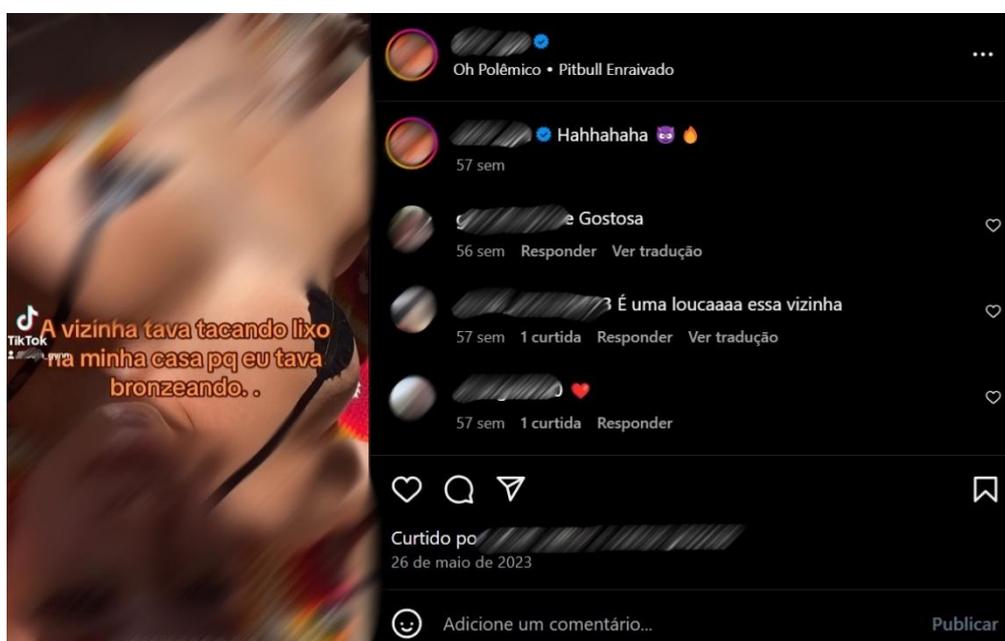
Lemort, Henry: Visions erotiques. [Galerie Bassenge](#) April 17, 2013. Berlin, Germany.

O interesse sobre as prostitutas estava apenas nas “aventuras” que a sua vida sexual trazia. Essas mulheres não existiam para além disso. Elas eram vistas como um produto, que possuía uma utilidade específica, desta forma, o que se sabe sobre a vida dessas mulheres é o que se sabe sobre os relatos de suas aventuras sexuais, contadas por homens, e imagens como as mostradas acima que retomam a uma representação repleta de preconceitos e estereótipos, pois essa era forma que a sua existência se resumia para esse público consumidor.

A prostituição (e o mercado do sexo) se constitui como uma relação que sempre esteve presente no social, além de estar presente ele foi necessário para a constituição de padrões dentro de uma estrutura patriarcal. Era conhecida, porém escondida, mesmo sendo considerada necessária para a manutenção de uma norma. Ou seja, a prostituição não se constitui ao decorrer da sua história no ocidente como uma mera atividade comercial que envolve sexo, mas acabou por se tornar parte de um poder que reforçou estereótipos a respeito das mulheres.

As mulheres enquanto classe não detêm poder dentro de um sistema patriarcal e essa falta de poder fica visível na forma em como as mesmas foram e são representadas na mídia. O patriarcado priva as mulheres de uma história e um registro próprio, desta forma inculcam nas mesmas uma falta de entendimento sobre si, o que favorece o controle do que seria ser uma mulher. Os homens, salvo algumas exceções, são aqueles que possuem o controle da mídia. E tendo nas mãos uma ferramenta que oferece tanto poder, eles as usam como forma de prender a mulher a estereótipos e imagens, que as mulheres passam a interpretar como sendo de fato elas.

Um exemplo que se encaixa nessa última frase vem de um episódio narrado por B. em suas redes sociais. Após ser expulsa da casa da sua sogra, B. conseguiu um novo local para morar junto com seu namorado (que também participa dos seus vídeos), ela mostra para seus seguidores todas as conquistas que obteve desde a sua entrada para a plataforma *Privacy*, os móveis e eletrodomésticos que conseguiu adquirir. Porém em meio a essas conquistas, a *alt model* continuou a sofrer perseguições, dessa vez por parte da vizinha.



Captura de tela de relato de B no Instagram.

Para além das questões que envolvem a produção de conteúdo, as modelos também precisam lidar com a questão moral que tem um peso muito

grande para quem trabalha no mercado sexual, que não apenas envolve o estigma da mulher de “vida fácil”, mas também a generalização feita sobre o próprio mercado sexual, onde qualquer serviço que esteja dentro deste mercado seja automaticamente considerado prostituição. Porém como Laura Agustín (2000) cita, o mercado sexual é complexo, não apenas no entendimento de seu funcionamento, mas também na forma como ele pode se dar:

Existe uma grande indústria do sexo na Espanha, como em toda a Europa. Este termo inclui bordéis, clubes de anfitriãs, certos bares, cervejarias, discotecas, cabarés e salões de coquetéis, linhas telefônicas eróticas, sexo virtual pela Internet, sex shops com cabines privadas, muitas casas de massagens, casas de relaxamento, desenvolvimento de atividades físicas bem-estar' e sauna, serviços de garotas de programa, algumas agências de casamento, muitos hotéis, pousadas e apartamentos, anúncios comerciais e semicomerciais em jornais e revistas e em pequenos formatos para colar ou sair (como cartões), cinemas pornográficos e revistas, filmes e vídeos para alugar, restaurantes eróticos, serviços de dominação ou submissão (sadomasoquismo) e prostituição de rua: uma imensa proliferação de formas possíveis de pagar por uma experiência sexual ou sensual. É claro então que o que existe não é a “prostituição”, mas sim uma série de diferentes empregos sexuais. (AUGUSTIN, 2008, p. 02, traduzido pela autora).<sup>60</sup>

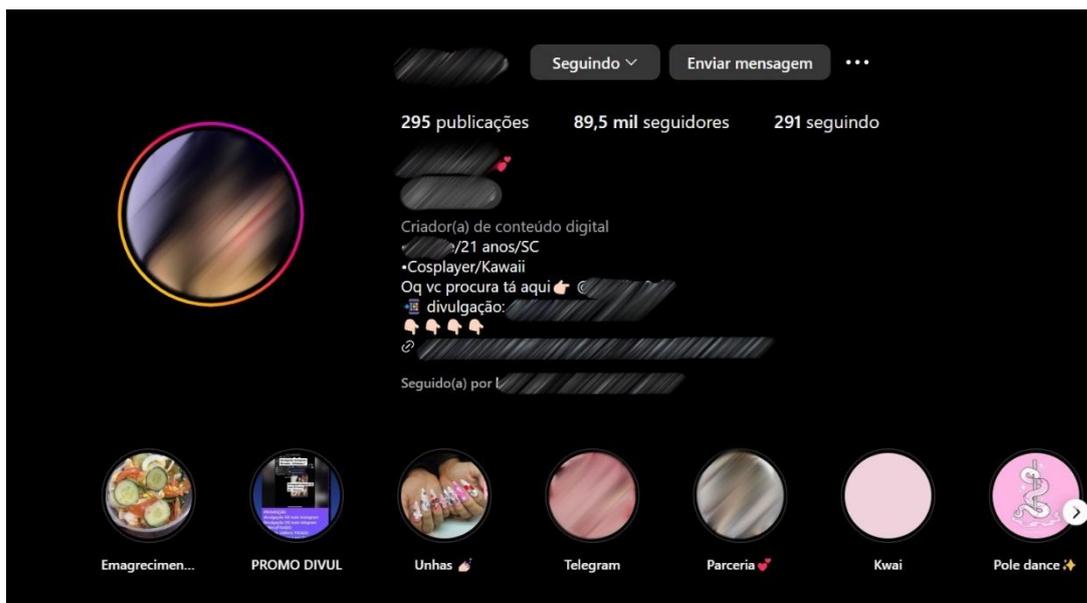
Porém, também é interessante pensar o porquê dessa generalização sobre o mercado do sexo, isto talvez se dê pelo próprio estigma que foi citado anteriormente no texto, existe uma imagem muito alimentada pela mídia sobre o que são as profissionais do mercado sexual. Esta visão corrobora com um discurso que tem como objetivo invisibilizar essas trabalhadoras, o que busco dizer com isto, é que socialmente o trabalho sexual deve ser mantido distante do restante da sociedade, o que leva a uma banalização sobre quem o exerce, já que estes indivíduos socialmente teriam menos “valor” do que as outras pessoas, além de que esse afastamento colabora com a exploração presente neste

---

<sup>60</sup> Existe en España, igual que en toda Europa, una gran industria del sexo. Este término incluye burdeles o casas de citas, clubes de alterne, ciertos bares, cervecerías, discotecas, cabarets y salones de cóctel, líneas telefónicas eróticas, sexo virtual por Internet, sex shops con cabinas privadas, muchas casas de masaje, de relax, del desarrollo del ‘bienestar físico’ y de sauna, servicios de acompañantes (call girls), unas agencias matrimoniales, muchos hoteles, pensiones y pisos, anuncios comerciales y semi-comerciales en periódicos y revistas y en formas pequeñas para pegar o dejar (como tarjetas), cines y revistas pornográficos, películas y videos en alquiler, restaurantes eróticos, servicios de dominación o sumisión (sadomasoquismo) y prostitución callejera: una proliferación inmensa de posibles maneras de pagar una experiencia sexual o sensual . Está claro entonces que lo que existe no es ‘la prostitución’ sino un montón de distintos trabajos sexuales.

mercado. Isto é, quanto menos discussões e tentativas de compreender um mercado tão complexo como este, mais fácil e comum se torna a exploração neste campo e estigmatização dessas trabalhadoras.

#### 4.2.4 J. – Afastamento, retorno e *exposes*



Captura de tela do perfil de Jennie - 2024.

J. foi uma das *alt models* que eu apenas pude fazer uma observação participante, interagindo a partir de suas postagens, principalmente pelos *stories*, onde ela constantemente abria “caixinhas de perguntas”, uma ferramenta comumente usada pelas produtoras para se aproximar do público.

Em 2022, quando passei a acompanhar seu trabalho, J. já era relativamente conhecida nesse universo, tinha naquele momento um número alto de seguidores, cerca de 61 mil seguidores. Como é possível ver na captura de tela mais acima, J. conseguiu manter um número alto de seguidores, com um crescimento interessante, mas que poderia ser maior tendo em vista ela já ter um público grande desde 2022.

Em 2022, J. possuía um prestígio maior dentro do universo *alt model*, naquele momento ela era colega de trabalho e amiga pessoal de K. As duas modelos gravavam juntas não apenas conteúdos +18, mas estavam sempre

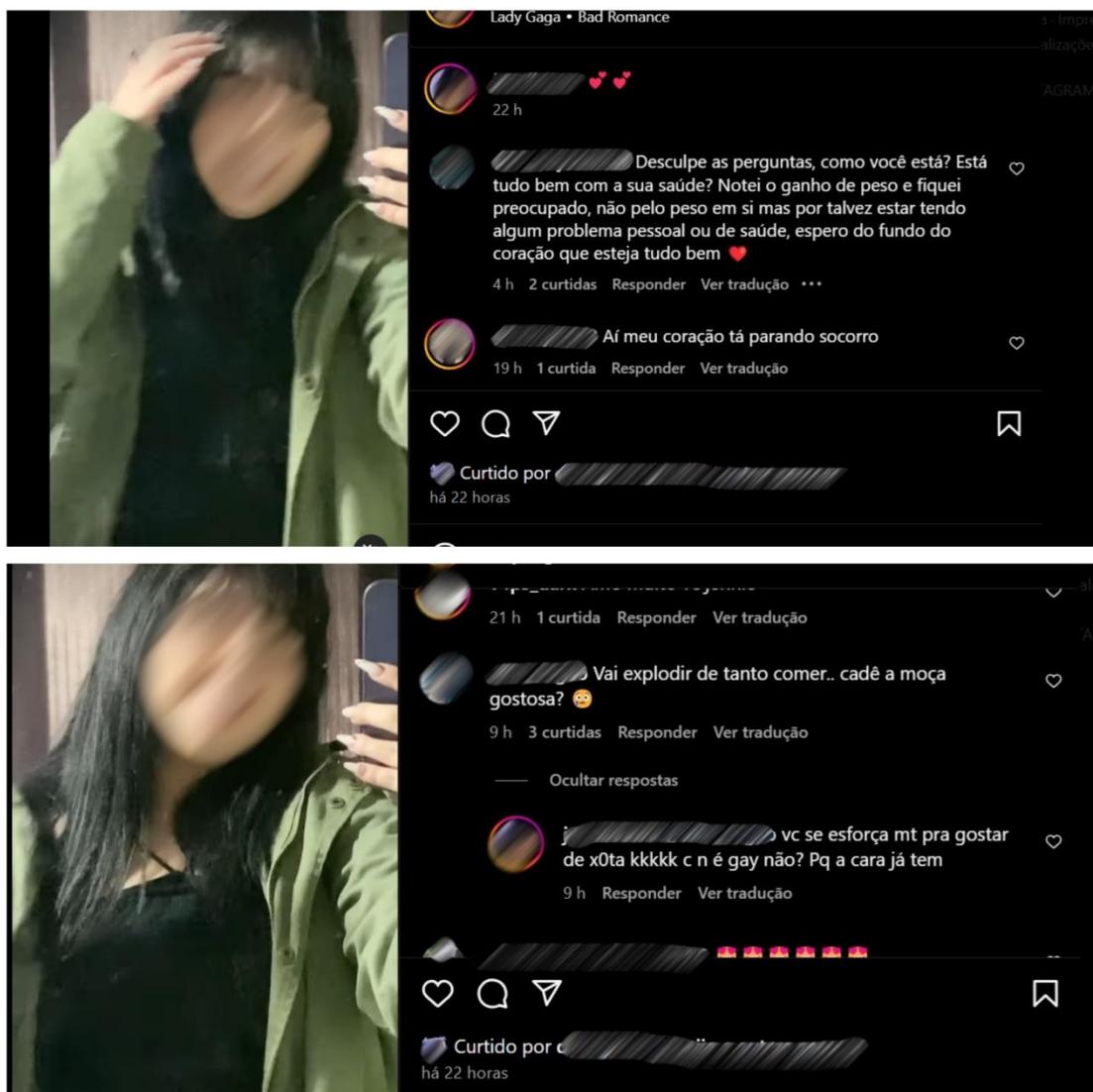
juntas, inclusive chegaram a morar juntas. A parceria delas funcionava muito bem no que diz respeito a produção de conteúdo adulto, elas pertencem ao mesmo nicho (tanto J. quanto K. tem o seu trabalho calcado na cultura *cosplayer*, que envolve animes, mangas e outros elementos da cultura pop japonesa), elas eram parecidas fisicamente, e construíram uma imagem parecida dentro da pornografia de plataforma. Porém essa parceria foi desfeita ainda em 2023, quando J. e K. romperam com a amizade.

A partir deste momento J. passou a enfrentar alguns problemas que afetaram o seu trabalho como modelo. Ela passou a se ausentar de suas redes, o que dentro do universo do trabalho digital significa um grande problema, pois a existência delas nesse trabalho depende da constante exposição. Quando a modelo postava algo, não era relacionado diretamente ao seu trabalho, mas a sua saúde mental, que naquele momento, segundo a própria, estava debilitada, tendo em vista problemas de ordem pessoal que estaria passando.

Após esse breve sumiço, J. retorna as redes, porém aquela menina de 19 anos volta diferente, ela havia mudado o cabelo, que agora deixa de ser longo e passa a ser curto, na altura do pescoço juntamente de uma franja curta. Porém essa não foi a maior mudança percebida pelo público de J., o que todos a questionavam em suas fotos, era o aumento de peso da *alt model*.

Quando começou a vender conteúdo, J. era uma jovem de 19 anos, de corpo pequeno, magro e com um rosto que lembrava de uma menina de quinze anos. Esse inclusive era uma das características que contemplava muito do seu nicho, a imagem infantilizada dentro do universo *cosplayer* é altamente valorizada, o que pode ser visto como uma problemática, pois evoca pedofilia.

Voltando a J., a *alt model* havia passado por mudanças no seu corpo, mudanças essas que dizem respeito somente a ela, porém se tratando de digital, a barreira do privado se perde, ainda mais se tratando de uma *alt model*, juntamente disto e de todos os questionamentos e suposições que sofria diante do fato de ter ganhado peso, a modelo veio a público explicar que estava passando por um momento muito complicado e que com isto havia se “descuidado” do seu trabalho e por isso acabou engordando, mas que se comprometia com seus fãs a emagrecer a voltar ao seu antigo peso.



Captura de tela comentários sobre o peso de J.

A pressão para falar sobre o seu peso veio de comentários como os mostrados na captura de tela anterior. Nesta imagem é possível ver como o digital age, ao mesmo tempo em que ele te coage a se expor, ele também dita quando você deve se afastar, é uma espécie de controle sobre o seu ser, e neste contexto se torna ainda mais latente, já que o trabalho dessas mulheres, a sua existência como trabalhadora depende completamente do digital.

É interessante notar como há dois tipos de vigilância sobre o seu corpo neste caso, um aparece em tom de crítica direta, o outro como forma de “preocupação”. O segundo caso é ainda mais interessante que o primeiro, pois neste a pessoa busca uma forma de criticar a mudança do corpo da *alt model*,

como sendo uma preocupação com a sua saúde, um argumento comumente utilizado em casos de gordofobia.

A gordofobia é o nome dado a práticas preconceituosas contra pessoas gordas, seja por meio de discriminação no trabalho, na saúde pública, nos espaços públicos. Existe um imaginário social, que é fortemente reproduzido não apenas pela mídia, mas também pelo setor de saúde pública:

Pois o atual discurso da saúde associa a magreza ao cuidado com o corpo, motivo pelo qual o corpo magro é considerado garantia de saúde e, por consequência, é visto como adequado/normal. (...). A patologização do corpo gordo é um discurso atualmente consolidado, inquestionável e fundamentado pelas ideias de sobrepeso e obesidade. (PAIM e KOVALESKI, 2020, p. 04).

Assim como os autores citam, existem uma patologização do corpo gordo no social, onde esse corpo automaticamente se transforma em um corpo doente, que sinaliza que algo não estaria bem com a pessoa. Aqui se ignora completamente a ideia de que um corpo magro também poder ser um corpo doente, já que o peso não pode ser tomado como único parâmetro para se julgar a saúde de alguém. É possível um corpo gordo ser saudável, ao tempo em que um corpo magro pode possuir algum tipo de debilidade. Mas para além da questão da saúde está o fator social que carrega o corpo gordo de estigmas, como a associação entre pessoas gordas e preguiça e falta de cuidado. Aqui se exclui o fator socioeconômico das pessoas, onde por muitas vezes a questão da alimentação não pode ser tratada como prioridade, pois a pessoa não tem a possibilidade de montar e manter uma rotina de hábitos saudáveis, além disso, os fatores sociais incidem diretamente na rotina e nos hábitos alimentares das pessoas, principalmente aqueles relacionados a vulnerabilidade social.

No caso de J., a gordofobia não aparece apenas de forma direta, por comentários como na captura de tela anterior, onde um homem questiona o quanto ela está comendo, mas também aparece exatamente na forma de “preocupação” e “cuidado”. Além da *alt model* buscar se explicar, já que como cita Paim e Kovalski (2020), pois diferente da pessoa magra, a pessoa gorda está sobre constante vigilância, além de estar condenada a intervenção a qualquer momento, já que as pessoas se sentem no direito de dar opiniões,

“aconselhar” e questionar as suas escolhas, não importando elas quais sejam. J., por exemplo, mesmo indo se manifestar a respeito dessa mudança no seu corpo, não se viu livre dos “conselhos”, já que o seu corpo gordo socialmente é visto como um corpo que precisa de ajuda.



*Captura de tela de comentários sobre o corpo de J.*

Ou seja, a pessoa gorda não possui autonomia sobre o seu corpo, a característica física do seu corpo é lido socialmente como uma debilidade, onde o sujeito se torna menos capaz, pois se entende que se a pessoa se tornou gorda, é porque algo com ela não está certo, não apenas fisicamente, mas também mentalmente, assim como afirmam Paim e Kovaleski (2020) o corpo gordo é lido como um corpo sedentário, preguiçoso e incapaz, as autoras ainda dizem:

A desvalorização e a estigmatização podem ser exemplificadas por diversos (pré) julgamentos que pressupõem que a pessoa gorda é deprimida, descontrolada, fracassada e descuidada, preconceitos tão naturalizados que a própria pessoa gorda incorpora uma imagem de si inapta e doente. (PAIM e KOVALESKI, 2020, p. 04).

No caso apresentado aqui de J., as pessoas se utilizam exatamente desse discurso para opinar sobre a sua vida, e além disso, criar suposições sobre a sua vida. Não se pode esquecer que não se trata de qualquer corpo gordo, mas se trata do corpo gordo de uma mulher, ou seja, o julgamento sobre ele é muito maior do que no corpo de um homem.

Pode-se ver neste caso o quanto esse trabalho não é tão simples quanto se diz, pois a pressão psicológica não incide apenas sobre o fato delas estarem no mercado sexual, que por si só é estigmatizante, mas também pela pressão estética que se sofre, e isto é maximizado por seu instrumento de trabalho ser a imagem do seu corpo, ou seja, a cobrança estética neste trabalho é um ponto que envolve a saúde mental dessas modelos. A importunação por meio da gordofobia pode ser entendida neste caso como um assédio moral, porém como se pode caracterizar esse tipo de importunação como assédio quando temos este trabalho calcado no digital, um ambiente que carece de regulações, não apenas no que diz respeito a privacidade, mas também ao trabalho? Segundo Paula Ariane Freire (2008), o assédio moral pode se caracterizar a partir das seguintes situações:

As formas do assédio moral podem, portanto, ser diversas. Destacamos algumas que julgamos mais importantes, como, por exemplo, piadas acerca de atributos físicos ou a respeito da religião ou orientação sexual da vítima; isolamento ou exclusão da vítima; intromissão em sua vida privada; ameaças de violência; humilhação, inferiorização e ridicularização, especialmente perante colegas ou superiores; instigação dos colegas contra a vítima; divulgação de informações falsas; assédio sexual, dentre outras. (FREIRE, 2008, p. 370).

O seu trabalho é público, por mais que não esteja restrito a um ambiente laboral físico, ele não deixa de ser um ambiente de trabalho, e neste ambiente digital “livre” de barreiras físicas, que o assédio se torna ainda mais difícil de ser mapeado e até mesmo entendido como assédio, por isso é importante delimitar o que se entende por assédio moral no ambiente de trabalho:

É nesse ambiente, marcado por pressões pelo desempenho quantitativo, além da despersonalização do trabalhador – tratado como objeto de produção – que acontece o denominado assédio moral, um processo de violência psicológica extremado contra o trabalhador que pode ter relação direta com danos à sua saúde. Verifica-se uma possível relação entre assédio moral e danos à saúde mental do trabalhador. Podemos afirmar que a violência

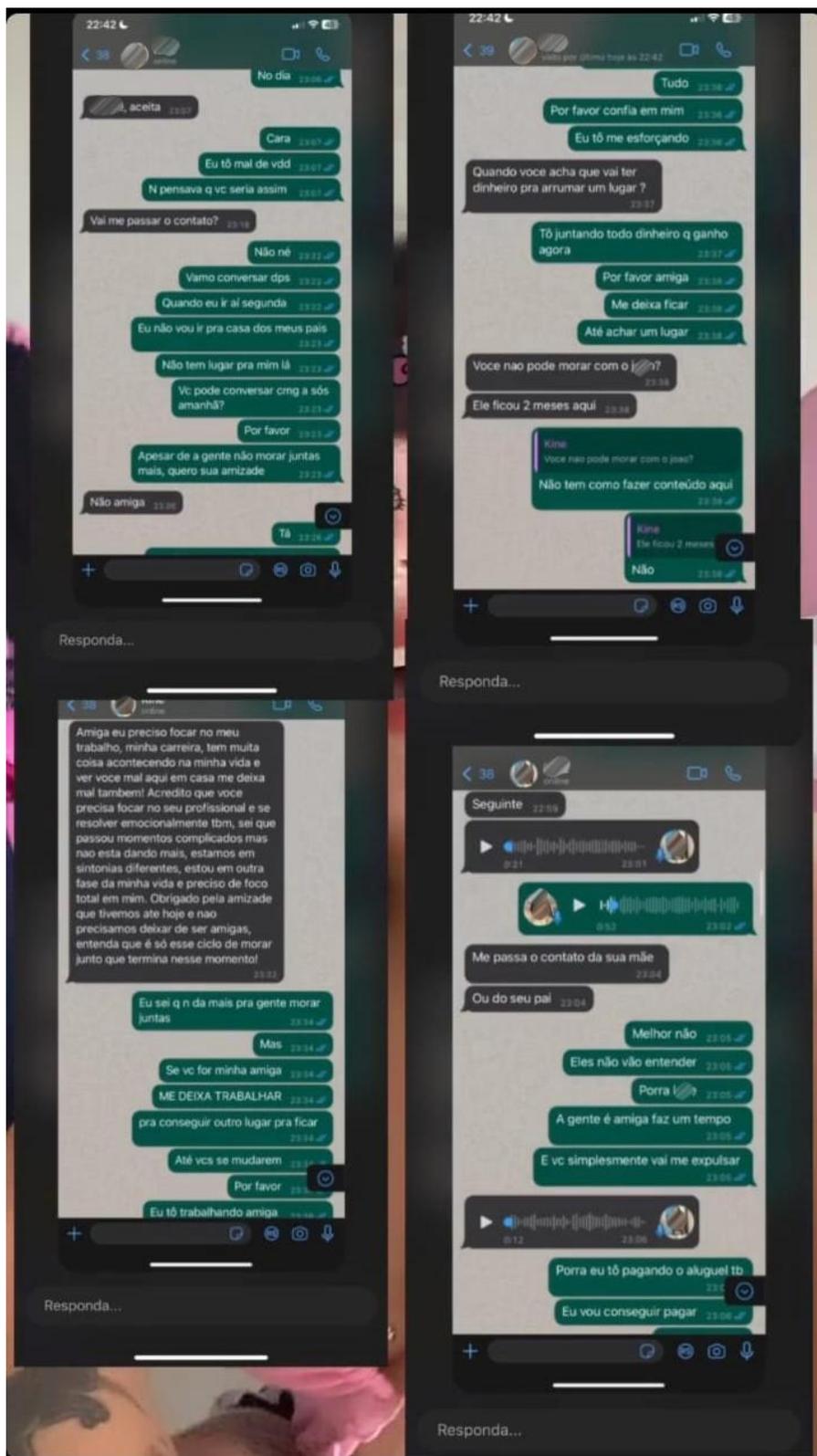
no ambiente de desenvolvimento das atividades laborais é uma das facetas mais antigas das relações de trabalho. (FREIRE, 2008, p. 368).

O assédio se torna ainda mais difícil de ser entendido como assédio quando este acontece no ambiente digital, e se torna ainda mais tabu quando esse assédio acontece dentro do mercado sexual, um local onde os direitos mais básicos dos trabalhadores são negados. Aqui novamente entra o estigma das trabalhadoras do mercado sexual, no qual se coloca a ideia de que o fato delas prestarem serviços sexuais, ou voltados para o sexo, as tornam menos detentoras de qualquer tipo de direito, principalmente aqueles que estão ligados ao respeito.

Após essa série de comentário que J. recebeu (e continua a receber, pois até o momento em que escrevia este capítulo, a *alt model* continuava a receber questionamentos sobre seu corpo), a produtora de conteúdo resolveu falar sobre os motivos que levaram ela a engordar. J. começa contando que passou por um momento difícil, onde teve que lidar com o fato de ter ficado sem casa em um momento em que estava passando por uma crise de saúde mental. Neste momento J. passa também a fazer um *expose*<sup>61</sup> sobre a sua relação com K. e em como isso afetou não apenas o seu trabalho, mas também sua vida privada.

---

<sup>61</sup> Expose é uma expressão em inglês que significa exposição. Se tornou uma expressão comum no digital para se referir a alguma briga, onde as partes ou uma das partes posta capturas de tela expondo conversas e imagens que sirvam como argumento para uma discussão ou acusação.



Captura de tela de conversas entre K. e J.

Nessa série de capturas de tela, J. expõe as últimas conversas que teve com K., enquanto ainda moravam juntas. Nos *prints* acima dispostos é possível

ver K. solicitando que J. fosse embora da casa que as duas estavam, enquanto J. questiona sobre o motivo da amiga estar pedindo isso, além de pedir mais tempo para poder conseguir achar um lugar. Porém a chave central desta conversa está nos motivos que K. dá para J. sair de casa.

A produtora K. alega que J. não tem se dedicado suficientemente ao trabalho, enquanto ela estava em um momento de plena ascensão e precisava de foco e a presença da “preguiçosa” amiga estaria se tornando um fardo, tendo em vista que J. estava emocionalmente frágil e pouco focada na própria carreira, argumentos esses usados por K. durante a conversa onde houve o rompimento da amizade e parceria de trabalho. Do outro lado J. alega estar passando por um momento complicado onde não pode contar com ninguém, já que segundo a conversa, ela diz não ter um relacionamento próximo aos seus pais.

Ressalto, até aqui, que não estou fazendo nenhum juízo de valor sobre os motivos que levaram a amizade a acabar, ou se existe um lado certo, mas sim analisando enquanto pesquisadora os eventos descritos por J. e que corroboram com a crítica que venho fazendo a respeito do quanto a dita facilidade do trabalho digital é uma falácia, neste caso, além do assédio moral que J. sofre pela exposição que seu trabalho exige, também, existe a pressão que o seu trabalho a coloca, pois para produzir conteúdo você deve ter ao menos um espaço para poder realizar as fotos e vídeos, e neste caso, J. não possui um dos pilares básicos para a realização de seu trabalho, como ela mesmo alega durante a conversa com a sua ex-amiga K., onde afirma não ser possível ficar sem casa, pois esta é essencial para a realização e venda do seu trabalho. Levando em consideração o fato de K. ser colega de trabalho, realizando parcerias com J., pode-se afirmar que a casa que as duas dividiam também pode se constituir como um ambiente de trabalho, desta forma, para além de um juízo de valor, é possível entender a crítica de K. a ex-amiga, juntamente com a pressão colocada sob as *alt models* (a necessidade de se postar com frequência, alta competitividade entre as modelos, a busca por parcerias, a exposição sem limites, e o discurso de alta produtividade) como uma forma de assédio:

Essas alterações tornam o ambiente de trabalho hostil, desumano e, portanto, qualitativamente desequilibrado, o que afeta abruptamente a saúde mental do trabalhador, visto que o empregado passa grande parte de sua vida desenvolvendo suas

relações interpessoais e sociais no ambiente de trabalho. Portanto, a qualidade de sua vida depende imediatamente da qualidade no seu ambiente de trabalho. É nesse ambiente, marcado por pressões pelo desempenho quantitativo e alcance de metas, e pela despersonalização do trabalhador – este tratado como objeto de produção – que acontece o denominado assédio moral, um processo de violência psicológica extremado contra o trabalhador, causando-lhe uma série de danos psicológicos. (FREIRE, 2008, p. 367).

Após esse episódio relatado, J. se afastou por um tempo das redes e do trabalho para cuidar da sua saúde mental, para assim conseguir voltar a produzir na frequência que estava habituada, e assim continuar aumentando o seu número de seguidores e clientes. Após esse breve afastamento - coloco como breve, pois outras modelos que acompanhei passaram por momentos de crise mental e se afastaram, porém o afastamento nunca passa de um mês, geralmente o máximo de afastamento delas do trabalho é de uma semana – a *alt model* voltou a suas redes e a postar conteúdo, porém ao voltar ela passa a ser alvo de constantes críticas ao seu corpo, o que claramente a afeta, tendo em vista alguns *stories* de desabafo e também pelas respostas que J. dá para quem a crítica.

Me lembro de quando encontrei as redes de J., naquele momento ela estava no auge da sua carreira, importante destacar aqui que o auge está neste caso também atrelado a sua idade de 19 anos, era seu primeiro ano como *alt model*, ou seja, ela ainda era uma novidade. Assim como bem colocado por Lorena Caminhas (2023) no seu trabalho sobre as plataformas de *webcamming*<sup>62</sup>, a idade é um fator essencial para quem trabalha no mercado

---

<sup>62</sup> Segundo Caminhas (2023) “O *webcamming* é um serviço erótico baseado na transmissão de performances sexuais via *webcam* e *streaming*, que irrompe mundialmente no início dos anos 2000, sendo proporcionado e condicionado pelo avanço da internet. Ele é um desdobramento do *homecamming*, uma prática que predominou na década de 1990 na qual pessoas comuns, centralmente mulheres cisgênero na faixa dos 13 aos 25 anos, transmitiam seus cotidianos via *webcam* (Senft, 2008).

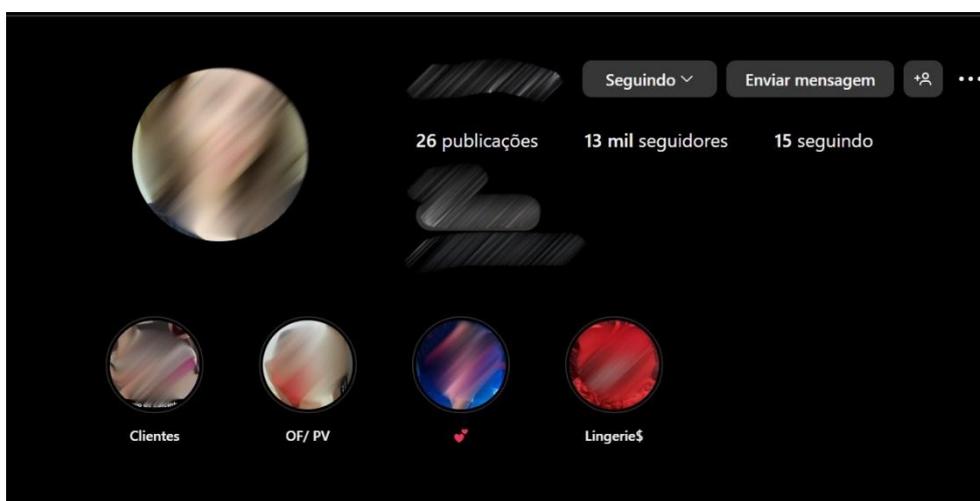
Essa prática assume caráter erótico a partir das transmissões de Jennifer Ringley, em 1996, que filmava suas relações sexuais com o namorado e disponibilizava as imagens na seção premium de um site de *homecamming* (Senft, 2008). Ademais, o *webcamming* é fruto do abalo que a internet causou na indústria do sexo tradicional, sobretudo após o advento dos *tube sites*, como o *PornHub*, que passaram a distribuir A pornografia gratuitamente (Velthuis e Van Doorn, 2020), e o desenvolvimento do *altporn* (Attwood, 2007), um *pornô* amador que preconizava uma produção autônoma e descentralizada. Sanders et al. (2018) pontuam ainda a intensa migração de trabalhadores sexuais para a *web* a partir dos anos 2000, com o objetivo de anunciar seus serviços ou realizar serviços sexuais online”.

sexual, tendo em vista que a preferência por mulheres mais jovens é evidente quando se trata desse serviço:

A idade também é central para trabalhar em plataformas de *camming*. As entrevistadas pontuaram que há um limite de idade para atuar no setor, sendo que as mulheres jovens são preferenciais. Carolina explica que “quando comecei, costumava me apresentar como uma mulher de 28 anos. No meu segundo ano, achei complicado continuar tendo 28 anos porque não é uma idade que atrai usuários, eles gostam de meninas mais jovens”. (CAMINHAS, 2023, p. 10).

Apesar de J. não estar próxima da idade das entrevistadas de Caminhas (2023), o fato dela estar deixando de ter os traços de uma menina de 19 anos, junto do seu aumento de peso, demonstram o quanto o mercado sexual descarta rapidamente as mulheres que deixam de corresponder ao padrão estético, que neste ambiente é o de uma mulher branca, magra e jovem.

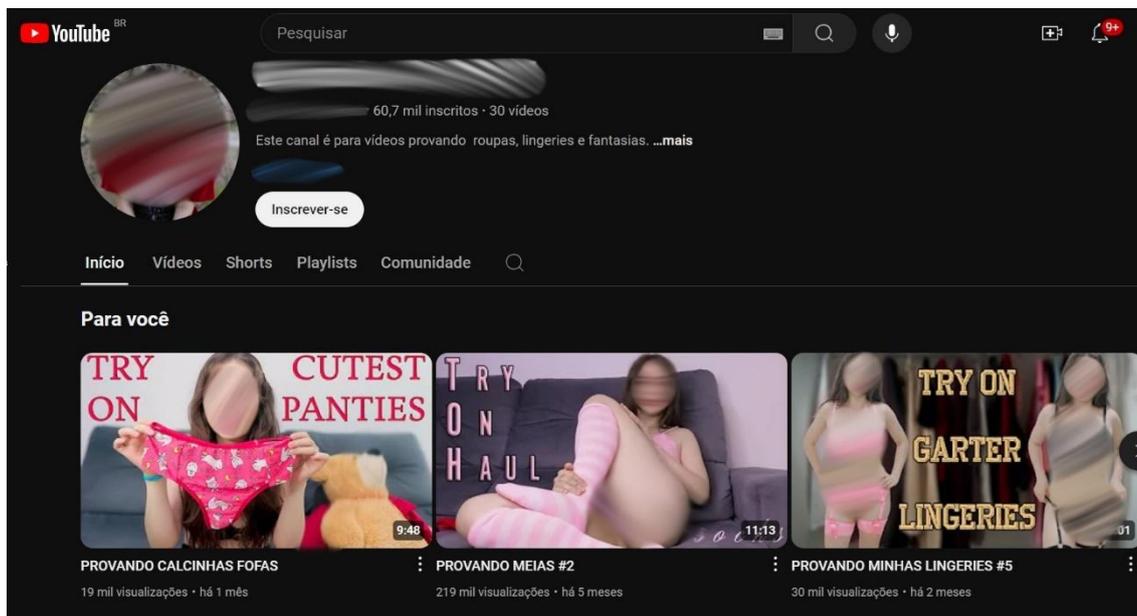
#### 4.2.5 D. – criação de mercado paralelo a produção de conteúdo



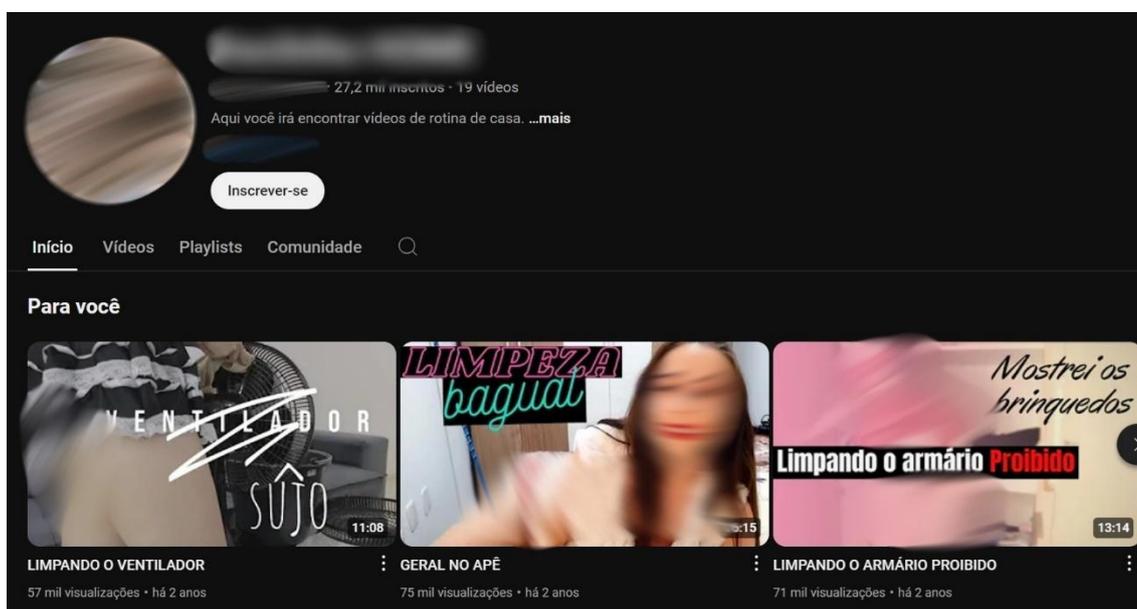
Captura de tela perfil D. – 2024.

D. foi uma das primeiras *alt models* que eu observei, a conheci através do Youtube, algo incomum, tendo em vista que o site possui muitas regras relacionadas à censura, o que torna um ambiente de difícil estabilidade para a produtora. D. era a única que usava o Youtube como uma ferramenta de

publicidade do seu trabalho, algo que ela continua utilizando até o dado momento.



Captura de tela do canal de Youtube de D. – 2024.



Captura de tela do canal de Youtube de D. – 2024.

A produtora de conteúdo adulto possui dois canais no site de vídeo, e os dois funcionam como vitrine de seu trabalho, a especialidade de D. é a reprodução de cenas cotidianas só que de forma sexualizada. Quando comecei a observar o trabalho da modelo, a mesma contava com 4.900 seguidores, dois

anos após esse primeiro contato, D. passou a ter 16 mil seguidores, um crescimento razoável quando comparado com outros modelos. Porém os seus dois canais do Youtube possuem um bom número de inscritos, ainda mais quando levamos em consideração que a promoção desse tipo de trabalho no site é muito mais limitado que o Instagram. Coloco como limitado, pois o Instagram permite que a produtora crie muitos mais meios de comunicação com os seguidores do que o Youtube, que tem apenas os comentários como espaço de interação, enquanto o Instagram possui além das postagens no *feed*, a possibilidade de postar pequenos vídeos no *reels*, além de ser possível criar enquetes, perguntas e brincadeiras com seus seguidores através dos *stories*.

D. é uma das poucas produtoras que pude observar que se mostra mais discreta quanto a sua vida, ela não posta tanto no Instagram e os seus *stories* são estritamente usados para venda do seu conteúdo. Por mais que todas as outras também se utilizem dessas ferramentas com o mesmo tipo de objetivo, D. diferente das outras colegas de trabalho, posta muito pouco vídeos descontraídos, a sua visão de trabalho aqui parece mais delimitada no que diz respeito ao limite entre vida privada e vida profissional. Digo isso, pois na contramão das outras modelos que compartilham momentos da rotina, ou problemas de ordem pessoal (como no caso de J. e B.), produtora D. posta apenas o necessário para que possa trabalhar.

Quando entrei em contato com a modelo em 2022 via entrevista semiestruturada, D. sempre fez questão de deixar claro o quanto estava na profissão pelo dinheiro, pois ela tinha como objetivo se formar na área que estava estudando, sendo assim, o trabalho como *alt model* era uma prioridade para sua subsistência, além de ser um meio naquele momento para poder dar um passo adiante, para além do mercado sexual. Como disse anteriormente, pouco é possível saber sobre a vida da modelo, além das informações que ela me passou por meio de entrevista.

A sua visão de trabalho parece muito bem estipulada, onde ela se estabeleceu em um nicho que traz à tona fantasias que estão ligadas ao cotidiano, como vídeos de faxina, vídeos experimentando roupas, serviços como *webnamoro*, além de ter criado um mercado de venda de lingerie para seus

clientes e seguidores. Pretendo destacar aqui a função de *webnamoro* e a venda de lingerie.

## SEJA MEU WEBNAMORADO

 Salvamento desativado.

### O QUE O WEBNAMORO 7 DIAS INCLUI

O webnamoro de 7 dias inclui: conversas cotidianas, conversas picantes(sexting), fotos de agora e sensuais, tapes/gifs sensuais, avaliação do pau, áudios e 1 vídeo chamada explícita de 10 minutos

#### Adicionais

- Ligar para você desejando bom dia todo dia - R\$ 50,00
- Jogarmos um jogo juntos (4 horas semanais) - R\$ 50,00
- Assistirmos um seriado/filme juntos (4 horas semanais) - R\$ 30,00
- Assumir uma personalidade diferente(animal, personagem...) - R\$ 50,00
- Enviar uma foto dos pés todo dia - R\$ 20,00
- Experiência cucklod - R\$ 50,00
- Experiência submisso(escravo) - R\$ 50,00
- Experiência dominador - R\$ 50,00

*Captura de tela formulário para webnamoro D. 2024.*

A venda de lingerie (usadas ou não) e o *webnamoro*, demonstra o quanto o mercado sexual é diverso no sentido do que se pode vender ou fazer. Estas atividades são exemplos que podem ser usados para romper com a ideia de que o mercado sexual se trata apenas de prostituição, argumento colocado por Agustin (2008), para desmistificar a ideia simplista de trabalho sexual como prostituição. Porém essa habilidade em criar negócios paralelos que as *alt models* desenvolvem não está apenas ligada a ideia das diversas atividades

possíveis quando se trata de mercado sexual, mas também está ligada ao fato das plataformas no digital cobrarem a capacidade de inovação como um diferencial necessário a sobrevivência dessa trabalhadora como figura no digital. Sendo assim, para você existir e continuar mantendo a sua existência, você precisa estar apta a desenvolver habilidades de negócios que te destaquem enquanto produtora de conteúdo.

Essa habilidade na verdade se trata de estratégias criadas para poder não apenas ganhar mais clientes, mas também para criar uma identidade ao seu trabalho e dessa forma se especializar em um nicho mais específico, onde o diálogo com o seu público seja facilitado.

#### **4.2.6 S. e S. – primeiro a esposa, depois o marido**

Esse perfil se diferencia de todos os outros por se tratar de um perfil de casal. Os dois correspondiam a um perfil de classe média, ambos possuíam ensino superior, tinham um apartamento e estavam no processo de preparativos para o casamento quando comecei a observa-los. Durante o tempo em que o perfil esteve ativo, foi possível acompanhar a escolha do vestido da noiva, o casamento no civil, entre outros eventos.

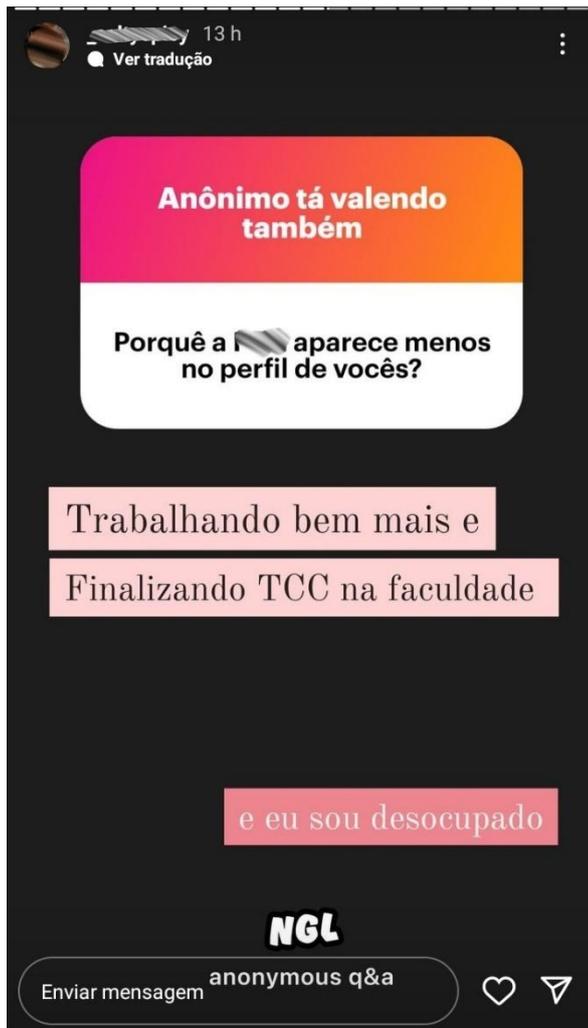
O perfil era composto por duas pessoas bissexuais, o que permitia que o conteúdo gravado tivesse uma abordagem menos normativa, já que aqui o marido também tinha relações com outros homens, enquanto que a esposa apenas beijava outras mulheres, mas não transava.



Captura de tela de story do perfil de S. e S.

A bissexualidade no mercado do sexo é visto como uma espécie de qualificação, uma mulher que não produz conteúdo com outras mulheres terá menos alcance do que outras que fazem, visto que este tipo de relação é tratado como uma fantasia.

Pouco tempo após essa pergunta ser feita, a esposa deixou de aparecer nos vídeos e aos poucos também das fotos, isso gerou dúvidas sobre o futuro da página do casal, e com isso o marido veio a público se manifestar.



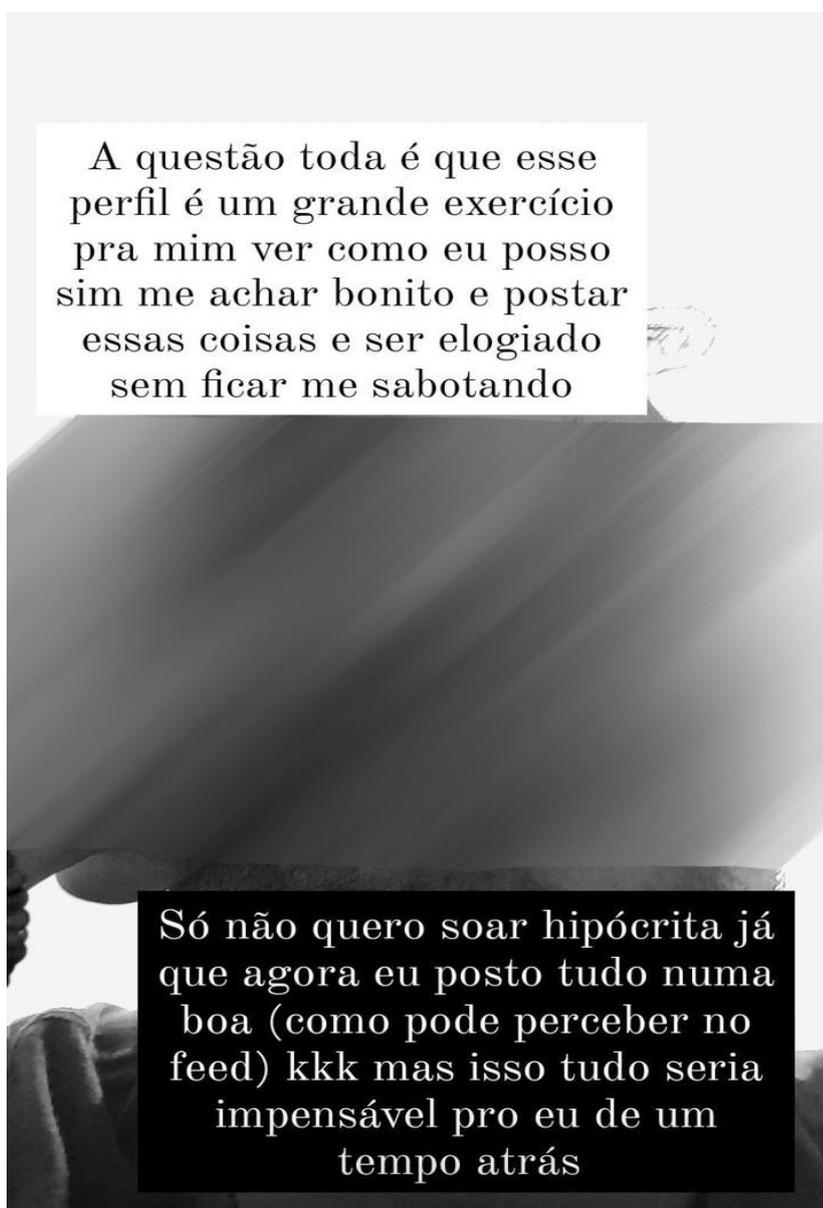
Captura de tela de story do perfil do casal S. e S.

Ao colocar que o trabalho de produção de conteúdo como algo de desocupado evoca-se a forma como ele encara a produção de conteúdo, que é de forma muito diferente das outras meninas que acompanhei. Enquanto todas as outras colocam a produção de conteúdo como um trabalho, ele coloca como um *hobby*, como uma atividade que se faz quando não tem nada melhor a fazer.

Esse tipo de fala contribui para alimentar a ideia de que quem trabalha no mercado sexual leva uma vida fácil, trazendo à tona uma antiga expressão, onde se chamam as trabalhadoras de “mulher de vida fácil”. Como já foi demonstrado durante a pesquisa, a trabalhadora sexual tem uma rotina de pressão e assédio, que desmistifica a ideia errônea de dinheiro fácil. Existe além da pressão por

estar fazendo um trabalho que atenda o seu público, uma pressão social que faz com que torne esse trabalho ainda mais difícil.

Porém, esse tipo de fala por parte do marido explicita que diferente da maioria das pessoas que estão no mercado sexual, o seu objetivo aqui não era ganhar dinheiro para poder se manter, os seus motivos estão mais relacionados a uma satisfação pessoal e uma busca por validação que pode ser vista na captura de tela de um *story* do perfil do casal.



Captura de tela de story de S. e S.

Para além da questão do dinheiro envolvido, existe aqui também uma busca por validação pessoal, que pode se dar por diversos motivos e que não cabe a mim, nem a leitora ou leitor entender, ou saber o que é, mas sim perceber em seu discurso que o mercado sexual não entra para ele como um trabalho. Esse tipo de visão é um tanto problemática, tendo em vista que contribui com a noção de que esse mercado não possui trabalhadores, o que conseqüentemente torna vida de quem produz conteúdo mais difícil quando pensada da ótica de trabalho, pois esse tipo de discurso colabora com a visão que a própria estrutura coloca sobre o mercado no digital, como se esse não fosse de fato um trabalho, mas uma atividade que você pode exercer quando estiver disposto, sem nenhum tipo de compromisso ou vínculo empregatício.

É possível pensar que esse discurso vai em direção a uma popular expressão, que diz algo mais ou menos assim, “se virar trabalho, fica chato”, ou seja, os discursos dessas plataformas vão ao encontro da ideia de que se você evocar a categoria trabalho, isso automaticamente traria responsabilidades, deveres e direitos que apenas iriam atrapalhar uma atividade que funciona de forma tão bem para todos. Porém essa é a visão da plataforma, que nesta relação é quem detém poder.

A dimensão atrelada ao trabalho está relacionada a uma falta de liberdade, enquanto que o mercado de trabalho no digital, vai trazer um discurso que evoca liberdade, ou seja, algo contrário à ideia de liberdade, desta forma, quem vai querer abrir a mão da liberdade de ter uma atividade que pode ser realizada de acordo com a sua vontade e no lugar ter que estar ligada a um trabalho, que evoca a falta de liberdade e escolha?

Essa é a ilusão que as plataformas passam para os seus “clientes”, para que esses vejam um trabalho precarizado como uma boa oportunidade. Claro que para o produtor de conteúdo que trabalhava com a sua esposa, a sua preocupação não era de fato a busca por um trabalho, mas por uma atividade extracurricular, que serviria por um determinado tempo, para além da problemática em sua fala a respeito de tratar o trabalho no mercado sexual como uma atividade de quem não tem nada melhor a fazer, o seu posicionamento nesta questão demonstra o quanto para pessoas que buscam alguma espécie de satisfação pessoal, como neste caso, as plataformas realmente são efetivas,

já que aqui você não tem as obrigações que teria junto a um trabalho regularizado.

Esse tipo de discurso e visão sobre o trabalho de plataforma age como uma forma de suavizar ainda mais a exploração (ANTUNES, 2020) sobre aqueles que dependem dessas atividades, juntamente se plica um discurso repleto de uma nova gramática que vem para legitimar o entendimento de que o trabalho de plataforma na verdade se trata apenas de um local onde é possível oferecer seus serviços, e não a sua força de trabalho.

### **4.3 O problema que atinge a todas**

Apesar da diversidade de motivos e experiências que se tem presente na venda de conteúdo adulto por plataformas, e que foram exploradas durante o texto, existe ainda um problema que atinge todas as pessoas que produzem conteúdo +18, o roubo e vazamento do material produzido. Por mais que exista um discurso dentro da venda de conteúdo que é possível se proteger de vazamentos, na prática eu pude constatar que a segurança neste trabalho é uma falácia.

Atualmente, um dos maiores problemas enfrentados por essas trabalhadoras são esses vazamentos/roubo de conteúdo. A possibilidade de ter o seu conteúdo roubado é constante e não existe nenhuma ferramenta que garanta segurança especificamente para esse problema.

A plataforma não garante nenhum tipo de proteção, o que existe é apenas uma relação de confiança entre produtora e cliente, isto porque quando você assina o conteúdo por meio das plataformas, enquanto você pagar, você tem acesso livre ao conteúdo ali postado. O que acontece nesses casos, é que a pessoa em questão assina uma vez o conteúdo da *alt model* e a partir do momento em que tem acesso, passa a fazer cópias das imagens que ali foram postadas.

Além disso, existem *alt models* que trabalham com a venda direta de conteúdo pelo Whatsapp ou Telegram, ou seja, aqui não existe a plataforma *Onlyfans* e *Privacy* como intermediária, a relação é ainda mais direta com o

assinante, e neste caso o cliente tem acesso a essas fotos por meio de uma pasta localizada em um drive, desta forma, ele tem a possibilidade de baixar as imagens diretamente para o seu computador, tendo aquelas imagens em sua posse. A partir do momento em que essas mídias entram nas plataformas, ou são vendidas de forma direta, as produtoras perdem totalmente o controle dessas imagens.

Essa inclusive é uma das características mais marcantes da pornografia, o seu caráter *vitalício* (grifo nosso). O que busco dizer com isso, é que a escolha de ter sua imagem nua veiculada, quando pensada no ambiente digital, é uma escolha para a vida toda. Não que isso não acontecesse em vias de pornografia tradicional, porém o material físico ainda poderia ter um fim, já que esse se deteriora com o tempo, seja pensando em fotos, revistas ou fitas de vídeos. Porém o digital não se deteriora, e o que potencializa ainda isso, é a possibilidade de distribuição que se pode ter em pouco tempo no digital.

Todas as *alt models* estão sujeitas a sofrerem com vazamento de conteúdo. Neste caso, o maior problema do vazamento, é que ao roubarem as suas fotos, golpistas começam a se passar por elas e a vender esse conteúdo roubado.

As plataformas não prestam nenhum tipo de suporte, o que mostra que assim como fala Antunes (2020) nem mesmo a relação de cliente, entre produtora e plataforma, está bem assegurada aqui nesta situação. Pois a plataforma se isenta de qualquer tipo de responsabilidade. A falta de responsabilidade por parte das plataformas, na verdade seria o que Vitor Filgueiras e Ricardo Antunes (2020) descrevem como uma das características das novas formas de organização do trabalho associadas a tecnologias de informação e comunicação (TIC). Segundo os autores essas novas relações de trabalho se desenvolveriam a partir de três pontos principais:

- 1) (...) as empresas que se apresentam como plataformas ou aplicativos são, na verdade, estratégias de contratação e gestão do trabalho que mascaram o assalariamento presente nas relações que estabelecem. A negação do assalariamento é elemento central da estratégia empresarial, pois, sob a aparência de maior autonomia (eufemismo pra burlar o assalariamento e efetivar a transferência de riscos), o capital busca, de fato, ampliar o controle sobre o trabalho para recrudescer a exploração e a sujeição.

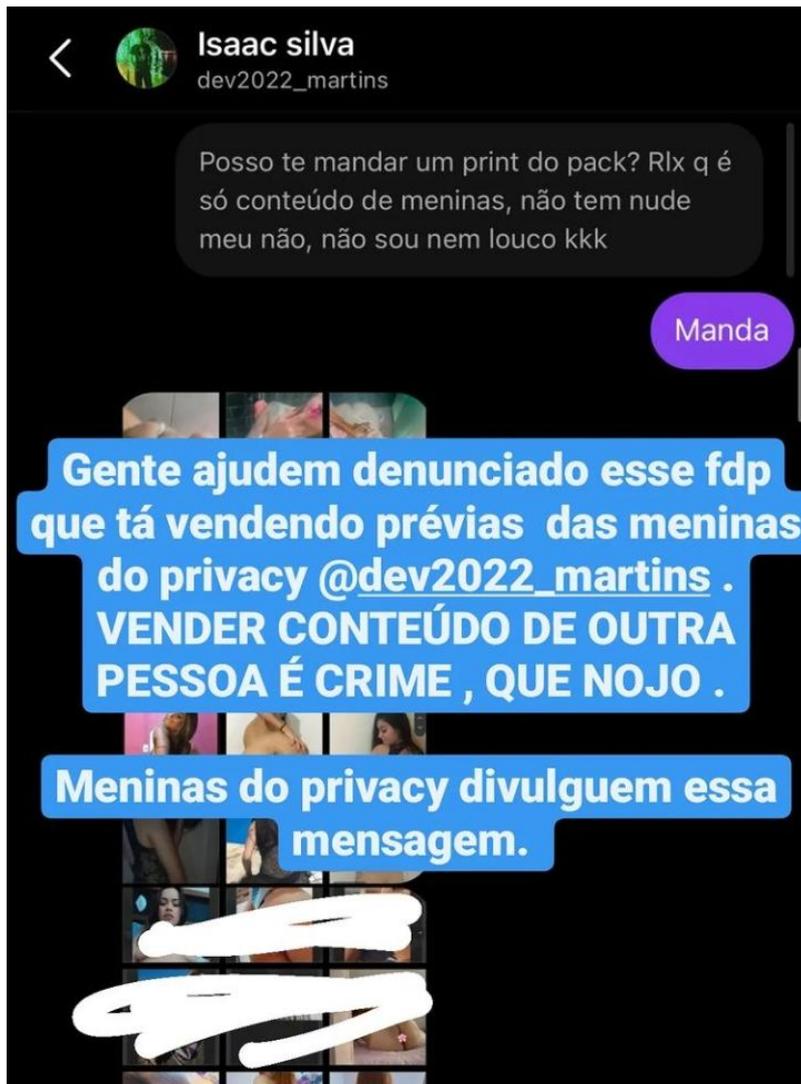
- 2) A recusa da condição de empregador como estratégia de gestão e controle do trabalho é um fenômeno praticado há décadas; porém, a utilização das TIC por plataformas e aplicativos vem potencializando e aprofundando exponencialmente esse processo. Isso ocorre tanto quando o discurso empresarial propaga a narrativa de que os trabalhadores/as seriam seus clientes (desprovidos, portanto, de relações de trabalho efetivas) quando utiliza essas novas ferramentas de processamento e transmissão de dados para subordinar e sujeitar os trabalhadores ampliando os níveis de exploração da força de trabalho.
- 3) Vivemos um momento de contradição quase irônica do capitalismo contemporâneo. Do ponto de vista técnico, a utilização das TIC na gestão do trabalho torna a identificação e a efetivação de direitos aos/as trabalhadores/as mais fácil do que em qualquer outro período da história. Contudo, o discurso de que estamos diante de novas formas de trabalho, não sujeitas à regulação protetiva (ou o de que não seria possível existir tal regulação), tem desempenhado papel fundamental para legitimar, incentivar, cristalizar e acentuar a falta de limites à exploração do trabalho e precarização de suas condições. A mesma tecnologia que torna a regulação tecnicamente mais fácil é apresentada pelas empresas como fator que inviabilizaria a proteção dos trabalhadores. E esse contraditório e complexo movimento, típico da razão instrumental e de suas engrenagens de dominação, tem impactado fortemente nas legislações e as instituições públicas, além de constituir um elemento a mais para dificultar e obliterar a criação de laços de solidariedade e de organização da classe trabalhadora. (FILGUEIRAS e ANTUNES, 2020, pp. 60-61).

É possível identificar as características descritas sobre as novas formas de trabalho que os autores citam quando olho para a produção de conteúdo adulto. Um ponto importante que se pode destacar aqui, é a forma como as plataformas se isentam de qualquer responsabilidade empregatícia, o que traz consequências negativas para essas mulheres quando pensamos em segurança no trabalho, que neste caso está diretamente relacionado ao roubo das suas imagens. Isto porque as plataformas se apresentam como empresas de tecnologia, “intermediárias” entre “consumidores e produtores” (FILGUEIRAS e ANTUNES, 2020), desta forma, não existe um compromisso formal entre plataforma e trabalhadores, na verdade o que esse tipo de relação estabelece, é a ideia de que a plataforma presta um serviço as produtoras, sendo assim, quem possui responsabilidade sobre o trabalho produzido são apenas as produtoras, já que as plataformas estariam na verdade fazendo um “favor”, já que elas, as plataformas, não te cobram nenhum tipo de exclusividade, as produtoras também não teriam como exigir uma maior segurança, já que não existe nenhum tipo de documento que valide a relação de trabalho entre plataforma e produtora.

Além do que foi citado anteriormente que demonstra que a pornografia de plataforma pode ser categorizada como uma TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação), existem ainda quatro pontos que são essenciais para se identificar uma TIC, são eles:

- 1) contatos on-line entre produtores e consumidores, trabalhadores e empresas;
- 2) uso de aplicativos ou plataformas para acesso em computador ou instrumentos móveis de comunicação;
- 3) uso abrangente de dados digitais para a organização e gestão dessas atividades;
- 4) relações estabelecidas por “demanda” (ou seja, que resultam de arranjos a cada produto, desprovido de segurança jurídica capaz de garantir sua continuidade). (FILGUEIRAS e ANTUNES, 2020, p.62).

O contato e a relação de trabalho aqui é toda calcada no digital, não apenas no que diz respeito a produção, a compra e a venda, mas também qualquer outra relação que o trabalho possua, todas irão passar pelo digital, não existindo espaço físico ou pessoas físicas para que os contatos e “contratos” sejam estabelecidos e para também os problemas relacionados ao trabalho serem resolvidos, dessa forma, as produtoras de conteúdo quando passam por algum tipo de situação que coloca em risco o trabalho delas, essas mulheres não tem a que recorrer, isto foi visto durante a pesquisa, quando algumas produtoras que tiveram suas fotos roubadas e usadas por terceiros, recorreram a plataforma (neste caso a *Privacy*) e não tiveram nenhum tipo de respaldo.



Captura de tela postado por B. sobre roubo de fotos.

Oi de novo, estou te pedindo novamente pra desativar a conta, ou pelo menos parar de postar as minhas fotos como se fosse eu...

11:29 ✓

50R\$ dou minha palavra de mulher qe apago a conta na hr

Considerando qe tô ganhado uns 20 a 30 por dia nela é uma no oferta

12:06

Cara, eu real não tô nem acreditando no que tô lendo

12:07 ✓

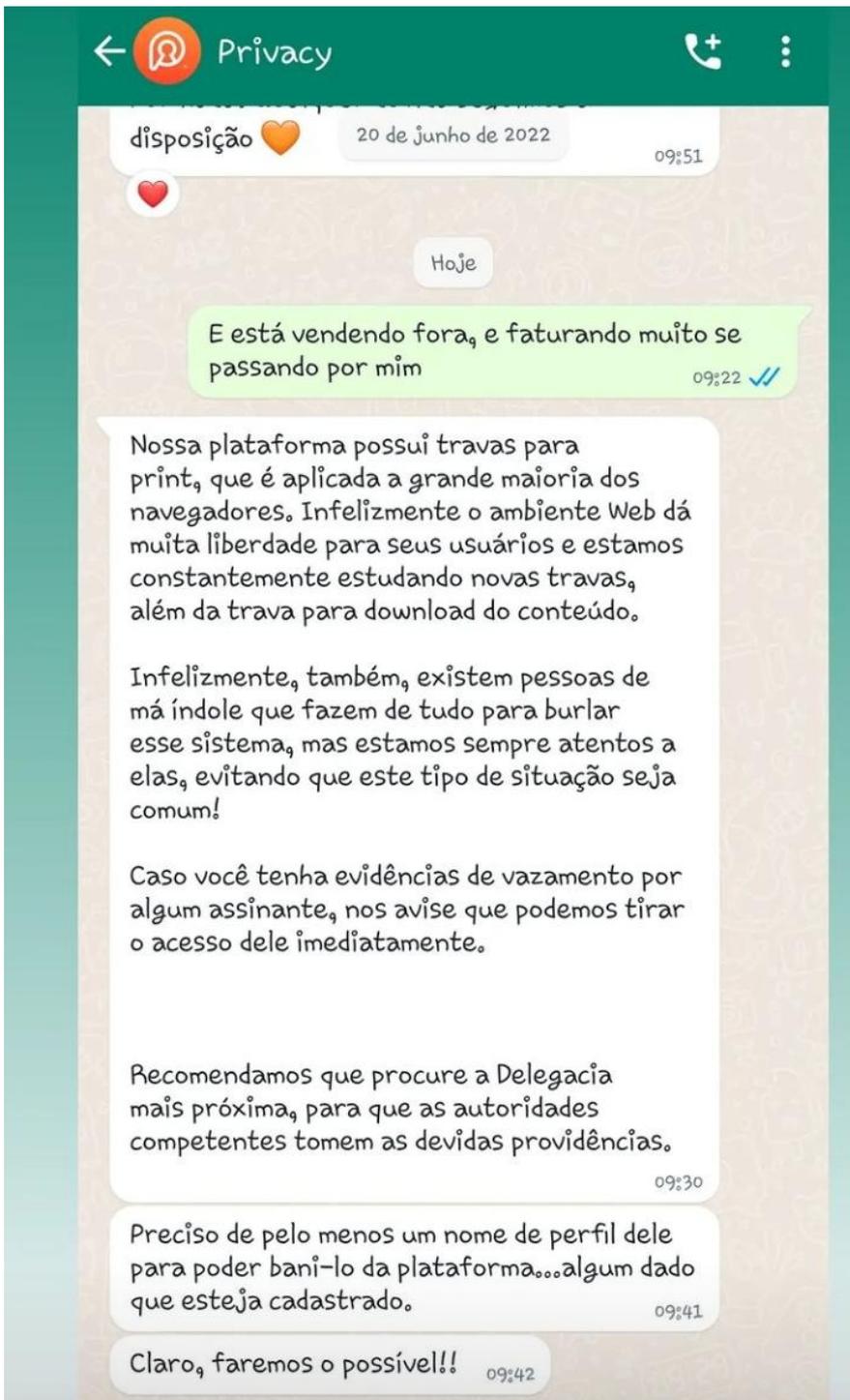
**Eu preciso da ajuda de vcs com isso, não tô aguentando mais cara, agora ainda tô sendo chantageada por causa de um dinheiro que vem da minha imagem kkk**

12:07

Você tá ganhando com a minha imagem, isso é crime meu anjo

12:07 ✓

*Captura de tela postado por produtora de conteúdo sobre o roubo de suas fotos.*



*Captura de tela de conversa entre produtora e plataforma sobre roubo de fotos, 2024.*

As capturas de tela anteriores mostram o quanto as plataformas não garantem nenhum tipo de segurança as mulheres que produzem conteúdo. Na primeira captura de tela, B. pede ajuda aos seus seguidores e clientes para denunciarem o perfil que está roubando não apenas as suas fotos, mas também

de outras produtoras. Apesar dessa nova forma de trabalho possuir uma lógica que afasta os trabalhadores uns dos outros, ainda assim é possível perceber que a solidariedade entre pares continua a ser um ponto crucial no que diz respeito ao mundo do trabalho, e por mais que exista um sistema que pressione pelo fim desse sentido de grupo, a própria plataforma e suas deficiências faz com que os trabalhadores se unam em busca de melhorias ou de uma ajuda pontual, como no caso exposto anteriormente, onde B. também pede auxílio a outras colegas de trabalho para denunciar o perfil golpista.

Esta busca por apoio entre os pares no trabalho de plataforma, foi algo que se mostrou potente nos últimos anos quando em algumas capitais do Brasil aconteceu um movimento de entregadores de aplicativo, que fez com que as entregas e aplicativos parassem, foi o chamado “breque dos *apps*”. Esse movimento ocorreu no ano de 2020, durante pandemia, onde os entregadores reivindicavam por melhorias nas condições de trabalho, principalmente no que dizia a respeito ao valor pago aos entregadores, além de outras questões relativas as plataformas de entrega que não asseguravam nada aos entregadores. Esse movimento veio como forma de demonstrar que apesar de o digital criar novas formas de relações no trabalho, principalmente no que diz respeito a desmobilizar e enfraquecer a coletividade entre trabalhadores, essas mudanças não são suficientes para desfazer a coletividade presente no trabalho.

Assim como os entregadores, as modelos não possuem a quem recorrer que não sejam seus pares. Na captura de tela de uma conversa entre uma produtora e a plataforma sobre o roubo de fotos, é possível perceber o quanto a plataforma afasta o problema do vazamento, como se estivesse lavando as mãos quando responde a produtora que a plataforma possui um dispositivo anti captura de tela, porém ao mesmo tempo reconhece que na internet existem vários modos de burlar essa “segurança” que a plataforma supostamente dá a suas clientes.

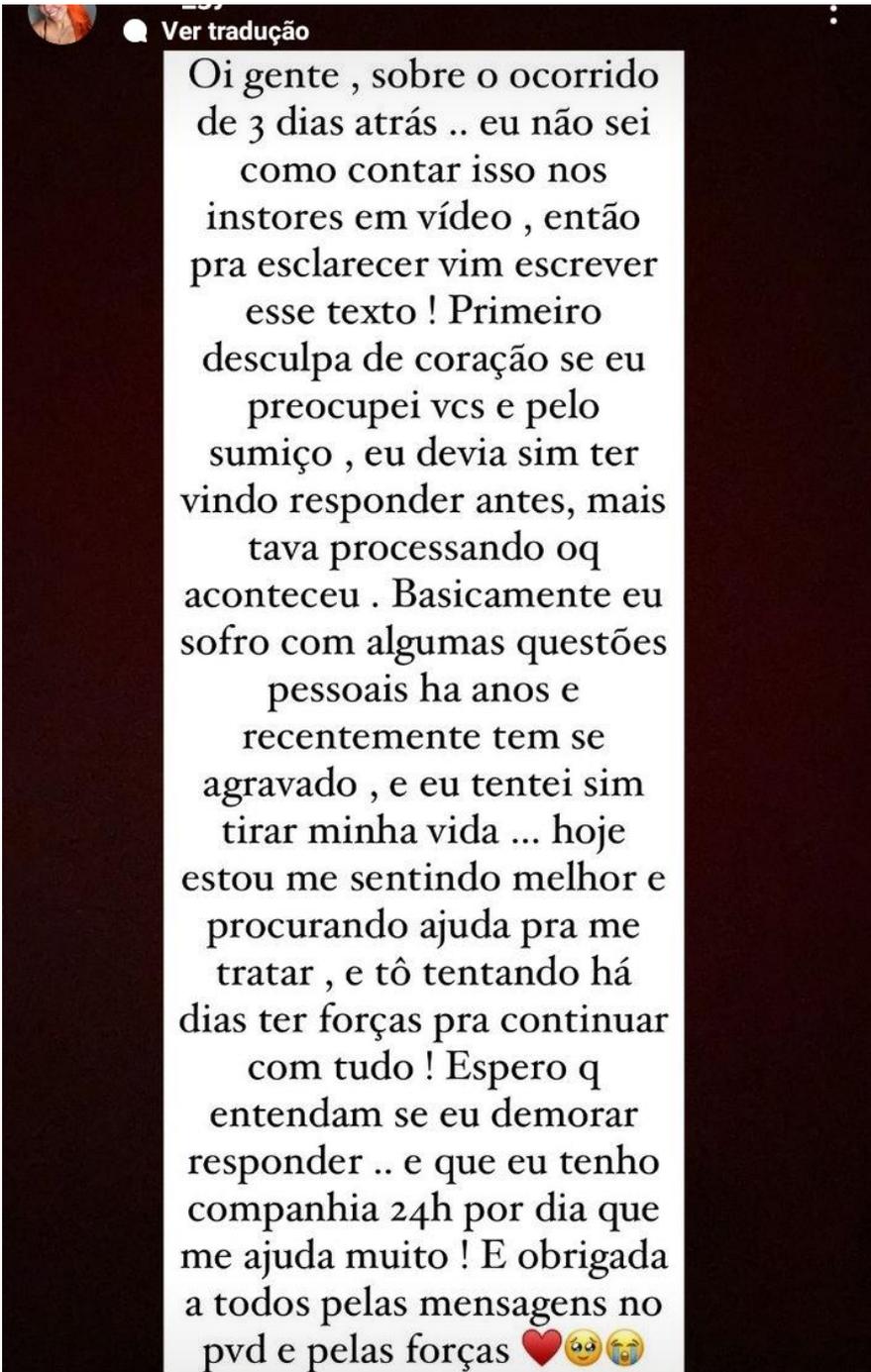
Essa falta de segurança pode gerar não apenas transtornos no que diz respeito a prejuízo financeiro, como é visto na captura de tela da conversa entre uma produtora de conteúdo e um golpista. Na imagem é possível ver a negociação entre os dois, e o deboche por parte do golpista, que age com

tranquilidade, pois sabe que não terá nenhum tipo de consequência, as únicas pessoas afetadas negativamente aqui, são as produtoras.

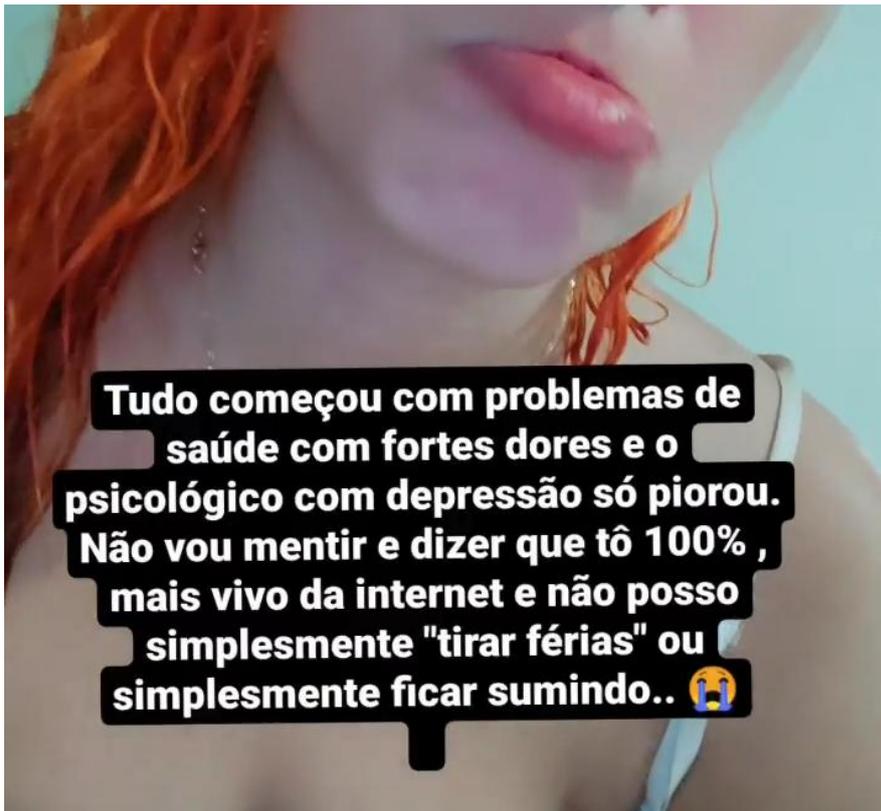
Continuando sobre a falta de segurança presente nesse trabalho e nas consequências que essa vulnerabilidade traz as produtoras, não pode-se esquecer do quanto esse tipo de ambiente inseguro contribui para que essas mulheres tenham a saúde mental afetada de forma negativa. Durante a pesquisa me deparei com mais de três casos de produtoras de conteúdo que sucumbiram em algum momento por causa da saúde mental afetada pelo trabalho.



*Captura de tela do story de B.*



Captura de tela do story de B.



Captura de tela de B.

A captura de tela de B. resume bem a situação de quem trabalha nas plataformas e sofre com questões que envolvem a saúde, não apenas a mental, mas também a física, por não existir nenhum tipo de direito que assegure uma licença, quem trabalha no digital não pode ficar um só dia sem trabalhar, pois um dia não trabalhado significa não apenas um dia a menos de retorno financeiro, mas nesses casos pode significar a perda de engajamento e seguidores, que no final, causa um impacto enorme na carreira da *alt model*.

Além de B. e J., durante a pesquisa me deparei com um caso onde o descaso com a saúde mental leva a pontos mais extremos, como no caso da modelo do universo adulto, que aqui vou chamar de L. e que cometeu suicídio em um momento de crise. L. era uma mulher negra, que aparentava ter entre 20 a 25 anos, ela era uma atriz pornô e *alt model* de relativo sucesso na indústria, e também sofria de *borderline*. No ano de 2022 o seu quadro se agravou, diante da pressão do trabalho. Antes de cometer suicídio a *alt model* postou uma série de vídeos em seu *stories* relatando o que estava passando e dizendo não aguentar mais a pressão que estava sentindo. Naqueles *stories* era possível

perceber que a modelo não estava completamente bem, a sua fala era agitada e os gestos também. No seu último vídeo, a produtora/atriz diz estar autorizando uma terceira pessoa a ficar em posse de todo o material produzido por ela, que este possuía plenos direitos em continuar usando a sua imagem como entendesse que fosse melhor.

Após esse último vídeo a *alt model* cometeu suicídio. Por meio de conversas com outras modelos que a conheciam, pude ter conhecimento sobre o quadro de *borderline* que afetava a produtora, além de saber que ela era uma pessoa querida por outros colegas de trabalho. Junto dessas informações essas outras produtoras de conteúdo demonstravam preocupação com o fim da colega de trabalho, pois de certa forma elas se reconheciam na situação de L. e entendiam que o trabalho pode ter sido o elemento que levou ao ato final, pois a insegurança e instabilidade emocional é uma constante neste trabalho.

Essa falta de segurança não apenas atinge as modelos de forma financeira, mas também no que diz respeito a saúde mental que é essencial a qualquer indivíduo, e não apenas para poder continuar a trabalhar, mas para poder viver e não apenas sobreviver. O reconhecimento e a garantia de direitos para as trabalhadoras do mercado sexual se fazem essenciais para que problemas como os que foi apresentado no decorrer do texto, aconteçam cada dia menos, e assim garantindo um espaço mais seguro para essas trabalhadoras, além do reconhecimento dessas mulheres como trabalhadoras.

Por mais que se venda dentro desse ambiente do trabalho digital a ideia de liberdade e empreendedorismo de si, pode-se perceber que em determinados momentos “a ficha” dessas produtoras caem e elas se dão conta que são parte de algo pequeno dentro das plataformas e que além disso, elas são substituíveis, o que faz com que a pressão afete a saúde mental, levando muitas vezes a uma crise que pode ter consequências severas.

O mais latente nessa questão está no quanto essas produtoras de conteúdo estão desassistidas de qualquer tipo de apoio por parte das plataformas de venda. O que gera ao mesmo tempo uma dependência, pois elas sabem que denunciar essa falta de segurança e apoio da plataforma na verdade pode ser uma possibilidade delas saírem prejudicadas, já que

independentemente do que acontecer, elas ainda dependem daquele espaço para trabalhar, mesmo que não sejam reconhecidas como trabalhadoras.

### **Considerações finais**

A pesquisa teve como principal objetivo explorar e apresentar como a pornografia de plataforma vem se desenvolvendo no digital e quais os impactos que essa nova forma de produzir e consumir pornografia vem transformando não apenas o entendimento que se tem por pornografia, mas olhando de forma cuidadosa para as mulheres que trabalham nesse universo. Ao se falar de indústria do sexo, pornografia ou até mesmo prostituição, se tem o costume de olhar apenas a estrutura de forma mais geral, ignorando a subjetividade das pessoas que ali se encontram. O meu texto se preocupou em apresentar não apenas uma discussão sobre como o social enxerga esse mercado, mas como essas mulheres se reconhecem dentro desse trabalho, que infelizmente ainda está no campo da informalidade.

No primeiro capítulo, eu busquei apresentar uma imersão sobre o campo de pesquisa no qual estou inserida a partir de uma perspectiva mais subjetiva, apresentando um pouco do sentimento e olhar que eu enquanto mulher e pesquisadora fui construindo nesse caminho. Entendo que devemos olhar para o nosso objeto de pesquisa de forma científica, porém também é de conhecimento geral que não existe neutralidade quando se faz uma pesquisa, e isso se torna ainda mais latente quando tratamos do humano, pois este não é possível de se explicar através de fórmulas ou teorias duras, pois a subjetividade sempre estará presente. A subjetividade é uma forma de desestabilidade que nos ajuda a enxergar e quebrar os paradigmas e julgamentos que temos como sendo a verdade.

O meu objetivo não é o de julgar nenhuma mulher por suas escolhas ou pretensas escolhas (quantas das escolhas são realmente feitas pelas mulheres de forma livre e quantas não são na verdade uma coerção do social?), mas sim apresentar os fatos da forma como eles aparecem. Para além da crítica que tenho como objetivo na pesquisa, que é aquela que envolve uma estrutura e uma indústria que objetifica e capitaliza sobre o corpo da mulher, procuro também dar

espaço a leitora e o leitor para que a partir da sua própria subjetividade seja capaz de tecer uma visão crítica sobre o que apresento aqui.

Para encerrar esse primeiro momento, gostaria de deixar alguns questionamentos para as leitoras e leitores de minha pesquisa, pois acho que a partir disto será possível compreender não apenas a crítica, mas também o lado dessas mulheres que trabalham no mercado sexual. Existe mesmo liberdade sexual para as mulheres, ou o que vemos é um processo de sexualização (hipersexualização/objetificação)? Por que essa objetificação ao mesmo tempo em que é incentivada é também condenada? O moralismo e o tabu é o que torna esse produto interessante?

Essas são algumas perguntas que faço como forma de guiar a leitura desse texto, lembrando que a subjetividade dentro desse campo de pesquisa é enorme, mas ainda assim é possível criticar a estrutura culpada pela vulnerabilidade dessas mulheres sem atacar aquelas que em grande parte das vezes não possuem alternativa a não ser usar aquilo que de qualquer forma será julgado, o seu corpo de fêmea.

No capítulo seguinte o objetivo era o de apresentar o meu objeto de pesquisa e o campo, além de explorar de forma inicial alguns conceitos e termos que serão retomados no decorrer dos outros capítulos.

Primeiramente a discussão parte da tentativa de definir sobre o que se trata pornografia, indicando, como bem apontado por Maria Elvira Diaz-Benitez (2009), que a pornografia deve sempre ser determinada a partir do contexto em que é produzida. Partir desta perspectiva se torna importante para não cair em juízos de valores que apenas empobreceriam a discussão.

Entendendo que a pornografia vive em uma constante relação de transgressão e conservadorismo (DIAZ-BENITEZ, 2009), foi então possível a minha entrada em campo com um olhar que me permitiu considerar minhas interlocutoras como agentes criativos dentro desta nova forma de pornografia que vem crescendo no digital.

Porém, ao passo em que se introduz essa nova forma de produzir imagem explícita, foi preciso lembrar o contexto no qual a pornografia fílmica surge, e

como esse contexto inicial de clandestinidade nunca foi de fato abandonado, já que por mais que a pornografia tenha feito a sua virada na década de 1970, passando para ocupar uma posição na cultura pop, por se tratar de práticas sexuais, continua de certa forma ocupando uma espécie de clandestinidade, porém essa nada tem a ver com o jurídico, mas sim com a moralidade.

Por fim, não é possível pensar em pornografia e ignorar o fato de que a maioria dos indivíduos presentes no mercado do sexo são mulheres, principalmente naquelas atividades que exigem o corpo sexualizado como um instrumento de trabalho. Sendo assim, abre-se uma discussão a respeito da informalidade que irá aparecer novamente nos capítulos seguintes.

O mais importante até esse momento é compreender como a pornografia é um fenômeno social que está sempre em constante transformação (DIAZ-BENITEZ, 2009) e que cabe a nós, pesquisadoras, captar os dados e buscar uma análise humanizada, para assim ser possível olhar para as pessoas que fazem parte desse mercado.

O terceiro capítulo teve como propósito a apresentação sobre a reconfiguração que a pornografia tomou no digital. A linguagem e a lógica algorítmica se caracterizam aqui como os principais fatores que impulsionam essa transformação em prol de uma banalização do trabalho sexual. As mídias sociais, juntamente com os portais de notícias, impulsionam a presença da pornografia no nosso dia-a-dia, sempre associando o trabalho sexual a uma liberdade, um empoderamento e como um meio rápido e fácil de ganhar dinheiro.

Estas matérias, que são publicadas quase que diariamente em portais de notícias, não estão ali por um mero acaso, mas assim como foi demonstrado em alguns momentos do texto, esse *overpost* a respeito da produção de conteúdo funciona como parte de um sistema que tem como objetivo descaracterizar a pornografia como estávamos acostumados a ver, e a apresentando com uma nova roupagem, através de uma linguagem e imagem positiva e vencedora.

Não se pode acreditar que essas matérias surgem apenas como um furo jornalístico, ou como uma caixa de curiosidade geral do público, muito pelo contrário esses textos “jornalísticos” apenas descrevem situações excepcionais, como uma pessoa ganhar um milhão vendendo fotos explícitas, sem em nenhum

momento apresentar qualquer tipo de perspectiva possível a respeito de como esse dinheiro circula. Isto porque no ambiente digital atual, assim como cita Noble (2021), os complexos algoritmos de máquinas ficaram responsáveis por fazer seleções e definir a prioridade do que aparece para cada usuário, ou seja, nenhum tipo de informação que chega até o indivíduo não é colocado de forma aleatória, mas ele é parte de um discurso direcionado para cada perfil de usuário. Isso reforça a ideia de Deleuze (2020) sobre o marketing como instrumento de controle social, e neste caso ele age a favor de uma indústria que gera bilhões através do controle dos corpos de todas essas mulheres.

Ou seja, quando se lê uma matéria que traz no título o nome de uma famosa, como no caso da cantora Anitta<sup>63</sup>, exaltando o lucro obtido por ela, é preciso sempre lembrar do que Keen (2009) diz a respeito da democratização e anonimato no digital: “Quem pode garantir, por exemplo que uma rede de prostituição malaia não patrocinou o famoso vídeo da sexy dançarina malaia? Ou que a inglesa que aparece no vídeo do Youtube comendo biscoito de chocolate e geleia não está na verdade sendo paga pela *United Biscuits Incorporated*?”. Ou seja, quem garante que a plataforma não tenha contratado a cantora para usar a plataforma como estratégia de marketing?

Além disso, o uso de uma linguagem positiva é adotada como uma forma de promover a exposição do corpo a partir de imagens explícitas, desta forma palavras foram substituídas para trazer a ideia de uma indústria pornográfica renovada e revolucionária, que agora não mais impõe o trabalho sexual para a mulher, porque agora ela possui o livre arbítrio para escolher quando e como quer estar ali. Enquanto as imagens comercializadas por essas meninas tornam-

---

<sup>63</sup> Não apenas a cantora Anitta, mas outras famosas não apenas brasileiras, também estão nessas plataformas. O caso mais emblemático de uma famosa no *Onlyfans* foi da ex estrela mirim da Disney Bella Thorne. A entrada da atriz na plataforma trouxe uma enorme repercussão para a *Onlyfans*, não apenas por se tratar de uma pessoa famosa, mas porque Thorne foi vítima de pornografia de vingança. Com isto, a sua entrada na plataforma causou ainda mais interesse. Sua conta bateu recorde de acesso e foi também responsável por mudar a forma como a plataforma repassa os valores recebidos pelas produtoras de conteúdo. Isto se deu, pois Thorne faturou 1 milhão de dólares em sua estreia, o que significou um rombo para os cofres da plataforma que naquele momento ainda não gozava do sucesso de agora. E diferente de grande parte das mulheres que ali estão, Thorne não precisou compartilhar nenhuma foto explícita para arrecadar esse dinheiro.

se vitalícias, o passado da indústria pornográfica marcado por denúncias de abusos e violências é esquecido.

Deixa-se para trás a antiga imagem da pornografia, tudo o que ela carrega e no lugar temos a mesma indústria, porém agora com uma nova embalagem, mas que continua mantendo a mesma composição, porém apenas com nomes diferentes. Agora o que se tem é produção de conteúdo +18. Assim, cria-se um afastamento do que a “antiga” imagem da pornografia carrega, os abusos, a vulnerabilidade, a insegurança e a falta de direitos que as trabalhadoras sexuais experienciam em suas trajetórias, e no lugar temos não uma trabalhadora, mas uma produtora de conteúdo ou *alt model*.

A ideia de que essas mulheres são livres em suas escolhas, ignora que elas estão inseridas em um social que além de as desprezar enquanto cidadãs, negando direitos básicos e as empurrando para situações de vulnerabilidade, elas também estão inseridas em um modelo de sociedade que as representa como um ser hipersexualizado, que é imposto através dos modelos de feminilidade que apenas se transformam (DINES, 2017), mas que sempre estão presentes.

O último capítulo teve como propósito discutir e analisar os impactos do discurso em torno da pornografia de plataforma como uma chave de sucesso financeiro. A partir da análise foi possível entender que o que está incutido nesse discurso é a desvalorização da categoria de trabalho e no lugar o que se tem é a valorização do empreendedorismo, que na verdade se trata de uma falácia utilizada a favor do mercado que busca pela maior quantidade de lucro possível.

Enquanto isso a categoria de trabalho vem sendo aos poucos apagada, o que leva a um mercado já estigmatizado pela informalidade, como é o caso do mercado sexual, tornar as suas trabalhadoras ainda mais invisibilizadas no que diz respeito a possuírem direitos básicos. Não basta apenas reconhecer essas mulheres como trabalhadoras e a produção de conteúdo como um trabalho, é preciso criar uma consciência entre essas mulheres, para que esse reconhecimento não se torne apenas uma nova forma de explorar a imagem delas.

De forma geral a pesquisa busca mostrar o impacto da pornografia como um fenômeno social. Sendo assim, ela não apenas atinge aquelas ou aqueles que consomem ou produzem conteúdo, mas toda a sociedade no qual ela está inserida, isto porque ela não se restringe apenas ao seu mercado consumidor, mas como foi possível perceber durante a pesquisa, a pornografia já faz parte da nossa cultura, a partir de um processo de pornificação (DINES, 2008). Esse processo mudou a imagem da pornografia como algo “sujo” e “imoral” e a transformou em algo “divertido” e passou a fazer parte do dia-a-dia, seja através de imagens publicitárias, músicas, seriados, filmes e mídia de forma geral.

Porém essa nova imagem que a pornografia criou para a era do digital continua a esconder todos os mesmos problemas antigos que a pornografia clássica apresentava, como a exploração das mulheres e seus corpos e a falta de reconhecimento das atrizes e produtoras de conteúdo como trabalhadoras. Além disso, essa “nova” pornografia continua a repetir padrões normativos e problemáticos, colaborando com o que foi citado na pesquisa como pedagogia da crueldade (SEGATO, 2018), onde o sexo é representado de maneira estigmatizada, onde as mulheres continuam a representar papéis subalternos, onde os seus corpos são objetificados e explorados, sempre a favor do público masculino, que constituiu a maior parte dos consumidores.

## Referências Bibliográficas

ABREU, Cesar Nunes. **O olhar pornô: A representação do obsceno no cinema e no vídeo**. São Paulo: Alameda, 2012.

ADAMS, Carol J. **A política sexual da carne: uma teoria feminista-vegetariana**. São Paulo: Alaúde Editorial, 2018.

AGUSTIN, Laura. **Trabajar en la industria del sexo**. In: OFRIM/Suplementos. [publicación especializada de inmigración] Junio 2000, Madrid, España.

ALAVARCE, Camila da Silva. **A ironia e suas refrações: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso [online]**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 208 p. ISBN 978-85-7983-025-9. Available from SciELO Books < <http://books.scielo.org> >. Acesso em 20/02/2023.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho Intermitente e uberização do trabalho no limiar da indústria 4.0. In: **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

ATTWOOD, Feona. (2007), “No money shot? Commerce, pornography and new sex taste cultures”. *Sexualities*, 10, 4:441-456. DOI: <https://doi.org/10.1177%2F1363460707080982>

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. **Empoderamento: Instrumento de emancipação social? Uma discussão conceitual**. In: *Revistas Debates*. Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan.-abr. 2012.

BECKER, Howard S. **Outsiders: Estudos da sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2008.

BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da Imagem: Vigilância e resistência na dadosfera**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo: Fatos e mitos, volume 1**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo: A experiência vivida, volume 2**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2016.

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **A arte do cinema: uma introdução**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo, SP: Editora da USP, 2013.

CAMINHAS, Lorena. **Os mercados erótico-sexuais em plataformas digitais: o caso brasileiro**. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. vol. 38 nº 111. e3811027 2023.

COELHO JUNIOR, Leconte de Lisle e GONÇALVES, Gabriela Maria Ramos. **Cultura Japonesa e identidade social: os cosplayers de Vitória (ES)**. In: *Psicologia & Sociedade*. 23(3), 2011. 583-591.

CUNHA, Jessica R. A. (2021). **COM A BOCA NO MUNDO: A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO MUSICAL DE RITA LEE**. *TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA* (ISSN: 2358-212X), 10(2). Recuperado de <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/5308>. Acesso em 13/11/2024.

DABHOIWALA, Faramerz. **As origens do sexo: Uma história da primeira revolução sexual**. São Paulo: Globo, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2020.

DIAS, A. J., da Silva MONTEIRO, E., & Rodrigues CINIZ, G. (2024). **Consumo de cultura K-Pop:: uma análise do consumo de produtos culturais coreanos a partir da quarta onda**. *Hallyu. Arquivos Do CMD*, 11(1), 147–174. <https://doi.org/10.26512/cmd.v11i1.54308>.

DIAZ-BENITEZ, Maria Elvira. **Nas redes do sexo: Bastidores e cenários do pornô brasileiro**. Tese - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, PPGAS. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2009.

DINES, Gail. **Pornland: How porn has hijacked our sexuality**. Boston, Massachusetts: Beacon Press, 2010.

DWORKIN, Andrea. **Woman Hating**. WA/USA. Editora Plume, 1976.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FILGUEIRAS, Victor e ANTUNES, Ricardo. Plataformas digitais, uberização do trabalho e regulação no capitalismo contemporâneo. In: **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: 1. A vontade de saber**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paula Ariane. **Assédio moral e saúde mental do trabalhador**. *Trabalho, Educação e Saúde*, [S. l.], v. 6, n. 2, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Trad. Bras. Mathias Lambert, Rio de Janeiro, Zahar, 2004.

GONSALES, Marco. Indústria 4.0: empresas plataformas, consentimento e resistência. In: **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

GREGORI, Maria Filomena. **Prazeres Perigosos: Erotismo, gênero e limites da sexualidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GUPTA, Ruchira. **Sex is Not Work and Our Bodies Are Not for Sale**. 2010. Disponível em: < <http://www.rainandthunder.org/RuchiraGuptaSpeech.pdf> >. Acesso em 02/07/2023.

GUSHIKEN, Yuji e HIRATA, Tatiane. **Processos de consumo cultural e midiático: imagem dos 'Otakus', do Japão ao mundo**. In: Intercom, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. 37 (2) • julho-dezembro, 2014.

HIRATA, Helena e KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. In: Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, set./dez. 2007.

HOOKS, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

KEEN, Andrew. **O culto do amador: Como o mundo dos blogs, MySpace, Youtube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

KERGOAT, Prisca; PICOT, Geneviève e LADA, Emanuelle. Ofício, profissão, "bico". In: **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Ed Unesp, 2009.

LERNER, Gerda. **A criação do Patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.

LEITE JUNIOR, Jorge. **A pornografia é um morto-vivo?** In: Crítica Cultural – Palhoça, SC, v. 9, n. 2, p. 179-195, jul./dez. 2014.

LAURETIS, Teresa. A tecnologia de gênero. In: **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

LAURETIS, Teresa. **Através do espelho: mulher, cinema e linguagem**. In: Estudos Feministas. Santa Catarina, ano 1, n.1, p. 96-122, 1º semestre. 1993.

LEE, Rita. **Rita Lee: Uma autobiografia**. São Paulo: Globo, 2016.

LINS, Beatriz Accioly, PARREIRAS, Carolina, & FREITAS, Eliane Tânia de. (2020). **Estratégias para pensar o digital**. Cadernos De Campo (São Paulo - 1991), 29(2), e181821.

MACKINNON, Catharine. **Only words**. First Harvard University Press paperback edition, 1996.

MARTINEZ, Fabiana Jordão. "Militantes e radicais da quarta onda: o feminismo na era digital". **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 3, e70177, 2021.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. **Etnografia on e off-line: Cibercafés em Trinidad**. In: Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004.

MOLINIER, Pascale e WELZER-LANG, Daniel. Feminilidade, masculinidade, virilidade. In: **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

MORTELLE, Livia. **Somos guapas, somos listas, somos putas feministas: encarnando práticas disidentes con las Putas Indignadas de Barcelona**. In: Debate Feminista. México, Vol. 60, nº 30, pp. 154-177. Dezembro, 2020.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. **O corpo da antropóloga e os desafios da experiência próxima**. Rev. antropol. (São Paulo, Online) | v. 62 n. 2: 459-484 | USP, 2019.

NOBLE, Safiya Umoja. **Algoritmos da opressão: como o Google fomenta e lucra com o racismo**. Santo André – SP: Rua do Sabão, 2021.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo: Olhar, Ouvir e Escrever**. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 1996, v. 39 nº 1.

PAIM, Marina Bastos e KOVALESKI, Douglas Francisco. **Análise das diretrizes brasileiras de obesidade: patologização do corpo gordo, abordagem focada na perda de peso e gordofobia**. Saúde Soc. São Paulo, v.29, n.1, e190227, 2020.

PARREIRAS, Carolina. **Altporn, corpos, categorias e cliques: notas etnográficas sobre pornografia online**. In: cadernos pagu (38), janeiro-junho de 2012:197-222.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

PISCITELLI, Adriana. **Deslocamentos femininos e prostituição**. Estudos Feministas, Florianópolis, 23(2): 619-637, maio-agosto/2015.

PRAUN, Luci e ANTUNES, Ricardo. **A sociedade dos adoecimentos no trabalho**. In: Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 123, p. 407-427, jul./set. 2015.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Tradução de Carlos Guilherme (2015) do Valle a partir do original: RICH, Adrienne. **Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence**. In: GELP, Barbara C. & GELP, Albert (editores). Adrienne Rich's Poetry and Prose. New York/London: W.W. Norton & Company, 1993.

RUBIN, Gayle. **Pensando o sexo: Notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade**. In: Repositório institucional da UFSC. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/1229>> Acesso em junho de 2021.

SANDERS, Teela; SCOLAR, Jane; CAMPBELL, Rosie; PITCHER, Jane; CUNNINGHAM, Stewart. **Internet Sex Work: Beyond the Gaze United Kingdom**, Palgrave McMillian, 2018.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

SEGATO, Rita. **Contra-pedagogias de la crueldad**. Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Prometeo Libros: 2018.

SENF, Theresa. **Camgirls: Celebrity & Community in the Age of Social Network**. New York, Peter Lang Publishing, 2008.

SILVA, Maria Escolástica Álvares da Silva. **Mulher, substantivo masculino**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

TRENCH, Belkis e SANTOS, Claudete Gomes dos. **Menopausa ou menopausas?** In: Saúde e Sociedade v.14, n.1, p.91-100, jan-abr 2005.

VANCE. S. Carole. **A Antropologia redescobre a sexualidade: Um comentário teórico**. In: Physis, Revista de Saúde Coletiva, Vol.5, nº1, 1995.

VELTHUIS, Olav; VAN DOORN, Niels. "Weathering the winner-take-all. How rankings constitute competition on webcam sex platforms, and what performers can do about it", in: D. Stark. (org.), **The Performance Complex: Competitions and Valuations in Social Life**, Oxford, Oxford University Press, 2020.

ZAKARIA, Rafia. **Contra o feminismo branco**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2021.